(nos 2.000 anos do nascimento da Virgem Santíssima)

Pequeno Dicionário de Nossa Senhora

Reformatado by

† Livros Católicos para Download

Antonio Maia, c.m.

EPÍGRAFES:

nada mais atual e necessário do que poder apresentar aos fiéis as riquezas do mistério da Virgem Mãe de Deus, situando-os ao mesmo tempo no seu verdadeiro lugar. Com isso a piedade dos cristãos é alimentada e conduzida ainda na linha de uma autêntica devoção àquela que é também nossa mãe. — Revelar aos cristãos uma fisionomia não deformada, não mutilada, mas quanto possível autêntica de Nossa Senhora. E este outro fruto desejável: fazer que Maria seja, muito mais que um ser real, alguém que se conhece e a quem se fala em diálogo. Alguém que me conhece e que invada a minha vida como um ser amado..." [1]

"Todo mundo quer ouvir falar sobre ela. Todos desejam conhecer mais sobre Ela" — "Falar sobre Nossa Senhora é fazer obra de todo o agrado do povo" — "A história do povo supõe Maria".[2]

"Maria é importante e necessária na vida de uma pessoa na medida em que esta se abre para Deus".[3]

Ó Maria, que eu agora
junte na mesma quadrinha:
— Do Céu a Nossa Senhora,
— da Terra, a Senhora minha.[4]

---

1 — In Coleção **A Esfera e a Cruz** (textos espirituais para o nosso tempo), dirigida por Frei Lucas M. Neves, OP — Apresentação da obra elencada sob o n.º 38 (cfr. Bibliografia) e divulgação (orelhas) do livro **Nossa Senhora em minha vida**, de Frei Vicente Bernardot.

2 — Ver Bibliografia, n.º 64, livro de D. Geraldo Maria de Moraes Penido.

3 — Ver Bibliografia, n.º 88, livro de Fr Batistini.

4 — Trova do poeta J. G. de Araújo Jorge. Professor e Parlamentar.

Copyright © by Maria Santíssima

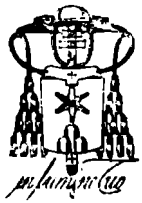
Rua Caruso, 22/202 — Tijuca (20270)
Rio/RJ — Brasil

este livro pertence a

Nossa Senhora

e, conseqüentemente, é de todos aqueles que A amam e querem vê-lA glorificada nesta Terra na maior extensão possível; se se permite (sem qualsquer direito de reserva) transcrições, no todo ou em parte, é, na certeza de que seja feita de forma fiel e indicada a fonte. Considerem-se co-editores, com o Autor, todos que, de uma forma ou de outra, generosa e devotamente possibilitaram a publicação destas páginas, dilatando o reinado da Rainha dos Céus (heb. = *Shamayim*), e da Terra ao ensejo dos 2.000 anos do seu bendito nascimento.

COMPANHIA BRASILEIRA DE ARTES GRAFICAS
RUA BACHARELO [illegible] TEL.: [illegible]



TRABALHO CHEIO DE AMOR !

Dom Geraldo M.M. Penido
Arcebispo de Aparecida

Certamente dentre os critérios objetivos para julgar uma obra escrita os mais seguros são: forma e conteúdo, acima de tudo. Apresentação gráfica e adequada distribuição das matérias. Tudo isso há de levar-se em conta para um juízo exato de um livro.

Tenho para mim que, nos planos de Deus, só as obras que são elaboradas com amor, vivido e sincero, com forte sobrecarga de sacrifícios e de limitações, conseguem frutificar para o bem das almas. Mais uma vez, verifica-se que "só o amor constrói"

Antonio Maia, velho conhecido e amigo, tem a autenticá-lo uma inteira vida consagrada. De poucos eu poderia dizer que vivem ou viveram, com convicção e entusiasmo, o mais lídimo ideal por que nasceram as Congregações Marianas, como Antonio o viveu e até hoje vive, já quase no terminal da vida. Como o amor verdadeiro jamais acaba, mas, ao contrário, tende a crescer, se se considera toda a vida de Antonio Maia dedicada ao apelo da santidade, pode dizer-se que o *"Pequeno Dicionário de Nossa Senhora"* é fruto do mais perfeito amor a Deus e aos homens. A Deus, porque o Autor nunca se afastou do cumprimento exato do primeiro e mais fundamental de todos os mandamentos. Aos homens, porque Antonio Maia foi sempre um apóstolo que tem labutado para que os irmãos se voltem sempre para os caminhos da honradez e da sincera piedade. Não fora ele um Congregado sempre fiel e destemido..

Despretensiosamente intitula seu livro *"PEQUENO Dicionário de Nossa Senhora"*. Antonio Maia sempre estudou com afinco um sem-número de obras católicas, com singular prioridade para os livros mariológicos e marianos. Leu muito. Revistas. Opúsculos. Tratados alentados. Tudo quanto pudesse aumentar seu lastro de cultura e de piedade marianas. Sem dúvida, poderia lançar um volume extenso e respeitável. Mas, ele quis apresentar um trabalho pequeno. Que não assustasse os leitores desafeitos a obras de cunho científico, sem limites de páginas e de volumes. Maia deve ter pensado no que ele mesmo fora, quando, na juventude, se perguntava o significado de um ponto ou de outro na doutrina mariológica, ou, em geral, da doutrina católica. Deve ter imaginado consigo mesmo: que bem enorme faria um "pequeno" dicionário que tirasse as dúvidas de congregados, de cristãos de boa vontade, de Filhas de Maria ou de simples curiosos! Foi com este intuito apostólico que ele se deu ao trabalho de investigar, de colher dados, de ler aqui e acolá, nas revistas especializadas e nos livros, tudo o que ele vinha julgando útil aos fiéis saber e.. viver.

Felicito, muito de coração, o prezado e fiel Congregado pelos resultados de suas fadigas e, muito mais, do amor acendrado de seu coração: o *"Pequeno Dicionário de Nossa Senhora"*

Pedi ao mui prezado Cônego João Corrêa Machado, Presidente da nossa *"Academia Marial de Aparecida"*, que examinasse os originais do livro e, dando-me sua opinião, me dissesse se "nada obsta" à publicação do *"Pequeno Dicionário"*. Com pressurosidade, que agradeço, penhorado, Cônego Machado deu seu parecer favorável. E assim o livro de Antonio Maia recebe, com carinho e amor, o necessário *"IMPRIMATUR"*, que, de muito bom grado, concedo à sua obra, que há de honrar, mais uma vez, nossa Mãe Santíssima e há de ajudar muitos irmãos desejosos de aprofundamento na Mariologia e no Marianismo.

Abençôo o Autor, sua obra e seus leitores. Que em tudo seja Deus louvado pelo crescimento da devoção a Maria, esclarecida, profunda, inarredável, sempre crescente e sempre fecunda.

Aparecida, 31 de maio de 1986

Festa da Visitação de Nossa Senhora

"Quem ama ardentemente alguma coisa traz constantemente Seu nome nos lábios e nela pensa noite e dia (...) Que existe de mais suave do que a Mãe de Jesus? Ela, cativou meu espírito, Ela reina sobre minha palavra, a imagem dela está sempre em minha mente."

S. João Damasceno (675-749)

"Não seria na direção de um aprofundamento da Fé, do Amor e da devoção a Nossa Senhora, que se deveria lançar um movimento pastoral de grande envergadura, visando o Brasil inteiro?"

(João Paulo II, aos bispos brasileiros quando da visita "ad limina" — agosto de 1985 — citado por D. Luciano Cabral Duarte, Arcebispo de Aracaju, Sergipe; Edições SBEF, Brasília, 1985)

Academia Marial

de Aparecida - SP

APRECIAÇÃO

Revela o Autor do *Pequeno Dicionário de Nossa Senhora* — Antonio Maia, c.m. — nesta sua obra, entre outras preciosas publicações, esplêndida erudição na temática marial. Fruto opimo e sazonado de longa formação e atuação, já há 50 e poucos anos, como mui dedicado e prestimoso congregado mariano. Disto ele se ufana. Tal a razão porque sempre acrescenta à assinatura a sigla: *C.M.*

Formado em Jornalismo se fez logo Paladino exímio das glórias de Maria, em diversos periódicos, sobretudo como Redator-Secretário da revista *Estrela do Mar*, órgão oficial das CC.MM. do Brasil; no movimento mariano, por mérito, qualidade e dedicação ocupou também o alto e nobre cargo de Secretário-Geral. E, em ambos ofícios, a duração foi de 22 anos consecutivos, afastando-se apenas quando acometido de estafa e séria ameaça de derrame cerebral. Por graça de Deus, restabelecido, el-lo novamente às lides de outrora como articulista constante em semanários religiosos e publicando o seu 43.° livro de grande interesse: *Pequeno Dicionário de Nossa Senhora*.

Em 150 páginas principais — como "contas" de um Rosário — apresenta mais de cinco centenas de verbetes, subverbetes e notas informativas referentes à doutrina e manifestações marianas.

Assemelha-se este compêndio àquele manto ou avental do privilegiado vidente e mensageiro de Tepeyac-Guadalupe — Juam Diego — que, repleto de flores envolvia a figura-aqueropita da Virgem-Mãe.

Jubiloso por tantas pesquisas bibliográficas sobre *Nossa Senhora*, desejando-as conhecidas e apreciadas por muitos, decidiu-se ao esforço de uma síntese em linguagem simples e de fácil consulta pedagógica: apontando todos os vocábulos mariológicos (e afins) em ordem alfabética, à guisa de "pequeno dicionário"

Este trabalho, despertará, certamente, mais incentivos e maior aprofundamento nos campos teológicos e científicos da história e de toda a literatura de louvores à Excelsa Senhora, Sublime por excelência, porque *Mãe de Deus e nossa*!

Em nome da Academia Marial, de Aparecida, que se orgulha de tê-lo entre os seus mais ilustres Titulares, nossas felicitações.

Cõn. João Corrêa Machado
Presidente e censor "*ad hoc*"

Aparecida, 24 de maio de 1986
Festa de N. S. Auxiliadora

SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS
EU TENHO CONFIANÇA EM VÓS.

(Jaculatória que o Pe. Jorge Van Peteghem (belga) começou a aconselhar aos seus penitentes no confessionário, em 1898, e em pouco tempo universalizou-se)

DOCE CORAÇÃO DE MARIA
SEDE A MINHA SALVAÇÃO.

(Jaculatória escolhida pela vidente de Fátima, Jacinta, no elenco apresentado pelo Servo de Deus, Pe. Francisco Rodrigues da Cruz, S. J., em 10-12-1925, reportando-se à segunda aparição da Virgem, em 13-6-1917)

Nota: entre as duas jaculatórias supra, estampa-se o emblema do Autor, à guisa de ex-libris. É de autoria do monge Ir. Paulo Lachenmàyer, OSB — heraldista, escultor, desenhista e arquiteto litúrgico de fama mundial (em grande parte decorador da nova Catedral do Rio e restaurador de diversas igrejas e mosteiros, inclusive do seu, em Salvador (BA).

INTRODUÇÃO

"De Maria nunquam satis" — S. Bernardo

Nada de novo, a não ser, talvez, a forma em verbetes e subverbetes — dicionarização — apresenta este livro sobre Nossa Senhora. Não foi escrito para doutos, mas também não é destinado apenas aos simples e humildes. É dirigido a todos aqueles — pequenos e grandes — que gostam, que amam deveras a Virgem Mãe de Deus de todo o coração e a todo o momento (Nosso Senhor fez isto *ab aeterno* e depois ainda levou-a em corpo e alma para o Céu). Na tentativa de amar Nossa Senhora como Deus a amou, sim, o mais possível desta forma e com igual intensidade, precisamos, então, a miúde, saber *coisas* sobre Ela, pois mais se ama quanto maior é o conhecimento do objeto amado (recíproca verdadeira do axioma: não se ama aquilo que se desconhece).

Pelo que juntamos de subsídios marianos, tivéssemos tido mais largas disponibilidades financeiras e, estaríamos entregando aos devotos de Maria Ssma. alentada e verdadeira enciclopédia com belíssimas ilustrações e tudo o mais. O desiderato, porém, de exígua posse se nos obrigou a cingir-nos ao que comumente se diz "supra-sumo", ou seja, ao máximo de síntese — o que, conseqüentemente leva ao incompleto — e eis que a obra se apresenta, como de fato é, apenas um *pequeno* dicionário, modestíssimo que, — quem sabe? — algum dia, não muito longe, crescerá. Muito embora gerado com robustez, teve que nascer assim franzino, pequeno, diminuto; apesar deste percalço é, ao que parece, no gênero, o primeiro que surge em língua portuguesa.

É pequeno, modesto, reconhecemos, mas quer ser ágil e útil, seguro e digno instrumento para se prescrutar os *sinais* de Nossa Senhora, para sentir-lhe a *presença* na Bíblia (símbolos, "figuras", alegorias, analogia, aplicações, acomodações no Antigo Testamento e, no Novo Testamento, evangelistas, Epístolas, Atos, Apocalípse), — na Tradição (títulos, invocações, devoções, festejos), — na História (templos, santuários, basílicas, monumentos), — na Teologia/Dogmática (singularidade, mistério, prerrogativas, privilégios), — na Eclesiologia (culto, devoções, indulgências), — na Liturgia (Solenidades, Memórias, orações, hinos), — na Arte (Pintura, Escultura, Música, Poesia, Literatura), — na Arqueologia (Catacumbas e Terra Santa), — nas manifestações populares (festas, folclore, peregrinações), — nas Aparições (lugares e mensagens), —

na Terra, o testemunho do povo de Deus (Padres da Igreja, Doutores, Pontífices), — louvores na Glória Celeste (Anjos, Arcanjos, Querubins, Serafins, Santos e mártires).

Um instrumento modesto mas que, amorosamente, colocamos aos pés da Ssma. Virgem ao tempo ou no ano que o Papa do "*Totus Tuus*" — João Paulo II — exortou a Cristandade para "*um grande Advento*" — Advento mariano — que, ao transcurso dos 2.000 anos do nascimento de Nossa Senhora, prepare o do nosso Salvador, início do terceiro milênio da era cristã. É o presente de aniversário que podemos ofertar a Nossa Senhora nos 2.000 anos do seu bendito nascimento e, que, para poder fazê-lo, fomos buscar a ajuda de irmãos da fita azul e de tantos outros devotos que generosamente compareceram (muitos com sacrifícios, sabemos). Nós, como humilde Autor, e os co-editores (todos aqueles que de uma forma ou de outra colaboraram) reforçamos o que vai nas epígrafes, mas sobretudo queremos fazer eco ao que a própria Virgem profetizou no cântico-oração "*Magnificat*": "*Todas as Gerações me chamarão Bem-aventurada*"

8 de setembro, 1985 (Festa da Natividade)

POST-SCRIPTUM: embora a vasta bibliografia (elencada às páginas 153/158 — obras que muito recomendamos — totalizando para mais de uma centena de fontes), genuflexos imploramos aos que lerem esta obra, nos sejam apontadas lacunas, que se nos enviem subsídios, porque — permitindo Nossa Senhora — se vierem futuras edições (ou simplesmente uma 2.ª edição apenas), serão achegas de suma importância, contributo valiosíssimo de filial homenagem a Nossa Senhora, nossa querida Mãe do Céu.

Não sejamos nem *coliridianos* (desejavam *divinizar* Nossa Senhora) e muito menos *antidicomaritas* (herejes que desprezavam Maria combatendo especialmente a sua virgindade perpétua), mas nos distinga o sermos *marianos*, diletos filhos da Virgem Ssma. a fim de mais depressa chegarmos a Jesus.

CRONOLOGIA BIOGRÁFICA DE NOSSA SENHORA

Antonio Maia, c.m.
(da Academia Marial, Aparecida)

N.º	ÉPOCA / LOCAL	ACONTECIMENTO	FONTE
1	de 10 milhões a 6 bilhões de anos, é a Idade do Mundo, segundo a Ciência.	*aplicação* bíblica à escolha "*ab aeterno*" de Maria (antes do início das coisas).	PROV. 8, 22-31 Símbolos/"figuras"/alegorias etc. no Antigo Testamento.
2	origens do gênero humano, longa série de séculos (5.508 anos p/ os gregos do Império Bizantino; 3.760 p/ os hebreus).	o próprio Deus profetiza o futuro aparecimento de Maria (e *Eva* anagramar-se-la no *AVE* da Anunciação).	Gen 3, 15
3	anos 738/700 antes de Cristo — Jerusalém/Judá (reinados de Acaz — Ezequias — Ozias).	de uma Virgem (heb. *almah*), Maria, diz o profeta que nascerá o Messias (*Emanuel*).	Isaías 7, 14
4	ano 731 a.C. — Judéia / Bet Gibrin (reinado de Acaz e Ezequias).	o profeta indica com precisão o lugar da Palestina onde a Virgem (Maria) dará à luz: Éfrata (Belém).	Miquéias 5, 1-3
5	cerca do ano 20 a.C. (estimativa do exegeta Pe. Ricciotti).	O Arcânjo Gabriel anuncia a Joaquim e Ana de que serão os pais de Myriam (= Maria).	extrabíblicos/tradição
6	obviamente 16/17 antes do nascimento de Cristo (ano 732 de Roma).	nascimento de Maria: estabeleceu-se ao que parece segundo o monge Efrém de Creta — a data de 8 de setembro.	extrabíblicos/tradição/ liturgia.

7	3/8 dias após o nascimento — festas estabelecidas para: 12 de setembro, *Santo Nome*; e 21 de novembro, *Apresentação.*	aposição do nome: Myriam/ apresentação da menina no Templo.	extrabíblicos/ tradição/Liturgia.
8	3 anos após o nascimento (segundo Santos Padres e historiadores contemporâneos da Ssma. Virgem).	entrega de Maria no Templo para o início do seu "*naziriato*" i.é., cumprimento do *voto* de consagração a Deus (*natzir*).	extrabíblicos/ tradição/Liturgia.
9	12 anos após sua permanência no Templo (festa estabelecida para 23 de janeiro).	esponsais de Maria (órfã?) com José, perante o sacerdote do Templo (Zacarias?).	extrabíblicos/ tradição/Liturgia.
10	anos 60/63 depois de Cristo (consignou-se aqui a data do mais antigo relato evangélico que consta ser o de S. Mateus)	explicitamente o nome de Maria aparece na genealogia (lado paterno de Jesus) e seus ancestrais masculinos são elencados na genealogia materna de Jesus.	Mt 1, 11-17 Lc 3, 23-38
11	ano 7 antes de Cristo — Nazaré — festa estabelecida para 25 de março.	Maria recebe do Arcanjo S. Gabriel o anúncio de sua maternidade divina.	Lc 1, 26-38
12	ano 7 a.C. — Ain-Karin (provavelmente, do início de abril até junho (logo após o dia 24). Festa estabelecida para 2 de julho.	Maria visita sua prima Sta. Isabel, e Zacarias, permanecendo até o nascimento do precursor, S. João Batista (3 meses). Nesta visita entoou seu cântico-oração *Magnificat*.	Lc 1, 39-56

13	ano 7 a.C. — Nazaré	José, após revelação divina, recebe, então, como esposa, Maria, em sua casa, pois não cohabitara após os esponsais.	Mt 1. 18-25
14	ano 6 a.C. — Belém (numa gruta nos arredores da cidade) — festa estabelecida para 25 de dezembro. (*)	Maria dá a luz ao Messias, Cristo Jesus.	Lc 2. 1-7
15	ano 6 a.C. — Belém (na mesma gruta)	Maria e José recebem os pastores sob o canto dos anjos no Céu.	Lc 2, 8-20
16	ano 6 a.C. — Belém/Jerusalém (decorridos uns 30 dias) — festas estabelecidas para os dias 1.º de janeiro e 2 de fevereiro.	Circuncisão do Menino — aposição do nome — Apresentação no Templo e Purificação ritual de Maria.	Lc 2. 21-40
17	ano 6 a.C. — Templo de Jerusalém.	Maria ouve as palavras proféticas de Simeão.	Lc 2. 2235
18	ano 5 a.C. — Belém (já numa casa) — festa estabelecida para 6 de janeiro.	Chegada dos Magos do Oriente, recebidos por Maria e José.	Mt 2. 1-12
19	ano 5 a.C. — Belém (certamente a mesma casa supra) — reinado de Herodes o Grande.	José, avisado pelo anjo, leva o Menino, com Maria, em fuga para o Egito.	Mt 2. 13-15

20	ano 3 a.C. rumo a Nazaré (reinado de Arquelau).	Regresso do Egito, para fixação em Nazaré, de Maria, o Menino e S. José.	Mt 2, 19-23 Lc 2, 39-40
21	ano 7 depois de Cristo — Templo de Jerusalém (festa judaica da Páscoa).	Aflição de Maria, perda e encontro do Menino no Templo.	Lc 2, 41-50
22	anos 7 a 27 d.C. — em Nazaré.	Maria dona-de-casa: Sagrada Família em sua lida doméstica.	Lc 2, 50-51
23	ano 28 d.C. — em Caná da Galiléia (meados de março).	Maria na vida social: numa festa de bodas, obtém, por antecipação, o 1.º milagre da vida pública de Jesus.	Jo 2, 1-12
24	ano d.C. — fins de outubro (Festa dos Tabernáculos).	Louvor (indireto) de Jesus à Maria pela sua ***obediência*** e *fé*.	Lc 11, 27-28
25	ano 30 d.C. — calvário — sexta-feira, 7 de abril, cerca da "*hora sexta*" (= 3 h da tarde).	*Stabat Mater* (junto da Cruz estava, de pé a sua Mãe).	Jo 19, 25
26	*Calvário*: mesmo quadro supra	Maria nos é dada como Mãe e nos recebe como filhos (na pessoa de S. João).	Jo 19, 26-27

27	*Calvário:* mesmo quadro supra	João leva Maria para a casa dele.	Jo 19, 27
28	Pregação Apostólica	Silenciosa Orientação	Gal 4, 4-6
29	ano 1 da Era Cristã — Cenáculo de Jerusalém.	perseveravam com Maria em oração.	At 1, 14
30	(querem alguns que 10/15 anos depois da Ascensão do Senhor) — festa estabelecida para 15 de agosto.	"*Dormitio*" (= dormissão, sono) — Ressurreição antecipada — Assunção: Glória de Maria Santíssima.	tradição/ Padres da Igreja/Dogma / Liturgia.
31	Parusia	"mulher vestida de sol": Maria.	Ap 12, 1

(*) Dionísio, o pequeno († 550), fez coincidir o nascimento de Cristo no ano 754 da fundação de Roma, porém, estudos posteriores verificaram o engano nos cálculos, firmando o nascimento de Jesus nos anos 747 ou 748 de Roma, i.é., 6/7 anos antes do estabelecido pelo monge europeu ocidental; desta forma, o calendário cristão, ao invés de iniciar-se no nascimento de Cristo, começa na verdade 6/7 anos depois (observação de Mons. Galbiati). — Hé, porém, os que advogam o início da Era Cristã no ano 753 de Roma.

Bibliografia para a feitura desta Cronologia:

- **Um só Evangelho** (harmonia conforme o texto original grego, com indicação de tempo e lugar para cada acontecimento) — Pe. Léo Persch — Ed. Paulinas, — 1955.
- **O Evangelho de Jesus** — Assoc. MTMEP, sob direção de Mons. Enrico Galbiati (Doutor em Ciências Bíblicas) — Pessano (Milano), Itália, ed. brasileira, 1968.
- **Bíblia Sagrada** Tradução da **Vulcat** e anotada pelo Pe. Matos Soares — (Paulinas) — 10.ª edição.
- **Momenti di una storia** (Santa Bambina che Sorride) — Pref. D. Giovanni Urbani, Arc. titolare di Sardi — Milano — 1963.
- **Obras consultadas** para a elaboração do **Pequeno Dicionário de Nossa Senhora**. cfr. páginas

NATIVIDADE DE NOSSA SENHORA

Piedosíssima concepção artística do oferecimento de Maria Ssma. a Deus, fazendo-o S. Joaquim e Sant'Ana logo após o nascimento milagroso. — Ilustração de "*Na Luz Perpétua*" — II vol. — Liv. Ed. *Lar Católico* — 1950.

A

Ab aeterno — clássica expressão latina que, extraída da *Vulgata* (Prov. 8,22ss), aponta-nos Maria como aquela criatura que primeiro povoou, desde os princípios, a mente divina ao criar e ordenar o mundo cósmico, fazendo-a mãe escolhida. — A dois poetas, um, pai da nossa língua pátria, Camões; e outro, sacerdote e ardoroso filho de Maria, Pe. Afonso Rodrigues, S. J., incumbiremos de corporizar este verbete:

No seu alto conceito te formou
primeiro que a primeira criatura,
para que única fosse a compostura
que de tão longo tempo se estudou!
(2.º quarteto do soneto *Ab Aeterno*)

... escalada do Azul (...) panoramas deslumbrantes (...) uma figura de encanto e graça extasiantes. É o simples bosquejo d'Ela, ainda no eterno Concelho de Deus, auto-retrato num arroubo de Inspiração divina (...) desdobra a carta que Ela te escreveu, apresentando-se (...) E o pergaminho diz: *Ab aeterno.* Eu nasci na mente do Altíssimo, Primogênita e Paradigma de toda criatura..." (cfr. na *Bibliografia* obra elencada sob o n.º 65).

ACADEMIA MARIAL — As academias marianas, marials e mariológicas, da mesma forma que os congressos (estes de modo dinâmico e aquelas de forma estática), divulgam, propagam, preservam (o que também, de certa maneira, fazem os museus, bibliotecas e exposições) os conhecimentos de Nossa Senhora numa extensão mais científico-histórico-cultural do que propriamente devoto-cultual. Centros de estudos e pesquisas, contribuem, grande e louvavelmente, para a glória da Ssma. Virgem. — No Brasil, ao encerramento do 11.º Congresso Eucarístico Nacional, em Aparecida do Norte (SP), foi instalada a *Academia Marial Nacional* (com data de 16 de julho de 1985, Festa de N. S. do Carmo) no transcurso dos 2.000 anos do nascimento de Maria — A sede funciona no 11.º andar da Torre da Basílica, sendo seu Presidente o historiador Côn. João Machado, e, DD. Reitor, o Sr. Arcebispo Metropolitano de Aparecida, D. Geraldo Maria de Moraes Penido (que nos honra como Apresentador deste livro). — São 8 as categorias de sócios-membros em que as pessoas interessadas poderão se inscrever, leigos, sacerdotes e Religiosas, bastando inteirar-se das condições. (Cep. de Aparecida: 12570). — Ver o verbete: *Biblioteca.*

ACÁTISTOS (de *akáthistos* = de pé) — o poema-hino mais célebre da Igreja Bizantina e da Igreja de todos os tempos; obra-prima da literatura e da teologia, altíssima expressão contemplativa e de louvor cultual à Virgem Ssma. Mais que da mente de um sábio, nasceu do coração da Igreja; não tem título nem autor, sendo conhecido pelo nome singular de *Akáthistos* que significa estar de pé (tal qual o Evangelho deve ser cantado estando-se de pé em respeito ao mistério da encarnação). O Patriarca Sérgio fê-lo o canto da vitória e agradecimento ao consagrar Constantinopla a Maria (ano 626), livre do assédio dos inimigos.

AD IESUM PER MARIAM — A Jesus por Maria, é o lema mariano — secular — que engloba a dupla maternidade de Nossa Senhora: a divina, quando Ela nos deu Jesus (*Theotókos*); e a espiritual, quando Jesus nô-lA deu (*ecce Mater tua*). E estabelece, esse vínculo de Infinito gozo, a vereda muito mais segura e mais curta até Cristo, como um santo e Papa nos diz: "O caminho mais curto, mais seguro e sublime para chegar-se a Jesus é Maria". (S. Pio X) — Lema não só muito divulgado, mas sobretudo vivido pelos sodalícios da Virgem, como são as Congregações Marianas desde sua origem (1563), lá se vão 422 anos — quatro séculos e meio — ajudando a povoar o Céu de santos e oferecendo à Terra fervorosos membros — socerdotes e leigos — para o apostolado onímodo da Igreja.

ADVENTO (Mariano) — Quando o Santo Padre abordou em Lourdes (15-8-1983) a questão do nascimento de Maria, relacionando-o ao de Cristo, recomendou entretanto, Sua Santidade a praxe da Igreja quando celebra Jubileus e Festas Litúrgicas, pondo sua atenção "*primeiro que tudo sobre o evento salvífico e não sobre a data histórica.* E convidou a que se criasse um clima de profunda espiritualidade ao que ele chamou de " *Grande Advento*" do 2.º milênio do nascimento de Cristo (a verificar-se no ano 2.000, fim deste século e princípio do outro, ou seja, começo do 3.º milênio do Cristianismo). — O bimilênio do nascimento de Maria — frizou o Papa — deve marcar de modo particular o "tempo de Maria", intenso período de "marianidade" que nos leve a Cristo. — É aquela "hora de Maria" tantas vezes anunciada pelo saudoso Pio XII (que Ela mesmo o predisse nas aparições de Fátima e reiterou noutras mais recentes). — O Papa do *Totus tuus*, propõe o "*grande Advento mariano*", a exemplo daquele outro, o Litúrgico, quando Ela portando em seu ventre o Salvador, fez a Humanidade exultar e cantar jubilosa: "*Ó Saplêntia — Ó Adonai! — Ó radix Jessel — Ó clavis Davi! — Ó Oriens! — Ó Rex Gentium! — Ó Emanuel! Veni...*" — Que melhor farol, que mais digna condutora e guia teremos senão Nossa Senhora, que dos seus 2.000 anos, do seu bimi-lênio nos leve ao do seu Divino Filho? — Será a sublime vivência: *Ad Iesum per Mariam.* — V. verbete: *2.000* (anos do nasc. de Maria).

AIN-KARIM — Ao início denominada simplesmente *Karem*, é chamada hoje Ain-Karim (*ain*, nome da 16.ª letra do alfabeto hebraico, é, também, a grafia indicativa do prefixo toponímico de muitos lugares onde há nascentes d'água, acusando abundância desse líquido, ou seja, *fonte*). — E, *Karim*, quer dizer em árabe, *vinha, vinhedo.* — Ao tempo de Maria era uma simples aldeia (*kapan*), i.é., "filha de cidade" (pois esta, era um povoado bem maior, comumente protegida de muralhas). — Ao que se supõe, em Ain-Karin, Zacarias recebera, como sacerdote mais antigo, a sua moradia, a fim de que pudesse, com alguma facilidade, desempenhar suas funções religiosas no Templo de Jerusalém, distante cerca de 7 km — Em Ain-Karim, ao que tudo indica, viajando a pé, durante uns 3/4 dias (140/50 km de Nazaré a Jerusalém, capital, e depois mais 2 horas), foi que Maria visitou Isabel, proferiu o seu cântico-oração — *Magnificat* — ouviu sua prima falar inspirada pelo Espírito Santo (palavras que hoje rezamos na *Ave-Maria*), viu como se "conhecera" ainda no ventre dessas felizes grávidas o Precursor e o Messias!

— Não é de se condenar, mas contrariamente, até de louvar, a disputa de outras 9 cidades: Maqueronte — Sebaste — Belém — Jerusalém — Hebron — Jutah — Judá de Neftali — Bet-Carlat e Bet-Shan, a honra insigne de ter sido o sitio de tão transcendentes ocorrências. — "A única localidade, entre as 10 que apontam, que uma séria tradição indigita, é a aldeia de nome Ain-Karim (...) Esta é a cidade que, não determinada por S. Lucas, teve maior aceitação por parte dos exegetas (...) uma vetusta tradição, que ascende ao século constantiniano, sempre identificou Ain-Karim com a cidade de Zacarias". (cfr. na *Bibliografia* obra sob o n.º 64). — No local, ergue-se hoje a Igreja da Visitação, onde, em quadros de mármore, lê-se o *Magnificat* transcrito em vários idiomas. — Ver os verbetes: *Anunciação — Isabel — Zacarias* e a *Cronologia Biográfica.*

ALMA — A "história" terrena de uma alma inicia-se no útero e termina com o último suspiro (recomeça — ou começa? — mais exatamente, desfruta de outra espécie de "vida", a que de fato vale, a eterna, que será de "prêmio" ou de "condenação"). — Somente Deus conhece essa "história", pois dela é o Autor. — A "história" de Nossa Senhora como profética promessa, como "figura", a Bíblia nô-la acena em muitos e muitos passos, mas desde a concepção Imaculada, começa a "história" da alma de Maria, "Visto que, por um favor inaudito, livre de todo o pecado e possuidora de pleno uso da razão, Ela pôde, desde o primeiro vagido, conhecer, adorar e agradecer à Deus; ninguém sabe as "comunicações" que existiram entre o Senhor e a Sua pequenina eleita, tão privilegiada durante àqueles 9 meses de silêncio e de obscuridade." (cfr *Bibliografia,* obra n.º 12). — Maria estava "*gratia plena*" na sua concepção (Conceição Imaculada), "*gratia plena* no nascimento, *gratia plena* na anunciação *(hora do fiat)*, *gratia plena* no nascimento do Salvador, *gratia plena* quando da "dormição" e Assunção, pois *cheia da graça* foi dom permanentemente aderente à alma de Maria. — Cheia da graça (gr. Kekharitómene) indica plenitude total, absoluta, completíssima e permanentemente, no sentido de ser um dom divino, não transitório, aderente à alma. — Os anjos foram adornados da graça santificante desde o primeiro instante de sua criação, como Eva também o foi desde o primeiro instante de sua formação da costela de Adão, logo, Maria por motivo da sua altíssima missão o foi mais do que todos juntos. — Ela mesmo o diz, no cântico exaltativo a Deus, *Magnificat: "Nascho dil tchabah Imorio* (a minha alma louva, exalta, engrandece o Senhor). — São João Damasceno escreveu, ao abordar o passamento da Virgem Ssma.: "O próprio Rei Divino veio ao encontro de Sua mãe, para recolher com as Suas mãos divinas a alma santa e imaculada de Maria." (cfr. *Bibliografia,* obra n.º 9). — Novamente, alma e corpo, em união como estiveram em terras da Palestina, estão na Pátria Celeste, vivenciando Maria Ssma. na visão gloriosa face a face. — Ver o verbete *Kekharitoméne.*

ANA — (*Hanna* é a forma gr. do heb. *Hannah* (abreviatura de *Hananiah*?) ou então *Khannâh* = graciosa). — Nome próprio empregado, às vezes, também pelos homens. É como se chamava a mãe de Maria Ssma, e era esposa de Joaquim. — Nas Escrituras não se encontra a menor referência a ela e o pouco que se sabe está consignado nos apócritos, na tradição e nas "revelações", que os

Santos Doutores e teólogos nos amparam na crença em prol da piedade. — Ao que se sabe era natural de Belém (cidadezinha onde veio a nascer o seu neto, Cristo Jesus). — Segundo as "visões" da freira alemã Catarina Emmerich, "Sant'Ana descendeu, pelo pai, de Eliud, da tribo de Levi, pela mãe, Esmérla, da de Benjamim (...) muitos sacerdotes freqüentavam a casa paterna de Ana (como também a de Joaquim); daí o parentesco com Isabel e Zacarias." — Há de destacar-se em Ana sua grande fé e confiança em Deus, onde refugiou-se — e Semelhantemente seu marido Joaquim — a fim de que, pela oração e jejuns, obtivessem a grande graça que alcançaram: o nascimento da menina Myriam (Maria Ssma.). — Por ser bastante cabível, enfoquemos as observações do Cardeal D. Eugenio Salles, quando dos 2.000 anos do nascimento da Virgem: "... a tradição cristã quis colocar [Maria Ssma.] na linha das criaturas que foram objeto de Sua benignidade, desde o nascimento. Assim Isaque, filho de Sara, estéril (Gn 21,1-7); Jacó, de Rebeca, sem filhos (Gn 25,21); Sansão, de Monoac (Jz 13,2-7); Samuel, de Ana (1 Sm 1,9-20); João Batista, nascido de Isabel e Zacarias (Lc 1, 5-24)."

ANEL (do noivado de Maria/José) — quando dos esponsais, era das tradições e costumes judaicos o noivo depositar nas mãos da futura esposa o anel compromissal (ainda não o colocava nos dedos, que só o faria quando a recebesse em sua casa, nas bodas, i é., efetivação do casamento). Perúgia, ao que consta, é a privilegiada cidade que guarda esta preciosíssima relíquia. — Ver os verbetes *Esponsais/Esponsalicio* e *Casamento*.

Nota — Em alguns países, mormente orientais, já foi costume, quando do noivado, a entrega de anéis com a gravação **Maria Protejei-nos**, e a data.

ANGELUS — Milenar devoção mariana que do início (recitado não na forma atual) possuia somente acentuação cristológica, visando a Paixão do Senhor, pelos mistérios da Encarnação/Redenção. Oriente e Ocidente, de Constantinopla a Roma, fixaram-lhe, com seus contributos, a contextura seguinte, recitada em todo o mundo:

— *Angelus Domini nunciavit Mariae* — et *concepit Spiritu Santo* (Lc 1, 28-35);

— *Ecce ancilla Domini — fiat mihi secundum verbum tuum* (Lc 1,38);

— *Et Verbum caro factum est*

— *et habitavit in nobis* (Jo 1,14).

— A recitação completa-se com o tradicional responso mariano: *Ora pro nobis Sancta Dei Genitrix — ut digni efficiamur promissionibus Christi.* E antes da homenagem à Ssma. Trindade com a tríplice recitação da doxologia *Gloria Patri*, reza-se: "Infundi, Senhor, em nossas almas, a Vossa graça, para que nós, que conhecemos pela anunciação do Anjo a Encarnação de Jesus Cristo, Vosso Filho, cheguemos por sua Paixão e Cruz, à glória da Ressurreição. Pelo mesmo Jesus Cristo, Senhor Nosso. Amém". — Do séc. IV até nossos dias, desde S. Gregório Magno (antes mesmo de ser Papa) a intervenção e divulgação na forma e fórmulas do *Angelus* tem envolvido insignes devotos marianos da França, Itália, Alemanha; franciscanos, jesuítas, beneditinos e tantas outras famílias religiosas. Muitos Papas enriqueceram esta devoção de especiais indulgências e o Papa Bento XIV prescreveu que no tempo pascal fosse substituído pela antífona *Regina Coeli*, com *Allelula* no lugar do *Amém*. O *Angelus* é recitado, individual ou coletivamente, às 6 horas da manhã, ao meio-dia e pelas 18 h, havendo, desde 1099 o piedoso cos-

tume dos 3 toques do sino, daí a expressão popular "*bater das trindades*" (como já faziam os beneditinos), estabelecido pelo Papa Urbano II (filho da grande família religiosa de S. Bento) no Concílio de Clermont, França. No Museu do Louvre está o quadro mais apreciado — de admirável plasticidade crepuscular — sobre esta devoção, do pintor Jean-François Millet (1814-1875). — Observa-se atualmente — como foi salutar costume de outrora — um grande retorno à prática do *Angelus*. Pio XII introduziu, durante os anos da II Grande Guerra, a recitação com o povo que se reunia na Praça de S. Pedro para vê-lo; a recitação feita da janela de seus aposentos particulares passou agora para os hábitos do Vaticano e hoje é transmitido pela Rádio papal, praticamente" *urbi et orbe*, acrescido de doutrinal exortação. — Disse o Card. D. Eugênio Salles: — "Estava um domingo extremamente frio, em Roma. Assim mesmo, resolvi ir à Pr. de S. Pedro para rezar com o Santo Padre o habitual "*Angelus*" e ouvi-lo. A neve, endurecida, cobria toda a imensa área. — Contudo, bem antes das 12 h já começava a se aglomerar pequena multidão. Pequena, não. Pois eram alguns milhares de peregrinos de várias partes do mundo. Enfrentaram a intempérie e os riscos de acidentes com o gelo encorregadio.. " — ("*A Voz do Pastor*", 2-2-85). — Sobre o valor e atualidade do "*Angelus*" nada melhor do que aquilo que encontramos na *Marialis Cultus*, do saudoso Paulo VI: "Parece todavia, aportuno, por diversos motivos, tratar aqui de 2 exercícios de piedade muito difundidos no Ocidente, e dos quais esta Sé Apostólica se tem ocupado em várias ocasiões: o *Angelus* (as *Ave-Marias* ou *Trindades*) ... Estas palavras acerca do *Angelus* (*Ave-Marias*) pretendem ser uma simples mas fervorosa exortação a que se mantenha a sua recitação, onde e quando for possível. É um exercício de piedade que não tem necessidade de ser renovado: a sua estrutura simples, o caráter bíblico, a origem histórica que o liga à invocação a favor da paz, o ritmo quase litúrgico com que santifica os diversos momentos do dia, a abertura ao Mistério Pascal com que, sem deixar de comemorar a Encarnação do Filho de Deus, pedimos para ser conduzidos, "*pela sua Paixão e Morte na Cruz, à glória da Ressurreição*" (Missal Romano, *Colecta*, IV Domingo do Advento, analogamente a *Colecta* do dia 25 de março que na recitação do *Angelus* pode substituir a precedente), fazem com que ele, à distância de séculos, conserve inalterado o seu valor e intata a sua suavidade: — É certo que alguns costumes, tradicionalmente ligados à recitação do *Angelus*, desapareceram ou dificilmente se podem manter na vida moderna. Mas trata-se de elementos à margem [não essenciais]. Resta intato o seu valor de contemplação do mistério da Encarnação do Verbo, da saudação à Virgem Ssma, e do recurso à sua misericordiosa intercessão. E, apesar de terem mudado as condições dos tempos, permanecem também, invariáveis para a maior parte dos homens, aqueles momentos característicos do dia: manhã — meio-dia — e tarde, que dellmitam os tempos da sua atividade e constituem um convite a uma pausa de oração". (Exortação Apostólica de 2 de fev. 1974).

ANJOS (do lat. *angelus*, transcrição do gr. *angelos*, termo usado na *Setenta* para traduzir o heb. *mal'ak* = mensageiro). — Segundo a Doutrina cristã, é um espírito celeste. — Os anjos também aparecem como corte celestial em derredor do Senhor. E aí, está Nossa Senhora que retornou ao Céu em corpo e alma. — V. os Verbetes: *Gabriel* — *Querubim* — *Assunção*.

ANO MARIANO — Para condignamente celebrar o 1.º centenário da proclamação do dogma da Imaculada Conceição (Pio IX, 8-12-1854, Bula *Ineffabilis Deus*), o saudoso e grande Papa mariano, Pio XII, decretou, pela primeira vez na história da Igreja, um *Ano Santo Mariano* (8-12-1953 a 8-12-1954), com a Encíclica *Fulgens Corona*. — A abertura foi na Basílica de Santa Maria Maior, a *Salus populi Romani* (por ter livrado a cidade da peste no ano 590), onde se encontra uma ícone atribuída ao pincel de S. Lucas, diante do qual S. Carlos Borromeu foi ordenado e Pio XII celebrara, bem jovem a sua *Missa Nova*. — Na abertura, às 15,30 h, o Papa fez a leitura, *urbi et orbi*, da oração que ele mesmo compôs, perpassada de filial confiança e ternura impetratória sem igual. — Às 18 h — *Angelus* — todas as 427 igrejas de Roma repicaram seus sinos e Pio XII, de sua Biblioteca (transmissão pela Rádio Vaticano em cadeia com quase todas as emissoras do mundo) pronunciou em italiano sua alocução contendo 4.000 palavras. — A *Penitenciaria Apostólica* foi pródiga na concessão de Indulgências, comuns em tais ocasiões. — Mundo afora as Iniciativas e promoções refletiram o grande amor pela Virgem e realizaram nas mais diversas formas a profecia Dela: "...todas as gerações me chamarão Bem-aventurada." — No Brasil, dentre tantas e tantas coisas lindas, ficou aquela de se deixar em praças, logradouros de grande afluência, adros, claustros, estradas etc., monumentos, estátuas, nichos, quadros da Virgem. O que se verificou, inegavelmente, foi que o *Ano Mariano* mais aproximou os fiéis de Maria e Ela a todos levou — como sempre a faz — a Jesus.

ANTÍFONAS (Marianas) — Na vida monástica, são as preces à Virgem cantadas (ou recitadas) ao fim das *Laudes* e das *Completas*, sendo 4:

— *Alma Redemptoris Mater* (celebra o milagre da maternidade divina); canta-se em tom solene do Advento à purificação, atribuída ao monge beneditino, Ermano Contrat, (séc. XI);

— *Regina Coelarum* — de tom alegre, vai desde a Purificação até a 5.ª feira Santa (séc. XIV);

— *Regina Coeli* — alegre e seguida d'*Alleluia*, canta-se no tempo pascal, inclusive substituindo o *Angelus* (séc. X); e

— *Salve Regina* — Suave, grave, impregnada de certa melancolia, porém de forte confiança cristã; atribuída ao bispo de Pug, Ademaro (Legado Pontifício na 1.ª Cruzada), canta-se da Festa da Ssma. Trindade até o Advento. (séc. XI)

— S. Bernardo acrescentou-lhe as 3 invocações finais: *"Ó Clemens! ó Pia! ó Dulcis! Virgo Maria."* — E o Papa Leão XIII mandou-a recitar após as Missas privadas o que foi suspenso com as reformas litúrgicas conciliares.

ANTIGO TESTAMENTO — Já nos prevenIu o poeta que nos primeiros instantes da madrugada não é a luz que surge; são "ameaças de luminosidade", São sonhos e sustos (...) nascimento de maravilhas; natal maravilhoso são as cenas matinais, um nascer devagarinho, um lento aparecer de belezas. Pois o mesmo se dá com a pessoa, com as virtudes, com a missão de Maria. Ao criar o mundo devagarinho, ao debuxar manso-manso as primeiras cortinas do dia-a-dia do mundo, Deus deu a entender que se passa outro tanto com relação a Nossa Senhora, pois a "pedagogia divina", que se rege em tudo pelas "medidas da alma", apresentou-nos de início — na ante-manhã do Antigo Testamento — os pré-fulgores da Imaculada, pre-

servando-a do pecado em que a Humanidade se contaminaria. Há três significações, melhor, três aspectos, em uso na Escritura Sagrada. Um, que é chamado "*literal*" diz, explicitamente, de fato, o que se deu, no chão da História. É a verdade, no contexto real em que surgiu, a moldura com que nasceu. O outro, que é também real, leva o nome de "*típico*", de espiritual, de místico. É o fato, a pessoa ou a coisa, não olhada em si, mas projetada no futuro, com que antedizendo, implicitamente, o que há de vir. Por fim, saindo já do âmbito do real, o sentido "*acomodatício*", recurso, mais ou menos feliz, dos que falam de Deus, na Igreja de Deus e que, por isto mesmo, diverge muito de lugar a outro, de mentalidade à outra, de uma idade a outra. — Em se tratando de Maria, Deus assim procedeu para dar-nos todo o prazer da *descoberta*, à medida que encontramos nossa Mãe Celeste. Uma das leis mais graves e fecundas dos regimentos de Deus é a obrigação que temos de *descobrir* as coisas e as pessoas. Tudo o que não for *descoberto* por nós, seja o que for, não é nosso, porque não é nada. Tudo, muito mais Maria. (*cpd* Pe. Vasconcelos, S. J.) — E Nossa Senhora surge nos "mundos" do Antigo Testamento; são ensinamentos antecipados de Deus, acerca de Maria, e, se nem sempre encontramos facilidade nas explicações, não deixam, pela sublimidade das aplicações simbólicas, de nos apontar as "Intenções" de Deus sobre Maria; então surgem elas no "mundo" *das coisas*, no "mundo" *dos fatos*, no "mundo *das Instituições* e no "mundo" *das "pessoas"*. Por ordem alfabética elenquemos algumas "Intenções" divinas dos 3 primeiros "mundos" (podem ser arroladas muitas mais), ficando o *das pessoas* (figuras ou tipo) para conclusão do verbete *A. Testamento*:

● *Arca da Aliança* — Sabido são os cuidados que o próprio Deus ditou sobre a Arca da Aliança. Por ter concebido no seu puríssimo seio e dado ao mundo, o Autor da Nova Aliança, Maria é simbolizada pela Arca que conteve as coisas sagradas: as Táboas da lei — o Maná caído no deserto — e a Vara de Aarão. Maria é a Arca viva que conservou em seu seio Virginal, durante 9 meses o Legislador da nova Lei; o Maná dos escolhidos e o Pão Eucarístico, Jesus Cristo. A arca da Aliança protegia o povo de Israel e obtinha-lhes vitórias; Maria é a proteção e o triunfo do povo cristão. — na Bula Áurea "*Gloriosae Domínae*", de 27 set. 1748, por motivo do 2.º centenário das Congregações Marianas, Bento XIV (1740-1758) escreveu: "*A Igreja proclama Nossa Senhora Arca Mística da Aliança, em que se cumprira os mistérios da nossa reconciliação*". — Na Escritura Sagrada encontraremos esta proclamação da Igreja em Gn 6,18; 7,22-25; Êx 40,20; Dt 10,5; Ssma. 6, 2-11 etc.

● *Arca de Noé* — Quer dizer, a grande embarcação, navio heb. *tebah*, também utilizado ao falar do cesto de papiro onde se colocou Moisés nas águas do Nilo), por qual meio Noé, e toda a sua família, por indicação de Deus, se salvaram do dilúvio universal (Gn 6,14ss). Além de símbolo do Batismo (1Pd 3,20) é figura de Maria Ssma. — E isto desde os primórdios da Igreja, largamente empregado, lembrando a missão de Nossa Senhora, o seu coração, o seu manto. Ela, de fato, foi e continua sendo, esta Arca na qual se abrigam todos que desejam se salvar. — Semelhantemente ao figurado na Arca da Aliança, alguns outros elementos mais constitutivos à Arca e referentes ao episódio do dilúvio, são ainda figuras de Maria: a pombinha branca (símbolo da paz), que para não pousar na lama da terra, voltou para a Arca trazendo no bico um ramo de oliveira (símbolo da produtividade da terra).

● *Arco-Íris* — O sinal da aliança (das pazes) entre Deus e os homens, depois do dilúvio universal, foi o arco-íris. "*Porei o meu arco nas nuvens, e será o sinal de aliança entre Mim e toda a Terra*". — Há, realmente, muita analogia entre esta passagem relativa à aliança realizada por Deus com Noé e a promessa de Salvação feita outrora por misericórdia a Adão e Eva, após a queda: a mulher esmagará sob o calcanhar a cabeça da serpente infernal. — A Virgem, "*ab aeterno*" predestinada, é o penhor da reconciliação entre Deus e o gênero Salvador, trazendo a paz e a bonança.

● *Árvore da Vida* — No Jardim do Édem Deus fez germinar do solo toda espécie de árvores, entre as quais "*árvore da vida*" e "*árvore da ciência do Bem e do Mal.*" Eva perdeu-nos por querer conhecer a do Bem e do Mal, Maria deu-nos a da vida, portanto Aquele que morrendo no madeiro da Cruz — a árvore — deu-nos à vida eterna pelo perdão. (Gn 2,9).

● *Aurora* — A aurora, segundo os Santos Padres, simboliza Maria, pois é a aurora que indica o nascer do sol, afugenta, pois a escuridão e convida as aves a cantarem; ao seu esplendor é que cai o branco orvalho que refrigera e fertiliza a terra. Maria brilha aos ralos da luz divina, qual aurora que surge. "*Quem é esta que vai caminhando como a aurora quando se levanta?*" (Cânt 6,9).

● *Cedro* (do Líbano, de pureza) — O cedro do Líbano muito lembrado na Bíblia (72 Vezes, citado no Ant. Testamento) se destaca pela majestade do seu porte, cuja altura ultrapassa a todas as demais árvores do país; é madeira de grande valor, devido a suas propriedades, inclusive medicinal (era usada na purificação dos leprosos); é odorífica e incorruptível, seu verde vigoroso simboliza o justo de fé robusta e constante; como emblema de grandeza e poder de beleza, mais as propriedades ditas anteriormente, usaram-na na construção e reconstrução do Templo, o profeta e salmista Davi, o rei Salomão e Herodes. E cognominada "*árvore de Deus*", àquela que "*Deus plantou*". Existiria melhor figura ou símbolo de Maria? (Sl 29 [28], 5)

● *Cidade de refúgio* — Os Israelitas usavam 6 cidades como "*abrigadoras*" que, por ordem de Moisés, acolhiam os acusados dignos de perdão; aí podiam permanecer, asilados, mesmo aqueles que haviam cometido algum crime de homicídio involuntariamente; eram garantidos nessas cidades contra a vingança dos que, por lei, tinha até, o direito de matá-los (parentes da vítima). — Maria Ssma. é como essas cidades de misericórdia e refúgio, pois recebe sob seu manto protetor todos aqueles que mesmo depois da maior falta, do mais triste pecado, sinceramente arrependidos, recorrem a Ela para merecerem o perdão do Seu Filho. A invocação "*refugium peccatorum*" é como que dístico tirado de "*Cidade de refúgio*". (Dt 19,2-7)

● *Dom de Deus* — Desde o primeiro instante de sua Imaculada conceição, foi Maria o Templo do Espírito Santo, isenta da culpa original, herança de todos os concebidos depois de Adão e Eva. Deus a *criou no Espírito Santo* desde o primeiro instante de sua existência, cumulou-a dos seus dons: "*Muitas filhas reuniram riquezas, tu, porém, a todas superastes.*" Eis o vaticínio que a Igreja segundo os Doutores e Santos Padres, os exegetas e comentadores aplicam a Nossa Senhora. (Prov 31,29; Eclo 1,9)

● *Escada de Jacó* — Foi assim dito daquela passagem, ligação entre o Céu e a Terra, viajada continuamente de Anjos, antevista por

Jacó. Viajando ele de Bersabéla a Haran, cansou-se da jornada e dormiu em Lusa, que após a visão trocou-lhe o nome para Betel (heb. = *Casa de Deus*). Esta escada de ida-e-vinda do Céu à Terra que Jacó vira no sonho-visão, rica de esperanças e de mensagens, se nos apresenta como símbolo ou figura de Maria, a medianeira que faz a "ligadura" entre o Criador e as criaturas, velada pelos anjos. (Gn 28, 10-13)

● *Estrela d'alva* (da manhã) — A estrela matutina é, de todas, a mais brilhante e a última a desaparecer pela manhã. Ela é que anuncia o aproximar do dia. E Nossa Senhora é a "estrela da manhã", a "estrela d'alva" ou matutina, por haver precedido o despontar do Sol da Justiça, Cristo, o nosso Salvador; trouxe-nos Ela, a Virgem, a certeza de que, em breve, estariam terminadas as trevas do paganismo e fazendo brilhar para todos, a luz da verdadeira fé, dando-nos a Luz do Mundo, Jesus Cristo. (Num 24,17; Eclo 50,6-7)

● *Estrela de Jacó* — "Nascerá uma estrela de Jacó", eis o vaticínio de Balaão; profetizara que do povo de Jacó (Jacó, neste texto, significa, indica, o povo de Israel, e não o Patriarca Jacó, pai de José e Benjamim) despontaria uma estrela. Aplica-se obviamente, primeiro a Cristo, e, por extensão ou acomodação, aplica-se também a Nossa Senhora, por ter sido Ela a *estrela precursora*, mais exatamente, *portadora*, do Messias prometido. Podemos considerar na *estrela* a Virgem e na luz fulgente que irradia, o Cristo que disse: "*Eu sou a Luz do Mundo*". Esta luz nos foi dada em forma visual e humana pela "*estrela de Jacó*", Maria. (Num 24,17)

● *Exército* (em linha de batalha, esquadrão) — O demônio, inimigo da nossa salvação foi vencido e foge — fugirá sempre — da Virgem Maria. Nossa Senhora é comparada a um exército, a um esquadrão em forma, em linha de batalha, na luta sem trégua, terrível, contra as hostes infernais, vitoriosa sempre contra o dragão do mal. O inimigo de nossas almas, derrotado pela Virgem ouve sem cessar àquela sentença: "*A mulher te esmagará a cabeça.* " (Gn 3,15: Cânt 6,9)

● *Favo de mel* — Pela doçura suave, isto é, por sua obediência, pureza, humildade, servidão, a Ssma. Virgem e simbolizada pelo delicioso favo de mel. — Depois de alguns dias, Sansão quando voltava a Tamnata para ser casar, desviou-se do caminho para ver o leão novo que abatera, e encontrou na boca de fera uma colméia de abelhas e um favo de mel. Eis uma das passagens sobre a doçura do mel, que a Igreja aplica à Maria. — Outra: "*Meu espírito é mais doce que o mel e minha herança mais suave do que o mel em favo*". (Jz 14,8; Eclo 24,27)

● *Fonte* (de águas vivas e salutares) — Dizem os comentadores que a Virgem foi e é a fonte de águas vivas e salutares que irrigou o mundo até então estéril, tornando-o apto a produzir sazonados frutos de vida eterna; porque Mãe do Redentor, o manancial de toda graça e verdade. Declara mesmo ser a Virgem misticamente representada pelos 4 braços de rio (Fison, Grion, Tigre e Eufrates) do Paraíso terrestre. — Sto. Epifânio diz: "*Ó Maria, Vós saciais os sedentos, como a doçura de uma fonte perene; salve, pois, fonte da humanidade do Filho de Deus!*" (Gn 2, 10-13)

● *Lírio* — "*Eu sou a flor do campo, o lírio dos vales*". — "*Como o lírio entre os espinhos, assim é a minha amada entre as donzelas*". — Nem Salomão, disse o Senhor, com todo o seu esplendor, revestiu-se da beleza dos lírios no

campo: nívio e de fragrância suave, é flor que reflete tranqüilidade e pureza. "*O meu bem-Amado* — diz o salmista — *desceu ao meu jardim, aos canteiros perfumados, para apascentar* [descansar] *em meu jardim e colher lírios. Eu sou do meu Amado, e o meu Amado é meu. Ele apascenta* [descansa] *entre os lírios*" É Maria retratada tal e qual. — Acrescente-se ainda que o lírio tem poder eficaz de cura contra o veneno das serpentes. (Cânt 6,2; 2,2; 22,1)

● *Lua* — Viu-se sempre no Sol o símbolo ou figura de Cristo, bem como a Lua representa a Virgem Maria pelo fato daquele ser o astro-rei, que ilumina o mundo, e esta a estrela que o segue; inclusive a Lua reflete, transmite a claridade do Sol, jamais procura empaná-lo, mesmo quando o eclipse, isto é, quando passa escobrindo-o, momentaneamente, o faz para logo-logo mostrá-lo com maior esplendor de irradiante beleza, e retorna a anterior posição de simples refletidora do Sol. Nasceu Maria como aquela luz que prenunciou aquel'outra que nasceria sobre o mundo. (Gn 1,75; Jos 10,13; Sl (mitos); Prov 7,20 etc.)

● *Luz* — Obviamente, de forma absoluta, total, somente Cristo podemos dizer que é "a luz do mundo". Nossa Senhora, porém, por vontade do mesmo Cristo, é "luz celestial", é claridade, ilumina com o seu reflexo da claridade do seu Filho "*Eu fiz com que nascesse no Céu uma luz Inextinguível*. " — S. Pedro Damião aplicando à Maria estas palavras diz que, de fato, nesta luz que é Maria, podemos confiar, pois sabemos que a luz é símbolo dos bens messiânicos. (Is 9,2; 60,1; Eclo 24,6)

● *Mesa* (do Templo) — Era riquíssima a mesa construída por Moisés (de pau cetim e coberta de ouro), e sobre ela depositavam-se os pães da proposição (de "*proponere*" = pôr em presença, apresentar), i é., os 12 pães representando as 12 tribos de Israel, perene homenagem ao Senhor; quando eram renovados, distribuiam-se os aos sacerdotes de serviço. Maria Ssma. é, de modo místico, figurada nesta mesa destes pães; Ela recebeu, guardou o verdadeiro pão da vida, Jesus, a ser distribuído não somente aos sacerdotes, mas também a todos os cristãos batizados no Divino Serviço; Ela é, por excelência, a nossa "apresentadora", leva-nos à presença de Deus. (Êx 25, 23-30)

● *Monte* (montanha, pico, outeiro) de Deus — Arrebatado em êxtases, Miquéias viu o futuro, e nesta visão vislumbrou a Casa de Deus como uma cidade situada no mais elevado, no cume de um monte. Ás tribos (Nações) dissera: "*Subamos ao monte do Senhor e a Casa de Deus de Jacó*". — Desta maneira a Igreja, fundada sobre uma rocha é visível à todo o mundo e um sem número de seres acodem-na em busca de proteção e segurança; Nossa Senhora também é assemelhada a este monte, a esta cidade no alto da montanha. Assim como a Casa de Deus, do alto do monte, domina, paira sobre o mundo, assim, dentro da própria Igreja — como "*Mãe da Igreja*" — Maria vela e acolhe a todos que buscam refúgio e segurança neste outeiro de santidade. (Miq 4, 1-3)

● *Morada* (tabernáculo) de *Deus* — A casa simbólica, edificada para Si, pela Sabedoria, assentada sobre 7 colunas (os 7 Dons do Espírito Santo; também os 7 Sacramentos), portanto, morada, tabernáculo, Casa de Deus, é figura de Maria, sustentada por estas solidíssimas colunas. Nas 7 colunas vêem também os exegetas, simbolizadas as 3 virtudes teologais (Fé, Esperança e Caridade), mais as 4 cardeais (Prudência, Justiça, Fortaleza e Temperança). Maria é o símbolo perfeito da Igreja,

Casa Maravilhosa, instituída pela Sabedoria encarnada, i.é., Jesus Cristo. — Escreve S. Bernardo: "... *vindo a nós do seio do Pai, edificou para Si uma Casa [morada], sua Mãe, a Virgem Maria, na qual esculpiu 7 colunas (...) 7 colunas, não será preparar para Si tabernáculo digno pela Fé e pelas obras?*" (Prov 9,1)

● *Nuvem* — De alguma forma nos protege dos ardores do calor e, quando prenhe de chuva, irriga os campos, fecundando a terra; o trono do Altíssimo está cercado de nuvens, i.é., a Sabedoria encarnada — Cristo Jesus — nela (núvem) permaneceu como num céu animado e numa coluna de nuvem. — "*Sois semelhante a uma coluna de nuvem, ó Bem-aventurada Virgem, sois nuvem clarissima, destes ao mundo a luz divina, Cristo Jesus, Senhor Nosso*", diz Sto. Epifânio. (Eclo 24,8) — Ver o verbete *Culto (Profético)*.

● *Orvalho* — Cerca de umas 10 vezes a Escritura aborda a Imagem do orvalho que, benfazejo, fertilizante, cai do céu, qual bênção especial aparece nas palavras de Israel e Moisés; ao receber Jacó a progenitura pela bênção de Isaac, ouviu: "*Eis que o cheiro de meu filho é como o cheiro do campo florido (...) Deus te dê do orvalho do céu.*" — e nas bênçãos proféticas do "*homem de Deus*", Moisés, está: "*Israel habitará com segurança e só. A vista de Jacó* [pousará] *sobre uma terra fecunda em pão e vinho e os céus se escurecerão com o orvalho.*" — Maria Ssma. é como que o orvalho que todas as noites desce do céu à terra; é Ela que orvalha de bênçãos e graças o mundo.

● *Palma da Vitória/Palmeira* — Vencedora do demônio. Maria Ssma. é suportadora das angústias e sofrimentos de sua missão de co-redentora, à Maria dá-se, com extrema justeza, o título ou figura da palma da vitória, sendo o nosso modelo para que, com o seu auxílio, vençamos as tentações. Em nossos sofrimentos e dificuldades, o exemplo de Maria nos deve estimular a tudo enfrentar pelo amor de Deus, obtendo, ao final, a palma da vitória nos céus. Por analogia é a Virgem comparada também à resistente palmeira, que os vendavais não conseguem abater. Maria, palmeira eleita, passou por todas as tribulações sem vergar, como está na seqüência "*Stabat Mater*": estava de pé, junto a cruz sem que a veemência da dor a pudesse prostar. Mártires e confessores têm-na como Rainha porque soubera viver e morrer dando heróicos testemunhos da fé, inclusive sob suplícios até a morte. (Gn 3,15)

● *Pomba/Rolinha* — Após o dilúvio foi a pombinha branca que trouxe a prova de que terminara o castigo divino; assim também foi Maria que nos trouxe o Messias da salvação após o castigo dos nossos primeiros pais. E diz o salmista: "*O pássaro acha para si uma casa e a rola ninho onde agasalhe seus filhinhos.*" — Maria, Mãe de Deus e dos homens, acolhe sob seu manto — ninho de afeto e carinho materno — todos aqueles que devotamente a buscam, a ponto de S. Bernardo afirmar que "*nunca se ouviu dizer*" que a Virgem desamparou quem procurou Nela abrigo e proteção. — A pomba é símbolo de formosura, de paz, concórdia e perfeição. O próprio Deus, numa das manifestações físicas demonstrativas do Espírito Santo o fez em forma de pomba, sobre Jesus, conforme está em Mt 3,16 e Jo 1,32. Segundo piedosa tradição, uma pombinha apareceu no bastão de S. José ao noivar-se com Maria. — (Gn 8,6-11)

● *Porta do céu/Porta dos Santos* — Este título que se dá a Maria, é porque todas as graças nos vêm por Ela; a santificação, a glo-

rificação dos eleitos na Pátria Celestial são favores, que todos os santos devem a valiosíssima intercessão, porque assim aprouve a Deus que todos os benefícios Dele passem pelas mãos de Maria. (numerosas passagens em vários Livros Saplenciais)

● *Porta Fechada* — *"Esta porta estará fechada e não se abrirá e não passará nada por ela, porque nela entrou o Senhor Deus de Israel e estará fechada... para o príncipe."* — Sto. Agostinho aplica desta maneira a visão do profeta Ezequiel à Maria: *"A porta fechada é o selo da pureza e a integridade de sua Imaculada carne, porque longe de ser manchada pelo nascimento do Filho, foi santificada por esta mesma concepção."* — Da mesma forma, S. Jerônimo encontra nesta figura da porta fechada uma correspondente analogia com o seio de Nossa Senhora, que permaneceu virgem depois do nascimento de seu Filho, como fora antes. (Ez 44,2)

● *Primogênita* — De certa forma o que vemos sobre mãe, dito de modo profético várias vezes, na Bíblia, a própria Virgem o repete no *"Magnificat"*; com efeito, se todos nós criaturas estávamos na mente divina quando da criação do mundo, Maria já muito antes fora escolhida para Aquela que seria a Mãe de Jesus Cristo. Sta. Isabel, não *Intuiu*, mas iluminada pelo Espírito Santo *viu* isto: *"Bendita sois entre todas as mulheres"* [entre as mulheres naturalmente devido ao parto eminente, dentre todas as criaturas, porém, em escala de concessão das graças]; a própria Virgem proclama, embora dentro da mais profunda humildade, no único momento na Bíblia que, de própria voz, diz sobre si própria: *"... todas as gerações me chamarão bem-aventurada (...) o Todo-poderoso fez em mim grandes coisas..."* — Sim, Primogênita é Maria Ssma. entre a multidão dos escolhidos: *"Eu sai da boca do Altíssimo, a primogênita antes de todas as criaturas."* (Eclo 24, 1-5)

● *Santuário* — Em Israel eram muitos os Santuários (em heb. *gódes*") aos tempos do Antigo Testamento, como por exemplo, de Josué, no monte Ebal, de Gedeão, em Ofra, de Samuel, em Belém, indicando estar ali, particularmente presente, o Senhor Deus; geralmente construído em "lugares altos" (em heb. *"bamãen"*), pois considerava-se as colinas, altos rochedos, montanhas, outeiros, lugares onde Deus e os homens estavam mais próximos (Carmelo, Gezer, Megido, Bet-Sener). Servem à justeza para simbolizar ou figurar a Virgem que, colocada por Deus em lugar de proeminência, é também aquele traço-de união, o ligamento que nos prende a Deus e Deus a nós. (fartamente encontráveis os exemplos).

● *Sarça Ardente* — Queimando sem consumir-se, a sarça (espinheiro) a qual Moisés, no monte Horeb, não ousou aproximar-se, é figura de Maria que concebeu de modo extraordinário, sem cooperação humana; é opinião unânime dos Santos Padres e Doutores da Igreja que, a sarça ardendo, imersa em chamas, mas misteriosa e milagrosamente não se consumindo, representa Nossa Senhora concebendo do Espírito Santo, o Salvador do mundo, sem perder nada de sua virgindade. Na antífona *"ad Laudes"* da Natividade de Nossa Senhora, canta-se: *"Sarça ardente e incombustível que viu Moisés, representa-nos a conservação de vossa admirável virgindade"* (Ex 3,2)

● *Sião* — Em hebraico — Sião — era o primitivo nome da fortaleza Jebuséia, que Davi conquistou, daí cognominada *"Cidade de Davi"*. Tornou-se símbolo indicativo da Cidade Santa por excelência, às vezes, o Templo, a residência de Deus (designará depois apenas a esplanada). A partir dos Macabeus desaparece o nome de

Sião (no Novo Testamento só se diz Jerusalém, em lugar de Sião). Jerusalém indica o Reino de Deus. Por estes enfoques históricos vê-se a propriedade de chamar-se Maria Ssma. *Sião* e *Jerusalém Celeste*, pois de fato Ela é a fortaleza Inexpugnável, é a cidade santa, é a morada de Deus. (Sl 81 e outros)

● *Tabernáculo* (Santuário ou modelo de) — Cada principal componente ou peça de per si (para mais de 20) que o próprio Deus ordenou para a construção do Tabernáculo (Arca) é figura ou símbolo de Maria: ouro, prata, onix, pinho/madeira cetim (incorruptível), azeite, luz (candelabros), perfumes, propiciatória (lâmina de ouro que ficava sobre a Arca), querubins, mesa, coroa entalhada, pães, forros, véus e cortinas, etc. — Qual o principal significado do tabernáculo? Evidentemente é a morada visível de Deus. E o que foi Maria nos 9 meses de sua gravidez milagrosa senão a morada virginal, tabernáculo de Deus. Aliás continuou sendo após o natal de Jesus, pois o teve em seu coração de mãe até a "*dormitio*" de amor para a assunção em corpo e alma, ao Céu. (Ex 25, 17ss; 27ss; 31ss)

● *Templo do Espírito Santo* — Maria, desde sua Imaculada Conceição, foi templo do Espírito Santo. Deus a criou no Espírito Santo desde o primeiro instante de sua existência, conforme convinha à futura Mãe de Deus, superando em graças a todos os Anjos e homens. "*Muitas filhas reuniram riquezas, tu, porém, a todos superastes*". (Prov 31,29)

● *Terra* (terra sacerdotal) — A terra, o terreno, o solo do Paraíso (terrestre ou terreal) era virgem não lavrada por mãos humanas, sendo no entanto, fertilíssima (obra de Deus); produzia plantas, flores e frutos (símbolos das virtudes) e não dava nenhum espinho (figura do pecado); era, portanto, terra santa, o jardim do Édem do lado do oriente. Da filha dessa terra bendita, fertilizada pelo Espírito Santo — Maria — nasceu o Salvador, sumo Sacerdote, realizando a profecia de Isaías: "*Aperiatur terra et germinet salvatorem* (abra-se a terra e produza o Salvador). — É também figura de Maria pela beleza e fartura, em suma, pelas excelências, a terra de Canaã fecunda apontada a Moisés. (Gn 2,8; Dt 8,7-10)

● *Trono de Salomão* — O grande e riquíssimo trono, de mármore, marfim e ouro, que Salomão, notável pelo seu saber, mandou construir, é figura de Maria porque o verdadeiro Salomão, Jesus Cristo — a Sabedoria eterna — tomou carne no seu trono (selo Imaculado, preciosíssimo da Virgem). Com efeito, os Santos Padres apontam em Salomão a figura de Cristo e o seu trono obra que nunca se fez semelhante. Escreveu S. Pedro Damião: "A Majestade Divina fez para Si um trono, no seio puríssimo da Virgem (. .) sabeis o que diz Aquele que está sentado no trono? — "*Eis que renovo todas as coisas*". (Ap. 21,5) — Embora efêmera, transitória, em sua materialidade, a glória e o poder de Salomão, bem como o seu trono, simbolizam o outro Rei, Jesus, que é eterno, fez em favor do seu trono vivo — sua excelsa Mãe — de quem o outro foi pálida imagem. (3Re 10, 12-20)

● *Vara florida de Jessé* — A maioria dos exegetas e comentadores encontram na Vara florida de Aarão, que brotou milagrosamente, uma figura da Ssma. Virgem, que concebeu e deu a luz a Seu Filho sem prejuízo da virgindade. Maria é chamada vara florida de Jessé por analogia do nascimento de Cristo: "*Bendita vara de Aarão, certamente vós, ó Maria, fôsteis a vara e o vosso Filho a flor.* " Foi o que escreveu S.

Cirilo de Jerusalém, sobre este símbolo que vê no rebento da raiz de Jessé, pai de Davi, nesta flor pura e rubra, Maria. (Num 17,7-8; Is 11,1-2)

● *Velo de Gedeão* — Velo (do heb. "*gez*" = pele ou couro de cordeiro com sua lã cerdada (= penteada), que os israelitas deviam oferecer à Deus, como primícias dos ovinos, a fim de conhecer-lhE a vontade, Gedeão, de um velo que ora se encontrava seco, ora molhado de orvalho, conseguiu, sinal de Deus, em noites aprazadas; e o velo se apresentou seco e o solo ao redor coberto de orvalho. O privilégio sublime de Maria — foi a única entre todas as criaturas, entre todos os filhos de Adão e Eva, isenta do pecado original — é figurado neste velo ora enxuto, ora orvalhado. O orvalho também é símbolo da descida do Verbo para o seio puríssimo de Maria. (Dt 18,4; Jz 6,36-39)

● *Vários Símbolos/Figuras* — Elencamos até aqui, como símbolos, figuras, analogias, alegorias, acomodações, aplicações, comparações de Maria, no Antigo Testamento cerca de meia centena de "coisas", "fatos", "instituições, em seus respectivos mundos, mostrando 36 intervenções divinas que, se perscrutarmos a Sagrada Escritura, guiados pelos seguros mestres, veremos quanto se alargará esta pedagogia dos *descobrimentos* que Deus nos acena. E cremos não existir maior ou mais significativa seara numa só fonte, do que aquela contida no *Eclesiástico*, de modo especial, no cap. 24, allás tido como o mais importante de todo o Livro. Eis o que ali se pode respigar, tendo de Maria a "*presença* sem maiores dificuldades": Eu fui "cedro do Líbano" — "palmeiras de cades" — "Cipreste do Monte Sion" — "Rosa de Jericó" — "formosa oliveira dos campos" — "plátano nas praças junto da água" — "perfume como o cinamono" — "bálsamo aromático" — "mirra escolhida de suave cheiro" — "perfumada habitação como de estoraque" — "gálhamo e mirra" — "gota de incenso" — "fragrância de bálsamo sem mistura" — "ramos terebinto" — "como a vide lancei flores de agradável cheiro" — "flores dão fruto". — O Autor do Eclesiástico — Bem Sirac ou Sirácida (segundo a forma grega) como que anuncia uma "teologia da trindade"; a Sabedoria é ao mesmo tempo intimamente unida à Deus e distinta Dele, características que mais tarde serão aplicadas seja à pessoas do Verbo, seja à do Espírito; e analogias com Maria ressalta no Livro afora, tais como: "habitação de estoraque", "galbano e mirra", "gota de incenso", etc. — O cap. 24 ainda contém esta afirmativa que tão bem se aplica a Maria: "*Eu sou a mãe do amor formoso* [amor divino], *e do temor, da ciência* e *da santa esperança*". (Eclo 24, 24-27)

PROFECIA — Ant. Testamento — A profecia é a palavra de Deus sobre coisas futuras, pois somente Deus pode conhecer com certeza o futuro; por isso, a profecia poderá ser dita por Deus diretamente, ou através de homens por Ele escolhidos. Tudo no Antigo Testamento são profecias através de símbolos e figuras, sendo o objeto delas o Messias prometido e, juntamente com Ele, sua Mãe, Maria. V. verbete *Profetisa*.

● *Gênesis* — é o livro inaugural das Escrituras, ou seja, da História Salvífica, *genese* (= Início, princípio) do mundo universo. A primeira profecia sobre Nossa Senhora fê-la o próprio Deus neste primeiro capítulo da vida da Humanidade. Foi no Paraíso, dito jardim do Éden (jardim ou paraíso é como está na *Vulgata* e vem do heb. *pardes* = parque, mas o significado bíblico do termo buscou-se no persa), neste sítio que em si é símbolo de Maria, vaticinou Deus criador: "*Porei Inimizade en-*

tre ti e a mulher, entre a tua posteridade e a posteridade dela. Ela te pisará a cabeça e tu armarás traições ao seu calcanhar". (Gn 3,15)

● *Isaías* — A segunda profecia considera-se a de Isaías que muitos séculos antes de Cristo disse que *"da vara de Jessé brotará uma flor"* (11,1); noutra passagem anuncia a maternal virgindade de Nossa Senhora: *"Eis que uma virgem conceberá e dará a luz um Filho".* (7,14) — Não foi "fazendo eco ao profeta Isaías, seguramente estribada na profecia, que a Igreja, pronunciando-se infalivelmente, promulgou o dogma da *virgindade perpétua* de Nossa Senhora? (2.º Concílio Ecumênico de Constantinopla, ano 533, pontificado do Papa Virgílio) — Nos textos das diversas versões da Bíblia lê-se "aquela que há de dar a luz" (Edit. "Ave-Maria" e Paulinas) — "a que está em dores" (Edit. Montese) — "a parturiente" ou "a gestante" ou "a jovem" (na de Jerusalém e outras), mas a tradução grega traz "a virgem" [esclarece a nota "z" da Bíb. de Jerusalém], precisando assim o termo hebraico *almah* que designa quer a donzela, quer uma jovem casada recentemente, sem explicitar mais." E conclui a nota: "O texto dos *Setenta* é, porém, um testemunho precioso da interpretação judaica antiga que será consagrado pelo Evangelho. Mateus (1,23) encontra aqui o anúncio da concepção virginal de Cristo." *Almah* biblicamente é indicativo da jovem que não conhece varão, portanto, virgem.

● *Miquéias* — E o profeta Miquéias não só prediz o abandono do mundo por Deus, *"até ao tempo em que der a luz aquela que há de dar a luz"* (Miq 5,3), mas chega a precisar o local onde o parto da Virgem há de verificar-se: *"E tu, Belém (chamada Éfrata) .. de ti é que virá Aquele que há de reinar em Israel"* (5,2); "pista" segura que os estudiosos das Letras Sagradas deram aos Magos, vindos do Oriente, e eles encontram então *"Maria com o Menino"* — Assim como os Magos, nós também, perscrutando os seguros caminhos das profecias testamentárias — pois as encontramos também no Novo Testamento, como por exemplo ao folhearmos o *Apocalipse* — encontraremos Jesus com Maria para todo o sempre. Ele ligou-a de modo eterno à história do Céu e da Terra.

● *Outras mais* — Profecias outras são encontradas em tantos Livros da Bíblia, i.é., através de outros autores sagrados desta categoria; são Livros inteiros (*Salmos,* do Profeta e Rei Davi; *Cânticos dos Cânticos*, de Salomão; *Eclesiástico*, etc.), prenhes de projeções magníficas.

FIGURAS (ou tipos) do Antigo Testamento — Diz-se *figura* de alguma coisa, especialmente em se tratando de Maria Ssma. com relação a sua pessoa ou sua presença na Bíblia, quando se dá, quando acontece aquela suave transparência ou vislumbre do que poderemos ver de modo claro, aberto, sem véus, em sítio e circunstâncias que Deus dispôs mais adiante, ou seja, no Novo Testamento. — Pelo menos umas 10 mulheres, na primeira fase das Letras Sagradas nos apresentam surpreendentes analogias com a Virgem Santa e, por isso, nos fornecem belas *figuras* simbólicas deste ou daquele aspecto de sua pessoa santíssima, de sua vida sacrossanta. Até mesmo um acróstico do nome de Maria podemos formar com 5 nomes de mulheres bíblicas que foram figuras de Nossa Senhora:

M — aria, a irmã de Moisés;
A — na, a mãe de Samuel (e também o nome da própria mãe da Virgem);
R — ute, mãe do avô de Davi;
I — udite, que libertou Betúlia do feroz Holofernes;
A — bigail, irmã de Davi (também o nome da viúva de Narbal).

Nota — o letra "J" (de Judite), nas línguas latinas e noutras, pode ser trocada pelo "I"; ver, p. ex., no "titulus crucis", o que o próprio Pilatos escreveu em 3 idiomas, ou seja, hebraico, grego e latim:

I — esue (Jesus)
N — azarenus (de Nazaré e também, mestre, chefe)
R — ex (rei)
I — udeorum (dos Judeus)

Estas "figuras" bíblicas de "mulheres-Maria" que vamos acenar costuma-se colocá-las em 4 grupos, conforme a irradiação de glória que nos apresentam; lembrando a fé, a fecundidade: Sara, Rebeca e Raquel. — Simbolizando a força, a coragem: Maria, Débora e Judite. — Recordando a beleza excepcional e a graça: Abigail, Estér e a "Sulamita". — Por fim, devido, além da coragem, o abandono a Deus com plena confiança, a resignação, o sofrimento silencioso, a vítima que se imola por amor: Rute, Noemi, Resfa e a mãe dos 7 macabeus. — A "figura" da Rainha-mãe, obviamente reflete o papel de Nossa Senhora.

Por ordem alfabética, eis as *figuras*, enfocando-se-lhes brevemente as analogias, aplicações ou prefigurações (ver o verbete *Nome*):

● *Abigail* (heb. *abigayl* = meu pai é alegre) — Ela é descrita como "*sensata e de bom parecer*", e João, o Geômetra, chama-a de "*sábia*", sendo de beleza excepcional; acompanhou — depois que enviuvou-se de Narbal — a Davi em diversas expedições, vindo a ser sua segunda esposa e deu-lhe um filho de nome Qileab. Pelos seus exemplos de dedicação, humildade, oração e beleza, física e moral, extraordinárias, é comparada a Maria. (1Sam 25,2-42; 27,3; 2Sam 2,1-2)

● *Ana* (forma gr. *hanna*, do heb. *Khannãh* ou *annah*, talvez abreviatura de *hananlah*), significando graça (graciosa), compaixão, que ouve, que concede. — Nome próprio de diversos personagens bíblicos, homem ou mulher, e até mesmo tribos e cidades (conforme a grafia e a acentuação tônica). — Uma das esposas de Elcana que fazendo voto a Deus, conseguiu a graça de dar a luz ao filho Samuel, oferecendo-o ao serviço do Templo. Atribui-se-lhe um cântico considerado monumento de poesia, que termina por um grito de confiança e a evocação do Rei-Messias; é protótipo do "*Magnificat*" entoado pela Virgem, após a anunciação, na visita a Sta. Isabel. Lembra, portanto, Maria Ssma., de modo acentuado feliz pela sua maternidade, doação do fruto do seu ventre, e cântico oracional profético. (1Sam 1, 11; 2,1-10) — Ana é também o nome da mãe de Nossa Senhora — não citado nos livros canônicos, mas nos apócritos: *Proto-evangelho de Tiago, Evangelho da Natividade*, etc.

● *Débora* (heb. *deborah* = abelha) — Juíza e professora, esposa de Lapidet, que, sentado sob uma palmeira — que levava o seu nome — entre Ramá e Betel, no monte de Efrain, julgava o povo, sendo mito amada por todos (os seus feitos era celebrados em prosa e versos). Com Barac comandou 10 mil homens contra Sísara, general de Jabin, vencendo os cananeus em nome de *Iahwé*, ao pé do monte Tabor. O hino da vitória atribuído a ela — *Cântico de Débora* — é das mais antigas composições literárias hebraicas. Débora contribuiu eficazmente para a vitória do seu povo e foi cognominada "*Mãe de Israel*". Maria, a semelhança de Débora, nos livrou da legião de demônios e é a "*Mãe dos Cristãos*" (Jz 4,1; 4,14; 5,1-31)

● *Estér* (heb. *'ester*, do persa *staraeh* (*sitarch*), e do acádio *Ishtar* = estrela) — Nome persa da heroína do *Livro de Estér*, cujo nome hebraico, segundo alguns, in-

clusive Heródoto, era Hadessa (= murta), dando origem babilônica à história narrada. — Oriunda da tribo de Benjamim, Ester era filha de Abial; pela sua beleza, foi desposada pelo rei persa Assuero (Xerxes). — Com a elevação de Ester a Rainha, tiveram os judeus uma situação de prestígio de que antes não desfrutara, pois inclusive, Ester depois de muito orar, salvou seu povo do extermínio; implorara diante do trono real, convencendo Xerxes. — O *Livro de Ester* era lido nas sinagogas durante a Festa dos Purim (em persa = sortes); celebrações não propriamente religiosas, mas profanas. (Ler este Livro catalogado no grupo "*históricos*", *especialmente*, 5,1; 15,9 — 19 etc.) — Maria Ssma., como Ester, observa Sto. Alberto Magno, (citado por Sto. Afonso de Liguori), roga diante do trono de Deus, e isto sem cessar, como Medianeira. Na Bula Áurea *Gloriosae Dominae* (um dos 7 documentos da Igreja, neste gênero, selado a ouro e não com chumbo), Bento XVI, ao falar aos congregados marianos, no 2.° século da existência do movimento, diz que Ester, referentemente à Maria: "... *esta é Aquela formosíssima Ester que amou tanto o supremo Rei dos reis e por isso Ele a fez compartícipe de todo o seu Império e de todo seu poder*". —

● *Eva* (heb. *hawwâh* = vida, ou então, mãe dos viventes) — A explicação do nome dada em Gn 3,20 — em conexão com *hayah* (= viver) — é certamente etimologia popular; no texto hebreu se lê: *isha*, que significa *fêmea do homem* ou simplesmente *mulher*. — Adão pôs à sua mulher o nome de Eva, porque foi a mãe de todos os viventes (Gn 3,20). — Eva, porém, tornou-se pela desobediência e orgulho, tornou-se, pois, contrariamente a iniciadora da morte. É figura antípoda de Maria porque Nossa Senhora, pela obediência e humildade, é, de fato, a mãe da vida, da Humanidade. Se Eva cedeu ao demônio, Maria venceu-o. O *Ave* dado a Maria (forma anagramática de *Eva*), seguido do seu "*fiat*" a Deus trouxe-nos a salvação, já que pelo consentimento(queda) Eva trouxera a a aniquilação. Maria é chamada "*a nova Eva*", pois esmagou a cabeça da serpente que enganara nossa primeira mãe. (Gn 3,1-24)

● *Jael* (heb. *ya'el* = cabra montês) — Esposa de Heber, o cineu; a vitória conquistada por Débora, tornou se célebre por ter varado, com um prego ou estaca da tenda, de lado a lado, crânio do general do exército de Jabin, Sisara, pregando o no chão. Trespassando com duro cravo a cabeça de Sisara, inimigo do seu povo, é figura ou tipo de Maria Ssma., esmagadora da cabeça da serpente infernal. (Jz 4,17ss; 5,6-24ss)

● *Judite* (gr. *loudith* — Judia (?); heb. *yhudit* = digno de louvor) — No Livro da bíblia que tem o seu nome é cognominada "*Libertadora de Betúlia*"; à semelhança do *Livro de Ester*, é uma história de libertação do povo por uma heroína: Helofernes, enviado com 132 mil homens pelo rei da Assíria, Nabucodonosor, invadir a Asia ocidental, acampa em Betúlia, sitiando a cidade; conclamando a ter confiança em Deus (9,2-19). Judith, seduzindo o general inimigo cortou-lhe a cabeça, pois o embriagara; leva Judith este troféu de guerra e exibe-o ao seu povo de Betúlia. — Eis a aplicação como figura de Maria libertando-nos de Satanás. Judith morreu aos 105 anos, viúva e seu povo jamais esqueceu o seu cântico de vitória: " *o Senhor todo-poderoso o feriu e o entregou nas mãos duma mulher ( ) nem se lhe opusera corpulentos gigantes, mas Judith, filha de Merari, o derrubou com a formosura do seu rosto.* " (Jdt Livro elencado no grupo dos "*histór.cos*")

● *Maria* (heb. *Myriam*; egípcio *mrjt* (?); gr. *Mariam* = amada,

amarga, senhora, mar etc., cerca de 60 significados) — Nome de multas mulheres na Bíblia, por ser, afinal muito comum. — Irmã profetisa de Moisés/Aarão. Pôs-se à frente de um coro e dançou, após a travessia do Mar Vermelho, glorificando à Deus pela vitória obtida sobre o Faraó. (Ex 15,20ss) — Miquéias a coloca no mesmo, mesmíssimo plano de Moisés e Aarão, seus irmãos, como chefe de Israel, fora do Egito (6,45); ela censurou Moisés por se ter casado com uma etíope (Num 12,1-15). — Pela posição proeminente, por trazer o mesmo nome e outras conotações, é aplicada como figura de Maria Ssma.

● *Noemi* (heb. *n'oml* = meu deleite, formosa; é um antropônimo, isto é, o nome próprio da pessoa tendo incluído o seu apelido ou alcunha) — chegando com Rute a Belém, toda a cidade alvoroçou-se devido à beleza delas; então exclamaram as mulheres: "*Esta é aquela noemi* (heb. = bela, formosa), ao que ela respondia: "*Não me chameis noeml; chamai-me Mará* (heb. = amarga) *porque o Onipotente encheu-me de extrema amargura.* (Rt 1,19-20) — A moabita esposa de Emebec, que sofreu sérias precisões em Judá, e suportara com dignidade a viuvez em companhia de sua sogra Rute, é figura de Maria, não só pela formosura, mas por ter ela enfrentado com firmeza as dores, os sofrimentos, enfim, adversidades praticamente a serviço da nora. O sacerdote passionista Juliano da Imaculada (Mattei), escreveu: "...*a Virgem Mãe, com mais razão que a enviuvada Noemi, parecia admoestar no Calvário: não me chameis formosa, mas chamai-me amarga porque o Onipotente me encheu de extrema amargura:*

● *Rebeca* (heb. *ribqah*. nome pessoal. de etimologia incerta). — O papel ou desempenho da esposa de Isaac, mãe dos gêmeos Esaú e Jacó, nas histórias patriarcais é importante "politicamente" e di-lo S. Luís Maria Grignon de Monfort: "*...grande e antiga figura da predestinação e da condenação, figura tão desconhecida e tão cheia de mistérios*". — E continua o insigne devoto mariano: "Esaú vendera a Jacó seu direito de progenitura (...) Rebeca, assegurou a Jacob, as vantagens daquele privilégio, empregando, para isto, uma astúcia santa e cheia de mistério," (sabida é como vestiu Jacó com as vestes e perfumou o como o irmão, a fim de que, recebesse a dupla bênção de Isaac, velho e cego). — Jocó permanecera sempre junto da mãe Rebeca, amando-a muito. Daí receber dela este amor centuplicado. "*Maria* — diz Monfort — *nos ama ternamente, e com mais ardor que todas as mães juntas (..) não só nos ama ainda mais ternamente (...) não somente com afeição, mas também com eficácia (.) seu amor é ativo e efetivo, como aquele de Rebeca por Jacó. Eis o que esta boa Mãe, da qual Rebeca era apenas a figura, faz com o fito de alcançar, para seus filhos, a bênção do Pai Celestial.*" (cfr. "Tratado da verdadeira Devoção")

● *Resfa* (heb. *Rlçpãh*, provavelmente em conexão com *Resef* = brasas vivas) — Concubina de Saul, teve os seus dois filhos, com mais os 5 de outra, também com Saul, enforcados pelos Sabaonitas. Resfa estendeu um saco sobre os 7 cadáveres, impedindo assim que, de dia as aves de rapina se aproximassem, e, de noite fossem devorados pelas feras necrofaras do campo. Esta devoção maternal heróica foi apreciada por Davi que ordenou o sepultamento junto dos ossos de Saul e de Jonatas. (2Sam 21, 10-11) — Maria, com desvelos maternais, diuturnos, também vela por todos aqueles que recebeu como filhos, sem distinção humana.

● *Rute* (heb, *rut*, possível contração de *reut* = amiga(s) da senhora) — A moabita que tem o seu nome emprestado a um dos Livros

da Bíblia. Recusou-se a deixar a sogra Noemi, Rute acompanhou-a até Belém e para sustentá-la trabalhou humildemente num campo do rico Booz; a conselho da sogra casou-se com este ricaço, afinal de parentesco embora meio distante; deu-lhe o filho Obed, que foi avô de Davi. — Para Sto. Afonso de Liguori, Rute é figura de Maria, pois seu nome também significa "*aquela que vê e que se apressa*", e vendo Maria nossas necessidades se apressa em socorrê-las, como fez com a prima Sta. Isabel. E Conrado de Saxônia observa que como a Rute foi permitido pelo poderoso Booz respigar, colher, indo atrás dos segadores, depois até — preso, cativo dos seus encantos — com ela se casou, Maria, esperança nossa, acha graça diante de Deus, recolhendo-nos as espigas das bênçãos divinas. (cfr. *Livro de Rute*, o menor das Escrituras, com somente 4 capítulos e 75 versículos)

● *Sara* (heb. *sarah* = princesa) — Esposa de Abraão, também chamada pelo variante dialetal *sarai* (a alteração do nome e até mesmo troca — exemplo: Abrão p/ Abraão, Saulo p/ Paulo, significa, biblicamente, eleição, entrega de missão divina). Na juventude, devido a grande beleza foi decantada por toda Israel e era disputada para os harens. Obteve pela fé orante a quebra de sua esterilidade, e ao nascer-lhe Samuel consagrou-o a Deus. S. Paulo refere-se a ela (Rm 4,19) ao apontar e sua esterilidade como ocasião para a fé de Abraão. Escreve o Pe. Mackenzie: Os cristãos são os descendentes de Abraão porque, como Isaac, são filhos da promessa (Rm 9,9); alegoricamente, ela [Sara] a Jerusalém Celeste (Gl 4,21-30) — [o que Maria é, com muito mais razão e direito]. Ela [e a Virgem Ssma. ainda mais] concebeu pela fé (Hb 11,11) e é modelo de obediência [Nossa Senhora e protótipo perfeito] da esposa que chama seu esposo de Senhor (1Pd 3,6)." —

● *Sulamita* (heb. *shulamit*), etimologia e significado obscuros, mas parecendo indicar "*uma beleza*". — Querem alguns derive de *Sunemita* (alusão a Abisag, de Sunén ou Solã?, a companheira de Davi e a mais bela jovem de toda Israel (1Rs 1,24), como também de *Sounamitis* (como está nos *Setenta*), provavelmente forma feminina devido a consonância com Salomão (em heb. *Shelomoh* = pacífico, pois vem de *shalon* = paz); assim sendo, se pode interpretar como "*Singular beleza pacífica*", — *Sulamite* era o título dado à noiva ou esposa no *Cântico* (7,1ss) durante a "dança de casamento no campo". — Apelativo também da deusa cananéia da fertilidade. — Por sua singular formosura física e espiritual, pela sua mansidão, Maria Ssma., a jovem hebréia que nos trouxe o Messias, é tida como que figurada por Sulamita.

● *A mãe dos 7 macabeus* (macabeus não porque fossem da família homônima: Judas, filho de Matatias e outros do "clã"; gr. *makkabaios* e heb. *maqqebet* = martelo; mas porque foram martirizados na época dos Macabeus) — Das páginas mais comoventes e cheia de heróicos ensinamentos que encontramos na Bíblia, é a história da mãe valente, corajosa dos 7 macabeus; e por certa ironia do destino, nem o nome se lhe conhece! — De um a um conduziu os filhos para a morte horrível, e por fim, caminhou ela firmemente! Ensinou-lhes, corajosamente não renegarem os preceitos de Deus e Leis da Pátria, mesmo ante a morte dolorosa, antecedida de terríveis torturas. Exortou-os todos, em sua língua aramaica (para não ser compreendida pelos circunstantes) a que dessem todos suas vidas fortalecidos por esta que também deu a sua " . . *sobremaneira admirável e digna de memória, vendo morrer os 7 filhos em um só dia, suportou heroicamente a sua própria morte, pe-*

la esperança que tinha no Senhor (...) *foi a última a sofrer a morte, depois de seus filhos*". (2Mac 7,1-42) — Poder-se-á querer mais eloqüente figura, aplicação ou tipo de Maria, a mãe que sob a Cruz — *Stabat Mater* — "morrendo" de dor, de angústias e lágrimas recebeu nos como legado para nos sustentar na senda do Reino? Não menor do que o terrível sofrimento, as horas aflitas e tristes passadas pela mãe dos 7 macabeus, foram as horas de Calvário da nossa mãe Celestial, Maria Ssma.

● "*Rainha-Mãe*" (heb. *Ha-Mô-leket*) = Nas sociedades poligmas do antigo Oriente Médio — escreveu John L. Mckenzie, S.J. — a posição da esposa do Rei não correspondia a posição da Rainha nas nossas monarquias modernas (.) a posição da Rainha era talvez mais alta do que era em Israel e Judá". — Fala sobretudo referentemente ao Antigo Testamento. E cita como exemplo, no Egito Nefertete e Hatshepsut, esposa de Tutmosis III; na Assíria, a esposa (concubina) que estava em primeiro lugar era a "*Senhora do Palácio*"; em Judá, *a* mais alta posição era ocupada pela *Gibirah*, a mãe do Rei reinante. — Com duas exceções o nome de "*Rainha-mãe*" é dado a de todos os reis de Judá e sentava-se ela à direita do Rei, talvez usando uma coroa (Betsabéia, Jezabel). — "*Rainha do céu*" é título dado a uma deusa estrangeira, sem nome (Jz 7,18, 44,17-19) 25); seu culto era feito em imagens impressas, tendo numerosas adeptas femininas que diziam não sofrer dano devido a esta prática. — Será que essa "*Rainha do céu*" era a Istar mesopotâmica, a deusa-mãe da fertilidade, do amor e da guerra? Seu culto em Judá se tornou popular durante o longo período da vassalagem assíria por todo os 3 primeiros quartos do séc. VII. As imagens dela Impressas nos bolos era, ao que parece, semelhantes às placas e estatuetas encontradas, inclusive em Israel. — Cremos não existir mais cabal figura de Maria como a que no-la apresenta com efeito Rainha, pois mãe do Rei dos Reis, Cristo Jesus. Trouxe-o no seu ventre, portanto, Rainha-mãe com justeza.

APARECIDA — Pequena cidade no Vale do Paraíba (SP), mas cognominada com justeza *Capital Mariana do Brasil*. Ali, em 1717, tosca imagem de terra-cota escura, (N. S. da Conceição), de 39 cm, foi "pescada" por Domingos Garcia, João Alves e Felipe Pedroso. Daí para cá tem sido uma sucessão de milagres e, no país, tornou-se o maior centro de peregrinações com grande afluência diária (aos domingos 120 mil pessoas). — A Basílica-Santuário (23.409 m2) teve sua pedra fundamental lançada em 1946, sendo o maior templo do mundo dedicado a Nossa Senhora e o 2.º em tamanho, depois da Basílica de S. Pedro em Roma. Seu arquiteto foi Dr. Benedito Calixto de Jesus. — Pio XI proclamou N. S. Aparecida *Rainha e Padroeira Excelsa do Brasil* (*voto* que D. Pedro I, como Imperador, havia feito, ao dirigir-se a S. Paulo, para o célebre *Grito do Ipiranga*). — Paulo VI outorgou ao Santuário a *Rosa de Ouro* (1967), sendo assim a 2.ª recebida pelo Brasil, pois tal distinção pontifícia recebera também a Princesa Isabel devido a abolição da escravatura. — Quando da visita de João Paulo II ao Brasil, Sua Santidade ali concelebrou, fez um dos seus mais belos pronunciamentos marianos e abençoou a todos com a pequenina e milagrosa imagem totalmente reconstituída do atentado (16-5-1978) que a reduziu a 165 pedaços, mas que o zelo e competência da recuperadora Maria Helena Chartuní, com a colaboração do Prof. Bardi, do Dr. Marini e do saudoso Diretor dos Museus do Vaticano, Prof. Redig Campos, tornou-a completamente perfeita) — *Ecos Marianos*, publicação anual tipo almanaque, já se edita

há 50 anos. Das maiores emissoras católicas do país — Rádio Aparecida — ali tem sede, bem como grandioso parque gráfico; tem jornal semanal, *O Santuário*, calendário/folhinha, livraria e agora, recentemente, abriga na Torre da Basílica (11.° and.), a *Academia Marial Nacional*. Ver este verbete. — Desde 1964 é sede episcopal; a maior Arquidiocese do mundo, S. Paulo, foi trocada pela pequenina cidade, pelo saudoso Cardeal D. Carlos Carmelo de Vasconcelos Motta, que nos honrou com a Apresentação do nosso livro de versos religiosos *Cânticos do Claustro*. (o *fac-simile* desta Apresentação está na pág. 150).

APARIÇÕES — As únicas comunicações sobrenaturais a que estamos obrigados a seguir e ter como autênticas, portanto, depositar-lhes *fé divina*, estão contidas nas Sagradas Escrituras e ficaram encerradas com o último dos Apóstolos. — Depositária dessas *verdades de fé*, somente se reconhece a Santa Igreja na pessoa do Papa (intérprete oficial da Doutrina e da Moral) contidas nas páginas sagradas. — As *revelações privadas*, as *aparições*, manifestações outras que venham desta ou daquela forma, apenas nos merecem fé humana, e assim mesmo, dentro daquele contexto estabelecido pela prudência. — Não é que se restrinja o poder de Deus, pois Ele aqui, age e agirá sempre como lhe aprouver, como e onde quiser, inclusive como meios salutares para estimular o uso e aceitação de tudo quanto já existe na Revelação divina e na tradição oral, equivale a dizer, na Bíblia, nos Evangelhos, para a nossa santificação e salvação. — É um desses meios que a Infinita Misericórdia Divina tem nos propiciado — meio eficacíssimo e tão querido — as *aparições* de sua Mãe Ssma. e também nossa Mãe. Tem-nos, ultimamente "visitado" Ela cheia de maternais carinhos e revelado mensagens que constituem motivo de grandes transformações espirituais. As *aparições* (visitas) acontecem aqui e ali e suas mensagens faladas ou não, gestuais, simbólicas ou implícitas, só têm contribuído para a conversão do mundo. — Começa este elenco com a de Guadalupe, da qual tão bem disse Frei José Mojica: "300 anos antes das grandes devoções [*aparições*] marianas de Lourdes e Fátima, Nossa Senhora deu Sua mensagem em Tepeyac. Segundo o plano de Deus, a Medianeira de todas as graças apareceu, na América, séc. XVI, como Mãe que deseja ardentemente a salvação de todas as gerações de seus filhos. Semelhantes [*aparições*], serão repetidas em outras épocas e lugares."(*) — Sim, é isto, a finalidade das "visitas" de Maria Ssma. é aquela da Mãe que ama com todas as veras os filhos que recebeu do Seu Filho, do alto duma Cruz. — Di-lo em admirável síntese o Pe. Harold Rahm, S.J.: "As aparições de Maria vêm apenas exprimir e provar, de vez em quando, o seu imenso desejo de continuar a ser Mãe."(*) — Queremos referir — e o fazemos como humildes e obedientes filhos da Igreja, nossa total e plenissima sujeição a toda e qualquer decisão das autoridades eclesiásticas competentes, estando tudo o que se segue dentro, rigorosamente dentro da letra e do espírito do Dec. da Sag. Cong. p/ Prop da Fé (29/12/1966 — AAS 58/10) que tivera aprovação do Papa Paulo VI em 14-10-1960, onde se lê que "já não existe proibição de divulgar, sem o *imprimatur*, escritos que dizem respeito à novas aparições, revelações, profecias e milagres".

Nota — Não elencamos aqui, por ser simplesmente impossível, as centenas e centenas de aparições de Maria aos santos.

(*) cfr. obra do Pe. H. Rahm, S. J., cit. no subverbete **1531-Guadalupe.**

1531 — Guadalupe (do árabe *Wadelãbb* = rio do Lôdo), cidade do México, onde a Virgem por vez primeira apareceu nas Américas. — Foram 5 vezes: 4 ao índio Juan Diego (*Juanito*), e uma a Juan Bernardino, bem como em forma do milagre das rosas ao 3.º Juan, o Sr. Bispo, Juan Zumárraga. Foram *presenças* da Virgem nos dias 9 a 12 de dezembro. — "Maria quis desde cedo afirmar a sua presença no Novo Mundo (...) exatamente 300 anos da rue du Bac, onde Nossa Senhora de Guadalupe não é meramente temporal (...) as grandes aparições dessa *Idade de Maria* (...) todas elas têm o seu prólogo neste milagre de Guadalupe, onde todos os principais pontos da doutrina mariológica foram expostos por Nossa Senhora com assombrosa clareza e simplicidade." (Pe. Harold Rahm, S. J., in *A Mãe das Américas*, Ed. Loyola). — Nossa Senhora não apenas apareceu e ensinou no dialeto dos locais de Tapeyac, não apenas quis deixar o estupendo milagre das rosas (inexistentes na época e no lugar), mas deixou-nos o seu "retrato" (única aparição até hoje a acontecer isto), e, dentro dos seus olhos ligeiramente amendoados, neste "retrato", perpetou as figuras do seu bondoso *Juanito* (com causa de canonização já introduzida), do santo homem, o Bispo Juan Zumárraga e outros. — Em 1981 noticiou-se que a equipe de cientistas da NASA, ampliando o "retrato", nas pupilas dos seus olhos consigna se a cena do milagre das rosas!

1830 — Paris, rue du Bac n.º 5, na capela da "casa mãe" das Filhas da Caridade de S. Vicente de Paula, duas célebres "visões" a Catarine Labouré: *Rainha do Mundo e Medalha Milagrosa* como que aviso ou pedido de definição do dogma da Imaculada Conceição (dias 19 de julho e 27 de novembro). Os episódios são de grande beleza e profundidade.

1842 — Roma, Igreja de Sant' André delle Fratte (paróquia dos Mínimos de S. Francisco), 20 de janeiro, quase ao meio-dia; ao Israelita (judeu) Afonso Retisbone, que desafiado por um patrício já convertido, a usar a *Medalha Milagrosa* e recitar o *Memorare* de S. Bernardo, converteu se também porque teve "visão" de Nossa Senhora.

1846 — Aldeia de La Salette, França, 19 de dezembro às 3 h da tarde, na encosta dum monte da região de Isere, a 1.800 m de altitude; Videntes: Melanie Calvet, de 14 anos; e Maximino Giraud, de 11 anos, ambos pastores. Diante deles a Virgem vestida à moda oriental (inclusive correia de couro), sentada e com as mãos escondendo o rosto, chorou.

1858 — Lourdes (França), famosa por uma série de fatos, como o da água e das curas milagrosas. Aparição subdividida em 18 "visitas" (começando em 11 de fevereiro), feitas à filha de um moleiro — a jovem Bernarda Soubirous (familiarmente tratada pelo diminutivo Bernardette), hoje venerada nos altares e foi congregada mariana. Nas "falas" a vidente não usou propriamente o francês, mas o patois (dialeto) local dos pirineus. Confirmou de viva voz o dogma da Imaculada Conceição, proclamando 4 anos antes por Pio IX (8-1-1854): *Que soy era Immaculade Conceptioun*: — Críticos e estudiosos vêm nesta aparição como que o englobamento das precedentes: Paris e Salette, assim como as seguintes: 1871, em Pontmain e 1876, em Pellevoisin.

1871 — Aldeia de Pontmain, França, durante a guerra franco-prussiana, quando mobilizara se em todas as Igrejas a recitação do Rosário, a 17 de janeiro a Virgem apareceu ao menino Eugênio Barbette (e também ao seu irmão José). Era o dia 17 de janeiro.

Chamaram-na *Nossa Senhora da Estrela*, pois foi com a estrela e um crucifixo que Maria Ssma. lhes apareceu.

1876 — Pellevoisln, passados 5 anos de Pontmain, Nossa Senhora apareceu a uma humilde, pobre e doente empregada — Estelle Fagutte — de 31 anos; sofria terrivelmente e se encontrava em estado muito grave, corroída pela úlcera dos intestinos, peritonite e tuberculose pulmonar, já desenganada por 3 médicos. De 14 de fevereiro a 8 de dezembro sucederam se 5 aparições. Desta vez Nossa Senhora escolheu a região de Indra, diocese de Bouges. — E o demônio não deixou de dar o "ar de sua graça", pois apareceu também! ("proeza" que fará em outras).

1879 — Após 5 anos de ter a Assembléia de Kilkenny consagrado o país à Nossa Senhora e tê-la declarado *Rainha da Irlanda*, a Virgem, como sinal do seu agradecimento, apareceu no dia 21 de agosto, pelas 8 h da noite. — Foi na aldeia de Knock (oficialmente Cnoc-Mhuire), província ocidental de Mayo. Caía tremendo aguaceiro, desde cedo. Primeiramente viram, em forma de estátuas (apareceram também S. José e a figura de um bispo, posteriormente identificada como S. João), a viúva e mãe de 5 fi'hos Mary Mc. Ldughlin (caseira do Vigário Cavanagh) e a jovem Mary Beirnes, de 15 anos. Viram, depois: Domingos Beirnes, de 20 anos, Irmão de Mary, a Sra. Bridget Trench, de 75 anos (beijou os pés da Virgem), Patrick Hill, 15 anos, e mais 15 pessoas (a menina Margareth e o agricultor Wash viram apenas um clarão). — Durou cerca de 9 horas a visão e embora a chuva intensa, o local apresentava se completamente enxuto.

1917 — Aldeia Kolomensk (Rússia) — Em 13 e 26 de fevereiro, Nossa Senhora apareceu a uma aldeã por nome Evdokla Agrianova e o pouco que "vazou" em noticiário para o mundo, foi através de uma publicação religiosa de Macau — *Religião* e *Pátria* — pois é sabido que há anos se fechou sobre a outrora mariana Rússia, terrível *Cort.na de Ferro*. — Interessante é a coincidência de ter sido no mesmo ano das aparições de Fátima: 1917. — E as mensagens a Kolomensk são muito parecidas com as da Cova da Iria. — Na Rússia a Ssma. Virgem mostrou à Vidente, onde se encontrava uma antiga Icone que, em tempos da liberdade (antes da Revolução) inspirava grande devoção (V. o Verbete *Icone*) e fervor; representava, esta ícone — Nossa Senhora como *Soberana Mãe de Deus*, ou seja, de manto real e com a fronte cingida dum diadema de realeza. — O Quadro perdera e estava enterrado nos subterrâneos da igreja de Kolomensk. — Após revelar o seu paradeiro, a *Aparição* ensinou a Sra. Agrinova uma belíssima oração à Rainha do Céu, Suprema Ajuda, Forte Protetora e toda poderosa soberana. — Nossa Senhora assim, apareceu nos 2 extremos da Europa — Portugal/Rússia — e observou M. Haffert no seu livro *Rússia will be converted* que Lenine quis começar a Revolução simultaneamente nos 2 extremos da Europa — em Portugal e na Rússia — mas a terra dos lusíadas foi preservada das hostes do mal, conforme o *Anjo da Paz* (e também o de Portugal) disseram precedindo as aparições de Fátima.

1917 — Fátima (Portugal), 6 aparições de 13 de maio a 13 de outubro, aos pastorinhos da cova da Iria: Francisco, Jacinta e Lúcia (os dois primeiros já com processo de canonização instaurados, e a terceira, ainda entre nós, como Religiosa (Carmelita). — As aparições foram precedidas pelas do *Anjo de Portugal* ou "da Paz" (1915 na loca do cabeço) e tivera se-

qüência nas de 10-12-1925 (Já como Religiosa), 15-12-1926 (o Menino Jesus, cobrando a divulgação da devoção ao Coração Imaculado de Maria), 17-12 1927, ouviu como que uma voz vinda do Sacrário, em resposta ao que perguntara a Jesus sobre a devoção ao Imaculado Coração, e, finalmente, 1929, referiu se Irmã Lúcia a outra aparição da Virgem. — O que tem despertado muitas atenções é o chamado "segredo" a ser aberto quando o Papa achar conveniente (já 4 Pontífices não quiseram fazê-lo). — Tudo o que se disse e está contido nas revelacões, mensagens, predições de Fátima têm-se verificado com uma "precisão de relógio suíço". — Ver os verbetes: *Fátima — Segredo de Fátima — Videntes de Fátima.*

1931 e outros anos — Um rol de muitas aparições, em diversos lugares — mormente na Europa antes e após a 2.ª Grande Guerra — é assinalado, mas justamente devido a tais efervescências verificadas nessas épocas não conseguiram o devido crédito: 1931. Ezquioga — 1932. Vierviers — 1933, Tubise, Rotselaer, Rochefort, Onkenzele, Moerzeke, Herzele, Lokeren, Houtain, Eticheve, Olcene, Uytkerts, Foy e Malin. — Em 1937, Osnabruck. — Em 1944, Bérgamo. — Em 1947: Bouxiéres, Esnis e Forstweiler. — Em 1948: Assis, Gimigliano e Aspang. — Em 1949: Fehrbach, Lublin Haroldsbach e Hasznos. Em 1950: Necdah.

1932 — Banneux, província e diocese de Liége (Bélgica), a Virgem apareceu a uma menina pobrezinha — Marieta Becco — que vivia em condições precárias no chamado *Bosque dos Pobres* (al borde de la carretera), espécie de favela; antes, muito antes, portanto, da "descoberta" da "opção preferencial pelos pobres". — Aliás o título que então deram à Nossa Senhora foi o de *Mãe dos Pobres.* — Quando da visita de João Paulo II à Bélgica (maio de 1985), como protesto, com inominável vandalismo, deceparam as mãos da estátua monumental da Virgem, feita para assinalar esta aparição.

1932/33 — Beauraing (Bélgica), cerca de 20 km de Dinant, cidadezinha rural ao sul, a Virgem apareceu ao agonizar de 1932 e e princípios de 1933. — No jardim de tranqüilo convento, a 29 de novembro, Nossa Senhora surpreende 5 crianças: Fernanda Voisin (15 anos), sua irmã Gilberta e seu mano Alberto (respectivamente 13 e 11 anos), suas colegas Andréa e Gilberta Degeimbre (14 e 9 anos). — Foi na "ponte de ferro", quando voltavam do colégio das Irmãs da Doutrina Cristã, indo ao encontro deles a Virgem, de braços abertos, como faziam os padres na Missa, lhes disse: *Dominus Vosbiscum!* — As aparições se sucederam, em dias diferentes, até 3 de janeiro de 1933. Ficou intitulada Nossa Senhora, *Virgem do Coração de Ouro,* pois seu Imaculado Coração, confirmação do que pedira em Fátima, apareceu brilhante, luminoso, como se fora de ouro reluzente.

1935 — Meglavit, banhada pelo Danúbio, em Oltenia (Romênia), foi cenário de aparições diferentes, pois começaram pelas vindas de Nosso Senhor, figurado num velho, que o vidente, Petrache Lupu (Pedro o lobo) chamava "avô". — Vivia até 1976 este velho pastor, a época com 40 anos, gago, analfabeto e pobre, mas de um coração maior do que o mundo e escolhido para estas visões começadas pelas 18 h da sexta-feira, em Buturugi, depois na Igreja, depois no meio do povo, depois perto da fonte onde houve curas (tantas que o cientista romeno Dr. Jorge Marinescu escreveu o apúsculo *Lourdes e Maglavit.* — Na derradeira aparição Deus permitiu a manifestação do diabo (como já acontecera em Pellevoisin, na França, 159 anos atrás) que na forma de "um ser terrível que me ralhou com palavras ásperas devido ao meu apostolado". — Mas a um simples sinal da cruz do vidente desapareceu rápida e medrosamente em densa fumaça que,

transformada em nuvem daí saíram 11 pessoas e uma Senhora. — Explicou então Ela que fora a destruidora do "ser terrível" e então o "avô" apareceu dizendo: *"Por que me chama de avô? Eu sou Deus que me manifestei deste modo"*. — Depois me disse que a Senhora era a Sua Mãe, a Virgem Maria: — *"Vá anunciar: afastei minha proteção dos homens, mas a minha Mãe não se cansa de pedir perdão pelo seu povo"* — O Pe. Lino, do Apostolado Mundial de Fátima, observa: "... quanta simplicidade e quanta profundidade nestas revelações de Deus a um pobre pastor romeno (..) Amós, por exemplo, era também pastor simples..."

1937/40 — Em Hedd (Alemanha), próximo da fronteira com a Holanda, em plena 2.ª Grande Guerra, aparições por mais de 100 vezes, sendo que apenas 4 meninas da família Gansfort, recebera mensagens especiais (comunicara ao Papa). — A *Gestapo* de Hitler, como soi acontecer em países sob o jugo das forças do mal, proibiu na época qualquer divulgação do fato. As crianças, anteriormente não muito piedosas, passaram a rezar — sobretudo o Rosário — diariamente. — Não se intimidaram com as ameaças de prisão, sofreram zombarias e enfrentaram sérios dissabores, mas heroicamente sustentaram o que viram e ouviram. — As aparições sucederam se durante 3 anos: de 1.º de novembro de 1937 a 3 de novembro de 1940.

1937 — Na gruta de Tre Fontane (Roma), em outubro Nossa Senhora apareceu a uma jovem chamada Luigina Sinapi; certo dia passeava ela por esse lugar e sentiu como que um chamado misterioso para entrar na gruta. Ao internar-se ouve uma suave voz e dulcíssima imagem de Mulher lhe aparece. — Luigina vê a um canto os ossinhos de um abortado, uma criatura humana, e depois assiste a Virgem, com olhos tristes enterrar aqueles ossos e pôr em cima uma medalha. — E, dirigindo, agora com um sorriso no rosto, a Luigina, manda que volte aquele lugar: *"Servi-me-ei de um homem que hoje persegue a Igreja e quer matar o Papa. Agora, vá a São Pedro [Basílica ali perto] e lá encontrarás a Irmã do Cardeal Pacelli; leva-lhe esta mensagem e aviso; neste lugar estabelecerei o trono de minha glória"*. — Compreende-se porque o Cardeal Pacelli (logo em seguida Pio XII, que também, ao que se "desconfia", teve aparições da Virgem nos jardins do Vaticano) tão rapidamente deu crédito aos fatos de Tre Fontane e porque, 10 anos depois (5 de outubro de 1947) benzeu sem dificuldade, a imagem destinada ao lugar da aparição ao motorneiro Bruno Cornacchiola (ver 1947, Tre Fontane).

1944 — Aldeia (*paese*) de Bonate, diocese de Bérgamo (Itália), aparições que se deram no prado de Chiale di Bonate Sopra sítio aprazível, formado à guisa de anfiteatro pelos pré Alpes bermanescos a 2 km da Ponte San Pietro (distante 15 km da cidade Suíça de Chiasse). — A vidente foi a menina Adelaide Roncalli, de 7 anos — quinta dos 8 filhos de Eurico/Gamba Anna. — Foram 10 aparições, sendo a 1.ª ao ensejo do 27.º aniversário das aparições de Fátima; ou seja, 13 de maio de 1944; a última foi na festa de Pentecostes (quando Adelaide fizera a sua 1.ª Comunhão). — Reuniu-se nesse dia uma multidão de 20.000 pessoas e aparecera também S. José com o Menino Jesus, além de vários animais ferozes e domésticos (interpretou-se como simbolizando santos e pecadores); aliás, esta aparição é rica de símbolos como as duas rosas dos pés, a coroa estrelada, o manto verde (e não azul e branco), e tantas outras mais.

1945/1959 — Na Holanda (Amsterdam) de 25 de março deste ano até 31 de maio de 1959 (foram 14 anos), Nossa Senhora apa-

receu a senhora Ida (quis ficar no anonimato) e sua irmã, ditando-lhes 60 mensagens (inclusive quando foram a Alemanha); sem nenhuma regularidade nas datas, as aparições vieram sempre inesperadas em sua casa e na Igreja de S. Tomás. — Ao Pe. Frehe, confessor e diretor espiritual da vidente, foi confiado todos os acontecimentos. A configuração divulgada desta aparição foi a mensagem, a oração e o "Santinho" de *Nossa Senhora de Todos os Povos,* contidos nos chamados *Livrinhos Azuis* (no Brasil divulgaram-no muito os Padres Jesuítas, com "*imprimatur*" de D. José, bispo titular de Colibr. e datado de, França, 28 8-1959, bem como livros do Pe. Luiz Knuvelder e de Raoul Auclair, trad. do Pe. Maurício Ruffier, S. J. — Soc. Bras. Ed.).

1945 — Na Espanha (Codosera, província de Badajoz, na estremadura do país). Indo a menina Marcelina Barrosa (de 10 anos) ao lugar chamado Chandavila, perto do *El Marco,* sítio de muitas castanheiras, apareceu-lhe a Virgem, rosto muito triste, manto negro (um roxo apertado, muito escuro) assim como se vê em muitos quadros da *Mater Dolorosa.* Era o dia 27 de maio. E a 3 de junho apareceu a uma senhora, mãe de 5 filhos, Dolores Lúcio. Pediu a Virgem que ali se erguesse um Cruzeiro. — A mocinha, Afra Brígida Blanco, meio levianasinha, de 17 anos. ao ver a Virgem, perdeu os sentidos. Diversas pessoas mais, como por exemplo, o policial José Camillo (a 3 km de Chandavila), viram Maria Ssma.

1946 — Marienfried (Baviera), aparição da Virgem a jovem Ana Berbl, no dia 23 de abril. Esta aparição repetiu-se a 25 de maio e 25 de junho. Como em todas as "visitas" Nossa Senhora insistiu muito na oração e penitência, prevenindo que "a estrela do abismo" fará sentir a sua fúria mais do que nunca, provocando danos espantosos.

1947 — Montichiari, ao norte da Itália, perto de Bréscia, Nossa Senhora apareceu a uma Religiosa — Irmã da Caridade de S. Vicente de Paulo, Pierina Gilli — no Hospital da Cidade, e por 11 vezes. Irmã Pierina nasceu em 1911, portanto, estava com 34 anos. Da aparição ressaltou se a beleza e significado do símbolo mariano *Rosa Mística* (3 rosas: branca, rosa, amarela, apareciam no colo da Ssma. Virgem). — Nos dias 7 e 8 de dezembro propõe a devoção dita *Rosa Mística,* unindo-a a do Imaculado Coração. — Após 26 anos (1973, a 22 de julho) por solicitação da Irmã Gilli, Nossa Senhora diz do significado do apelativo *Rosa Mística.* — Ao que se diz, em 1976 repetiu-se a aparição, estando, portanto, Pierina Gilli com 74 anos.

1947 — Tre Fontane (gruta as portas de Roma — 4/5 kms. do centro da cidade — perto da Basílica de S. Paulo fora-dos muros). A Virgem apareceu, neste sítio vizinho a Abadia dos Trapistas, ao motorneiro então protestante (que já se dissera ateu e comunista), hoje convertido, Bruno Cornachiola; primeiramente o fizera aos seus filhos, Isola (10 anos) e Carlo (4 anos e meio), que, próximo jogavam bola, enquanto o pai preparava um trabalho para apresentar contra Nossa Senhora. — Era 11 de abril, *dies natalis urbis,* de Roma. Junto dos eucaliptos Nossa Senhora identificou-se como a *Virgem da Revelação,* e portava um livro (Bíblia). — o punhal que um amigo alemão tinha dado a Bruno para matar o Papa (a época Pio XII), após as "audiências" com a Virgem, ele o entregou pessoalmente a Sua Santidade, em encontro privado (ver, em 1937, aparição a jovem Luigina Sinapi).

1948 — Mayne, Bosque d'Espés (França). A um menino, desde os 3 anos (idade com que a Virgem foi entregue no Templo), Gil Benhours, teve aparições de Nossa Senhora todos os dias 13

de cada mês. Falou-lhe a Virgem que fizesse a 1.ª Comunhão quando completasse 4 anos. Levado ao Papa, a pedido dele, contou toda a história somente ao Sumo Pontífice, embora tivesse tido, sob promessa de guloseimas, pedidos e mais pedidos para dizer o que vira. Só em 1948, quando Gil foi morar em Espés, é que se tornaram conhecidos os fatos.

1948 — Lipa, província de Batangas, das Ilhas Filipinas; no dia 27 de dezembro, Nossa Senhora apareceu a noviça Terezita Castillos, filha do Governador, levando, porém, vida de Religiosa consagrada. — Houve, antecedendo, uma chuva de rosas não existentes no lugar, e até mesmo em toda Filipinas. E uma das provas destas aparições foi que, em diversas pétalas que Terezita guardou, viu-se reproduzida a figura de Maria Ssma. na configuração de N. S. das Graças. — Como fizera a Bernardette Soubirous, em Massabielle, a Virgem, como prova da humildade de Ternazite, mandou que a noviça beijasse o chão e comesse grama do jardim. — D. Alfredo Verzosa, Bispo local, aprovou a publicação dos fatos de Lipa.

1950 — Fwhrbach (Alemanha), Nossa Senhora apareceu à menina Senta Roos, numa floresta de pinheiros, em fevereiro, juntando cerca de 40 mil pessoas. Até hoje aguarda-se a publicação das mensagens e descrição de pormenores.

1961 — San Sebastian de Garabandal (Espanha), diocese de Satandér. A Virgem apareceu a 4 meninas coincidentemente todas elas tendo 12 anos: Maria Concepcion Gonzales (Conchita); Jacinta Gonzalez Gonzalez; Maria Dolores Mazon (Lola, Lolita); e Maria Cruz Gonzalez (Mari-Cruz). — Apesar dos *Gonzalez* no nome de 3 delas, não têm qualquer parentesco. — Apareceu também o Anjo, e as videntes comungaram de suas mãos, (como aconteceu em Fátima, 44 anos antes). Houve gravação da voz de Nossa Senhora em fita magnética (o que aconteceu por vez primeira em aparições de Nossa Senhora, bem como fotografou-se a partícula na língua das videntes, no momento da comunhão). — A gravação é de difícil audição e as fotos foram fartamente divulgadas na imprensa mundial. — No Brasil, o Pe. Valério Alberton, S. J., que esteve em pesquisas no local, e a Jornalista, sra. Dona Alice Isnard (Diretora da Agência Notícias Católicas, têm excelentes livros sobre o assunto).

1967 — Natividade, Rio de Janeiro (Brasil), foram em número de 5 aparições e testemunhadas unicamente pelo médico Dr. Fausto de Faria; ocorreram todas entre maio de 1967 e julho de 1977. Nossa Senhora apareceu sempre junto a um regato, na propriedade do referido médico (*Fazenda Coqueiro*). — Uma pedra de 200 g, classificada como hematita, estando, de forma misteriosa, ligada ao que consta da 3.ª aparição (*Cefas*, em 12 de julho). — Os pés e as mãos da Virgem eram de ouro (douradas). — Réplica exata e única no mundo é a da "casa de Nossa Senhora", que o vidente, devido à frase enigmática que fala em Éfeso, foi em 1973, até esta cidade da Turquia, para, um ano após, erguê-la igual, nos mínimos pormenores àquela em que, por algum tempo vivera Nossa Senhora antes de sua assunção e que fora visitada por Paulo VI, em 1967, e João Paulo II, em 1979). — Da escritora Selene Espínola Correia Reginato, existe excelente obra, já em 6.ª edição, apreciada pela Secretaria de Estado do Vaticano.

Nota: Nossa Senhora não tem "preferências", nas aparições, por este ou aquele lugar, tal ou qual país, bem como por esta ou aquela faixa etária, se homem ou mulher, preto ou branco: simplesmente aparece aqui ou ali, onde Ela acha melhor, acha bom para a maior glória externa do seu Divino Filho. — No Brasil

já se tem noticiado aparições, restando apenas que a veracidade desses acontecimentos os coloquem na evidência, significado e valor de tantos outros; espera-se, portanto, provem sua veracidade para serem aprovados: Bento Gonçalves (Bairro Borgo, Porto Alegre, em 1950 — Cavas, Paraguaçú de Minas — S. Pedro de Palmeiras (esteve lá celebrando Missa o Pe. Romeu Ribeiro de Faria, S. J. e as Irmãs do Colégio Santos Anjos, da Tijuca, Rio. — Muriaé/Ponte Nova, em Minas Gerais — Vilas Boas, Município de Guiricema, na chamada **Santa Montanha** (nome posto pela Virgem), de 1966 a 1981, mensagens que os sacerdotes, Pe. José G. Dias, Pe. Emiles Soares da Silva e Pe. Frei Benigno Dissel depositaram crédito e divulgaram-nas com piedade mariana. — em Cajueiros (Sítio da Guarda), diocese de Pesqueira (Pernambuco) aparição às meninas Maria da Luz e Maria da Conceição, em 1935 — época em que **Lampião** e seus cangaceiros assolavam a região — mostrou as mãos sangrando. Hoje, a outrora menina Maria da Luz é a Religiosa Irmã Adélia, que já recebeu no mesmo lugar, Serra da Ororobá, mensagens, a 6-8-78; 9-3-85 e 31-8-85, que o Pe. José Kehrle vira em 1936.

1968 — Zeltoun (= azelte, azeltona), Egito, diversas vezes Nossa Senhora apareceu de forma um tanto Inusitada — não andando, mas como que deslizando — no telhado da Igreja de Sta. Maria, no subúrbio do Cairo. Ela foi vista por muitos motoristas e mecânicos muçulmanos; eles lhe falavam e Ela os ouviu sorridente, enquanto a multidão crescia. Vários foram os dias que a cena se repetiu — a 2 de abril foi o começo — e as "visitas" se repetiram nas 32 festas litúrgicas do calendário mariano oriental. — O Patriarca copta de Alexandria, Kirios VI, publicou declaração "reconhecendo com grande fé e alegria que a Bem-aventurada Virgem Maria aparecera diversas vezes de forma clara, com muitas testemunhas e que essa bênção venha a ser sinal de paz para o mundo e prosperidade para as Nações".

1981 — Diocese de Mostar, na Bosnia-Erzegóvira paróquia de Medjugorge, Iugoslávia, desde o dia 24 de junho de 1981 foi palco, diariamente, por longo espaço de tempo da aparições de Nossa Senhora a um grupo de jovens: Vicka Ivankovic (21 anos), Mirjiana Dragicevic (19 anos), Marija Pavlovic (20 anos), Ivan Dragicevic (20 anos, e não é irmão de Mirjiana), Ivanka Inovankovic (19 anos) e Jakov Colo (10 anos). — Essas aparições apresentam uma riqueza enorme de pormenores. — Começou a ter "locuções Interiores" a menina Jalena Vasjly, aumentando assim o grupo para 7 componentes. — Medjugorge (= entre montanhas) é o nome da elevação onde apareceu Nossa Senhora e lá existe um Cruzeiro, agora local de constantes e numerosas peregrinações, embora com restrições da polícia comunista, como era de esperar. — As aparições ocorreram regularmente nos anos de 1982, 83, 84 e seguiram em 1985 com promessa de continuarem em 1986. — A palavra *Mir* (= paz em croata) tem aparecido junto ao Cruzeiro e no céu, em muitas das aparições. — É Impressionante a transformação espiritual operada na população local e em todos que vão até Medjugorge. — Um exemplo: todos os aparelhos de TV são desligados diariamente às 18 h, quando do *Angelus*, o tradicional "momento de Maria."

Nota — O Pe. Tomislav Vlasié, remete a quem solicitar, a publicação **Medjugorge em Mensagens**, Edições Boa-Nova, Sameiro — Cod. 4700, Braga (Portugal). — Identicamente o fazem: Maria Antonia Auchim — Av. Imirim, 642 — 2.º and. — apto. 21 — Bairro Imirim (SP) — Cep. 02454 — Tel. (011) 298-0083 — e tb. Yolanda Pacheco — Rua Augusto Tortorelo Araújo, 309 — Altos de Sant'Ana — cep. 02040 (SP) — Tel. (011) 298-1313. — Prestam-se a informar: Pe. Valério Alberton, S J (Jesuítas do Rio Grande do Sul) e o casal Dr. Osmânio/Adalgisa (Cons. de Renovação Carismática Nacional e Internacional).

1981 — Kibého, diocese de Butaire, Ruanda, um dos menores países da África moderna, vizinho de Burandi e Uganda, aí a Virgem escolheu para aparecer a 3 meninas dum colégio, isto desde o dia 28 de novembro, às 12,35 h, detendo-se primeiramente à Alfonsina Mamureke; falou-lhe na língua local — *Kengarwana* — prometendo voltar. — E fê-lo, no ano seguinte, 12 de janeiro, abordando a aluna Anatália. — Seguidamente foi Maria Clara a ser agraciada com a "visita" da Virgem (1.º de março). — Estes acontecimentos mudaram completamente os hábitos não só da população de Kibého, de Butaire, de Luanda, mas dos países limítrofes e vizinhos: Zaire, Tanzânia e os dois já supracitados. — Em fevereiro de 1983 o Bispo de Butaire escreveu bela Carta Pastoral comentando os fatos. — Mas de comover mesmo é o caso de Valentina; a Virgem, em junho de 1985 pediu-lhe que ajudasse a uma velha doente e desamparada. Então a jovem deixou a sua família, transferindo-se 40 kms. distante, onde está em companhia da anciã. Faz-lhe tudo. inclusive cultiva pequena horta, apanha lenha distante e água na fonte e cuida das feridas da doente, pois a velhinha é leprosa, coitada.

1984 — Austrália. Está escrito, por V. del Val, na revista *Maria Mensageira* (págs. 8/10) que "também na Austrália a Virgem aparece..." — Apresentou-se como *Nossa Senhora da Arca* e o vidente chama-se *Pedrinho*. — Fora 9 aparições: 2 e 13 de fevereiro; 1.º de março; 18 de maio; 13 e 29 de junho; 4 e 6 de setembro, e, finalmente, 26 de outubro. — Dentre um mundo de coisas interessantes sublinham-se algumas: abençoa a todos que levaram a sério as aparições verídicas; pede a união de todos os videntes; alude a diversas aparições antecedentes, com especialidade: Fátima, Lourdes, La Salette, Guadalupe. Garabandal, Montichiari, Tre Fontane, Medjugorge (inclui ainda: Porto Stefano, Bayside, San Giovanni Rotondo, Coromoto e Eisemberg). — Alude aos estigmatizados: Tereza Newmann, Pe. Pio e Pe. Gino. — E há severa queixa das inúmeras comunhões sacrílegas que aumentam dia para dia. — Fala da "crucifixão da Santa Igreja.

LAGRIMAÇÃO — Embora não sendo *aparições corporais* ou *visões*, no sentido anatômico, constitui fisicamente a manifestação de uma *presença*, o ter Nossa Senhora, em diversos lugares e ocasiões vertido *lágrima humana*, no fenômeno ou milagre dito *lacrimação*, ou seja a Virgem não *fala*, mas *chora*. — Existe mensagem mais eloqüente do que as lágrimas de mãe?

Siracusa, Sicília (Itália), 1953, aconteceu na casa de "mamma" Giusta (via degli Orti), às 8,30 h, da imagem de gesso (alto relevo embutido num quadro) do Imaculado Coração de Maria, grossas lágrimas brotaram no dia 25 de agosto; o fenômeno repetiu-se 4 dias depois, 4 de agosto e 1.º de setembro às 11 h. — A Ciência pronunciou-se, por solicitação das autoridades eclesiásticas, e o fez *positivamente*. — A construção do Santuário foi relativamente rápida e se ergue majestoso, sendo dos maiores e mais belos da Europa, grande centro de peregrinações que vão a "*Madona delle Lacrime*, render-lhe louvor, pedir e agradecer graças.

Caserta (Itália), na casa da estigmatizada Teresa Musco (via Batistessa, 24, cerca da Piazza Mercato, constatou-se lacrimação das imagens de N. S. de Fátima e de Lourdes; foram as lágrimas examinadas pelo Dr. Franco Guarino e outros colegas seus que atestaram que tinham sabor de lágrima humana. Teresa Musco faleceu em 1976 e é tida por muitos, como das maiores místicas de todos os tempos, sendo dessa opinião o céle-

bre marlólogo, Pe. Gabriel Roschini — recentemente falecido — e o Card. Siri. Teresa Musco era, desde menininha, grande devota de Nossa Senhora que lhe apareceu diversas vezes. Seus estigmas, mormente os das mãos, a princípio eram invisíveis, mas depois visíveis, daí trazer as mãos sempre enfaixadas, pois também sangravam.

Adrano, Catânia, próximo ao Etna (Itália), a 8 de dezembro de 1980, festa da Imaculada Conceição, na casa do padeiro da localidade, Filippo Orofino, de 40 anos, a imagem de Nossa Senhora de Fátima e de Cristo (sangue) tiveram lacrimação. Filippo faz o pão dos seus fregueses na própria residência (via Rignati, 15, no que é ajudado pela filha mais velha, Maria Concetta, de 15 anos, enquanto sua mulher, Angela Mangione, de 39 anos, cuida dos outros 6 filhos: 3 meninas e 3 meninos (a caçula, Catarina tinha na época 3 anos). — O pároco local, Pe. Antonio Santangelo, por ser testemunha ocular do fenômeno atesta a veracidade do que chama de *milagre*. — O Prefeito, Siro Sardo, adiantando-se às autoridades da Igreja (é a primeira vez que tal acontece em casos assim), ordenou, além do interrogatório do padeiro Orofino, seus familiares, e testemunhas, a análise em laboratório especializado, de tudo referente ao fenômeno.

Maasmechelen (Bélgica), a 8 de agosto de 1983, na casa da Sra. Maria Linden, de 58 anos, centenas de pessoas foram ver as lágrimas que brotaram de uma cópia, em plástico, da Virgem, na representação da *Rosa Mística* (aparições de Montichiari); a estatuazinha tem 70 cm e fora adquirida um ano antes. — O radiologista Dr. Erik Ballaux e colegas seus de Bruxelas, aos quais encarregou de analisar as lágrimas, declararam que "o extraordinário fenômeno não pode ser explicado por vias naturais". — O que, de natural, puderam atestar, foi a procedência da imagem, que vem da Alemanha e ali se produzem em massa. — O Inspetor da polícia, Michel Koopieters, levou sua mulher e filhos, para venerar a imagem, impressionadíssimo com o acontecimento.

Chicago (USA), junho de 1984; declaração peremptória do Pe. Paymond J. Jasinsky, pároco da Igreja de S. João de Deus, no que é acompanhado pelo diácono Milton Decker: "Certamente é um fenômeno sobrenatural; eu vi as lágrimas claramente durante a Missa, em 3 dias consecutivas, mas compete às autoridades superiores determinarem se é milagre genuino." — A imagem é de madeira e imediatamente após (72 horas) o fato acontecido foi comunicado ao Cardeal Joseph Bernadim, que após 5 dias enviou o Bispo Auxiliar, Alfred I. Abramovicz a fim de tudo investigar; já foi adiantado que nada se espere fora do prazo de um ano, quando então será enviado a Santa Sé, em Roma.

Nota — O jornal **O Catolicismo** noticiou as seguintes lacrimações: em 1972, Nova Orleans (EE.UU.), Imagem de N. S. de Fátima Peregrina; 28-7-1977, em Damasco (Síria); 22-4-1979, em Vila Soalheiro (Portugal), Imagem de N. S. das Necessidades; 13-5-1982, em Granada (Espanha), Imagem da Virgem das Lágrimas.

APÓCRIFOS — (do gr. *apokryphos* = oculto, sem autenticidade, falso), diz-se dos livros não canônicos, i é., não elencados na Bíblia; por conterem parcialmente a verdade, pelo fantasioso de muitas narrativas, pelas arbitrariedades e erros foram considerados faltos da inspiração divina. — São alguns, não raras vezes, fonte histórica ou de costumes e hábitos, da qual, com especiais reservas nos servimos para não perigar a pureza doutrinária da Fé. Contendo

narrativas ligadas ao Antigo Test. alguns dos principais são: *Livro dos Jubileus — Livros de Adão e Eva — Martírio de Isaías — Carta de Aristéia — Livros de Enoc — Testamento dos 12 Patriarcas — Oráculos Sibilinos — Assunção de Moisés.* — Referentes ao Novo Test.: *"Proto-evangelho de Tiago* (fonte dos nomes e fatos de Joaquim e Ana, da Apresentação e posterior entrega da Santa Menina no Templo, esponsais de José e Maria com detalhes sobre a floração do bastão do carpinteiro, pormenores da angústia de S. José, descrição da Viagem de fuga para o Egito). — *"História de José, o carpinteiro"* (fantasiosa narrativa sobre a vida do esposo de Maria até sua morte diante de Jesus e assunção de sua alma; livro de origem egípcia). — *"O nascimento de Maria".* — *"Discurso de S. João, o Espiritual"* (texto grego sobre a *"dormitio"*). — Muitos são os *Evangelhos*: de S. Tomé, de S. Pedro, de Nicodemos, de Bartolomeu etc. (no de Tomé, p. ex., narra-se a infância de Jesus com fatos até repelentes). — *Atos, Epístolas* e *Apocalipses*, são também numerosos: *Atos de André*, de Tomé, de Paulo, de Pedro, de Felipe; *Epístola aos laodicenses*, as 14 entre Paulo e Sêneca, a *Epístola dos Apóstolos* etc. — Quanto aos *Apocalipses*, contêm pomposas descrições do Juízo Final e são atribuídos a Pedro, a Paulo e a Tomé. — A Igreja não proíbe a leitura dos *apócrifos*, desde que se façam as devidas restrições críticas.

ARCA DA ALIANÇA — Símbolo de Maria como peça toda, bem como em suas partes componentes. — Ver este subverbete em *Antigo Testamento.*

ARCA DE NOÉ — São figuras de Maria não apenas a embarcação inteira — que salvou por indicação divina, Noé e os seus — mas a pombinha e o ramo de oliveira. Ver este subverbete e mais *Pomba*, em *Antigo Testamento.*

ARCO-ÍRIS — Símbolo de Maria, como sinal de reconciliação, penhor de bonança. Ver este subverbete em *Antigo Testamento.*

ARTE — Através da história das Artes, fácil é de se constatar que a Virgem Maria foi sempre uma das maiores fontes de inspiração, principalmente na Pintura, na Escultura e na Música. — "As primeiras representações de Maria foram as *Virgem Orante*, das Catacumbas, nas quais a Mãe de Deus aparece, de pé, sozinha, orando de braços [alevantados] e abertos, conforme era costume na época". (cfr. *Bibliografia*, n.º 25). Somente no séc. V, após o Concílio de Éfeso, é que foram divulgadas as imagens [ícones] de Nossa Senhora sentada, com o Menino Jesus ao colo, cópias de um "retrato" da Virgem atribuído a S. Lucas (assim como se atribui a Nicodemos, que, dizem, era escultor, a estátua de N. S. do Amparo, de Lamêgo — Portugal —). — A ícone dita de S. Lucas, em estilo bizantino, pintada sobre madeira (também se fazia de mosaico), tem cópias nos quadros de N. S. das Neves, de N. S. do Perpétuo Socorro, no de Chestokova, etc.(*) — Contrariamente as ícones, as pinturas e esculturas na Arte românica (após o séc. X) apresentam Nossa Senhora de forma majestática, como Rainha, sentada no trono e não na posição de orante antigo. Ela e Seu Divino Filho, geralmente trazem coroa e cetro, bem como o globo terrestre, significando domínio, realeza. É dito de tal estilo, ser *odigtria*, i.é., "com Maria caminho, via, condutora" Os artistas primitivos enfocavam mais o aspecto oracional. — "A Renascença, o desenvolvimento artístico, e, posteriormente o aparecimento das

artes gráficas e o progresso das artes plásticas, muito contribuiram para divulgar as imagens [quadros, iluminuras, letras capitulares, vinhetas, logotipos] de Maria e multiplicá-las quase ao infinito de modo ser hoje praticamente impossível encontrar-se uma capela, adro, uma estampa, uma estátua, uma imagem de claustro, oratório, família [sem falar em igrejas e santuários] que não possua um quadro, Nossa Senhora" (cfr. *Bibliografia*, n.º 25) — Na Arte Sacra, portanto, Maria Ssma. constitui um belo capítulo todo especial: a arte mariana. E não se olvide a contribuição dos "*Vitraux*", o concurso do artesanato, o contributo do cinema, do teatro (cenografia), gravadores, desenhistas, aquarelas, arquitetura, filatélia (selos), numismática (moeda), *ex-libris*, heráldica, e, modernamente, o audiovisual e computuração; do ponto de vista classificatório não deixa, afinal de ser uma manifestação plástico-artística. — V. os verbetes: *Poesia — Música — Escultura — Santuários*.

Nota: A ícone chamada **Virgem de Jerusalém**, que se acha em Moscou não é uma cópia, pois dizem ter sido pintado diretamente por S. Lucas, 15 anos após a Assunção; a ícone foi levada, no ano 453, para Constantinopla pelo Imperador Leão I e daí teria sido transferida para Kiev, por São Vladimir, no ano 898. — Em 1571 o Tzar Ivan IV, o Terrível levou-a para Moscou, entronizando-a na Catedral de Assunção (hoje **Kremlim**). A outra ícone cognominada **Virgem da Vladimir**, embora valiosa, é uma reprodução — das tantas cópias — dada por um Patriarca de Constantinopla ao Príncipe russo Georges Dolgoroukl. (cfr. trabalho do Pe. M. J. Roquêt, S.J.)

ÁRVORE — Se da árvore, que tinha o fruto do Bem e do Mal, Eva acarretou-nos a condenação, Maria nos trouxe Jesus que morrendo noutra árvore (o madeiro da Cruz), trouxe-nos a salvação. Ver o subverbete *Árvore da Vida*, em *Antigo Testamento*.

ASSOCIAÇÕES MARIANAS — "... *ecce enin ex hoc beatam me dicent omnes generationes* (eis que doravante todas as gerações me chamarão Bem-aventurada) — É claro que para amar e louvar Nossa Senhora, proclamar o seu culto e divulgar suas graças não se faz necessário o ingresso nesta ou naquela confraria, a que nos filiemos em tal ou qual movimento ou associação. Individualmente, sozinho posso e devo fazer muito para inserir-me como humilde peça da profecia que a própria Virgem proferiu (toda profecia tem como autor Deus que usa como seu instrumento o profeta). — Inegável é, porém, que, através de uma associação (= união no amor para a consecução de um objetivo) terei sumamente facilitado o atingimento a que me proponho. — Contingentes variados, mas de um só exército — o de Maria Ssma. — as associações, confrarias, movimentos, grupos e comunidades, antigas ou novas, se consoantes o *Sentire cum Ecclesiae*, merecem elogios e aplausos aqui na Terra, e no Céu as bênçãos e graças que o serão de predileção. — Ao bem-aventurado Pedro de Honestis (Séc. XII), se deve as primeiras tentativas da fundação, na Igreja Nossa Senhora, em Porto de Ravena, de uma confraria chamada (e destinada) aos *Filhos e Filhas de Maria;* os membros traziam como distintivo uma medalha pendente do pescoço em uma fita azul, e, uma faixa azul-e-branca na cintura. Essa *confraria* ou *pia un ão* durou vários séculos e foi tamanho o seu incremento que Papas, Cardeais, Bispos, Reis, Im-

peradores, Príncipes e altas personalidades procuravam a ela pertencer. — Na Idade Média, porém, não vicejaram. — No Séc. XVI é que vieram resurgir: 1563 as *Congregações Marianas* e 1594 as *Associações das Filhas de Maria Imaculada*. — Por ordem alfabética eis as mais conhecidas:

— *Apóstolos de Maria* (com sede em Portugal). Tem como Assistente Nacional o Pe. Manuel Antunes, residente em Fátima). V. *Cruzados de Fátima* e *Exército Azul de Fátima*.

— *Associação das Filhas de Maria Imaculada* — Em 1594 o Bem-aventurado Pedro Fourrier, Pároco de Mataincourt (França) promoveu iniciativas para o reaparecimento das confrarias marianas desaparecidas na Idade Média. — Após declarações da vidente, Sta. Catarina Labouré, ao seu confessor, Pe. João Maria Aladel, foi que, consoantes estas palavras: "A Virgem Ssma. quer que fundeis uma associação; vós sereis seu diretor", é uma confraria de Filhas de Maria. ", é que erigiu-se, após 1830, confrarias em todas as Casas confiadas as Filhas da Caridade de S. Vicente de Paulo (que tinha sido congregado mariano).

— *Associação dos Legionários de N. S. Auxiliadora* (sediada no Colégio Salesiano de Santa Rosa — Niterói — RJ), fundada há 50 anos pelo Pe. Emílio Miotti.

— *Associação Maria dos Sacrários* — Seu fundador, Pe. José Maria Rúbio, que nasceu em Dalia e exerceu seu apostolado em Madrid, e morreu em Aranjues (1929), foi recentemente declarado *Venerável*, pela Sag. Cong. das Causas dos Santos.

— *Centro N. S. de Jerusalém* (Inst. Pontifício), fundado na Terra Santa em 1882 pelos PP. Assuncionistas, ao início para dar assistência ao grande número de peregrinos franceses que demandavam aos lugares sagrados (prestou enormes serviços no Congresso Eucarístico Internacional de Jerusalém, em 1893). — Hoje o setor *N. S. de França*, graças ao *Tratado de Mytilène* (1911) desenvolve intensa atividade, inclusive de "hotelaria" (durante a 1.ª Grande Guerra serviu de Seminário). Depois da 2.ª Grande Guerra acudiu os refugiados. — Em presença dos Chefes Religiosos dos 7 ritos de Jerusalém, o Delegado da Santa Sé, Card. Terence J. Cook (Arceb. de New York), promulgou por decisão do Papa João Paulo II, o *Centro N. S. de Jerusalém*, "Instituto Pontifício" (1978). — Atualmente, entre suas múltiplas atividades, cuida da ampliação para hospedagens, organiza um departamento ecumênico.

— *Comunidade Magnificat* — Com sede em Castel dell'Alpi (Bolonha — Itália), é um centro aberto o ano todo a indivíduos ou a pequenos grupos para a oração e contemplação, mormente sobre Nossa Senhora.

— *Comunidade N. S. da Vida Litúrgica* — Com sede em R.D.2. - Box 500 — Bloomingdale, Ohio 43910 — USA, sob direção espiritual do Pe. Francis Marino, S.M., desenvolve apostolado através de escritos, desenhos litúrgicos, aconselhamento, ensino, pregação, grupo de oração, vida contemplativa, tudo centrado com profundidade litúrgica.

— *Confrarias (e Irmandades)* — Como principais o Pe. Roschini elenca as seguintes: Irmandade do Rosário — de N. S. das Dores — de N. S. do Carmo — de N. S. das Graças — do Coração Imac. de Maria — de Maria Consoladora ou **Consolata — de N. S. Rainha dos Corações — de N. S. do Ssmo.**

Coração — de N. S. do Ssmo. Sacramento — de N. S. da Boa Morte — de N. S. Mãe da Divina Providência — e das 3 Ave-Marias.

— *Congregação Mariana* — Surgida em 1563 (fundador: Pe. João Leunis(*) jovem professor de gramática (Línguas) do Colégio Romano, da Companhia de Jesus. Já existira, de própria iniciativa de Sto. Inácio de Loyola associação de 12 homens com Regras semelhantes (Pe. Jerônimo Nadal, notícia, em 1549, confrarias desse tipo na Sicilia), e, anteriormente a Sto. Inácio, eram conhecidos, na Itália os *Colégios da Virgem Maria* (certamente o Pe. Leunis pertencera, na juventude, a um desses Sodalícios). — Nestes 422 anos as Congregações Marianas deram à Igreja: cerca de 60 Santos, beatos e veneráveis — perto de uma dezena de fundadores(as) de Ordens, Institutos e "famílias" Religiosas — os últimos 16 ou 18 Pontífices pertenceram à Congregações Mariana, um sem número de Cardeais, de Bispos e de Sacerdotes também — os seminários tiveram aí verdadeiras sementeiras, a celeiro de vocações sacerdotais e religiosas. Reis, Imperadores, Príncipes, Presidentes e Chefes de Estados buscaram as fileiras marianas em grande número e a relação de Artistas como Poetas, Músicos, Pintores, Escultores de renome internacional atinge a casa das centenas — Cientistas e Inventores, são, também inúmeros — Videntes (a de Lourdes) — mestres da Espiritualidade (Monfort) e tantos outros luminares da Igreja pertenceram as hostes das Congregações Marianas. — Dentre as centenas de documentos eclesiásticos emanados do Magistério de Roma e das Cúrias locais sobressaem o Bula de Ouro "*Gloriosae Dominae* e a Constituição Apostólica *Bis Saeculari Die*. — O Contingente deste verdadeiro "exército azul de Maria", atingiu em todo o mundo a cifra apreciável de 7 milhões! — A sede mundial do movimento (que possui uma Federação, fundada por Pio XII, e um Secretariado entregue aos Jesuítas) funciona em Roma: Borgo S. Spirito, 5; o órgão orientador outrora a revista *Acles Ordinata*, é, atualmente, o boletim *Progressio*. — Promove Congressos (encontros de seus dirigentes e promotores) mais ou menos de 4 em 4 anos em países previamente escolhidos, e, o mais proximamente estabelecido será em Loyola (Espanha), terra daquele considerado pelo saudoso Card. D. Jaime de Barros Câmara (foi Assistente Nacional) como o "avô" das Congregações Marianas.

(*) Nota de rodapé na obra do Pe. Antonio Maurel, S. J.: "Ce Jeune Religieux se nommait Jean Léon; il était de Liége, dans la Belgique. Quelques auteurs l'appellent Jean-Léon Flammingue. Le mot Italien Flamingo, Flamand, Belge, les a induits en erreur. Son nom de famille était Léon (Joannes Leonius, Leodiensis)". — cfr. Le Chrétien Éclaire sur la nature et l'usage des Indulgences, p. 291 — J. B. Pélegaud, Paris/Lyon — 13.ª ed. — 1861.

— *Congregação Universal da Santa Casa de Loreto* — fundada por Dom Tomáso Gallucci (Bispo e Adm. Apost. de Loreto) e Frei Pedro Maria Málaga, ofm Cap. para "espalhar cada vez mais este ninho da Encarnação" (há 600 anos existe o culto, aprovado pela Igreja, a *Casa de Loreto* — ver verbete). — Os papas Leão XIII (breve de 3-7-1883) e Pio X (breve de 21-7-1906), enriqueceram com muitos privilégios e indulgências esta associação que recebe adultos e crianças de ambos os sexos, inclusive falecidos para terem sufragadas suas almas (como a de Ingolstat, na Alemanha, no tocante à Missa). — No Brasil a inscrição poderá ser feita através da Ig. N. S. de Loreto — Vila Medeiros — Cx. Postal, 1301 — S. Paulo.

— *Cruzada Abençoemo-nos Por Maria* — Com sede em Aparecida do Norte (SP), já conta para mais

de 20 mil inscritos desde que começou a propagação (1979), simples e fácil de se obter o ingresso na mesma: "abençoar" em nossa época mais do que nunca, onde a vida dos povos e a vida individual é convulsionada com tantas e tão profundas crises. — Tornar-se uma bênção viva num mundo materialista (...) Em tal época precisa-se de uma legião de almas generosas que querem pôr um dique ao mal" — O inscrito recebe os benefícios da Missa Semanal especialmente celebrada nesta intenção, bem como a *Carta-Circular* de doutrinação (do monge cisterciense alemão Leopoldo Bertsch, traduzida pela Irmã Filomena, Canisiana) — são encontradas também já em 4 vols. da Edit. Santuário de Aparecida — A contribuição financeira é completamente livre, podendo filiar-se sacerdotes e leigos, homens, mulheres e crianças com uso da razão. — Rua França Souza, 58 — Cx. P. 12 — Aparecida (12570) SP.

— *Cruzados de Fátima* — veja *Apóstolos de Maria* (com sede em Portugal).

— *Equipes de Nossa Senhora* — Depois da França, o Brasil é o país onde mais se propagaram as *Equipes de Nossa Senhora*: mais de 800 membros e cerca de 6.000 casais (de 12 Regiões, 58 Setores e 21 Coordenações) do Rio, Minas, S. Paulo, Pará, Amazonas, Paraná, Sta. Catarina, Rio G. do Sul e Distrito Federal. — Promove encontros regulares (EACRE) em variados pontos do território nacional. —

— *Exército Azul de Fátima* — Ver *Apóstolos de Maria* e *Cruzados de Fátima.*

Grupo Mariano — Associação eclesial que revive, em forma atualizada, a *Associação de Maria Rainha dos Corações*, da qual adotou os antigos estatutos. — A espiritualidade é a de S. Luiz Maria Grignon de Monfort, traçado na *Verdadeira Devoção à Maria.* — Propõe-se a participar na missão apostólica da Igreja com robusta fé e experiência de vida, projeto de maturidade cristã que requer a "presença" de Maria que leva até Jesus. — As reuniões são ordinariamente quinzenais para formação e informação mariana. — A contribuição é, sobretudo, apostólica. O órgão oficial é a excelente revista mariana *Madre e Regina* (Centro Mariano Monfortano — Via Romagna, 44.° Roma). — O inscrito participa do espírito e obras da Família Monfortana, sobretudo dos frutos espirituais da Santa Missa que os PP. Monfortanos celebram aos 1.°s domingos do mês pelos benfeitores e defuntos da Congregação.

— *Legião de Maria* — Fundada pelo Abade Toher e o func. da Fazenda (congregado mariano) Frank Duff, falecido com 92 anos, após o Conc. Vat. II, onde tomou parte, nas comissões do Dec. *Apostolicam Actuositatem* e 8.° cap. da *Lumen Gentium*), a 7 de setembro de 1921, 20 h, Myra House, em Dublim (Bélgica). — Inspirados no livro de monfort, *Tratado da Verdadeira Devoção à Maria*, fê-la para suplementar a obra de outro congregado mariano, Frederico Ozanam, com as suas Conferências Vicentinas (são, portanto, "primas-irmãs" as CC.MM., a Legião e as Conf. Vicentinas). — A Legião conta com cerca de 125 mil núcleos no mundo, sendo 6 mil no Brasil. — Em sua nomenclatura usa denominações em latim (como no exército Romano) *Praesidia — Curiae — Comitium — Senatus — Concilium Legionis — Reginae — Catena Legionis — Incola Mariae — Peregrinatio pro Christo — Acies — Exploratio Dominicalis* — e o próprio nome que é *Legio Mariae*, sob a figura do Divino Espírito Santo e sobre a Imagem de N. S. das Graças (Medianeira), num *Vexillum* (= estandarte), à guisa dos ostentados pelas legiões

romanas. — O órgão oficial traz o seu nome — e no Brasil existe em 23 Estados (3 Senatus — 5 Reglae — 643 Curiae — 9.185 — Conta com membros. Ativos: 117.440 e Auxiliares: 468.765. — Expediente no Rio: R. Benjamin Constant, 23 s/523 — Glória — Cep. 20241 — Tel. 224-1873.

— *Mariápolis* (= Cidade de Maria) — Chiara Lubich, durante a 2.ª Grande Guerra fundou na, Itália, o movimento focolarino (já em 146 países) com o objetivo principal de "construir a unidade na Igreja e no Mundo". — Uma vez por ano promove um encontro cognominado *Mariápolis*, ou seja, uma "cidade" (tipo acampamento), com "habitantes de todas as idades, níveis sociais, raças e procedência. O 1.º foi em 1949, nos Alpes italianos; em 1955, após visita a Irmã Lúcia, realizou-se em Fátima, com mais de 1.000 pessoas dos 5 Continentes. — No Brasil, onde o Movimento dos Focolares vai crescendo muito, já tem, a exemplo da *Mariápolis Lopiano* (em Florença), já tem a sua fixa, em Cotia (S. Paulo), *Mariapolis Araceli*, com grande afluência. — Em Aparecida do Norte (19/23 de julho de 1982) e em Divinópolis (julho de 1984) foram realizadas *Marlápolis* exl tuosas: presenças de 17 mil e 1.400 pessoas, respectivamente, de 27 Nações, e 9 idiomas diferentes. — Ao todo já se realizaram 12 *Mariápolis* no Brasil. — Na Alemanha organiza-se um centro que promoverá *Mariápolis* ecumênicas, o que espera fazer no Rio G. do Sul, a CNBB. —

— *Milícia da Conceição Imaculada* — Fundada, em 1917 pelo agora canonizado Pe. Maximiliano M. Kolbe, frade menor conventual, que os nazistas sacrificaram no Campo de Concentração de Auschwitz (Alemanha), dedica-se de modo precípuo ao apostolado da boa Imprensa, i.é., meios de comunicação social (Jornal/Revista/Livro — Rádio — audiovisual — TV). — Aos parques gráficos e outros complexos apostólicos, São Maximiliano denominava *Cidade de Maria*. — É órgão oficial a revista *Cavalheiro da Imaculada* —. Informações: Missão Católica de S. Maximiliano Maria Kolbe — Frades Franciscanos Conventuals — Jardim Imaculada — 77.222, Cidade (Go) Via DF. —

— *Movimento Sacerdotal Mariano* — Nascido no Mês de Maria, dia 8 exatamente, do ano de 1972, sob inspiração de Nossa Senhora, em Fátima, quando Pe. Estevão (Stéfano) Gobbi, resolveu empreender o grande projeto de ajuda espiritual aos sacerdotes de todo o mundo. A idéia do movimento viera-lhe quando concelebrava, em Nazaré, na Basílica da Anunciação. Já em julho de 1973, Pe. Gobbi recebia as primeiras "locuções Interiores", base do movimento. — No fim de 1973, em San Vitorino Romano (Santuário dedicado a N. S. de Fátima) realizava-se a 1.ª Reunião do então *Movimento Sacerdotal Mariano*, que, milagrosamente vem crescendo no mundo todo; nestes 15 anos já se registram mais ou menos: 2.700 (Itália) — 5.300 (demais países europeus) — 7.000 (Américas) — 1.500 (Ásia) e 1.300 (África), estatísticas já de muito superadas, pois levantadas há 2 anos atrás. — O movimento é aberto aos leigos e o opúsculo com as "locuções interiores", *Nossa Senhora aos Sacerdotes seus Filhos Prediletos*, já em 6.ª edição, com mensagens de 7-7-73 a 1.º-7-83, e outros informes, pode ser obtido: Inst. Missionário Coração Imac. de Maria (IMCIM) — Cx. P. 92 — José Bonifácio (15200) S. Paulo).

Oblatos de Maria Imaculada — Associação fundada e ereta em 1964, nos EE.UU., contando já com 7.000 membros. A sede é no Santuário de N. S. da Neve (Belleville, Illinois). — Na mais re-

cente convenção que os Oblatos tiveram no Santuário, aprofundou-se a responsabilidade do apostolado: "Diante do sofrimento alheio geralmente nos penalizamos, deploramos.. mas é preciso fazer algo mais; e o momento é chegado". — Os Oblatos de Maria Imaculada atendem prioritariamente os doentes, sobretudo se são crônicos. —

— *Ordens Tercelras* (estritamente marianas) — As principais são: a dos Carmelitas — a dos Servos de Maria (Servitas) — e a dos Mercedários (N. S. das Mercês).

— *Pia União das Filhas de Maria* — Deve sua origem à Associação das Filhas de Maria Imaculada, com a qual é comumente confundida (até mesmo com as Congregações Marianas Femininas isto acontece). Na paróquia de Sta. Inês, fora dos muros em Roma, é que atingiram pleno desenvolvimento, vindo do germe estabelecido nas Casas das Irmãs da Caridade, de S. Vicente de Paulo. Em 1864 foram estabelecidas canonicamente pelo Pe. Alberto Passerl, Cônego Regular da mesma Ordem a que pertencera o bem-aventurado Pe. Pedro de Honestis e Pe. Pedro Fourrier. *Fundadores* marianos. Em 16-1-1866 recebeu o sodalício da paróquia de Sta. Inês a dignidade de *Primaria*, e pela breve de 4-2-1874, a faculdade de agregar todas as Pias Uniões existentes e por existir. Leão XIII ampliou grandemente este e outros favores. — O órgão oficial é a revista *Salve Regina.* — Luta para constituir, no Brasil, uma Confederação, Já existindo nas dioceses as Federações. — No Rio de Janeiro, funciona à Rua Debret, 23/615 — Tel. 221-6805 — Castelo — Cep. 20030.

— *Congregações/Ordens/Institutos de Religiosos* — O Pe. Gabriel Roschini forneceu, quando ainda em vida, a relação a seguir: Carmelitas — Irmãos de Maria de Monte Carmelo (aprov. 1226) — Mercedários (1218) — Servos de Maria (1233) — Clérigos Regulares da Mãe de Deus (1574) — PP. Missionários da Companhia de Maria ou Monfortanos (1705) — Oblatos de Maria Imaculada (1816) — Oblatos de Maria Virgem (1815) — Sociedade de Maria ou Marianistas (1817) — Sociedade de Maria ou Maristas (1822) — Filhos de Maria Imaculada ou Pavonianos (1821-1847) — Agostinianos da Assunção ou Assuncionistas (1845) — Filhos da Bem-Aventurada Virgem de Luçon (1828) — Missionários da Imaculada de Lourdes (1848) — Missionários Filhos do Coração Imac. de Maria ou Claretianos (1849) — Missionários de N. S. da Salette (1852) — Cônegos Regulares da Imac. Conceição (1866) — Sacerdotes de Maria de Tinchebray (1851) — Cong. do Coração Imac. de Maria ou Missionários de Scheut (1862) — 3.° Capuchinhos de N. S. das Dores (1889) — Filhos de Maria Imac. (1866) — Cong. dos Clérigos Regulares Marianos (1670) — Irmãos de N. S. da Misericórdia (1830) — Pequenos Irmãos de Maria ou Maristas das Escolas (1817) — Irmãos Hospitaleiros Filhos da Imac. Conceição ou Concepcionistas (1857). — Muitos destes Institutos têm o seu ramo feminino. — Acrescentamos: Inst. da Consolata para as Missões Estrangeiras — Sociedade Maryknol para as Missões Estrangeiras — Cong. do Espírito Santo e Imac. Coração de Maria — Cong. dos PP. Marianos (fundados na Polônia, pelo Pe. Stalislau Papczynski, em 1695) — Cong. Franciscanas Missionárias de Maria (fundada por Maria da Paixão, em 6-1-1877, na Índia) — Cong. das Irmãs Rosarianas (fundada em 1928, em Sri Lanka, India) — Irmandade Evangélica de Maria (fundada por Madre Basiléa Schilink, em Darmstadt, Alemanha — no Brasil: Cx. Postal. 3440 (80000) Curitiba — PR.

AURORA — Devido ao seu esplendor de beleza, ao preceder a luz do dia, pronunciar o brilho, a luz, o raiar do Sol (Cristo Jesus), é figura de Maria. Ver este subverbete em *Antigo Testamento.*

AVE — cumprimento latino muito comum (= salve, saudações); especialmente usada pelos súditos e palaclanos romanos, era a Interjeição: "Avel eu te saúdo". — Se fosse soldado, perfilava-se levantando o braço direito e seguidamente golpeava o peito. — Traduzia servidão, prontidão, lealdade. — Na arena do Collseu, antes do martírio pelas feras, os cristãos, por altiva ironia e derradeira prova de fé no seu Deus, exclamavam: *"Ave! César, morltere te salutem."* — Na versão *Vulgata* da Bíblia, é a expressão dita pelo anjo ao anunciar a Virgem da sua escolha para a maternidade divina. — Muito utilizada pelos pregadores e comentadores é o anagrama formado com o nome da nossa primeira mãe: Eva/Ave. —

AVE-MARIA — A *Ave-Maria,* antes de chegar a recitação na forma atual percorreu um longo caminho através dos Séculos que ousamos resumir assim: Com toda probabilidade a saudação de S. Gabriel [*Ave(..)tecum*] e a de Sta. Isabel [*benedicta (.) ventris tui*], ora uma, ora outra, os fiéis, repetindo-as, oracionalmente, o faziam por natural *imitação.* — No Oriente (Séc. V) e no Ocidente (Séc. VII) essas duas "saudações" aparecem unidas; e nessa mesma época introduziu-se o nome da Virgem: *Maria* (que o anjo não disse). — O nome *Jesus,* que se segue as palavras *ventris tui* só foi incluído na fórmula no Séc. VII (Oriente) e Séc. XII (Ocidente). — A 2.ª parte — *Santa Maria* — foi acrescentada à 1.ª parte, no Séc. XIV, assim mesmo com variantes. Na forma completa, a *Ave-Maria* só é documentada numa poesia acróstica do servita, Pe. Gasparino Borro († 1498), portanto, há 485 anos. — O uso, a difusão mais ampla, universalização em todas as Igrejas e ritos, se deve a São Pio V que aprovou a fórmula definitiva, Inserlu-a no *Brevlário Romano* e ordenou aos sacerdotes que a recitassem antes das *Horas* do Ofício Divino. — *Ave-Maria* diz-se ainda das contas pequenas do Rosárlo/Terço e do toque dos slnos ao *Angelus.* — expressões populares: *ligeirinho como Ave-Maria* (= rápido, curto, depressa); *saber como a Ave-Maria* (= com segurança, de cor. de memória); *"Ave-Maria!"* (espanto, alívio, alegria). (cfr. *Bibliografia* obra n.º 1 e 2. — V. verbetes e subverbetes: *Ave — Angelus — Saudação angélica — Rosário/Terço.*

Nota — Lágrimas de Nossa Senhora (a contlnha **Ave-Maria** com a qual se fazem terço em muitos lugares) é a missanga originária d'Africa, inclusive alimentícia, quando ainda verde.

"Mais do que nunca Maria Ssma. está *viva* e *presente,* Ela não é um mito religioso, ou figura lítero/folclórica, não é uma personagem de ficção, mas criatura singularíssima, de presença constante, *vizinha* da gente, próxima de nós; tanto mais vizinha e próxima quanto mais amada. Porém, para ser amada carece ser **conhecida".**

(tema do retiro pregado pelo Autor, em tríduo preparatório para os 85 anos de C.M. da Ig. Matriz de Sant'Ana, cognominada "Prima Primária Carioca" — Rio)

B

BELÉM (heb. *bêt'lahem* = casa do pão) — Aldeia inexpressiva até o nascimento de Cristo, mais conhecida como Éfráta (= frutuoso). — Belém de Judá era a terra de casa de Davi e ali tiveram lugar a unção do rei-salmista-profeta, bem como o feito dos seus valentes irrompendo nas fileiras dos filisteus para tirarem a água dos poços em seu poder. — Dista 8 km de Jerusalém. Aí, atualmente, está a formosíssima Igreja da Natividade, construída durante as Cruzadas (no local da primeira construída pela mãe de Constantino († 327), Sta. Helena; aí, o pai da *Vulgata*, S. Jerônimo construiu um convento. Jamais foi possível escavações pelos arqueólogos, devido a uma série de injunções político-religiosas dos credos ali sediados.

BELEZA (física) — Fisicamente, também de perfeição absoluta, não se encontra termos de comparação para se aquilitar da beleza exterior de Nossa Senhora. A Liturgia canta: " *toda bela és Maria*!", conseqüência lógica do "*toda cheia de graça*" — V. o subverbete *Beleza Física/Corpo*, inserido no verbete: *Pessoa*.

BEM-AVENTURADA — É como os Doutores da Igreja, os Santos Padres, os comentadores e exegetas costumam e preferem chamar Nossa Senhora devido o profundo e alto significado teológico desse apelativo. Bem-aventurada (feliz) porque recebeu no mais elevado grau as Bem-aventuranças, originadas da *Pobreza de Espírito* (distituição, ausência total e absoluta de ambição mundana) — *Mansidão — Fome e Sede de Justiça — Misericórdia — Pureza de Coração — Paz de Espírito — Perseguição sofrida pela Justiça*. — Mediante estas Bem-aventuranças, que Maria as teve em Si em grau superabundante — atos perfeitos das Virtudes e dos Dons do Espírito Santo, — Maria tem de ser, forçosamente, feliz (Bem-aventurada) e, já estando na bem-aventurança eterna, é-nos penhor dessa felicidade que almejamos gozar com Ela junto a Jesus, seu Divino Filho. V. verbetes: *Dons do Esp. Santo* — Frutos do *Esp. Santo* — *Virtudes*.

BIBLIOTECA (Mariana) — Desde o séc. XVIII a mais antiga biblioteca mariana, e também a maior, do mundo, sediava-se em Portugal (seu acervo, unido a muitos outros encontra-se no Santuário de Fátima). Atualmente a maior mesmo, de mais rico acervo e diversificada é a que surgiu em 1943 em Dayton (USA) com mais de 60.000 volumes de temas mariológicos, crescendo ao ritmo de 1.500 a 2.000 títulos por ano. Não é exclusivamente uma grande *casa de livros*, mas constitui verdadeiro e utilíssimo *centro de documentação marial*; recolhe também quadros, imagens, estampas, postais, fotografias, diapositivos, filmes, "*slides*", material audiovisual, "santinhos", cartazes, selos e, catalogados em centenas de pastas-arquivos, uma massa de recortes de publicações do mundo todo. Está, portanto, apta a satisfazer as necessidades de todos os devotos e estudiosos, bem como atender ao mais exigente pesquizador. — Quando em 1953 completou 10 anos de fundada, adquiriu o valioso acervo de 10.000 obras, sen-

do que 6.500 exemplares tinham pertencido ao bibliotecário de Lyon (França) Leon Clugnet (1848-1920). — cfr. *L'Osservatore Romano*, 12-6-1983. — No Brasil, algo semelhante será a Academia Mariai, fundada por ocasião do 11.º Cong. Eucarístico Nacional, em Aparecida (SP) e funcionando na Torre da Basílica nova (11.º and.).

BRASÃO (mariano do Papa) — "O brasão que João Paulo II escolheu para o seu pontificado, propõe-se, antes de tudo, ser uma homenagem ao mistério central do Cristianismo: Redenção; representa-o uma Cruz, cuja forma não corresponde a nenhuma dos habituais modelos heráldicos afins. A razão da insólita deslocação da parte vertical da Cruz (*stipes*) é fácil de ver e aceitar se se considera que foi para acolher o segundo objeto inserido no brasão: *M* de Maria, maiúsculo, majestoso, sob a haste horizontal (*patibulum*), recordando a presença de Nossa Senhora ao pé da Cruz (*Stabat Mater*) e a sua excepcional participação na Redenção. Deste modo se manifesta a intensa devoção do Pontífice à Ssma. Virgem, tendo-o a confirmá-lo expressamente o mote: *Totus Tuus*, que o acompanha desde Ordinário da Prov. Eclesiástica de Cracóvia, onde está o célebre santuário mariano de Chestochowa, sendo também sua divisa como Cardeal Wojtyla". (*cpd* do que escreveu o Pe. Romeu Ribeiro de Faria, S.J., na 4.ª de capa do nosso livro, cfr. *Obras do Autor*, contra-capa: *Puebla-João Paulo II-Maria*. — O mote *Totus tuus*, sem dúvida alguma reflete o grande apreço do Papa pelo insigne mariano, S. Luiz Maria Grigmon de Monfort (da escola de espiritualidade francesa (Seminário de S. Sulpício e em Berulle), que no seu *Tratado da Verdadeira Devoção a Maria*, naquela "escravidão de amor" proclama; "Ó quanto é feliz quem dá tudo à Maria, e à Maria se entrega e se abandona em tudo e por tudo! Ele é, com tudo de Maria e Maria é toda sua." (n.º 179) — E, quando reitera o pensamento e palavras de S. Bernardo e S. Boaventura: *Sono tutto tuo e quanto ho tutto ti appartiene* [ó Virgem Benedetta!] (n.º 216) — É o que está na Bíblia: *Tuus totus ego sum, et omnia mea tua sunt* (sou todo teu e tudo que é meu te pertence). — Aliás, os membros da Arquiconfraria de Maria Rainha dos Corações, podiam lucrar uma indulgência de "300 dias todas as vezes que repetiam: Sou todo vosso e tudo que possuo vos pertence, ó meu amável Jesus, por Maria, vossa Mãe Ssma." (Vant. e privilégio n.º 3). — A mesma linha verificamos no Sl 118,94: *Tuus sum ego, salvum me fac!* (Eu vos pertenço [Maria], salvai-me!) — Mas o mote ganha mesmo relevo quando buscamos paralelismo ou conotação, ou paráfrase na divina fala da Cruz: "...*filius tuus Mater tua*..." — De certa forma, no brasão de Pio XII está figurada Nossa Senhora no símbolo da Pombinha da Paz (e Maria é a Rainha da Paz); o enfoque é diretamente a Paz, inclusive devido ao seu nome de família nobre *Pacelli* (= pequena paz).

• • •

"Nasceu Maria! Universal Alegria!"

(slogan vencedor no concurso instituído pela Conf. Nac. e Federação das CC.MM. para os festejos dos 2.000 anos do nascimento de Nossa Senhora, no Rio de Janeiro, apresentado pelo Autor com o pseudônimo de **Daniel**, e que foi inserido no cartaz oficial também em croquis elaborado pelo Autor)

"Jamais faltará alegria na Terra, enquanto palpitar um coração de mãe; e o que nos é Maria no Céu e na Terra?"

(Cardeal Mindszenty, no livro "Mãe", esgotado)

C

CARISMAS/DONS — A Ssma. Virgem recebeu — segundo S. Tomás de Aquino — *em hábito* (= potência) e *em ato* (manifestamente), carismas, ou seja, dons e graças ou favores gratuitos tais como: a palavra da sabedoria — a palavra da ciência — o dom da Fé — o da cura — o dos milagres (embora a Bíblia não mencione nenhum) — o da profecia (exemplo maior: *Magnificat;* mas profecia também significa *ensinar)* — o discernimento dos espíritos — o dom das línguas e das interpretações. — Todos estes dons, caríssimas, favores e graças eram convenientes à sua condição de Mãe de Deus e missão de correndetora. — V. os verbetes: *Alma — Dons do Esp. Santo — Frutos do Esp. Santo — Virtudes — Bem-aventurada.*

CASA (de Nossa Senhora) — "A casa de Maria, como quase todas as outras, era pequena e localizada numa colina em Nazaré. Havia na frente uma soleira de pedra (...) Para se entrar, empurrava-se uma cortina (...) O interior consistia de 2 cômodos; o da frente era a oficina de José [com muitas ferramentas do seu ofício e uma banca]. No segundo cômodo havia um fogão da terra-batida (...) Cozinhava-se ali no interior revestido de pedra [o pão, a broa e bolinhos, tão da especialidade e gosto das donas-de-casa judias] A família dormia no pavimento de cima [espécie de terraço] Havia [embaixo] uma mesa [mais ou menos grande] Não havia cadeiras porque somente os judeus ricos sentavam para comer e haviam aprendido isso com os viajantes gregos. Ao lado da mesa havia uma bála [manjedoura de animais] de madeira, para o jumentinho. Ele era, como que, um membro da família, muito importante [ajudava nos trabalhos domésticos, como por exemplo, no transporte] O burrico era afagado com ternura e amado; até se conversava com ele [que abanava as orelhas e batia a cauda como que respondendo!] Sacos e vasilhas com alimentos cru ou já preparados, bem como, o odre de vinho pendiam da parede, perto da única janela." — Talhas de pedra e bilhas de barro/cerâmica estavam dispostas perto do fogão conforme a serventia da água: se para a higiene corporal ou abluções e lavagem de pequenas peças do vestuário ou se para o uso da cozinha. — Enroladas e de pé, ficavam num canto da parte superior da casa, as esteiras de dormir, no chão alguns judeus usam catre ou estrado, dito "leito"). — Tudo arrumadinho numa casa muito pobre e modesta, mas era como diz o povo: um brinco. — (cfr. *Bibliografia* obras sob os n.ºs 3, 12 e 45), e o verbete: Santa *Casa de Loreto.*

CASAMENTO — Os costumes (ritos/cerimônias) matrimoniais dos judeus de há 2.000 anos atrás estão devidamente registrados; constituíam-se de 3 etapas bem distintas: 1.ª) negociações dos interessados, i.é., pais ou chefes de clãs (na falta destes, funcionavam os parentes mais próximos ou tutores). — Estabelecia-se o chamado *dote* (trocas ou verdadeiras compras e vendas de bens e pro-

priedades, tudo como num negócio qualquer). Esta fase poderia durar meses e até mesmo um ano, com encontros, reuniões, demandas, sem necessidade ou obrigatoriedade do conhecimento e presença dos noivos. — 2.º) a etapa dita *qddushin* (desponsório, i.é., noivado), consumava-se na Corte (Templo) perante autoridade competente o compromisso formal, onde, implícita e explicitamente constava a finalidade do casamento a partir daquele contrato (*ketubbah*). Exemplo: só pelo "decreto de repúdio" (= divórcio) poderia livrar-se da noiva; esta, em caso de infidelidade, poderia ser apedrejada; em algumas cidades — Nazaré excluía-se da relação desde há 500 anos — a co-habitação e união conjugal era permitida no período *qddushin*. — O comum, nesta 2.ª fase era, ao final dos atos, cada qual seguir para suas casas. — 3.º) chegava-se ao *nissu'in*, ou seja, bodas, de fato o dia do casamento, quando o noivo (agora sim, esposo) levava em cortejo festivo a sua mulher (esposa) para sua casa. Fazia-se então, mesmo os de menos posses, uma grande festa. Obviamente, com diferenças de circunstâncias, assim sucedeu com o casamento de Maria e José, pois o evangelista (Mt 1,18-21) alude apenas a etapa dita *qddushin*. — O jovem Agapo, também candidato a esposar Maria, não escolhido, quebrou a vara (Ver quadro de Murilo), fato consignado num trabalho de Adyr Amaral, no Serra — Tijuca. — ver os verbetes: *Esponsais* e o Apêndice: *Cronologia Biográfica*.

CATACUMBAS (do gr. *Katá* = para baixo + *Kymbê* = escavação) — Eram os cemitérios subterrâneos de Roma, utilizados pelos primeiros cristãos para as reuniões e culto, a fim de escaparem à fúria dos perseguidores. — Sítios, hoje, para a Igreja, de valor inestimável, já pelas obras artísticas de precioso conteúdo arqueológico e já pela Fé que ali está documentada de modo eloqüente, mostrando o modo de ser dos primeiros cristãos. — Aos que tentam negar não ter sido Nossa Senhora cultuada desde os primórdios, e que sua veneração é invenção bem posterior, uma "visitinha" às catacumbas é um riquíssimo manancial, fonte cristalina e abundante das mais belas provas da posição singular da Virgem: *Catacumba de Priscila* (via Salário), a pintura mais antiga de Nossa Senhora (primeira metade do séc. II), Maria e o Menino, e, apontando-a, (os arqueólogos querem que a figura que o faz seja o Profeta Isaías: *Eis que uma Virgem conceberá e dará à luz*), mas outros pesquisadores acham que seja Balaão (*Um astro sairá de Jacó*). — A chamada "Virgem de Sta. Priscila" tem o seu valor dogmático não menor do que o artístico. — Ainda na *Catacumba de Sta. Priscila*, também do Séc. II — uma "epifânia" — uma *Anunciação* — uma Virgem orante — uma Virgem sentada com o Menino — Adoração dos Magos, com a presença de Balaão — e metade do Séc. III, uma Virgem velante. — Na *Catacumba de Domitilia*, do Séc. III: Maria com Isaías — Epifânia, com as faces de Maria cobertas — e, do Séc. IV, a Virgem e o Profeta Miquéias. — *Catacumba de São Calixto*, do Séc. III, uma "epifania" — *Catacumba de São Sebastião* (Via Apia Antiga), dos Sécs. III/IV, a Virgem com o Menino. — Nas outras várias catacumbas, diversas cenas da *Anunciação* e "epifânias" — Nos *graffittos* (inscrições feitas sobre o reboco com um instrumento pontiagudo) do chamado *Muro-g e Muro Vermelho*, achados junto a *Memória Petri*, nas grutas Vaticanas, entrelaçados os nomes de Cristo-Pedro-Maria; abreviado algumas vezes e outras por extenso mesmo. Geralmente o nome da Ssma. Virgem está unido apenas ao de Cristo e noutras vezes com o de Pedro, provando que em Roma, já no final do Séc III

e princípio do IV no culto comunitário estavam associados o Redentor, o seu primeiro Vigário (Papa) e a Virgem Ssma. — Num desses *graffitos* os 3 nomes estão claramente unidos num brado de Vitória: *Nica* [Vince] *Ch*[risto] *Maria Pe*[tro] ou assim: *NICA* [Vincit] *Chr*[istus] *Maria Petrus*. (entre colchetes, em corpo claro, está a complementação daquilo que no "*graffito* aparece abreviado, aqui, em itálico/grifo). — Nas Catacumbas romanas encontramos os traços do culto a Nossa Senhora, prova cabal contra aqueles que acusam a Igreja de ter "inventado" esta forma de promoção da Virgem.

CAUSA MORTIS — De quê? Como morreu Nossa Senhora? — Todos os que têm se ocupado desse ponto são unânimes: *de amor*. — Não foi de doença alguma, não foi dos costumeiros achaques da velhice (aliás, os sinais da anclanidade não se lhe notaram). — São discordantes os autores quanto a idade da Virgem; por ocasião do Pentecostes estimam grande parte deles que atingira 47 anos e permaneceu ainda 25 anos na Terra; Ela terminou sua carreira terrena aos 72 anos (cfr. na *Bibliografia*, obra n.° 10). — "A morte da Ssma. Virgem foi suave, como o tinha sido a sua vida; Ela vivera de amor, Ela morreu de amor. Chegada ao cume da mais incompreensível santidade, a sua alma desapegou-se calmamente do seu santíssimo corpo. O seu último suspiro foi uma aspiração de amor que A levou como que naturalmente até as alturas do Céu." (cfr. obra supra). — "Preservada do pecado original, deveria não morrer. Se morreu foi, não por necessidade da natureza, não por doença, não por velhice, mas unicamente por semelhança com o seu Divino Filho. E, tal como o Filho não havia de conhecer a decomposição do túmulo. A sua carne virginal tornava-se irmã dos anjos. Morreu, não à maneira dos outros homens, nem mesmo à maneira dos maiores santos que pelo Amor; morreu para passar, com o seu próprio corpo, deste nosso mundo para o Mundo Superior." (cfr. *Bibliografia*, n.° 42). — "Maria Ssma. morreu *no amor*, morreu *por* amor, mas sobretudo *de amor*, o amor foi a *causa* da sua morte. Morrendo *no amor*, Maria morreu como Mãe dos homens. Morrendo *por amor* Ela morreu como Rainha dos mártires. [testemunhas, devotos Dela] Morrendo *de amor*, Ela morreu como Mãe de Deus. É a única morte que lhe convinha, e que podia separar a alma de seu corpo." (cfr., *Bibliografia*, n.° 10). v. verbetes: *Assunção — Dormição — Morte* e *Túmulo*.

CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO — Estabelecido pelo Papa Bento XV, em 1917, teve vigência até nossos dias com pequenos reparos (1926 e 1939). — Em 1959 João XXIII nomeou comissão para reformá-lo. — João Paulo II, em 25-5-1983 promulgou a nova redação em caráter provisório, cujo prazo foi vencido em dezembro de 1984. — No texto jurídico para toda a Igreja, que trata da devoção aos Santos, das imagens sagradas e das relíquias, lê-se no cânon 1186 (Liv. 4.° — 2.ª parte — Título 4.°): "Para *promover a santificação do Povo de Deus, a Igreja recomenda a devoção especial e filial dos fiéis, a Bem-aventurada sempre Virgem Maria, Mãe de Deus, que Cristo constituiu Mãe de todos os homens...*" — 5 cânones do novo Código (1230 a 1234), legislam de forma genérica sobre santuários; mas, como é sabido, a maior parte deles, espalhadas pelo mundo afora, estão dedicados a Nossa Senhora. — Já no *Diretório sobre o Ministério dos Bispos* (1973) da respectiva Sag. Congregação, estavam exaradas diretrizes neste sentido. (cfr. n.° 90, b.).

COLIRIDIANOS — (do gr. *Kohhúga* = tochas) — Seita quase que exclusivamente composta de mulheres, que na Trácia e Scisia, pelo séc. IV, divulgavam intensamente a *divindade* de Maria Ssma. procurando torná-la objeto de culto de adoração, promovendo, portanto verdadeira *mariolatria*; como usavam muito as tochas não só como elemento do culto, mas também para iluminar os lugares do mesmo, desta denominação acidental advelo o nome principal.

CONC. VATICANO II — Nos 22 Concílios Ecumênicos já realizados na Igreja, nenhum abordou tão amplamente Maria como o Vatic. II — E dos 16 documentos promulgados nesta grande assembléia eclesial, 7 deles se referem à Nossa Senhora, destacadamente aquele que é o central, Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, dedicando-lhe todo o Capítulo 8.°. — E, ao clausurar-se este parlamento insigne, o mundo ouvlu exultante o Papa outorgar aquele título tão ansiado: ***Mater Ecclesiae.*** — "O mistério de Maria é inseparável do mistério de Cristo, já o sabíamos (. .) Mas porque é inseparável do mistério de Cristo é-o também da Igreja (...) Colocada Maria assim, em pleno coração da Igreja, aparece, na Doutrina do Concílio, muito mais "do nosso lado". (cfr. na Bibliografia obra n.° 23). — Os 7 documentos conciliares que fazem referência a Maria são os seguintes: Constituição *Sacrosanctum Concilium*, n.° 103 — Dec. *Unitatis Redintegratio*, n.°s 15 e 20 — Decl. *Nostra Aetate*, n.° 3 — Dec. *Apostolicam Actuositatem*, n.° 4 — Dec. *Ad Gentes*, 42 — Dec. *Presbyterorum Ordinis*, n.° 18 — e Const. Dogmática *Lumen Gentium*, todo o cap. 8.°, n.°s 52/69. — Deste 8.° capítulo compusemos esta **ladainha, à guisa da Lauretana, batizando-a de *Conciliar*** (entre parêntesis está o n.° da *invocação* dentro do 8.° Capítulo):

Mãe de Deus toda Santa (56) — Mãe Santíssima (53) — Mãe de Deus e do Redentor (53) — Mãe do Filho de Deus (53) — Mãe do Salvador (54) — Mãe do Redentor (54) — Mãe de Jesus (56) — Mãe de Cristo e Mãe dos homens (54) — Mãe dos membros do Corpo Místico (53) — Mãe da Igreja (aloc. de clausuramento) — Nossa Mãe na ordem da Graça (61) — Modelo de Virgem e Mãe (63) — Virgem de Nazaré. (56) — Virgem Bem-aventurada (66) — Virgem íntegra e que puramente guarda a palavra do Esposo (64) — Virgem Maria, que recebeu o Verbo de Deus no coração e no corpo (53) — Imaculada Virgem (59) — Modelo de Virgem (63) — Bem-aventurada Virgem do Mistério do Verbo Encarnado e do Corpo Místico (54) — Filha Predileta do Pai (53) — Filha de Adão (56) — Excelsa Filha de Sião (55) — Serva do Senhor (56) — Sacrário do Espírito Santo (53) — Nova Eva (63)

— Casa de Salvação (56) — Sinal de esperança segura (68) — Rainha do Universo (59) — Conforto para o Povo de Deus (68) — Imune de toda a mancha de pecado (56) — Membro supereminente e toda singular da Igreja (53) — Bem-aventurada por causa de Sua Fé na Salvação prometida (57) Generosa companheira e humilde serva do Senhor (61) — Advogada, Auxiliadora, Adjutriz, Medianeira (61) — Tipo da Igreja na ordem da Fé, da Caridade e da perfeita união com Cristo (63) — Tipo e modelo excelente da Fé e da Caridade (53)

— Exaltada, depois do Filho, acima de todos os homens e anjos (68)

— Exaltada no Céu sobre todos os bem-aventurados e anjos na comunhão de todos os Santos (69).

Não apenas pode ser recitada ou cantada esta Ladainha, mas estudada, analisada, reflexionada em círculos, cenáculos e grupos de oração.

— São 12 Invocações com este título que nos inspira tanta confiança e amor: ***Mãe.*** — Seguem-se

7 vezes aquela prerrogativa tão do gosto da Liturgia: *Virgem*. — Como *Filha* é colocada em nível de excelsitude. — E um desfile radiante, luminoso de títulos e invocações nos mostra Nossa Senhora sob uma auréola de sublime singularidade. — Ao promulgar a Const. Dogmática de cujo 8.º Cap. extraímos esta Ladainha, disse Paulo VI: "É a primeira vez que um Concílio Ecumênico apresenta uma síntese tão extensa da doutrina católica sobre o lugar que cabe a Nossa Senhora no Ministério de Cristo na Igreja" (cfr. na *Bibliografia* obra n.º 76).

CONSAGRAÇÃO (do lat. *consagrare* = ato de se dedicar, separar, destinar coisa ou pessoa a serviço de Deus): consagração episcopal; cerimônia de profissão monástica; dos objetos e paramentos retirados do uso profano; vida religiosa em comunidade (ou não), seguindo, por voto perpétuo ou temporário, os conselhos evangélicos, destacadamente: pobreza, castidade e obediência. — Em sentido absoluto somente a Deus se pode consagrar; entendem-se em sentido subordinado, relativo ou restrito todo e qualquer ato de congração: à Nossa Senhora, aos Santos, a lugares, etc., *por que está com Deus, onde está Deus, que leva a Deus* e Deus está neles e com eles. — Realiza a máxima, o axioma, o lema: *Ad Iesum per Mariam*, um caso específico da consagração à Nossa Senhora, estando dentro de todo o contexto bíblico — teológico — litúrgico (Ela mesma, Maria Ssma. pediu que se consagrasse ao seu Imaculado Coração, Indivíduos e Nações)

— Não através de meras fórmulas de puro sentimentalismo como lembrou Pio XII, mas de sincera, livre e decidida doação por acendrado amor, como está na espiritualidade de S. Luiz Grignon de Monfort. — Inúmeras são as fórmulas ou atos de consagração aprovados pela Igreja (a mais recente foi a de João Paulo II, por ocasião do Jubileu da Redenção).

— Bela prática que pode e deve ser feita após o Batismo — 1.ª Comunhão — Crisma — 15 anos

— Noivado — Casamento, etc. — Ver os verbetes: *Devoção — Brasão Papal — Rússia.*

CORAÇÃO — Se algum coração na Terra ou no Céu salu à imagem e semelhança do coração de Deus criador como Ele desejou (Gen 1,27), este coração foi e é, sem dúvidas alguma, aquele que pulsa no peito da Virgem Santa. Coração tão semelhante ao de Jesus que Ele, à hora da morte no Calvário, nô-la deu por Mãe e entregou-nos como filhos aos cuidados desse coração, na pessoa do discípulo amado: "*Ecce fillius tuus*; *ecce Mater tua*" (Jo 19-26-27) — Duas vezes o evangelista S. Lucas alude ao coração de Nossa Senhora: 1.º — "*Maria autem conservabat omnia verba haec conferens in corde*" (Maria conservava todas estas palavras em seu coração — 1,19) e, 2.º — " *et Mater ejus conservabat omnia verba haec in corde* (e a sua Mãe conservava todas estas palavras em seu coração — 19,51) — Este símbolo da vida, sede de todos os nossos sentimentos, amor perfeito e sem peias, ganha em Maria elevação e dignidade sem par. — Desde os primeiros séculos, farta e bela colheita de alusões ao coração de Maria poderá ser feita nos Santos Padres, Doutores da Igreja e teólogos, ao referirem à sua vida, à

sua pessoa e virtudes; entre outros, Sto. Ambrósio, Sto. Agostinho, S. Leão Magno, S. João Damasceno, S. Gregório Taumaturgo, Sto. Efrém. — Referem-se de preferência ao coração transpassado pelas espadas preditas por Simeão; A S. Jerônimo se atribui estas palavras: "... *quod paesiones in corpore Filli, tot vulnera In corde Maria* (quantas feridas no corpo de Filho, tantas chagas no coração da Mãe) — A Igreja em sua Liturgia, os Doutores, Comentadores e Autores ecleslásticos vão haurir bem longe, nas páginas do Antigo Testamento, alusões admiráveis ao coração de Maria, quando, como por exemplo, lhe aplicam estas palavras, nestes dois textos: "*Ego dormio ete cor meum vigilat* (Eu durmo, mas o meu coração vigia, vela. — *Cant* 5,2), e "*Pone me ut signaculum super cor tuum* (imprime-se como um sinal indelével sobre o teu coração — *Cant* 7,6). Se com o coração materno de toda mãe terrena isto acontece, ou seja, são vigiadoras, veladoras incansáveis, o de Maria Ssma., nossa Mãe Celeste, mesmo dormindo vigia, vela, palpita, porque não deixa um só instante de crepitar, isto é, arde, bate, aceso está em viva chama por nós, noite e dia. — O Santo cura d'Ars, São João Batista Vianey, agradecido por esta vigilância de Maria, fazia-lhe esta prece diária: *Ó Maria, que todas as Nações glorifiquem, que toda a terra Invoque e bendiga o vosso coração.*" — Ao nosso agora Beato (e futuro Santo) José de Anchieta, no seu poema *De Beata Virgine*, cabe a honra de ter sido o primeiro — ele que foi o primeiro num mundo de coisas aqui no Brasil — foi o primeiro que cantou cerca de 6.000 versos em latim), em todas as Américas, o coração de Maria. — Na aparição de 13 de junho de 1917 — mês de junho dedicado ao Sagrado Coração de Jesus — de viva voz, e, falando em português (que honra e ventura para nós de Portugal, do Brasil e ex-colônias lusas na África!), a própria Virgem pediu estabelecer no mundo a devoção ao seu Coração Imaculado, e prometeu a então pastorinha Lúcia, hoje Religiosa Carmelita descalça, prometeu a ela (que personificava evidentemente a todos os devotos do seu coração): "*O meu coração será o teu refúgio e o caminho que te conduzirá a Deus.*"

CORES (Marianas) — As cores são essencialmente simbólicas. — Na Heráldica tem significado e valor, que obedecem regras ou cânones rígidos e universais. — Países, corporações, Institutos, Entidades, Grupamentos, Clubes, Famílias e até indivíduos as usam caracterizantes, distintivas. — As cores identificam as bandeiras das nações, deferenciam o brasão, os selos, flâmulas ou estandartes, bem como uniformes de grupos, facções, clubes, ornamentando seus emblemas e escudos. — A Liturgia também adotou a simbologia das cores. — As "Famílias Religiosas" da mesma forma, pois as Ordens, Congregações e Institutos as têm bem caracterizadas, procurando também pelas cores revelar o ideal que os anima, impulsiona a todos. — Nossa Senhora, não se sabe exatamente desde quando, mas também Ela possui cores próprias e simbólicas como as têm os Países, as tribos e grupamentos. — Branco e azul, estas são as cores de Nossa Senhora: a cor branca é a cor da pureza; lirial, diáfana não existiria mais apropriada para representar Maria, pois Ela é mais pura que os Anjos, reflexo da Pureza Eterna. — Unida a cor branca, ainda como de Maria, aparece a cor azul, claro ou celeste, lembrando o Céu, o mar, o horizonte, os olhos das crlancinhas. — Condiz admiravelmente com Nossa Senhora, pois a cor azul também aponta a inocência, a tranqüilidade, a man-

sidão, a amabilidade. — Vestida de azul e branco é que Ela nos tem visitado: Paris, a Catarina Labouré; Lourdes, a Bernadette Soubirous; em Fátima, a Francisco, Jacinta e Lúcia (esta última ainda entre nós). — Azul e Branco, cores de Maria, nas bandeiras das Associações, nas flores enfeitando seus altares nas centenas e centenas de Santuários; nas fitas, emblemas, escudos, distintivo das Confrarias, Irmandades, Associações e Academias espalhadas mundo afora. — Azul e Branco, cores do Céu, cores de Maria.

CULTO — Define-se como aquilo que eu faço interna ou externamente, o que eu pratico individual ou coletivamente como manifestação da virtude da religião, i.é., ação, ato pelo qual demonstro a Deus adoração, honra e reverente amor, sendo primeiro e eminente culto denominado de *latria* (= gr. *latréia* = adoração). — Aos santos e anjos, bem como às coisas sagradas, devotamo-lhes o chamado culto de *dulia* (gr. *douléia* = veneração). — À Nossa Senhora, por ser a Mãe de Deus e por ter-lhe Deus distinguido com especiais e singulares privilégios (Imaculada Conceição, Virgindade perpétua, Assunção, Mediação, etc.), haveria, como de fato tem, um culto superior aos dos anjos e santos, logo abaixo do de Deus. — Ao gênio do S. Tomás de Aquino entregou a Igreja expressar o grau e a natureza desse culto à Maria sem o perigo de confundir-se com o da divindade (Deus: as 3 Pessoas da Trindade e à Eucaristia): "A nenhuma criatura se deve o culto de *latria* (adoração). Sendo a Ssma. Virgem uma criatura é evidente que não se lhe deve adoração mas apenas veneração em grau, porém, superior às outras criaturas, por ser a mãe de Deus. Por isso se diz que lhe compete não qualquer dulia, mas a hiperdulia." (S. Th. 3 q. 25 a.5). — Este termo do *Doutor Angélico* é, desde então, a forma técnica que define à contento o direito de Nossa Senhora a uma veneração toda singular: *hyper*, gr. = além, mais, acima + *douléia* = veneração). — Dentro desse contexto são apontados as diferentes modalidades, os tipos de culto:

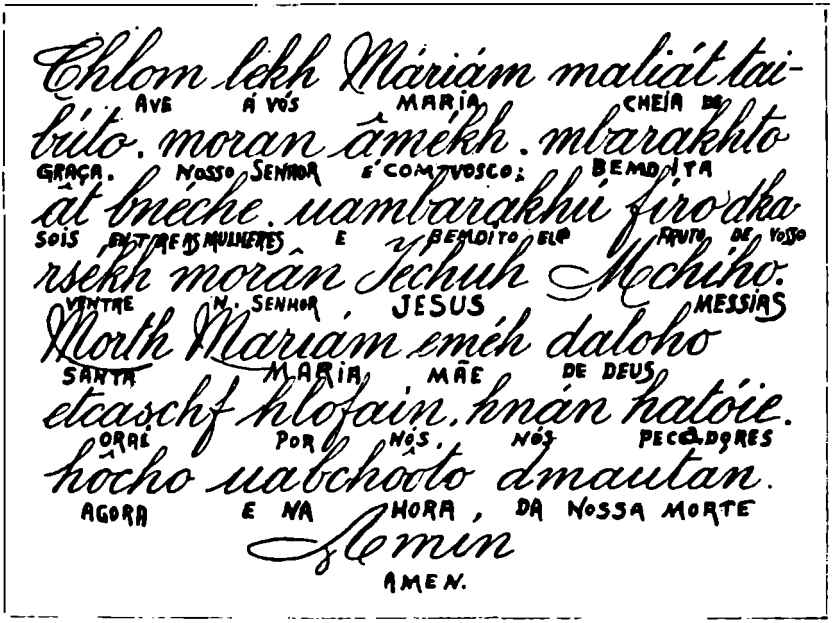
— *Culto profético*, foi aquele tributado à Virgem mesmo antes dela existir, quando o profeta Elias viu naquela nuvem que surgia do mar Aquela que traria o Messias prometido, e, no Monte Carmelo (do Carmo), venerou-se por vez primeira Nossa Senhora.

— *Culto litúrgico*, é aquele que se realiza, oficialmente, em nome da Igreja toda. Ora, a esta Igreja total, pertencem não apenas os fiéis que *peregrinam* nesta Terra, mas as almas padecentes do Purgatório e os santos e anjos do Céu. A ela pertence sobretudo Cristo, sua cabeça; daqui a grandeza, o significado, a sublimidade deste culto e sua extraordinária superioridade em relação a qualquer outro, quer individual, quer coletivo.

— *Culto popular*, é aquele de caráter coletivo, que geralmente reúne grande massa de fiéis e que, bem orientado e conduzido, para que não descambe em folclore e superstições, complementa de modo muito salutar o culto litúrgico, que de forma alguma despreza as práticas religiosas de homenagem a Nossa Senhora, vindas do povo.

— *Culto privado* — desde que sejam práticas conforme as recomendações, normas e leis do magistério eclesiástico que, no decurso dos séculos, velam pelo bem espiritual dos fiéis, pode e deve ser exercido, pois "a participação na Sagrada Liturgia não abarca toda a vida espiritual (. .) o cristão chamado a rezar em comum deve, não obstante, entrar também no seu quarto para rezar ao Pai em segredo". (cfr. Const. Sag. Lit. 19/20). —

Quanto aos tipos ou categorias de manifestações do culto o Conc. Vat. II enumera 4: *Veneração — Invocação — Amor e Imitação.* — Inclui em *Veneração*, de modo precípuo: na Liturgia as Preces Eucarísticas e a celebração de várias festas oficiais de Maria que lembram dogmas marianos, bem como passagens da vida de Nossa Senhora que estão intimamente ligadas a Cristo; e, também, as peregrinações. — Em *Invocação* situa-se a *Ave-Maria*, sobretudo em sua 2.ª parte, sendo a invocação mariana mais universal no tempo e no espaço, conseqüentemente, o Rosário; na mesma linha de Invocação incluem-se as ladainhas, os hinos e antífonas. — Em *Amor* e *Imitação* encontra-se o cerne, pois "a verdadeira devoção a Maria deve levar os fiéis a reconhecer a excelência da Mãe de Deus, e ter um amor filial e imitar suas virtudes (...) Maria é modelo não tanto pelo tipo de vida que levou (...) ou ambiente em que desenrolou sua existência, mas porque nas condições concretas da sua vida, Ela aderiu total e responsavelmente a Vontade de Deus. (cfr. Ex. *Marialis Cultus*, 35, de Paulo VI); modelo porque reuniu em si as características da vida feminina: Virgem, esposa e mãe. Virgem de opção corajosa do amor consagrado. Maria é modelo porque mulher forte na pobreza, no sofrimento. — É modelo de oração." (cfr. art. do Pe. João Edu dos Santos, SSR).


Chlom lekh Máriám maliát tai-
AVE A VÓS MARIA CHEIA DE
búto. moran âmekh. mbarakhto
GRAÇA. NOSSO SENHOR É COM VOSCO: BEMDITA
át bnéche. uambarakhú firodka
SOIS ENTRE AS MULHERES E BEMDITO ELE FRUTO DE VOSSO
rsekh morán Jechuh Mchiho.
VENTRE N. SENHOR JESUS MESSIAS
Morh Máriám emèh daloho
SANTA MARIA MÃE DE DEUS
etaschf hlofain. hnán hatóie.
ORAÉ POR NÓS. NÓS PECADORES
hocho uabchoolo dmautan.
AGORA E NA HORA, DA NOSSA MORTE
Semin
AMEN.

O Arcanjo S. Gabriel, na anunciação, obviamente expressou-se na língua que falava Nossa Senhora — aramaico — e o saudoso Pe. Elias Maria Gorayeb, maronita, numa de suas obras mostrou-nos, em caracteres latinos, a pronúncia da Ave-Maria *nesse idioma, apondo nas entrelinhas a forma como é recitada no Líbano. Ver em caracteres siro-caldaico (aramaico) na "janela" da pág. 71.*

D

DEVOÇÕES — A melhor forma de devoção é a imitação; sem imitação não há verdadeira devoção. O autêntico devoto de Nossa Senhora é aquele que imita as virtudes Dela em práticas e exercícios onde sobressai aquela Fé que Santa Isabel elogiou em Nossa Senhora por ter acreditado e que o próprio Jesus também louvou quando disseram-na feliz por tê-lo gerado e amamentado. — Em ordem alfabética seguem-se as devoções mais universalmente difundidas:

● *Angelus* — dito também as *Ave-Marias*, prática cujas origens se perde nos séculos. V. verbete.

● *Autos* — de fundo catequéticos, são encenações oracionais, dramatizações ou paraliturgias abordando episódios bíblicos da vida de Nossa Senhora ou enfoques de suas virtudes, glórias e prerrogativas, como a *coroação*, no mês de maio.

● *Cenáculo com Maria* — Manhã ou tarde (mais comumente o dia inteiro) de práticas marianas: palestras, Terço meditado ou o chamado "bíblico", cânticos, caixa-de-perguntas, encenação etc. — Inspira-se nas "locuções interiores" do fundador do Movimento Sacerdotal Mariano, Pe. Stefan (Estevão) Gobbo. — V. verbete: *Mov. Sac. Mariano.*

● *Consagração* — É o ato ou prática que sintetiza todo o culto mariano; submissão, entrega total e perene à Virgem a Serviço da Igreja. V. verbete.

● *Coroinhas* — Variadas formas de abreviaturas do Terço (que já é redução do Rosário), como por exemplo, a das Dores de Nossa Senhora, com 7 seqüências de 7 *Ave-Marias*. Há as de 5 do Im. Coração de Maria e até de 3. Modernamente dizem-nas "mini-terço". — V. verbete.

● *Escapulário* (do latim *scapula* = ombro) — Panos que, passando pela cabeça se apóiam, descansam nos ombros à guisa de manto ou capa. — Usam escapulário, por exemplo, os Carmelitas e os Beneditinos (inerente ao hábito monacal). — Os fiéis usam numa forma reduzida: tiras de pano ou cordões com as imagens da Virgem e de Cristo nas extremidades. — V. verbete.

● *Hora Mariana* — Com a mesma nomenclatura da *Hora Santa* ao Ssmo. Sacramento, pode resumir-se a 30 ou 15 minutos de visita ao altar da Virgem em Santuários famosos e mesmos em Igrejas ou capelas comuns. Muito se recomenda a alunos de colégios onde haja capela, a doentes em hospitais que também possuam capela e penitenciárias — Muitas Ordens ou Institutos Religiosos a têm incluída como parte integrante do horário regulamentar. — Nada obsta a que, individualmente, até mesmo em casa, se proceda a esta salutar prática. — E existem as programações radiofônicas (na Rádio Vera Cruz, no Rio, Luiz Anesi e Homéro Bruce foram pioneiros) ou de TV com este título, geralmente às 18 horas.

● *Ladainha(s)* — Série de 50 invocações que geralmente se canta nas grandes festas marianas, em latim ou vernáculo e datam de tempos imemoriais (séc. III). — Privativamente constituem excelente plano de meditação, podendo-se tomar o seu conteúdo em pontos

seqüenciais: Nome — Mãe (nos seus variados aspectos) — Virgindade perpétua — "Figuras" simbólicas (Ant. Test.) — Misericórdias de Maria — Dignidade, glória e poder. — V. verbete.

● *Medalha Milagrosa* — Tal como o Escapulário, ao seu uso devoto, prometeu a Virgem, em 3 aparições a Catarina Labouré (1830) favores espirituais; e são tantos os já verificados, comprovadamente, que daí adveio o cognome: *Medalha Milagrosa.* V. verbete *Aparições.*

● *Mês de Maria* — Escolhido como de especial conotação com Nossa Senhora, primeiramente na igreja de S. Maria della Visitazione di Ferrara, Itália, devido a abundância de Flores (Primavera na Europa), o mês de maio, desde o séc. XIII, tornou-se o *Mês de Maria*; durante o seu transcorrer, diversas práticas e exercícios marianos têm lugar nas igrejas e capelas, culminando, dia 31, com a tradicional cerimônia da *Coroação* de Nossa Senhora pelos "anjinhos. Há uma encíclica intitulada *Mense Maio.* — Outros meses marianos: setembro (N. S. das Dores) e outubro (Santo Rosário).

● *Novena(s)* — Como o nome já indica, são 9 dias de preparação à realização de algumas das festas do Calendário litúrgico universal e particular. — São inúmeras aquelas especiais em louvor e expectativa de datas marianas, onde, precipuamente, recita-se o Terço, canta-se a Ladainha e se ouve uma pregação catequético-panegírica. — Ótima oportunidade para desenvolver um esquema ou roteiro de formação religiosa abordando pontos doutrinários de precisão dos fiéis.

● *Pequeno Ofício da Imac. Conceição* — Remonta há séculos o seu uso, mormente nos meios conventuais, sendo seu divulgador maior por solicitação da Virgem,. Sto. Afonso Rodrigues, S. J.; que inclusive deu lhe a forma definitiva. — Segue, em sua composição e divisão geral o *Ofício Divino: Matinas — Prima — Tercia — Sexta — Noa — Vesperas* — e *Completas.* — Primorosa jóia que rezado, recitado, como deve ser, proporciona saudar 'passeio" pelas Sagradas Escrituras.

● *Peregrinações* — Que o povo também chama *romaria,* é uma das manifestações de devoto amor à Ssma. Virgem. Praticamente não há um país que não tenha o seu centro popular de peregrinação mariana. — São, em geral, os mais concorridos e acusam, no decorrer do ano, afluência popular que surpreende. — V. verbetes: *Peregrinação — Aparecida.*

● *Procissões* — O mesmo se pode dizer dos deslocamentos, ruas, praças e caminhos afora, com o povo acompanhando um andor com imagem de Nossa Senhora; existem também as *procissões marítimas* e os "cortejos de carros" — São das mais estimadas formas populares de devoção, mormente em cidades interioranas, pois nos centros urbanos o trânsito de veículos prejudica muito tais movimentações.

● *Rosário/Terço* — Talvez a forma maior e mais difundida, mais querida e também fácil, simples de exercício ou prática de piedade mariana. — Ressalte-se que, em diversas aparições, a Virgem inculca a sua recitação mesmo diária. — Para facilitar o atendimento a este pedido, reduziu-se o Rosário a sua 3.ª parte (Terço), pois ao invés de meditar-se os 15 Mistérios englobando 150 *Ave-Marias,* contempla-se apenas 5 dos 15 e reza se 50 *Ave-Marias.* — V. verbete.

● *Sábados* — Já desde o Séc. X o sábado é dedicado de modo muito especial às práticas marianas, destacadamente o 1.º sábado do mês, quando se repara as ofensas ao Imaculado Coração de Nossa Senhora, prática que nas aparições de Fátima e noutras, bem como na lacrimação de Siracusa Ela confirmou. — V. verbete.

● *Septenário das Dores* — A coroa ou "Coroinha" de N. S. das Dores é uma forma de devoção idêntica ao Rosário/Terço em sua constituição material e oração: cadela de 7 continhas e uma um pouco maior, para recitação meditada em memória das dores de Nossa Senhora (existem outras).

● *Três Ave-Marias* — De acordo com revelações feitas a Santa Matilde, a recitação constante e piedosa — não mecanicamente — de apenas 3 *Ave-Marias* todas as manhãs e todas as noites e melo seguro de evitar o pecado, ter a perseverança final e a assistência de Maria Ssma. na hora da morte.

● *Tríduo* — Com o mesmo caráter e finalidade da *Novena* — preparação para uma festa religiosa — constitui excelente ocasião de aprofundamento de conhecimento a Nossa Senhora ao ensejo de suas festas. Nada impede que mesmo privativamente o devoto o ponha em prática, o efetue com grandes frutos em sua própria casa.

● *Via-Matris* — Análogo à *Via-Sacra*, é devoto exercício que consiste no meditar-se, contemplar 7 "estações" constituídas das principais Dores de Nossa Senhora; deve-se sua criação aos Padres Servitas, desde o Século passado.

● *Visitadora* (Imagem ou Quadro) — Senão está, com absoluta segurança, estabelecido quando e onde começou esta prática, sem a menor sombra de dúvida o seu incremento se deve as aparições de Fátima. Daí é que surgiram as imagens *fac-simile*, peregrinas que, da Cova da iria (Leiria), partem a percorrer os mais diversos países, cidades e vilas. — V. verbete Fátima.

DOGMAS (MARIANOS) — Verdade de fé contida na Bíblia explícita ou implicitamente, e também na Tradição oral, necessitando, porém, em certos casos, de definição solene do magistério da Igreja. — Referentemente à Nossa Senhora já temos 4 definidos, ditos também na linguagem corrente, *privilégios, prerrogativas ou coroa de glórias.*

● *Maternidade divina* — O mais antigo dogma mariano, definido no Concílio de Éfeso, cidade da Ásia, no séc. V — 22 de junho, ano 431 — sob o pontificado do Papa Celestino I, já desde o séc. III, no Oriente, era plenamente aceito e defendido por todos os fiéis com fé e amor. — Peça mestra da teologia marial: *Theotókos*, i.é., Mãe de Deus (sendo Mãe de Cristo, o é também de Deus, pois Cristo é Deus). Maria é Mãe de Deus, porque Jesus — seu Filho é PESSOA DIVINA e não pessoa-humana; é o próprio Filho do Eterno Pai que se fez Homem unindo em sua Única-Pessoa (divina) as duas naturezas: divina e humana! — "Maria, por ser Mãe de Deus, tem uma dignidade quase infinita." (Sto. Tomás de Aquino). — Anátema do Concílio de Éfeso: *Se alguém confessar que a Santa Virgem não é Mãe de Deus, seja condenado.* — Eis a solenissima proclamação do dogma, que fez o povo levar em triunfo todos os Bispos do Concílio e festejarem o fato até o dia seguinte, pelas ruas e caminhos da cidade que mais tarde, após a Ascensão do Senhor, Iria acolher Maria por 9 anos, na casa de S. João.

Nota: no que diz respeito a **maternidade espiritual**, aplique-se que da **maternidade divina** se gerou por conseqüência lógica a espiritual (não foi Maria quem gerou Cristo, cabeça da Igreja? logo, de certa forma, gerou os membros dessa Igreja); por conseqüência explícita a **maternidade espiritual** nos vem do legado da Cruz: "**ecce mater tua**" (Jo 19.26). — É a palavra de Cristo. Deus Filho, em momento solenissimo, após ter-nos dado tudo, todo o seu Sangue, deu-nos Sua mãe como **nossa Mãe.**

● *Imaculada Conceição* — Exigência lógica para quem fora escolhida, *ab aeterno*, para ser a Mãe de Deus. Pela ordem hierárquica considera-se este dogma mariano o mais importante, melhor dizendo, o primeiro em colocação, pois sem que estivesse Maria limpa de toda mancha do pecado original (*sine labe originali concepta*), não poderia ser a Mãe de Deus. — Deus, portanto, em vista dos méritos de Cristo, fê-la conceber e ser gerada, *concebida* e *nascida* imaculada: *Tota pulchra es Maria et macula originalis non est in te*, canta a Liturgia. — O dogma definido pelo Papa Pio IX pela bula *Inefabilis Deus*, de 8 de dezembro de 1854, já havia-o predito a própria Virgem 24 anos antes, na rue du Bac, Paris, a Catarine Labouré (1830), esta definição dogmática de Pio IX, teria dos próprios lábios da Virgem, confirmação 4 anos após (1858), em dialeto dos pirineus, em Lourdes: *Que soy era Immaculade Conceptioun.*

● *Virgindade perpétua* — Como os demais dogmas marianos, o da virgindade perpétua vai-se entrelaçando, tornando-se parte conseguinte, conseqüente, inerente, lógica dos outros. — Nas profecias de Isaías e Miquéias está dito que "uma Virgem dará à luz" (a virgem, em heb. *almah*, que na linguagem bíblica significa uma jovem que não conhece varão (voto feito por Maria ao ser entregue, com 3 anos, no templo: *áiepartenon* = sempre virgem). — O dogma, implicitamente considera-se definido no Concílio de Constantinopla, ano 553, sob pontificado do Papa Virgílio (540-555). — O 3.º Concílio de Latrão (Roma, 1179), sob pontificado de Alexandre III, explicitou, doutrinária e juridicamente, que a Igreja condena: 1) Maria teria gerado segundo as leis da natureza; 2) Maria Virgem ao conceber, não o foi, porém, na hora de gerar, i é., dar à luz; 3) Maria teria tido outras maternidades físico-biológicas (irmãos consangüíneos de Jesus). — Da tradição ininterrupta da Cristandade e das lições dos Padres da Igreja o 3.º Concílio de Latrão definiu: "Se alguém não confessar (...) que Maria, Mãe de Deus, sem concurso de varão, concebeu do Espírito Santo, e deu à luz incorruptivelmente, e tenha mantido, depois do parto perpétua e indissolúvel virgindade, seja excomungado".

Portanto, esta é a verdadeira fé: Maria foi SEMPRE virgem, isto é: Antes do parto, no parto e depois do parto.

● *Assunção gloriosa* — É a definição dogmática mariana mais recente: *Ano Santo* de 1950, a 1.º de novembro (festa de Todos os Santos), por Pio XII, através da Bula *Munificentissimus Deus*. — Foi a resposta afirmativa dos Bispos de todo o mundo à consulta feita pela encíclica *Deiparae Virginis*, de maio de 1946. — Já antes, fazendo eco a anos e anos de amorosa tradição, Pio XII dissera: "Maria, reinando juntamente com Seu Filho, resplandece na glória de corpo e da alma". (Enc. *Mystici Corporis Christi*, 29/6/1946, AAS, 143 p. 248). — E o mesmo Pontífice, aliás congregado mariano, disse no dia 15 de agosto de 1945, na audiência às senhoras sindicalizadas: " neste dia a Igreja comemora a assunção de Maria em corpo e alma ao Céu".

Nota — os corpos dos eleitos serão elevados ao céu na hora da ressurreição final; a Virgem, porém, logo após o "decurso da sua vida terrestre", portanto, com a ressurreição antecipada, foi assunta (Pio XII, no documento definitório do dogma evitou usar a palavra **morte**). — Desde os primórdios da Igreja, a festa da dormitio (adormecimento, sono, e não morte) celebrava-se no mesmo dia da Assunção, 15 de agosto. — Ver os verbetes: **Dormição, Morte, Ressurreição.**

● *Mediação universal* — Este ensino ainda não foi oficialmente definido, mas é amorosamente

crido. — "O fundamento da mediação de Maria é a corredenção, i.é., a sua participação ativa na obra da salvação. Por outro lado, a corredenção é rigorosamente um aspecto particular da Mediação, ou seja, da cooperação da Ssma. Virgem com Deus". (cfr. na *Bibliografia* obra n.º 4). — De especial menção duas passagens bíblicas aludidas por Pio XII na enc. *Mystici Corporis*: "cedendo ao pedido de sua Mãe, o Filho fez um milagre para que os discípulos acreditassem Nele." (AAS 45, 1933-382). E na *Jucunda Semper* o Papa mariano escreve, referindo ao cenáculo, no Pentecostes: "Lá estava Maria, orando com os Apóstolos e com as suas lágrimas e desejos, acelerava a vinda do Espírito sobre a Igreja, o Consolador, o dom supremo de Cristo, o tesouro que não tem preço." (cfr. J. B. Carol *Mariologia*, BAC, pág. 41). — Sobre a mediação o Concílio Vaticano II tem fartíssima achegas: *Lumem Gentium* n.º 60, 62, 63, 64 e 65; *Sacrosanctum Concilium*, n.º 103; *Presbiterorum Ordines*, n.º 18, *Apostolicam Actuositatem*, n.º 4; e *Ad Gentes*, n.º 42.

DOIS MIL ANOS

2.000 (dois mil) anos do nascimento de Maria — Foi o próprio Papa João Paulo II que alertou o mundo cristão para este transcurso insigne, ao abordar o assunto em sua homilia, de 15 de agosto, na gruta de Massabielle, em Lourdes (França), quando, textualmente, assim se expressou: "*Quando nasceu Maria? Quando veio ao mundo? Esta interrogação muitos a fazem a si mesmos, agora que se avizinha o 2.º milênio do nascimento de Cristo. O nascimento da Mãe precedeu, evidentemente no tempo, ao nascimento do Filho. Não será, portanto, oportuno celebrar primeiramente o 2.º milênio do nascimento de Maria? Honrar não apenas o aniversário do seu nascimento no Céu* [a Assunção], *mas também seu nascimento na Terra há 2.000?*" — Como não existe nenhum assentamento histórico quanto ao dia, como de resto nem do lugar (até mesmo nem quanto aos pais, e temos que nos valer de fontes extrabíblicas), o jeito é conjecturar, o mais possível estribando-se em dados, costumes e tradições. E é pelo nascimento de Cristo que se chega, senão rigorosamente certo, mas com pequena margem de erro, ao de Maria, prescindindo-se do engano do monge centro europeu Dionísio, o Pequeno († 550):

— Ela, com precoce uso da razão, foi entregue no Templo, com 3 anos de idade, segundo a tradição;

— Deixou o Templo após 12 anos de *nazarlato*, portanto, com 15 anos;

— Foi esposada por S. José (noiva), recém-saída do Templo, jovem dos seus 15/16 anos;

— Anunciada no período de noivado pelo Arcanjo S. Gabriel e com o "*fiat*" concebeu sob ação do Espírito Santo; logo, nos seus 15/16 anos;

— Visita sua prima Isabel (grávida de 6 meses) e fica com ela até o nascimento de João Batista (3 meses); então, ao retornar estava com 15/16 anos e 3 meses de gravidez;

— Nascimento de Jesus, portanto, Maria se torna Mãe aos 15/16 e 9 meses.

Agora é simples questão de cálculo, em cotejo com o "*ano 2.000 do nascimento de Cristo*", ou Início do 3.º milênio Cristianis-

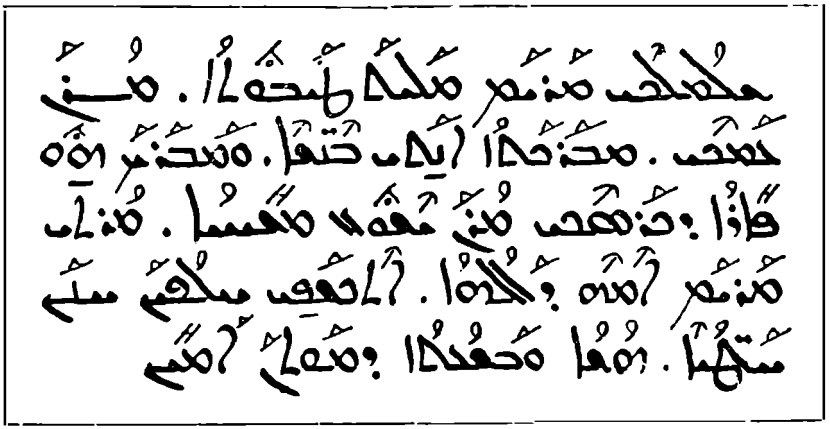
mo: quem de 2.000 tira 1985, fica 15. Portanto, Nossa Senhora tinha 15 anos quando nasceu Jesus; mais *um* ou *dois* anos há de se admitir nesta *cronologia* sem qualquer pretensão científica, mas apenas de cálculo aproximativo e hipotético, baseado no que apontou o Papa João Paulo II, sublinhando para a efeméride dos 2.000 anos do nascimento de Cristo (Início do *3.º Milênio da Era Cristã*) um "grande Advento", Advento mariano também. — Ver Verbete: *Advento mariano.*

DOM — Desde a princípio das coisas Deus cumulou Maria de singulares dons, sendo Ela mesma precioso dom de Deus (presente) para a Humanidade. Ver este subverbete em *Antigo Testamento.*

DONS DO ESPÍRITO SANTO (em Maria) — Define-se: hábitos sobrenaturais que transmitem às faculdades da alma docilidade, entrega, abandono, levando-a de pronto, às aspirações da graça. Diferem essencialmente das virtudes: na prática da virtude, a graça abriga a ação, a atividade (sob o influxo da prudência); contrariamente, os dons (tendo o exercitante alcançado certo desenvolvimento), exigem docilidade, e não tanto atividade exterior. — Os *dons* aperfeiçoam as virtudes teologais. — Estes dons foram concedidos a Maria sem medida, de forma ilimitada (a nós também, de modo incomparavelmente inferior, o foram no Batismo): Sabedoria — Entendimento — Conselho — Fortaleza — Ciência — Piedade — Santo temor de Deus. — Como nenhuma criatura, Maria teve o conhecimento das coisas divinas, não por via de raciocínio, porém, por meio do saber (sabedoria) infuso dado à sua condição. — No que se refere ao Entendimento, manifestou-se em Maria a íntima harmonia das verdades reveladas, assumidas, vividas desde a concepção Imaculada a assunção corpórea. — Conselho, cantamos na Ladainha a invocação que diz tudo: *Mater Boni Consilii.* A quem outro, mais e melhor do que Maria aplicar o que se lê na Escritura?: *A reflexão te guardará, e a prudência te conservará.* (Prov. 2,11) — A Fortaleza já tivemo-la sob enfoque como 3.º virtude cardeal (ou moral). O Card. Lépicier escreveu: "Esta graça [Fortaleza] se tornará inabalável, qual rocha batida por tempestuoso mar, e fará com que Ela [Maria] repense em Deus, qual criança nos braços maternos". — A Ciência é aquele dom, é aquela graça especial e valorosa que nos faz julgar com retidão, com conhecimento pleno as coisas criadas nas suas relações com Deus; não é a *ciência teológica*, não é a *ciência filosófica*, mas é aquela chamada *ciência dos santos*, que Maria teve em grau eminente, i.é., o apreço das coisas divinas. — Quanto ao dom da Piedade não existe protótipo mais fiel e acabado do que a Virgem Santíssima; sendo o aperfeiçoamento da Religião, pela prática dos atos devotos. E Maria, revela-nos a tradição, desde menina, interna no Templo aos 3 anos de idade, acordava não uma ou duas, porém, 3 vezes à noite para atos de piedade, afora aqueles que procedia ao correr das horas matinais e vespertinas. — Finalmente, se chega ao 7.º dom: Santo, amoroso, Temor de Deus: "Grande, sim, foi o temor de Maria, — escreveu o Pe. Gabriel Roschini — mas não foi de nenhum modo servil (...) que castigo podia Ela temer? Na Virgem Ssma. nem ao menos houve propriamente aquele temor chamado *casto* (considera a possibilidade e o perigo de perder Deus pelo pecado, pois sabia que, por uma assistência do Espírito Santo, não podia perder a graça); por isso, o temor de Maria, assemelhava-se ao temor que a própria alma de Jesus sentiu, um *temor reverencial*, originado por vivíssimo sentimento da infinita majestade de Deus e do seu in-

finito poder." (cfr. *Bibliografia*, obra n.ºs 1 e 2). — V. Verbetes: *Alma — Graça — Carisma — Virtudes.*

DORMIÇÃO — Cerca dos anos 56/58 d. C., estando, pois, a Ssma. Virgem pelos seus 72/75 anos (12/15 após a Ascensão) é que a maioria dos autores colocam o termo do "decurso de sua vida terrena". — Ora em Jerusalém, ora em Éfeso, sob a guarda carinhosa do Apóstolo e Evangelista S. João, a quem Jesus incumbira dessa missão honrosa: "*ecce Mater tua* (mais que missão honrosa, legado precioso). — Ele, João, é quem melhor que ninguém nos poderia ter dito como foi a morte de Nossa Senhora; mas nada deixou. — Do ponto de vista físico-biológico é aceito que o final da vida de Maria Ssma. não foi como o de qualquer outro mortal, não morreu Ela (se é que morreu) exalando o chamado "último suspiro", mas quer-se que tenha tido um *sono* diferente, a *dormitio*, ou seja, "adormição." — É assim que remotíssima tradição denomina o trânsito, o passamento da Virgem (e não morte). — Pelo menos não como a vemos e entendemos, se de fato houve morte. — São João Damasceno em seu "*2.º sermão sobre a Dormição*" aventa a possibilidade, não acontecência da morte como nós a sentimos e temos: "... como a devoraria a morte? Como a receberia as profundezas da terra? que poderia ousar a corrupção contra esse corpo, que recebeu a Vida? Todas essas idéias repugnam, e são de forma estranha à alma e ao corpo d'Aquela que levou o seu Deus". (cfr. na *Bibliografia*, obra n.º 9). — Embora não tenhamos, por não existir de fato historicamente, "qualquer documento real e autêntico, nem de tradição uniforme e incontestável sobre a época e circunstâncias da "dormição" de Maria (cfr. *Bibliografia*, obra n.º 9), autores e artistas nos brindam com bastante ilustrações que saciam nossa curiosa piedade. — Ver os verbetes: *Assunção, Morte — Túmulo.*



A Ave-Maria *em caracteres siro-caldaico, conforme transcrição do Pe. Elias Maria Gorayeb, maronita.*

E

ECUMENISMO — "*Per Mariam ad unitatem omnium In Christo*" (por Maria à unidade de todos em Cristo) — Este é o lema, a bandeira, o estandarte, ou, como que, o marco, o balisamento que o falecido Card. Agostinho Bea, S.J. — Presidente do Secretariado para União dos Cristãos — apontou no Prefácio que redigiu para o 7.º Volume da *Enciclopédia Mariana;* dirigida pelo Pe. Hubert du Manoir, S J. — (da tradução do Pe. Valério Alberton, S J. e Síntese do Pe. Geraldo Rocha, S.J., valemo-nos para feitura deste verbete) — Não é fácil harmonizar a piedade marial/mariana autêntica e o anseio por um ecumenismo também autêntico. É preciso conhecimento histórico e dogmático da Doutrina Cristã, da piedade marial/mariana e das divergências de nossos estimados "irmãos separados". — O *marianismo* propugna doutrina e práticas de sérios entraves no protestantismo; isto já não acontece tanto com os ortodoxos (ditos também *cismáticos*), cuja doutrina sobre Maria Ssma. se assenta nos SS. Padres Gregos, e divergem em algumas partes ou pontos no aceitar, *in totum*, as definições do Papa: Imac. Condição, Assunção, etc. — A dificuldade aqui neste caso não está em *admitir* estas verdades, mas na *aceitação da definição delas pelo Papa.* — Já quanto a posição dos "Padres da Reforma" (e se reconheça que os primeiros mentores, como Lutero e outros, foram grandes devotos de Maria), não está apenas em rejeitar o primado de Roma, mas recusam admitir, e peremptoriamente, grande número dos privilégios e prerrogativas de Nossa Senhora, portanto, o seu lugar especial, singular, na Obra da Redenção; várias seitas ou denominações protestantes admitem os primeiros Concílios, evidentemente o de Éfeso, d'onde emana todo o fundamento da mariologia: maternidade divina; porém, um imenso leque de não aceitação logo se abre. — E eis que o saudoso Papa João XXIII nos dá como que uma receita, um roteiro, um balisamento: "*Sublinhar o que une os homens e andar com eles todo o caminho que pode ser andado, sem prejuízo das exigências da Justiça e dos direitos da Verdade.*" — A esta verdadeira posição encontramo-la no Apóstolo das gentes: É *praticando a verdade na caridade* que cresceremos em tudo Naquele que é a Cabeça, o Cristo (Ef 4,15) que no-lA deixou, Maria, como Mãe (*ecce Mater tua*, — Jo 19,26) e o discípulo amado a levou para casa (19,27). — Temos que ajudar nossos estimados "irmãos separados" a entenderem nossa devoção mariana, e o façamos com sincera honestidade — este é o verdadeiro espírito ecumênico-mariano, ou vice-versa; ter sempre em mente as dificuldades e susceptibilidades de nossos estimados "irmãos separados", salvo, também sempre, e sobretudo, a fidelidade à Verdade (os escritos dos SS. Padres, dos Doutores da Igreja, anteriores à divisão do catolicismo, antes da Reforma portanto, encerram tesouros de doutrina mariológica que podem ser consultados por qualquer cristão).

— Evitar especulações ininteligíveis e diálogos estéreis; não tanto condenar a *posição deles*, explicando caridosa e honestamente, *a nossa*. Cremos que este método está mais de acordo com a índole moderna e não foge à antiga tradição.

— Sem demasiada exaltação — às vezes epidérmicas e sentimentais — colocar Maria no quadro da Igre-

ja (e o Concílio Vat. II fê-lo de modo admirável na *Lumen Gentium*, cap. 8.°), onde ressalta a sua posição e papel central na Obra da Redenção, destacando a posição única e exclusiva de Cristo Mediador, que no-lA dá como Advogada à serviço da Humanidade. — Maria, obra perfeita da Redenção, virá em auxílio do nosso sincero esforço junto aos nossos estimados "Irmãos separados" e na leal aproximação deles, no que então, de fato se pode chamar: *ecumenismo. — Per Mariam ad unitatem omnium in Christo*". V. verbete: *Conc. Vat. II.*

ÉFESO — Cidade, na Ásia Menor acidental, situada na foz do rio Caístro. — Possuía, entre outras atrações, a 7.ª Maravilha do Mundo antigo, o Templo Artemision, onde a deusa Artemis era cultuada; tinha cerca de 50 m de largura e 80 de comprimento, e perto ficavam os prédios do Ginásio, o Estádio (Campo de corridas), o Teatro (com 24 mil lugares sentados), a Biblioteca, o Mercado e o Forum. Éfeso era famosa pelos seus *magos* (= astrólogos misturado com sábios e adivinhos). S. Paulo em sua 3.ª Viagem apostólica aí esteve pregando (cfr. carta aos efésios), onde encontrou discípulos de João. — É muito citada nos *Atos* (a Igreja de Éfeso e louvada por Sua ortodoxia). — Relativamente à Nossa Senhora, foi aí, no 4.° Concílio Ecumênico (6 a 22 de junho do ano 431), que Maria foi proclamada "*Verdadeiramente Mãe de Deus*" (*Theotókos*), primeiro dos 4 dogmas marianos que foi definido. — O povo levou os Bispos em triunfo pelas vias, com tochas, durando dias as celebrações. — Éfeso é uma das cidades que reivindica ter sido o lugar onde houve o trânsito de Nossa Senhora, pois alega-se que S. João a levou para aí, onde viveu algum tempo no período da 1.ª perseguição à Igreja.

ELOGIO — (Jesus) "Não repudia a própria Mãe, mas afirma que o título sublime de nada lhe teria valido, se não houvesse sido boa e fiel. (Crisótomo) Maria deve ser glorificada pela sua altíssima dignidade, sim, porém mais ainda pela sua virtude inatingível e pelos insignes exemplos de aceitação heróica da vontade de Deus. Obedecendo às palavras de Jesus, estabelece com Ele um vínculo espiritual superior ao de sangue." (Pe. Matos Soares, *Nota* aos VV 27/28 de Lc 19)

ESCADA DE JACÓ — Símbolo ou figura de Maria que de maneira especial nos liga da Terra ao Céu, sendo como grande e bela escada. — Ver este subverbete em *Antigo Testamento.*

ESCAPULÁRIO (do latim *scapula* = espaduas, ombros). É, dentre as devoções marianas, (preciosíssimo sacramental), das práticas mais difundidas, como o Rosário/Terço e Medalha Milagrosa (isto se faz há 7 séculos). — Consiste no uso do *hábito* religioso dos Carmelitas em forma reduzida (*abitino delle Madonna*, dizem os Italianos). — Nossa Senhora mesma foi Quem o deu a São Simão Stock, em aparição de 16-7-1251, e compõe-se de duas bandas de pano, caídos sobre ombros, após passar pela cabeça (nos Religiosos desce até o tornozelos qual veste talar); ainda mais reduzidamente, são duas peças de tecido de linho ou lã, de cor marrom ou preta, atadas por dois cadarços ou fios ou cordões de qualquer cor (uma das partes vê-se a Imagem de Nossa Senhora do Carmo); — não é necessário tocar na pele (dec. 12-2-1840). — O escapulário não é de invenção deste ou daquele Santo, Papa, teólogo, mas foi dado por Maria Ssma., pessoalmente, a São Simão Stock, como poderosa arma pacífica contra os inimigos — mormente o demônio — ao ser Ela instada a "mostrar-se como Mãe" (naqueles tempos a Ordem Carmelitana era perseguida no

Oriente pelos sarracenos e, no Ocidente coberta de calúnias e vexames). — Passados 70 anos a Virgem apareceu ao Papa João XXII e reafirmou todos os favores dados a esta Insigne prática, acrescentando-lhe o chamado *privilégio sabatino:* os Religiosos da Ordem e todos a ela agregados que forem para o Purgatório serão livres logo após a morte, "*porque Eu descerei do Céu para o meio deles e os conduzirei para a feliz habitação dos bem-aventurados*". — Obviamente só terá direito a este privilégio aquele que observar estritamente, segundo suas forças e empenho, as condições, prescritas, a começar por tê-lo recebido dum sacerdote autorizado para benzê-lo e impô-lo. — São incontestes as aparições da Virgem a São Simão Stock (os Pontífices João XXII, em 1316 e Bonifácio XVI, deram-na como verdadeiras) e, em bula de 1322, o Papa João XXII reafirmou aquela na qual foi personagem, e, depois dele, 50 pontífices examinaram e aceitaram tudo como certo. — Leão XIII concedeu à Ordem o chamado *Perdão do Carmo*, i é., indulgência plenária idêntica àquela mariana concedida aos PP. Franciscanos (a pedido de S. Francisco de Assis a Nossa Senhora), dita *Porciúncula* (= porção pequena), que os fiéis podem lucrar *toties quoties*, ou seja, todas as vezes que, cumprindo as condições, visitarem uma Igreja ou Casa de Ordem, no dia 16 de julho. — Outros tipos de escapulários existem: a *Escapulário da Imac. Conceição*, historicamente conexo às Religiosas Teatinas, de Nápoles, fundadas pela Venerável Úrsula Benincasa (Nossa Senhora apareceu lhe em 1616). Na aparição a Maria Ssma. estava vestida de azul e branco, cercada de um coro de Virgens também de branco, com o Menino Jesus nos braços; Úrsula foi mandada, com mais 32 Irmãs, também vestidas de branco para uma ermida, e ali entregou-lhe o escapulário conhecido com o nome de "Branco". A Confraria do Escapulário Branco é sediada em Roma (Ig. de Santo André "delle Valle, dos PP. Teatinos. — Denominam também "Branco" o Escapulário da Ssma. Trindade (propagado a partir de 1200). — O chamado "Vermelho", divulgado em 1847, é o mesmo conhecido como "Rôxo", se deve a uma aparição de Nosso Senhor a uma Irmã da Caridade de S. Vicente de Paulo, acontecida na 8.ª da festa do Fundador, em 1845). — É divulgado pelos PP. Lazaristas e a sede é: rue de Sèvres, 95 — Paris. O de N. S. das Dores, dito "Negro", divulgado pelos Servitas (1255); o escapulário "Azul" da Imaculada, concedido em 1691 e 1710 (em suma, é o mesmo dos Teatinos) — Existe ainda o *Escapulário Verde* (para os doentes) dos PP. Camilianos (S. Camilo foi congregado mariano). Ver o verbete *Sábado*.

ESCOTISMO (Mariano) — O sistema educacional/vocacionista do inglês Sir Baddem-Powel, com plenissima aprovação e bênçãos do Card. D. Jaime de Barros Câmara, teve nas Congregações Marianas da Arquidiocese do Rio de Janeiro, um surto dos mais benéficos, com início na década de 50, quando, em pouco tempo os Grupos cujos mantenedores eram os sodalícios marianos distingüiram-se pelo adestramento e disciplina. — Os Chefes dessas tropas foram solicitados para ajudar a Assistência Religiosa — *Clã Paulo de Tarso* (no Convento de Sto. Antonio), lançaram o boletim *ARCA* e empenharam na editoração do livro *A Grande Pista*, de Frei Anselmo Vilar, OP. — As 4.ª e 5.ª Assembléias Nacional de Dirigentes Marianos (S. Paulo e Curitiba) aprovaram *Conclusões* onde se sugeria a adoção do sistema como ótimo meio para vivificar as "secções de menores" (o que ainda hoje é plenamente válido), já que constitui grande atração para os jovens (método que a época dizia se "canonizado" por 3 grandes Pontífices: Bento XV, Pio XI e João XXIII; este rediglu belíssima oração escoteira à Ssma. Virgem). — Daquelas

tropas (Grupos) marianos ainda funciona com grandes resultados — após 30 anos — por especial graça, o *Medianeira* (da C. M. dos Passionistas), cujo lenço, azul e branco, traz o emblema mundial do movimento mariano com a 'flor-de-lys" dos escoteiros. — O grande incentivador — Frei Daniel, ofm., com diversos cursos de campo, inclusive da *Insígnia da Madeira,* com o mesmo empenho idealista se dedica, hoje, aos leprosos em Venda das Pedras (Niterói).

ESPÍRITO SANTO — No Novo Test. três são as circunstâncias em que, de forma claríssima, o Espírito Santo é aludido respeitantemente à Maria Ssma.: 1.º) na obtenção do *fiat,* quando Ela é esclarecida por S. Gabriel: "O Espírito Santo descerá sobre ti..." (Lc 1,35) no que insistiu S. Mateus (1,18). — 2.º) quando o anjo cessa a angústia de S. José: "José, filho de Davi, não temas receber em tua casa Maria, tua esposa, porque o que Nela foi concebido é (obra) do Espírito Santo." (Mt 1,20). — 3.º) Mais discreta, porém não menos direta é aquela quando da manifestação no Cenáculo de Jerusalém, com Maria presidindo a oração comunitária: " perseveraram unanimemente em oração, com as mulheres, e com Maria, Mãe de Jesus (...) Quando se completaram os dias do Pentecostes (...) Apareceram-lhes repartidas uma como línguas de fogo (...) Foram todos cheios do Espírito Santo..." (At 1,1; 2,1-4). — De modo que uma verdadeira devoção mariana é um excelente culto ao Espírito Santo.

ESPONSAIS/ESPONSALÍCIO — Erroneamente queremos compreender, nós ocidentais, com o mesmo sentido do nosso casamento/matrimônio, o costume e instituição judaicas. — E o casamento de Maria com S. José então, reveste-se de circunstâncias especialíssimas, dentro, porém, i é., sem rupturas do quadro jurídico-religioso da época. Maria e José submeteram-se ao que se estabelecia. Nos apócrifos lê-se mais ou menos assim: chegara a idade em que Maria, após 12 anos de *naziriato* no Templo de Jerusalém (entrara com 3 anos), ao que parece agora órfã, precisava consorciar-se. O Sumo-Sacerdote de então (Abiatar? Zacarias?) comunicou todas as 12 tribos de Israel e, dentre elas, foi sorteada a de Judá. — Desta apresentaram-se diversos candidatos, inclusive o jovem aprendiz-de-carpinteiro José. — Rito ou cerimônia inusitada: o Pontífice solicitou aos candidatos deixassem durante 3 dias seus bastões sobre o altar do Santo dos Santos; aquele bastão que florisse, o seu dono fora o escolhido por Deus. No dia e hora aprazados, do bastão de José brotaram 2 lírios, sinal de sua eleição para desposar Maria. — O ato, revestido de esplendorosos ritos e cerimônias pomposas, já teve o pincel dos mais célebres pintores, Rafael, Sarzio. Fra Angélico (este com processo de canonização instaurado), Carpáccio e tantos outros mais, a fixar este momento de Céu na Terra, não descrito nos canônicos e sim nos apócrifos. — Segundo o pesquisador mariano André Damino, "em Perúsia guarda-se o anel que José pôs no dedo da Virgem: é um círculo de ametista sobre o qual estão gravadas duas flores semidesabrochadas". (cfr. na *Bibliografia,* obra sob o n.º 34). — A Festa dos esponsais de Nossa Senhora com S. José celebra-se a 23 de janeiro.

ESTRELA — da manhã, matutina, d'alva, expulsando as trevas, prenunciando o dia, trazendo-nos a luz, o brilho do Sol [Cristo], simboliza Maria, é Dela figura. Ver este subverbete em *Antigo Testamento.*

ESTRELA DE JACÓ — O vaticínio de Balaão que figurou o povo de Israel na pessoa de Jacó aplica-se primeiramente a Cristo e por extensão ou acomodação à Maria. Ver este subverbete em *Antigo Testamento.*

EXERCÍCIOS ESPIRITUAIS — Conhecidas são as práticas espirituais ditas *Retiro Fechado*, forma de referir-se aos *Exercícios Espirituais*, criação de Sto. Inácio de Loyola (de 30 dias, de 15, de 8 e até mesmo, resumidamente, de 3 dias). É "um conjunto sabiamente ordenado de *meditações*, de exames diário de consciência, de emprego de certas regras e técnicas psicológicas, objetivando a que "encontremos" a Jesus, ordenemos a própria vida, a fim de que haja uma *entrega* mais generosa a Cristo: Conhecendo-o mais, amando-o mais, imitando-o mais; tornar-se *"atleta de Deus"* e *"Cavaleiro de Maria. (cpd* José Caseira) — É um verdadeiro balancete, balanço espiritual de nossa vida, após um ano de desgaste. — Em toda a extensão dos *Exercícios* a "presença" de Nossa Senhora se faz sentir, sob dois aspectos — não em si coexistentes, mas, intimamente relacionados um ao outro; *1.º aspecto*) a presença de Maria quanto ao histórico dos fatos evangélicos, tornada como que o elo dos acontecimentos: contemplação do "mistério da Encarnação" (2.ª semana, n.º 109); "mistério da infância", "permanência do Menino no Templo"; o "encontro do Filho, por Maria" (idem, n.º 135) — Os "Milagres", com destaque para o primeiro — Bodas de Caná — realizado por intercessão de Maria; presença global no "Mistério Pascal": *Stabat Mater*, no Calvário, junto da Cruz; Maria entregue a João como mãe que a levará para sua casa (n.º 297); *Mater Dolorosa*, que recebe o corpo do Filho para o sepultamento (n.º 208); anúncio da aparição de Jesus ressuscitado à sua mãe (4.ª semana, n.º 218). — Essa presença de Maria, i.é., essas passagens históricas, contrastam com a sua direta intervenção através d'outra forma ou aspecto; e eis então o, *2.º aspecto*) sua "presença" inclui-se, em particular, quer movidos pelo nosso amor, no decorrer das meditações, quer de modo especial no "tríplice colóquio" proposto no fim de certas meditações. Se na 1.ª Semana Ela não "aparece" como objeto específico de contemplação (não é mencionada na meditação n.º 63), el-la, porém, no primeiro colóquio: Mãe Medianeira Imaculada das graças básicas necessárias para uma consagração total da vida. Tl-vemo-la tão *presente* nas contemplações. "Encarnação" (n.º 109) e na "das Bandeiras" (n.º 147); Ela *aparece* para a glória do Reino Eterno e como "Coração da Igreja", pois Mãe de Jesus e Mãe da Humanidade. É plenamente válido, portanto, recorrer a Nossa Senhora, espontaneamente, levados pela devoção que a Ela, individualmente, o "exercitante" consagra. E Nossa Senhora "aparece" sempre nos pontos mais críticos, nos momentos mais difíceis dos *"Exercícios"*. (*cpd* Pe. Pancrácio Dutra, S. J.). — Às Congregações Marianas se deve, inegavelmente, no Brasil, a divulgação dos *"Retiros Fechados*, segundo método de Sto. Inácio. — Desde a década de 30 a prática começou, com os "retirantes" usando as casas dos Jesuítas, em Nova Friburgo, Rio e Niterói.

EXÉRCITO — Comparada a um exército em forma de batalha, Maria é a vencedora das forças do demônio. Ver este subverbete em *Antigo Testamento.*

F

FÁTIMA (do árabe *Fatama* (verbo *fatah*?) = fecunda, tb. a esplêndida, ou, a que deixou de ser amamentada. — No português antigo: *Fatema*. — Nome da filha de Maomé e mulher do primo dele, Ali (4.º Califa). — Embora a proximidade com Maomé e Ali, era pobre, humilde e religiosa, tipo ideal de virtudes femininas pela inocência. — Muito estimada entre os muçulmanos, talvez por influência do culto à Virgem Maria. — Devido ao comércio e navegação o nome "aportou à lusa terra", sendo denominação do sítio que dista 25 km de Lisboa, diocese de Leirla. Devido as aparições da Virgem ali verificadas em 1917 é o centro de peregrinações mais concorrido de Portugal, e dos mais visitados do mundo. — Muito aquinhoado pelos pontífices contemporâneos, que, entre outros favores e privilégios, visitaram-no pessoalmente: Paulo VI, em 13-5-1967 cinqüentenário da 1.ª aparição, e, João Paulo II, em 13-5-82 para agradecer o milagre de escapar do atentado de que foi alvo na Pr. S. Pedro, um ano antes, no dia 13, — A imagenzinha que se venera na "Capela das aparições", onde está a azinheira onde a Virgem pousou os pés, foi coroada com diadema de ouro por Pio XII, através do seu legado: *ad latere*, Card. Bento Aloisi Mazela (ex-Núncio Apostólico no Brasil, e, congregado mariano, como Pio XII). — O Pontífice mariano, Pio XII, pelo Breve *Luce Superna*, outorgou o título de "basílica menor" a Igreja do Santuário, "*pro peculiari Nostra pletate erga Beatam Mariam Virginem a Fátima*". — No Santuário estão sepultados os corpos de Francisco e Jacinta Marto, com processo de canonização tramitando. No Rio de Janeiro, o Santuário de Fátima, sob os cuidados do Pe. Antonio Lemos, transporta-nos, mormente em maio e outubro, ao de Portugal. — V. Verbetes: *Lúcia — Francisco — Jacinta — Aparições. (Videntes).*

FESTAS — Já se disse que o Calendário das festas da Igreja é como que a moldura de nossa vida; acende luzes, ilumina os caminhos, direciona as jornadas, aponta as fontes de irrigação, em suma, por elas, as festas de Cristo, dos anjos, dos santos, dos mártires, dos confessores, das virgens marcamos o ritmo do nosso caminhar espiritual. — E, como não podia deixar de ser, Nossa Senhora foi inserida neste painel como a principal estrela; associada na economia da redenção como foi, por Deus, quis este mesmo Deus, e também a nossa devoção, que Ela se nos apresente fulgurante e esplendorosa. — Com as reformas na Liturgia (*Misterii Paschalis*, 14-2 — 1969, de Paulo VI (*Sacrosanctum Concilium*) ficaram apenas 13 celebrações festivas de Nossa Senhora, distribuídas em 3 *Solenidades* (nome que passou-se a dar ao que se dizia 1.ª classe), 2 *Festas* (eram as 2.ª classe), 4 *Memórias* (obrigatórias) e 4 *Memórias* (livres ou *ad libitum*):

— 1.º de janeiro — *Ssma. Mãe de Deus, Maria* (Solenidade), desde a mais remota antigüidade, todos os ritos e liturgias comemoravam em suas anáforas e festas natalinas a Mãe de Deus (*Theotókos*). — A Igreja colocou o início dos 365 dias do ano, abertura do calendário civil, sob a proteção da Mãe Celestial, transferindo a festa

da maternidade divina de Maria que se celebrava a 11 de outubro.

Nota — A comemoração do dia 2 de fevereiro, que se chamava **Festa da Purificação de Nossa Senhora**, bem como a do dia 25 de março, **Anunciação de Maria**, passara a ser de Cristo: **Apresentação do Senhor** e **Anunciação do Senhor**, sem que perdesse, é óbvio, a acentuação ou aspecto mariano.

— 11 de fevereiro — *Nossa Senhora de Lourdes* (Memória livre) — Conseqüentemente às aparições da Virgem à Bernadete Soubirous (1958), confirmando a definição dogmática da Imaculada Conceição, com o título de Lourdes, dissiminou-se na Igreja esta festa mariana, celebrado no dia em que se deu a 1.ª aparição na gruta de Massabiele: 11 de fevereiro.

— 31 de maio — *Visitação de Maria Ssma.* (Festa). — Introduzida esta celebração, pelo Papa Urbano VI, em 1389, para obter o fim do cisma do Ocidente, foi inserida no Calendário Romano a 2 de julho. — Transferida agora para o último dia de maio (celebrava-se aqui a Realeza de Nossa Senhora, agora, memória obrigatória, a 22 de agosto), entre as festas da Anunciação (25 de março) e São João Batista (24 de junho), para combinar melhor com a narrativa evangélica.

— Junho ou Julho: Celebração móvel — *Coração Imaculado de Maria* (Memória livre) — Passou-se a comemorar no sábado seguinte a Festa do Sagrado Coração de Jesus, que também é móvel, conforme o dia em que cair a Páscoa (antigamente esta festa ocorria a 22 de agosto).

— 16 de Julho — Nossa Senhora do Carmo (Memória livre) — A rigor, a mais antiga festa ou comemoração à Virgem Ssma., pois 900 ANTES de Cristo, os eremitas do Monte Carmelo (*carmelo*, abreviatura ou corruptela de *Carmo*) prestavam "culto profético" à futura Mãe do Messias, Redentor do gênero humano, que Sto. Elias simbolizara na núvem que viu erguer-se do mar e alargou-se sobre a Terra, desfazendo-se em copiosa chuva após a estiagem com que Deus provara seu povo (Sto. Elias foi, portanto, o primeiro que venerou Àquela que, um dia, haveria de vir ao mundo para a maternidade divina. — Foi no dia 16 de julho de 1251, que, aparecendo Nossa Senhora a São Simão Stock, deu-lhe o *Escapulário*, daí ter-se a mesma data instituitiva: da festa e do escapulário, (no Brasil, é o prazo concedido para a desobriga pascal).

— 5 de agosto — *Nossa Senhora das Neves*, ou também *Dedicação da Basilica de Santa Maria Maior* (Memória livre). — No ano 352, ao passar do dia 4 para o dia 5 de agosto, apos ter a Virgem Ssma. manifestado, a um casal de seus devotos, o desejo de se erguer numa das colinas de Roma uma igreja em seu louvor, fez que amanhecesse coberto de neve o Esquilino. Para ver o milagre — pois ali, na época era de tremendo calor — acudiram muitos fiéis, inclusive o Papa Libério e a corte pontifícia. — Já no ano seguinte a igreja, toda construída, era consagrada (em homenagem ao Pontífice) diziam-na "Basílica Liberiana" e, depois, devido a bela cena do nascimento de Jesus ali armada, chamaram-na "N. S. do Presépio". — E por ser de grande importância entre os templos de Roma cognomina-

ram-na de *Santa Maria Maior* (magiore). — Uma série de outras tradições são aí celebradas.

— 15 de agosto — *Assunção de Maria* (Solenidade) — Desde o Séc. V celebrada, nesse dia, em Jerusalém; no Séc. VI difundiu-se por todos os países do Oriente com o título *a dormitio* (= a dormição, sono), atingindo Roma; finalmente, no Séc. VIII, começou a celebrar-se com denominação de *Assunção* ou *Glória*.

— 22 de agosto — *Realeza de Maria* (Memória obrigatória) — Instituída por Pio XII, em 1955, para celebração a 31 de maio, último dia desse mês mariano, quando universalmente se procede à paraliturgia da *Coroação* de Nossa Senhora, Rainha do Céu e da Terra, resolveu-se juntá-la, cronologicamente, à comemoração que tão bem exprime a realeza, ou seja, o mistério da Assunção.

— 8 de Setembro — *Natividade de Maria* (Festa) — Começou a ser comemorada em Jerusalém, e só passou para Roma no Séc. VII, quando então muitos e variados ritos e liturgias o faziam largamente. Como o transcurso dos 2.000 anos (bimilênio) desse bendito nascimento foi lembrado por João Paulo II, em Lourdes (homilia de 15-8-83), no mundo inteiro procedeu-se a belas iniciativas que se vão realizando, inclusive este modesto livro.

Nota — Presépio de Nossa Senhora poderia ser armado de 8 a 12 (Natividade ao Santo Nome), sugestão dos Carmelitas quando do **Ano Mariano (1954).**

— 15 de Setembro — *Nossa Senhora das Dores* (Memória obrigatória) — Aos PP. Servitas foi, primeiramente, concedida esta festa (1667), e, 147 anos depois (1814), elencando-a no Calendário Romano, fixou-se o 3.º domingo de setembro para a celebração. Em 1913 é que passou-se para o dia 15.

— 7 de outubro — *Nossa Senhora do Rosário* (Memória obrigatória) — O Papa Pio V, em 1571 instituiu-a para agradecer a Nossa Senhora a vitória sobre os turcos em Lepanto (tanto que se chamou, inicialmente, festa de N. S. das Vitorias). — Leão XIII deu-lhe Ofício e Missa proprios.

— 21 de novembro — *Apresentação de Nossa Senhora* (Memória obrigatória) — Como é natural e comum, esta festa começou em Jerusalem (Séc. VI). — Em 1373 passou para o Calendario Romano. Foi supressa pelo Papa Pio V, em 1568, e reintroduzida em 1568.

— 8 de dezembro — *Imaculada Conceição* (Solenidade). — A comemoração festiva desse privilegio foi introduzida no Calendário Romano em 1476. Após a definição dogmática do Papa Pio IX, em 1854, naturalmente os festejos cresceram muito, e hoje em termos de importância como de celebrações, é a maior dentre as festas marianas.

— *Sábado de Maria* — Pela altura do Séc. X é que o sábado começou a ser consagrado, de modo especial, a Nossa Senhora (assim como o domingo é o *Dia do Senhor*). — Pio V em suas reformas litúrgicas fixou, no sábado, o Ofício e a Missa de Nossa Senhora. Ver os verbetes: *Escapulário* e *Sábado.*

FIAT/SIM — Por ser uma decidida, firme, e inabalável resolução livremente assumida, ao consentimento — *fiat* = faça-se — da Virgem ao Embaixador de Deus, traduziu-se por esta palavra de apenas 3 letras — *Sim* — mas que reflete um mundo de transcendente sublimidade e mistério, de fé e amor; palavra que transportou um Deus das etéreas paragens celestes ao plano chão deste mundo terrestre. Lembra, de forma admirável outros *fiat:* o *fiat* da criação, o *fiat* da oração que Cristo nos ensinou que rezássemos ao Pai que está no Céu, e, o *fiat* do Getsemani num momento de suma decisão, de entrega e consumição para a "salvação de muitos". — Ver *Anunciação* (subverbete de *Novo Testamento*).

FLORES — Todas as flores, com exclusão, é óbvia, das chamadas *carnívoras,* e com especial inclusão das silvestres, ou seja, dos campos verdejantes, das campinas agrestes, com muita propriedade têm aplicação à Nossa Senhora. — Na Bíblia são inúmeras as flores que têm esta aplicação ou conotação: lírio dos vales, narciso de Seron, Rosa de Jericó, bem como nas aparições o simbolismo da rosa — *Rosa Mística* — e no seu túmulo, as flores que ficaram no lugar do seu corpo assunto aos céus. O mês de maio — que é o das flores, na Europa (Primavera), por esta razão foi escolhido para ser o *Mês de Maria.* — Antes da Reforma, a Inglaterra tinha o cognome de *Feudo de Maria,* e, para mais de 500 espécies de flores faziam relembrar a Virgem Ssma. ou coisas a Ela ligadas. — Algumas dessas pitorescas conotações: *Our Lady's Mantle* — Manto de Nossa Senhora (adelaide). *Ou Lady's Delight* — delícia de Nossa Senhora (amor perfeito). *Our Lady's Glove* — luva de Nossa Senhora (dedaleira). *Our Lady's Keys* — chaves de Nossa Senhora (primavera). *Our Lady's Fingers* — dedos de Nossa Senhora (madressilva). *Our Lady's Tears* — lágrimas de Nossa Senhora (lírio do vale). *Our Lady's Eardrops* — brincos de Nossa Senhora (brincos de princesa). *Our Lady's Thimble* — dedal de Nossa Senhora (campânula azul). *Our Lady's Modesty* — modéstia de Nossa Senhora (violeta). *Eyes of Mary* — olhos de Maria (miosótis) *Purification Flower* — flor da purificação (campânula branca). *Our Lady's Birthday flower* — natividade de Nossa Senhora (áster). *Assumption lily* — lírio da assunção. (cfr. revista mariana *Estrela do Mar, maio,* 1957, pgs. 6/7).

FRUTOS DO ESPÍRITO SANTO (em Maria) — Os referidos *frutos* são obtidos com a prática das *virtudes* e dos *dons,* como o próprio nome já indica. — S. Paulo enumera 12: caridade — alegria — paz — paciência — benignidade, bondade — longanimidade — mansidão — fé — modéstia — continência e castidade. — Os 4 primeiros, referem-se à alma; — os 5 seguintes (centrais) dizem respeito às relações da alma com o próximo e os 3 últimos, relacionam-se ao próprio corpo com a alma. — Quem admiravelmente tratou, em abordagem feliz, este assunto, foi o Card. Lépicier, na sua obra, *A Imaculada Corredentora* e *Mediadora* (indicação do Pe. Roschini). — Da *caridade* (amor), como *Virtude* o enfoque já foi feito; como *Fruto,* nada mais é do que uma repetição quase ininterrupta de impulsos amorosos para com o Dileto da alma. — Emergindo do amor (caridade), havia em Nossa Senhora as *alegrias,* posse, como e, dum Bem tão grandemente sublime, transcendental, a divina graça. — A *paz,* a tranqüilidade em Maria,

advinda, obviamente, de suas relações agradáveis como Mãe do Filho de Deus humanado. — A *paz* é gerada pela *paciência* — ou pelo menos a ela intimamente ligada — com fortes laços, de fortaleza; como 4.º dom do Espírito Santo, Nossa Rainha Celeste a teve no seu altíssimo papel de Mãe. — Abrindo agora uma série de 5 frutos (os centrais dos 12), temos a *benignidade* (afabilidade, amabilidade, gentileza, delicadeza, espírito de ternura, carinho); um único fato bastaria para mostrar-nos Maria nesta moldura: as bodas de Caná da Galiléia. — De pouco ou nada vale a benignidade se de fato não existir a *bondade* que parece igual ou semelhante, mas não é — bondade é ter, como Maria teve, o coração eternamente aberto. — Para assegurar seja a bondade sem limites, o fruto seguinte é a *longanimidade*, pelo qual, o distribuidor, a exemplo de Maria Ssma., não se cansa de distribuir suas graças e favores. — A mansidão em Maria fê-la vencer todos os males e dissabores, sendo entre outras coisas, o "passaporte" na Assunção. — A *fé* já teve comparecência na alma de Maria ao tratarmos da relação Dela com Deus (virtudes teologais); agora diz respeito as relações entre os homens, os humanos que lhe foram dados na Cruz como filhos. Maria se nos tem mostrado, de fato, como Mãe; e será que a Ela nós temos nos mostrado como filhos? — Os 3 *frutos* finais que completam os 12 preconizados por S. Paulo, dizem respeito à alma de Maria em relações com o corpo: *modéstia* — *continência* — e *castidade*. — Os Santos Padres, os apaixonados de Maria, os videntes, em suma, todos aqueles que mesmo de longe a conhecem sabem que teve estes 3 em plenitude plena em sua alma, em seu coração, na voz, nos gestos, no olhar senão jamais poderia Ela ter entoado o *Magnificat*, como o fez e se repete deste Ain-Karin mundo afora. Destes, como de resto de todos os outros *frutos*, o sabor Celestial deles que Maria tanto soube apreciar. "*é sabor desconhecido ao paladar humano*". (cfr *Divina Comédia*, Purg. 23-133). V. Verbetes: *Alma* — *Graça* — *Virtudes* — *Carismas* — *Dons*.

FONTE — Maria é a fonte de águas vivas (Cristo) de salutares efeitos na irrigação do mundo (graças) para colheita de sanzonados frutos. Ver este subverbete em *Antigo Testamento*.

G

GABRIEL (Arcanjo) — Pelas missões que desempenhou e desempenhará ainda, não é Gabriel um anjo comum. Ele está ligado de modo muito estreito à história messiânica, é de fato um embaixador especial do Senhor. — A etimologia do nome já nos adianta esta precedência: em hebraico, *gabri'êl* significa "Ele é forte" ou mais exatamente, "Homem de Deus". — Na Bíblia, Gabriel não está hierarquizado pela teologia judaica na categoria ou grau de *arcanjo*; nos apócrifos (*Livro de Enoc*), aí sim, surge como um dos 7, que, provavelmente, ficavam diante do Trono de Deus. — No Antigo Test. vêmo-lo em Daniel (8.16-26; 9 21 27 e 11.1) e Jeremias (25.11; 29.10). — Lendas judias constam que Gabriel foi um dos anjos que sepultaram Moisés; e Maomé declarou ter recebido por

intermédio dele os suratas (= títulos/capítulos/livros) — do Corão. — Nos documentos extra-bíblicos é ele que, segundo a tradição, anunciou a Ana o nascimento da Menina *Myriam* (nome escrito na parede) e também apareceu a Joaquim, quando jejuava longe de casa. — Aconselhou-o a encontrar-se com Ana na Porta Áurea do Templo. — No Novo Test. ele surge, também como anunciador, a Zacarias, quando do nascimento do Precursor, João Batista (Lc 1,11-21) e do Messias prometido, à jovem de Nazaré, Maria (Lc 1,26-38). — Fica, portanto, evidenciada a condição de muito especial mensageiro celeste, a exercida por Gabriel, "homem de Deus", mensageiro com funções que Deus só as entregaria, e entregou, a um "homem forte", i.é., muito categorizado, de suma estima e confiança, inclusive para esta missão que exigia grande capacidade e inteligência: explicar convincentemente à Virgem Ssma. o mistério da encarnação que se operaria no seu seio puríssimo, levando a Deus o *fiat* que mudou a face do mundo.

GRAÇA — toda dávida que Deus nos concede gratuitamente pelos merecimentos de Cristo; o anjo, ao invés de pronunciar o nome de Nossa Senhora, ao saudá-la, disse-a plena, cheia de graça. — Ver o verbete *Alma*.

GRUTA — Não constitui novidade dizer que as grutas — mormente aos povos do Oriente — serviram de casa, de túmulos, de abrigo para animais. — Ao redor das grutas encontram-se ruínas. — Em Nazaré e em Belém são mostradas centenas delas; foram descobertas por explorações arqueológicas (não se permite é a escavação) e perto estão lagares, cisternas, silos, corredores de ventilação, etc. — Mormente as aldelas agrícolas se serviam das grutas naturais convertendo-as até em hospedagem e botequins, aumentando, assim, a capacidade da casa propriamente. — (Foi o que aconteceu com a utilizada, numa hora difícil, com a família de Nazaré, na Belém superlotada). — O exame arqueológico das grutas, das vasilhas e demais utensílios ali achados, levaram indiscutivelmente a conclusão de que a de Belém usada por Nossa Senhora para o nascimento de Jesus se encontrava justamente na colina; a investigação pôde também chegar a outra conclusão: Nazaré dos tempos evangélicos, não se estendia além dos santuários da Anunciação e de S. José (a fonte ficava um tanto distante do povoado, como aliás em outros lugares, tal qual Caná. — A utilização das grutas como moradia e outras serventias foi enobrecida por ter sido a forma do Rei dos reis vir habitar entre nós, e Maria tê-la aceitado como aquele sítio onde "inaugurou" suas funções de Mãe e dona-de-casa, de conformidade com a vontade divina.

"Firmemente proponho servir-vos sempre, a fazer quanto puder, para que, pelos demais, sejais também fielmente servida e amada".

(do **Ato de Consagração** dos congregados marianos, atribuído a S. Francisco de Sales)

"Ó quanto é feliz quem dá tudo à Maria, e à Maria se entrega e se abandona em tudo e por tudo! Ele é, com tudo de Maria e Maria é toda sua."

(n.º 179, do "**Tratado da Verdadeira Devoção a Maria**", de S. Luiz Maria Grignon de Monfort)

H

HINO (do gr. *hymnós*) é uma composição musical ou peça lírico-poética de louvação onde se homenageia alguém, uma entidade, uma Nação, uma cidade, um Santo.

E Nossa Senhora há de ser, talvez, aquela que possui o hinário maior e mais belo de todos os tempos. Na impossibilidade de elenear todos os hinos em louvor a Maria aponta-se como a síntese representativa de todos eles o célebre *Akáthistos*. — Ver os verbetes *Acátistos* e *Antífonas* (marianas).

I

ÍCONE (do lat./gr. *ícone/eikón* = imagem, retrato; na igreja bizantino/grego/eslava (Rússia, Romênia, Sérvia), é a imagem pintada sobre madeira, em geral de Cristo, de Maria Ssma., dos Santos e Anjos; manifestação da mais lídima tradição, ilustra a mensagem evangélica e a oração litúrgica, colocando o fiel na "presença" daquilo que está representado (não é a madeira que se venera, mas sim o que nela está figurado). — No 7.º Concílio Ecumênico (Nicéia, ano 787) estabeleceram-se bases seguras referentemente as ícones, legitimando o seu uso contra a ação dos *iconoclastas* (S. João Damasceno foi dos que mais e melhor contribuiu para esta grande vitória. — A ícone artística e tecnicamente obedece a rígidos canones: o Inconógrafo não deve dar relevo demasiado ao corpo (carne); a perspectiva é inversa; a luz não vem duma fonte especial, mas espalha-se em toda a extensão da imagem; o rosto é primeiramente pintado sobre uma camada escura (*verdaccio*) devendo a cambiância das cores passar das mais sombrias às mais claras; e diz-se como regra importantíssima: a ícone deve ser pintada em "estado de oração" e não tanto de inspiração; ela — a ícone — é venerada nos lares (como nos templos, obviamente) como "janelas abertas da Terra para o Céu." — Segundo a tradição, se S. Lucas não foi o primeiro pintor de ícones, foi quem a divulgou, inclusive retratando a Virgem no que se diz *odigtria* (gr. = com Ela que indica o caminho) (V. o verbete *Arte*). — Já por ser um sacramental (foi bento) e já por trazer a Imagem de Nossa Senhora as ícones marianas têm especial lugar de veneração e estima: com ela abençoam-se as crianças quando saem; as noivas a beijam antes do cortejo do casamento e uma das damas de companhia leva a no cortejo nupcial; diante da ícone a família reza nos momentos de júbilo e de sofrimento; na liturgia a sua utilização é grande (antes da comunhão, por exemplo, costuma-se rezar diante dela); os soldados em particular e

os grupamentos levam ícones em suas atividades de paz ou de guerra. — Os pintores de ícones ao encetarem suas obras se dirigem a S. Lucas, por considerá-lo o primeiro que pintou a Virgem, e entre belos pensamentos dizem: "*Senhor Jesus Cristo (...) Tu te dignaste deixar te representar e imprimiste os traços de tua Santíssima Face no Santo Sudário (...) que espargiste a luz (...) sobre o "Apóstolo" e Evangelista Lucas, para que fosse capaz de reproduzir a beleza da Mãe Imaculada, segurando-te, criança, nos braços (..) ilumina a alma, o coração e o espírito do teu servo, guia a sua mão para que ( ) ela possa pintar de novo perfeito e digno de tua imagem criada a da Mãe Purissima (.) perdoa os pecados daqueles que, venerando esta ícone, prestarão homenagem ao modelo original que está no Céu; pela intercessão da Mãe Ssma., do bem-aventurado "Apóstolo" e Evangelista Lucas (.) Deus Santo, Santo Poderoso, Santo Imortal, tem piedade de nós.*" — No Ocidente, desde 1185 venera-se, em Spoleto (Itália) a *Santissima Ícone*, e ao ensejo dos 2.000 anos do nascimento de Maria (7.º Centenário desta imagem) em capela omonima na Catedral, grandes festejos se fizeram, à exemplo do que ocorre no Oriente. — No Brasil, a ícone mais conhecida é a de N. S. do Perpétuo Socorro, e no Rio de Janeiro está no talvez único santuário cavado na rocha, subterraneamente, a 75 m de profundidade (equivalendo um prédio de 35 andares). — Ver verbete: *Santuário.*

IDIOMA — Como boa israelita, ou mais exatamente, judia, Nossa Senhora falava, no seu tempo o aramaico, cognominado, "a língua dos profetas". — "Os judeus, no tempo de Cristo, servlam-se comumente na Palestina do aramaico. Jesus e os Apóstolos preferiam-no para o trato com o povo mais simples, pois o hebraico, praticamente banido, era empregado no culto sinanogal e nas escolas, bem como nas controvérsias com os Rabinos. — Nessa língua, e não em grego, e muito menos em latim, foi que Nossa Senhora proferiu as 100 palavras (pouco mais ou menos), do *Magnificat: Nascho dil tchabah Imorio.*

IGREJA (Maria tipo de) — "Historicamente Maria Ssma. foi e é o primeiro *membro* do "*Corpo Místico*", do qual Cristo é a *cabeça;* primeira que *física — moral* — e *sobrenaturalmente* foi inserida em Cristo; primeira que viveu correspondendo à Graça do Novo Testamento. — Ela conserva esse *primeiro lugar* na Comunhão dos Santos. — Maria pertence às 3 fases da História Salvífica: à época ANTES de Cristo; — ao período da *Vida Terrena* de Jesus; — e ao tempo DEPOIS de Cristo. — O que na "primeira" Arca da Aliança estava realizado como num TIPO exemplar, realizou-se agora plena e totalmente na "pessoa" de Maria. — Logo: Maria *precede* a Igreja; — A Igreja *está em* Maria; — Maria *está na* Igreja; — Maria *é* Igreja. — Já desde os primórdios se fala na intercessão de Maria, chamada por Sto. Irineu (Séc. II): *Advogada de Eva*; Ela intercede junto a Deus conosco e por nós; Maria é a intercessora — como *Mãe da Igreja* (Conc. Vat. II, Proclamação no encerramento) de todas as Graças". — (de um trabalho de José Machado/Desinha, no Serra Clube — Tijuca — Rio/RJ). — Ver: *Tipo*

IMAGEM — Recurso antiguíssimo de se reproduzir sobre objetos de bronze, prata, ouro, argila/cerâmica, mosaicos, madeira, pedra, gesso, etc., em baixo ou alto relevo, em pintura, ou tecer/bordar anatômica/plasticamente figuras, imagens para os templos, santuários e residências (cfr. obras do Egito, Síria, Mesopotâmia, Palestina, etc.). — No Ant. Testamento os querubins, por exemplo, devido à proibição de se reproduzir a figura de Iaweh, eram Imagens re-

presentativas, simbólicas, da divindade. — Os modernos "*Santinhos*" (estampas) são imagens, os "*Vitraux*" são Imagens, as estátuas e quadros são Imagens (não somos nós *Imagens* de Deus? — Ver nos escritos paulinos a concepção teológica do homem como *imagem* de Deus). — Impossível, pois, que Nossa Senhora, não tivesse sua Imagem (retrato, figura) reproduzida desde a mais primitiva concepção até aos rasgos inspirados dos grandes e genlais artistas cuja relação seria longo enumerar. — Consigne-se apenas que, consoante a tradição, foi S. Lucas o primeiro que pintou, *retratou* as feições da Virgem em forma de ícone (*odigtria*). — Ver os verbetes: *Icone* e *Arte*.

INDULGÊNCIA (do latim *Indulgere, indulgentia* = indultar, perdoar ou remir, diminuir, condescender). — Em sentido teológico/religioso, é a *praxis*, assente sobre múltiplos pontos da Sagrada Escritura e tradição oral, que confere à Igreja dispor do *Tesouro* segundo os méritos e mandato de Cristo. — Ou seja: "Indulgência é uma remissão dos pecados já perdoados [porém com pena a descontar], concedida pela Igreja, a quem está *em estado de graça*, aplicando-lhe os méritos e as satisfações superabundantes de Cristo, de Maria e dos Santos, i é., *Tesouro da Igreja*." — cfr. *Bibliografia* obra n.º 34. — As Associações, confrárias, sodalícios recebem-nas por liberalidade dos Pontífices, bem como objetos e coisas ligadas e de uso nesses grupamentos (escapulário, crucifixo, Rosário, etc.) — No rol das "indulgências marianas" destaca-se, sem dúvida alguma, a chamada *Porciúncula* (= pequena porção, pequenino tamanho, referentemente ao pedacinho do túmulo de Nossa Senhora, em Assis). — Note-se que toda Indulgência é aplicada a uma festa, celebração, ato ou ação, mas a *Porclúncula* é a festa de uma indulgência (com este caráter é a única, na Igreja). — Conseguiu-a S. Francisco de Assis diretamente de Nossa Senhora e de Cristo (1293), para seus "filhos" e todos agregados, de certa forma, a eles (dia 2 de agosto, N. S. dos Anjos). — O Papa Honório III homologou-a. — Durante 200 anos só podiam lucrá-la quem fosse até a Igreja de N. S. dos Anjos (Assis); em 1480 estendeu-se a todas as igrejas Franciscanas, da 1.ª e 3.ª Ordem sedidas, porém, na Itália. — Em 1622, Gregório XV estendeu às igrejas e casas franciscanas de todo o mundo; S. Pio X, concedeu-a a todas as Igrejas Matriz (sede paroquial), Capelas e Oratórios de Ordens e Comunidades Religiosas (1910). — Deixou a *Porciúncula* de ser *totles quotles* nos casos ou forma estabelecidos na Const. Apost. "*Indulgentiarum Doctrina*, de Paulo VI, 1.º-1-1967 (cfr. N.º 15). — É de todo aconselhável que se leia, que se estude atentamente o mais recente documento da Igreja sobre *Indulgências* (citado acima) e se saiba como se pode lucrá las. — V. verbete: *Escapulário* e *Devoções*.

INTELIGÊNCIA (de Maria) — A inteligência de Nossa Senhora teve em grau eminente a *ciência adquirida* (conhecimentos do aprendizado no Templo, aquele aprendido com seus pais e com os preceptores quando ficou órfã, o do exercício como dona-de-casa, esposa e mãe); *ciência infusa*, obviamente proporcionada à sua missão; *ciência beata*, i é , visão imediata da Essência Divina, pois se tal aconteceu, como provavelmente se deu, com Moisés e S. Paulo, com muito e maior razão terá ocorrido com Maria. — Há de ter sido apenas em alguma importante ocasião de sua vida e de modo transitório. — A iconografia muito apreciou em mostrar Sant'Ana ensinando Maria a ler, bem como a Virgem em seus aposentos estudando as Escrituras.

ISABEL (forma em gr. do heb. *'Eliseb'a* = Deus o jurou) — Esposa do sacerdote Zacarias e mãe de João Batista. Sem indicação do grau o evangelista no-la apresenta como "parenta" da Virgem; como acontece aliás ainda hoje, os orientais não costumam especificar por termos próprios os graus de parentes: *irmão* serve para quase tudo (primo, tio e até avô) e *filho* serve, genericamente, para apontar descendentes até mesmo distantes. — Neste sentido, Isabel era "filha" de Aarão, i.é., descendente dele, pertencia à sua descendência, logo da tribo sacerdotal de Levi (Zacarias tinha, provavelmente, algum parentesco com Isabel, deduz-se de suas funções religiosas no Templo). — Maria, sendo descendente da estirpe de Davi (tribo de Judá) não seria, acaso Sobrinha de Isabel? (que pela diferença de idade bem poderia ser sua tia). — Outra hipótese (esta aliás levantada no séc. VII, segundo Hipólito de Tebas): ambas teriam nascido de duas irmãs, filhas do Sacerdote Matham, portanto primas germanas. (cfr. as hipóteses e argumentações, na *Bibliografia*, obra sob o n.° 64). — O fato é que foi Isabel, por inspiração do Espírito Santo, a primeira que, em nome da Humanidade, reconheceu, viu, proclamou alto e bom som que o Messias prometido chegara: "... *bendito é o fruto do teu ventre* (. .) *a mãe do meu Senhor* (...) *o menino saltou de alegria no meu ventre. Bem-aventurada a que acreditou, porque se hão de cumprir as coisas que da parte do Senhor te foram ditas.*" (Lc 1,39-44). — Ver os Verbetes: — *Visitação* — *Zacarias* e a *Cronologia Biográfica*.

J

JOÃO BATISTA/JOÃO EVANGELISTA (heb. *Yehôhanan*, gr. *Ioannes* = Deus é benigno) — Nome de diversos personagens no Novo Testamento e entre estas os 2 Joões que surgem na "história" de Nossa Senhora: quando muito jovem, em Ain Karim, foi assistir o nascimento de um, o Batista. E. no Calvário, quando recebeu como filho, e, foi entregue como mãe, a outro, o Evangelista. — No "encanto do encontro" com Isabel presenciou a primeira "canonização" do mundo, quando o Precursor foi santificado ainda, no ventre: "Ao ouvir a saudação de Maria, o menino estremeceu no útero (...) No versículo 15 do mesmo cap. de S. Lucas (...) ficará pleno do Espírito Santo ainda no selo de sua mãe. — Daí concluem alguns autores que João foi libertado do pecado original e ornado de Graça, santificado antes de nascer (...) Conforme esses teólogos, a saudação de Maria provocou a infusão da Graça na alma de João, que, como acontece com os que são batizados, ficou livre do pecado original (...) Quando a doutrina da Igreja fala da univer-

salidade do pecado orlginal, abre exceção para Maria Imaculada na sua conceição, I.é., quando foi concebida já recebia a plenitude da Graça santificante. João Batista seria uma nova exceção, mas não plena, porque recebeu a Graça depois da concepção, ainda que antes de nascer, no 6.º mês de vida. — Esta doutrina da santificação de João no selo materno é muito comum entre os autores que falam de privilégio concedido ao Precursor (...) pelo papel que devia desempenhar — abrir os caminhos do Senhor — era conveniente que fosse purificado antes mesmo de nascer, ao primeiro contato com o Redentor." (cfr. D. Geraldo Maria de Moraes Penido, pgs. 39/40, na *Bibliografia*, obra sob o n.º 64). — Referentemente a S. João Evangelista, "encerrado com o Pentecostes — como diz o Pe. Luiz Perroy, S. J. — o papel histórico de Maria", saindo os Apóstolos mundo afora, coube a ele, a este outro João, a tutela de tão precioso legado. Estando em Jerusalém ou em Éfeso, levando consigo ou não a Ssma. Virgem (já perto dos 60 anos), o fato é que jamais desculdara de tão insigne incumbência. Nesta época da existência de Maria em casa de João, é que os autores colocam as confidências da Virgem com S. Lucas. Sendo ele natural de Antióquia e como se convertera após a Ascensão, não conheceu pessoalmente Jesus, de modo que vinha colher informes para o seu Evangelho; e, segundo a tradição, já que também era pintor, conseguiu que Maria se deixasse pintar num quadro que fez num tampo de mesa. — Todos os contemporâneos da Virgem que descreveram a "dormitio", é a S. João que eles entregam as derradeiras providências funerárias, inclusive, ajudado pelos anjos, o avisar aos Apóstolos dispersos na pregação do Reino.

JOAQUIM — nome do pai de Nossa Senhora, o esposo de Ana. Joaquim foi a forma que uma tradição que data do Séc. VI mais divulgou; em heb. *Heli* (gr. *Eli*) é sinônimo de *Yehõaquim* ou também *Yõakim*, etimologicamente significando "Iahweh eleva". — Segundo S. Gregório de Nise, S. Joaquim, após educado de forma piedosa, tornou-se comerciante de lã e de carneiros, viajando muito. Ao que parece natural de Séforis, tinha porém propriedades em Nazaré e Jerusalém. — Conheceu Ana, e por indicação do anjo, levou-a na Porta Áurea do Templo de Jerusalém (sua residência era próximo da piscina de Siloé, a probática, (aquela no qual, anualmente um anjo curava quem nela estivesse imerso). — Primeiro a Joaquim e seguidamente a Ana um anjo avisou do nascimento de Nossa Senhora, quando já estavam ambos além da meia-idade. — A festa do "avô" de Cristo celebrava-se em separado, porém agora faz se juntamente com a de Sant'Ana, no dia 26 de julho. —

JOSÉ (heb. *Iodzet*, segundo os étimos *adzat* e *ladzat* = trocar, juntar, acrescentar) — O nome José é de muita estima desde o Antigo Testamento, já no alvorecer da história da salvação, quando por vez primeira aparece, no atendimento de Deus aos rogos de Raquel, (Gm 30 22-24). Da forma apocofada hebraica *Jehoseph* (*Yõsef*) deu em gr. *Iósepos*, em árabe *Yussef* e em latim *Josephus*. — No desenrolar dos episódios que vão de suas núpcias com Maria Ssma. à vida doméstica de Nazaré queda-se modestamente em plano secundaríssimo, vida humilde, obscura e certamente dura de carpinteiro em sua pobre banca de vilarejo esquecido num ponto da Palestina. — Alguns documentos extra-bíblicos — os apócrifos — fazem de José homem de certa idade e até viúvo antes de consorciar-se com Nossa Senhora, o que

de forma alguma se aceita, evidentemente. — "Há motivos para se crer — diz-nos o teólogo Pe. James Davis — que S. José tinha a idade considerada normal para contrair matrimônio, aproximadamente a mesma de sua jovem esposa (.) Sua idade pode ser calculada pelos 19 a 20 anos, não mais (. .) Pretender que S. José era um velho quando se casou com a Virgem vem a ser um insulto contra a virtude daquele que o Espírito Santo chama "varão justo", e simplesmente significa limitar a graça divina (..) não há razão que justifique apresentar S. José como ancião" (reunião anual do *Centro de Investigação e Documentação do Oratório S. José*, dos PP. da Santa Cruz — USA — 1959). — Também o grande Arcebispo novaiorquino, de saudosa memória, Mons. Fulton Sheen, se Insurge contra a concepção que, sem prova histórica alguma, desde o séc. IV, nos apresenta S. José velho: "Não será um tanto inaceitável — estranho mesmo — que tenhamos para proteção de Maria, uma jovem dos seus 16/17 anos, de ligá-la a um velho? (...) Ele [Cristo] do alto da Cruz confiou Sua mãe a um jovem (S. João), por que teria colocado a seu lado, junto do Seu berço um velho? (...) Provavelmente S. José era um homem jovem, forte, viril, atlético, belo, casto e disciplinado (...) Nossa admiração não iria para Maria, se Esta tivesse feito o seu voto de castidade depois dos 50 anos [fê-lo ainda menina]. Analogamente, não admiraríamos S. José, se ele se tivesse feito seu marido em idade avançada." (cfr. na *Bibliografia*, obra sob o n.° 41). — Ignora-se se S. José ainda vivia ou se já morrera quando da vida pública de Jesus, pois a referência derradeira que dele dá-nos o Evangelho é a perda e encontro no Templo. — O trânsito de S. José, tendo a assisti-lo Jesus e Maria, vai por conta da piedosa inspiração dos artistas. — Nenhuma criatura como S. José desempenhou missão maior neste mundo, sendo guardião intimorato e silencioso do maior tesouro que se possa imaginar: Maria Ssma. e Cristo Jesus. — Ver os verbetes: *Esponsais — Nascimento — Fuga para o Egito — Perda e Encontro.*

K

KEKHARITOMÉNE — "Tentou-se limitar e escurecer tão clara saudação do Anjo, com traduções incompletas como esta: *Salve agraciada* ( ) os maiores orientalistas acharam exata a tradução da *Vulgata*: "Ave, cheia de graça." (Lc 1,28) — O próprio S. Lucas que escreve: *Kekharitoméne* = "cheia de graça", assenta também *Eures Khárin* = "encontraste graça" (1,30). — Por que tal diversidade de linguagem? — Porque neste segundo caso não queria ele repetir a plenitude de graça em Maria mas explicar apenas que sendo Ela

agraciada (agora sim!), não devia se preocupar com aquela saudação. — Acrescentamos que o verbo *Kharitó* tem mesmo o significado de *encho de graça divina*. (cfr. o *Dic. Grego Português*, de Isidro Pereira, S. J.). — *Kharitó* se transforma, no particípio perfeito, em *Kekharitoménos*, que Francisco Zorell, S. J., traduz em seu *Lexicon Gracum N. Test.* com *gratiosus, gratiae plenus* e também, *gratiae divinae plenus*. — Trata-se de tradução adequada — não arbitrária — sendo que o particípio perfeito indica ação completa cujo efeito continua. E estando, o citado particípio, em função de adjetivo declinável, acha-se no vocativo feminino: *Khaire, Kekharitoméne* = "ave, *cheia de graça*". — Notamos que Padres e Doutores gregos, como Atanásio, Sofrônio, Tarásio, Germano etc., frisando a saudação do Anjo, declaram Maria: é *panaghia* = "toda santa" — é *móne panaghia* = "só toda santa" — é *panákhrantos* = "toda pura" — é *móne panákhrantos* = "só toda pura" — é *móne eulegoméne* = "só bendita" — é *sei eulegoméne* = "sempre bendita", etc. — É que eles compreenderam muito bem o valor da palavra *kekharitoméne*". (cfr. *Nota-de-rodapé* da obra n.º 27 elencada na *Bibliografia*).

L

LADAINHAS (do gr. *litaneo* = eu peço, suplico) — Invocações louvativas e em forma de prece à Virgem Ssma. Inspiradas quanto à sua estrutura poética devocional no hino da Liturgia grego/bizantina *Acatistos* (V. Verbete), traduzido e divulgado em Veneza (pelo ano 800). — A elencação das súplicas provém certamente das "Ladainhas dos Santos", usadas desde remota antigüidade, no Oriente, depois adotadas na procissão para a "Igreja da Estação" (*statio*), em Roma; a louvação há de se dever, talvez, aos missionários irlandeses — Quanto à denominação *Lauretana*, é devida ao Santuário de Loreto (V. o Verbete), desde Sixto V (1585-1590). — Nesse Santuário mariano famoso por ter no seu interior o que a tradição diz ser a "casa de Nazaré", para ali translada pelos anjos, passou-se a cantá la solenemente, enriquecidas de indulgências. (V. verbete). — O elenco das Invocações, a princípio de quantidade livre foi disciplinado, limitando-se atualmente a 51; extraídas da Bíblia, dos PP. das Igrejas e Concílios, onde se louva sua coroa de glória (principais prerrogativas e privilégios): como Mãe (13 vezes); como Virgem (6 vezes); como obra-prima de Deus, designada em figuras e símbolos (14 vezes); como socorro nas aflições de qualquer tipo (4 vezes); e, finalmente, como Rainha por excelência (11 vezes). — As Invocações mais recentemente incluídas, são (embora a Cong. dos Ritos os tenha limitado, em 1631): Rainha do Ssmo. Rosário (Leão XIII, em 1854) — Mãe do Bom Conselho, o mesmo Papa, em 1903) — Rainha da Paz (Bento XV, em 1915) — Rainha Assunta ao Céu (Pio XII, em 1950) e, finalmente, Mãe da Igreja (Paulo V, pela comunicação do Card. Knox, Prefeito da Cong. dos Sacramentos e do Culto, em data

de 13-3-1980: a referida Invocação deve ser inserida na Ladainha Lauretana depois da invocação *Mãe de Deus* e antes de *Mãe da Divina Graça*, de acordo com novo título mariano proclamado solenemente por Paulo VI, em 21-11-1964, encerrando a 2.ª Sessão do Concílio Vaticano II. — Outras *Ladainhas marianas* (como a de N. S. Conceição), e no Verbete Conc. Vat. II inserimos a que ordenamos com extrações, *ipsis verbis*, de invocações do cap. 8.º da *Lumen Gentium* (foi incluída nas celebrações dos 2.000 do nascimento de Maria, no Maracanãzinho (Rio de Janeiro, 8 de dez. 1985).

LÍRIO — Flor que reflete a tranqüilidade pelo seu aspecto, símbolo da pureza pela nitidez, da beleza pelos seus contornos, do encanto pela sua fragrância; dentre as flores é, portanto, das que mais e melhor se pode comparar à Maria, que além do mais, como a Virgem, tem o poder da cura. Ver este subverbete em *Antigo Testamento* e o verbete *Flores*.

LITERATURA — Em todas as literaturas do mundo, neste ou naquele setor: poesia, trovas, romance, conto (em nossa nordestina "literatura-de-cordel). Maria Ssma. está presente (até nos países de Ideologias contrárias a Religião). — E cremos não existir mais lídima representante no vastíssimo elenco das obras literárias que não aponte Maria, desenhe-lhe o perfil, mostre a sua figura.

LITURGIA — Com que fervoroso carinho, respeitosa ternura e acendrado amor Maria Ssma. recebe da Igreja através do seu culto oficial — a Liturgia — aquela veneração devida à Rainha de todos os Anjos e Santos por sua união tão íntima à obra da Redenção! — Além das 2 Solenidades, 3 Festas e 8 Memórias inseridas no Calendário Universal, (V. verbete: *Festas*) e, centenas permitidas nos calendários particulares, i.é., regionais, com as respectivas *Missas próprias*, há ainda Missas no talvez impropriamente chamado *Commune Festorum BMV*.(*) — Pensamentos fundamentais do *Comum de Nossa Senhora*; a expressão mais exata encontra-se no invitatório das *Matinas:* "Santa Maria, Virgem, Mãe de Deus, Intercedei por nós". — Contém esta pequena invocação o resumo de toda a grandeza de Maria: 1) Santa Maria — sua santidade pessoal; 2) Virgem! — de preferência a Liturgia lhe dá esse título, porque é seu privilégio singular, que não coube a mais ninguém: ser Mãe e Virgem ao mesmo tempo; 3) Mãe de Deus — sua dignidade mais alta e a última razão de todos os seus privilégios; 4) Nossa intercessão [me-

(*) "No coro de todos os Santos Maria ocupa o primeiro lugar e por isso não podemos falar de um **comune** como se tivesse sido reunido um grupo de Santos nesse formulário. O lugar de Maria é absolutamente único; é impossível reuni-la em grupo com outros Santos. Pelo contrário. Ela está acima de todos os grupos como Rainha dos Apóstolos, dos Mártires, dos Confessores e das Virgens, como canta a Ladainha de Nossa Senhora. Podemos todavia falar em **Comum de Nossa Senhora**, reunindo os textos sobre Ela num formulário enquanto nas várias festas durante o Ano, em louvor de Maria, são considerados e celebrados aspectos particulares. Claramente se vê nisso a importância do **Comum** para melhor inteligência dos outros ofícios de Nossa Senhora. Penetrando no conjunto das idéias gerais do **Comum**, melhor compreenderemos, por certo, os pensamentos das festas particulares". (Pius Parsch, osb — **Calendário Litúrgico**, Vol. II de "Test. de Cristo" — Tip. Beneditina, Salvador/Bahia, 1953).

dianeira] — essa é a causa da grande confiança que a Cristandade deposita Naquela que é *Auxilium christianorum*. — No Breviário (Ofício Divino) a "presença" de Maria constitui liturgicamente, verifica-se como que a sua própria definição: *lex orandi, lex credendi*. — V. subverbete: *Textos Litúrgicos*, em *Orações* e os verbetes *Missa* e *Festas*.

LORETO — Topônimo de pequena região na Itália central, por ter pertencido a uma piedosa matrona de nome Laureta. Porém querem outros, que a denominação do lugar advenha de uma colina, ali existente, eivada de louros. — O fato é que a cidade de Loreto possui uma das mais — senão a mais preciosa das relíquias marianas: a chamada Santa Casa de Loreto (que devera dizer-se: *Santa Casa de Nazaré*, em Loreto). — Conforme piedosa tradição (*ut pie creditur et fama est*, cfr. Bula de Júlio II, em 1507), a casa onde residia a Virgem Ssma. cenário da Anunciação e do *fiat* da Encarnação por obra do Espírito Santo, foi, devido a ocupação pelos turcos Terra Santa, foi translada milagrosamente (de modo aéreo ou marítimo?), primeiramente para Terzatto (Dalmácia) em 1291, e depois, em 10-12-1294, para as Marcas (Itália), colina de Loreto. — Pesquisas criteriosas constataram que de fato a Casa da Ssma. Virgem desaparecera de Nazaré, e a que surgiu em Loreto não possui nenhuma característica das habitações locais, inclusive as pedras que a compõem não existem na Itália. A casa mede 9,25 por 4,10 m, confrontada com descrições da época corresponde exatamente. Dentro da casa se venera um altar de pedra maciça — a *Pedra Santa* — que segundo a tradição servia de altar onde S. Pedro e os Apóstolos celebravam a Santa Missa após a Ascensão do Senhor, e davam a Santa Comunhão a Nossa Senhora. — Num nicho, há uma ícone de Maria e o Menino, atribuído a S. Lucas, que era médico e pintor. — Atualmente a Santa Casa de Loreto está como que "embutida" dentro de uma grande Basílica (assim como acontece com a capela mariana de *Porciúncula*, em Assis). — Os ex-votos que os fiéis deixaram nas paredes, os pedidos, as preces e invocações, resultaram no que hoje é a devoção dita *Ladainha Lauretana* (de *Lauretum* nome em latim, de Loreto). — Na Itália o Santuário de Loreto está sob o guardianato dos Capuchinhos, e qualquer contato se pode conseguir, através da Ig. Nossa Senhora de Loreto — Cx. Postal, 13010 — Vila Medeiros — SP (inclusive para inscrição na *Congregação Universal Santa Casa de Loreto*). — V. os verbetes: *Associações — Casa — Ladainha*.

LUA — A lua reflete, transmite a claridade do Sol e jamais procura empaná-lo, pois até no eclipse o faz para ressaltar. A lua é Maria e o Sol, Cristo. Ver este subverbete em *Antigo Testamento*.

LUCAS — (do gr. *Loukas* ou Lukios = luc's, lux, luz) — O evangelista, médico e pintor, cujo evangelho 3.º, redigido pelos anos 63/70 d. C. (canone de Muratori), maiores notícias nos dá da infância de Jesus e missão da Ssma. Virgem. — Ao que parece Informações estas colhidas pessoal e diretamente de Nossa Senhora. Segundo a tradição pintou-lhe o retrato no tampo duma mesa (ícone dito *odigtria* = Ela Indica o caminho). — Bem cabível seria dar a S. Lucas o cognome de "*evangelista mariano*".

LUZ — De forma absoluta a Luz é Cristo, pois é "Luz do mundo", porém Maria é claridade, o reflexo da Luz, seu Divino Filho. Ver este subverbete em *Antigo Testamento*.

M

MÃE — O judeu no tempo de Cristo quando se dirigia à sua genitora, chamava-a *Imma* (mãe, senhora, em aramaico). — O evangelista S. João sempre designa Maria exclusivamente com a expressão "Mãe de Jesus" (é um título essencialmente teológico e o único que o apóstolo-evangelista emprega). — Todos reconheciam Maria como "a mãe" daquele homem de Nazaré que muitos seguiam e outros perseguiam (era aquela "espada" que aludira profeticamente o velho Simeão). — Mas dos lábios mesmo de Jesus, não há nenhum registro exarado nos evangelhos onde tenha dito Ele: *minha* mãe, e muito menos *mamãe*. — Para duramente desempenhar o seu papel de mãe, a sua missão corredentora, Maria vai desaparecendo na bíblico-palestinense do seu divino Filho para surgir apenas no Calvário, quando Ela é entregue ao discípulo amado com este título: *ecce Mater tua*. — Por que Cristo, anteriormente ao legado da Cruz sempre que se dirigiu à Sua mãe, chamou-a intencionalmente de *mulher?* — Deve haver uma razão especial para isso. Há, e é fácil atinarmos com o motivo. Basta que saibamos *colocar* a missão de Cristo e o papel de Maria nos devidos lugares, i.é., hierarquicamente no contexto salvífico. — "Entre o Cristo, enquanto enviado do Pai, e Maria, a Mãe segundo a carne, não existe relação de subordinação. Na sua missão messiânica Jesus depende exclusivamente de seu *Pai* e não de seus parentes humanos (. .) a vontade do Pai está acima de qualquer princípio humano e natural (. .) Durante o ministério público Jesus traça uma barreira de demarcação infranqueável entre Ele e a família humana (.) no Calvário, então Maria aparecerá de novo em cena e o próprio Jesus a chamará para participar de sua missão redentora entregando-lhe na pessoa do discípulo amado a Humanidade redimida (. . .) para indicar assim que Ele rejeita uma esfera de ação puramente humana para Maria a fim de reservar-lhe um papel muito mais rico, a saber, o de u'a mãe a cuidar daqueles que seguem a Cristo" — (cfr. art. já cit. do Pe. João E. Martins Terra, S. J.). — E ninguém, ninguém, mais e melhor do que Maria compreendeu e aceitou isso.

MAGNIFICAT — O cântico-oração da Virgem, entoado quando de sua visita a prima Santa Isabel, nas montanhas de Hebron. — Ver: *Anunciação* (subverbete de *Novo Testamento*) e *Devoções*.

MANTO (heb. *simlah*, indicativo de diversos tipos de coberturas para o corpo, porém, comumente para esta peça maior do vestuário antigo). — Usavam-no tanto os homens como as mulheres. Aqueles traziam-no sobre o *kilt* ou *'ezôr* (espécie de saiote escocês que descia até os joelhos — cfr. Jr 13,1ss; Is 5,27; 11,5; Ez 23,15; 2Rs 1,8). — Foi posteriormente substituído pelo vestuário dito em heb. *kuttonet* e em gr. *chiton*, espécie de túnica, camisolão de lã ou de linho que chegava até os tornozelos (geralmente mais enfeitado, de corte mais feminino dizia-se *phigil*). — Por cima da túnica usava-se então o manto (*smalah*) em formatos diversos: quadrado, circular (como as cásulas góticas), com abertura no centro. — Aos poucos tornou-se de uso dos ricos, das autoridades (cônsules, governadores, Imperadores, Reis). — Nossa Senhora, já por ser de origem oriental, onde muito se usava o manto, já por ser a Rainha do Céu e da Terra, a Rainha das rainhas, está sempre revestida do seu manto, sob cuja guarda todos nós nos acolhemos porque antes de tudo Ela é Mãe.

MÃOS — Se há uma verdadeira "*pedagogia das mãos* em se tratando das posições e gestos que o comum delas nos proporcionam, que se dirá das "lições sublimes" dadas pelas mãos de Maria? Resumidamente, inserimos aqui, enfoques devidos ao Pe. Paulo J. de Souza, S. J. — Ver no verbete *Pessoa* o subverbete *Mãos*: postas p/o Céu — abertas p/a terra — cruzadas sobre o peito (e, escondendo o rosto).

MARIA — Já desde o nome dado por Deus através do Arcanjo S. Gabriel à Ana (segundo tradição e como está consignado nos documentos extrabíblicos), já pelo nome, repetimos, "lê-se" e se "vê" como e o que é, Quem é, o papel, a missão de Nossa Senhora: "amada de Deus" (*mrítjam*), "Senhora"/ "Princesa" (*marjam*), "Estrela do Mar" (*meirjam*), que deu *Mariam* (aramáico), *Miriam* (hebraico) e Maria (grego): "*amada de Deus*" pela sua imaculada conceição, que A coloca acima de todas as criaturas, na intimidade do Criador como estavam nossos primeiros pais Adão e Eva; "*Senhora*" ou "*Princesa*" pela sua maternidade divina que a associa para sempre à Divindade; "*Estrela*" luminosa pela suas virtudes sublimes que ilumina os que navegam, pelo mar tormentoso deste mundo. — Ver o verbete *Nome*. — Genitores: Joaquim (v. verbete) e Ana (v. verbete), ambos naturais de Jerusalém, havendo, porém, os que reinvindicam a honra para as cidades de Séforis e Nazaré. — A bendita entre todas as mulheres (Lc 1,42) nasceu em Nazaré, a 8 de setembro (segundo tradição dos primeiros séculos da Igreja, em sermões do monge Efrém de Catargo). — Fez o *nazireato* no Templo durante 12 anos (dos 3 anos de idade aos 15). — Ao que parece, no Templo teve como preceptora a profetisa Ana, aquela mesma que aparecerá na Apresentação do Menino Jesus. — E, tendo seus 15/16 anos, foi esposada (v. verbete *Esponsalicio*) por José (v. verbete) e, "por obra e graça do Divino Espírito Santo", tornou-se a Mãe de Deus (*Theotókos*). — O perfil da Virgem, em rápido esboço, assim nô la apresenta respeitável tradição: "Estatura mediana, tez morena como a dos trigos maduros, e cabelos que lembravam a cor do ouro. Tinha ainda olhos vivos em que se desenhavam pupilas de um matiz tirante ao da azeitona (...) sombrancelhas arqueadas de um belo negro (. .) lábios de doçura maravilhosa, e tinha-lhe a conversação grande suavidade: as mãos eram grandes, com dedos afilados; o vestido não tinha outra cor senão a que lhe era natural, enfim uma atitude tão humilde e tão apagada que se lhe via apenas uma simplicidade cheia toda de graça verdadeiramente divina". (Nicéforo). cfr. *Bibliografia*, obra n.° 12).

MARIOLATRIA — O exagerado amor a Maria — dizem seus inimigos — gera a *mariolatria*, i é., a adoração Dela e conseqüente esquecimento de Cristo. Acontece, porém, que jamais existirá exagero, mas poderá (e isto há, não se se pode negar) erros, desvios, Inadequações em diversas demonstrações de amor a Ssma. Virgem gerando desta forma um culto de fato idolátrico, ou seja, a *mariolatria* que de forma alguma se deve confundir com a classificação *hiperdulia* criada por S. Tomás de Aquino. (ver o verbete *Devoções*) — "Quando eu era jovem teólogo antes do Conc. Vat. II — diz o Card. Ratzinger, (Prefeito da Sag. Cong. p/a Doutrina da Fé, ex-Santo Ofício) tinha uma certa reserva quanto a algumas fórmulas antigas, como p. ex., aquela famosa *De Maria nunquam satis* (sobre Maria nunca se falará o bastante). Parecia-me exagerada (...) tinha di-

ficuldade de compreender o sentido verdadeiro de outra expressão famosa repetida na Igreja desde os primeiros séculos (o Concílio de Éfeso, em 431 proclamara Maria, *Theotókos* = Mãe de Deus); refiro-me a expressão que chama a Virgem *Inimiga de todas as heresias*. Agora, neste período confuso em que realmente todo tipo de desvio herético parece bater às portas da Fé autêntica, agora compreendo que não se trata de exagero de devotos, mas de verdades hoje mais do que nunca válidas (...) é preciso retornar a Maria, se quisermos retornar àquelas verdades sobre Jesus Cristo, sobre a Igreja, sobre os homens..." (cfr. cap. VII, do livro *A Fé em Crise?*, Ed. Ped. Univ., SP, 1985).

MARIOLOGIA — Ciência que trata sobre Nossa Senhora (o Pe. Cristovão de Vega, S. J., diz "teologia mariana" e Sto. Alberto Magno deu o nome de *Marial* a sua doutrina sobre a Deipara, sendo acompanhado por Bernardino de Bustis). — Há os que preferam *Theotokologia* (de *Theotókos* = mãe de Deus) e um maior número ainda, quer que se diga MariAlogia (se os vocábulos gregos *Téos* e *Logos* dão-nos Teologia obviamente *Maria* e *Logos* deveriam dar-nos MariAlogia). Questões filológicas e de enfonia mantém no entanto MariOlogia. Diz-se *mariano* ou *marial* o que se relaciona com a Virgem Maria.

MATERNIDADE ESPIRITUAL — Na enc. *Mystici Corporis Christis*, Pio XII ensina que Maria estreitamente unida a seu Filho Divino, ofereceu-se com Ele no Gólgota, "de tal maneira que Aquela que era Mãe corporal da nossa Cabeça [Cristo], fosse, por um novo título de dor e de glória, *Mãe espiritual* de todos os membros". — O Conc. Vaticano II, faz cerca de 35 referências a este ponto, em pelo menos 5 dos seus 16 documentos. — Ver *nota* de *Maternidade* (subverbete de *Dogmas Marianos*).

MEL — Aplicação à Maria da doçura do mel (figurativamente: bondade, pureza, humildade, obediência) a Igreja o faz com suma propriedade. Ver este subverbete em *Antigo Testamento*.

MENINA (Nossa Senhora) — Os italianos preferem e divulgaram o título *Bambina* (= criança) — Alguns receiam — sem razão — este culto por nada consignar a Bíblia. Mas a piedosa tradição — que também conta — adotou, não é de hoje. — A cronologia que se segue garante-nos a segurança da prática: Ano 732 a.C. — segundo Riccioti (renomado exegeta) data provável do nascimento de Nossa Senhora (de conformidade com o ano de fundação de Roma: 748); — 1007, surge em Milão a Igreja de Sta. Fulcorina, dedicada ao nascimento de Maria; — 1251, Inocêncio IV cumpre voto (dos Cardeais durante o conclave) de, entre outras reivindicações, instituir a oitava da festa da Natividade; — 1385, Magnífico templo a Maria nascente é prometido aos milaneses por Giovanni Galeano Visconti; — 1418, Martinho V (voltando do Conc. de Costança) em companhia do Duque Felipe M. Visconti, consagra o altar-mor do templo prometido 33 anos antes; 1577, S. Carlos Borromeu consagra o famoso templo *Duomo de Milano*", dedicado a Maria nascente; 1730, o bispo milanês, D. Alberico Simonetta (depois bispo de Como), aceita a imagem de Maria Menina, doada pela Religiosa. Sóror Isabel Clara Fornari, Superiora franciscana de Todi (feita por ela mesma); 1782, o Imperador José fecha conventos em Milão, inclusive onde era cultuada Nossa Senhora Menina; 1810, Napoleão, identicamen-

te ao Imperador José, 28 anos antes, procede a fechamentos e fusões de conventos (a Imagem fica com a ex-capuchinha Bárbara Viazzoll, do Conv. de Santa Maria dos Anjos, precariamente vivendo no ex-convento das Cônegas Lateranenses, na paróquia de S. Marcos); — 1832, Em Lovère, as santas Bartoloméia Capitânio e Vincenza Gerosa fundam a Congregação das Irmãs de Maria Menina; 1841, Pe. Luigi Bosisio, Vigário da Ig. de S. Marcos, fica, provisoriamente com a imagem, 1842, o Card. Gaisruck, chama a Milão as Irmãs da Caridade de Maria Menina Lovère (fundadas por Sta. Bartoloméia Capitânio e Sta. Vincenza Gerosa, ambas congregadas marianas) que, pessoalmente assumem a direção do Hosp. Fatebenefratelli (a imagem é entregue a Superiora do Hospital, Religiosa e irmã do Pe. Bosisio); 1876, a milagrosa imagem foi transladada para a Via Sofia (2.ª nova Casa Mãe das Religiosas de Lôvere); 1884, estupendo milagre, obtido pela noviça Júlia Macário: tocando a imagem toscamente recém-encarnada, imediatamente fica ela — a imagem "bela e viva", artiscamente; 1887, Dom José Sarto (depois Papa e depois S. Pio X), celebra no altar de Nossa Senhora Menina; 1887, dedica-se, a 24 de maio, a primeira igreja oficialmente dedicada a Nossa Senhora Menina, em Brescia, entregue ao zelo das Religiosas de Lôvere; 1888, dia 8 de Setembro, a Imagem foi levada em triunfo, de sua humilde capela de Brescia, para o novo Santuário construído em Milão, casa Mãe da Congregação de Lôvere; 1893, edita-se em Brescia a primeira publicação dedicada a Nossa Senhora Menina: *Sorrisos e Vagidos*; 1897, o servo de Deus, Card. André Carlos Ferrari, Arceb. de Milão, aprova a *Liga dos Inocentes*, para honra de de N. S. Menina e assegurar orações pela Igreja: 1898, a 17 de fev. o Papa Leão XIII aprova a Arquiconfraria de N. S. Menina, com sede no Inst. de Brescia; 1094, no dia 5 de maio, o Card. André Carlos Ferrari, como Legado de S. Pio X, coroa pontifical e solenemente a imagem de N. S. Menina; 1934, aos 50 anos do primeiro milagre obtido sob a invocação de N. S. Menina, grandes festejos; 1935, no dia 26 de abril, às 14 h no altar de N. S. Menina, celebra-se a *Missa Jubilar da Redenção* (como em Lourdes): Missas durante 72 h ininterruptas (dias 26-27 e 28), bem como nos maiores Santuários milaneses, para obter-se a Paz; 1942, última festa celebrada na cabela de N. S. Menina, antes de ser, incendiada durante a 2.ª Grande Guerra ajudaram muito a irmã de Pio XII, marquesa Isabel Pacelli e já alguns mutilados de guerra); 1942, no dia 21 de Novembro, 1.º Centenário do recebimento da imagem no Instituto das Irmãs da Caridade de Lôvere; 1943 levam a imagem, secretamente, para Magglanico, a fim de evitar profanações e roubo; 1943, última missa celebrada no altar de N. S. Menina (na capela anexa ao Instituto); 143, dias 14 e 15, total destruição da Casa Mãe de Milão e da capela anexa ao Instituto; 1945, retorno da imagem a uma capelinha na via Mercalli (5 de Setembro, para a festa dia 8); 1951, o Card. Idelfonso Schuster, Arceb. de Milão, lança a pedra de re-fundação do Santuário (5 de outubro); 1953, Consagração do Santuário, juntamente com o altar-mór, pelo mesmo Card. Ildefonso Schuster (na lápide), datada ... 26-11-1953, há referência a Sta. Bartoloméia Capitânio e Vincenza Gerosa (ambas congregadas marianas). Na Bahia (Porto Seguro), existe uma antiga imagem de N. S. Menina, na Ig. da Pena, ao que parece, desde o séc. XVII; A devoção foi introduzida no Brasil por D. Carlos Duarte Costa (mais conhecido como "ex-Bispo de Maura"), ao começo deste século, em Botucatú (SP). — No Rio de Janeiro o culto a Nossa Senhora Menina foi introduzido pelo ex-Bispo de Maura, em 1937, ten-

do em sua residência altar particular (primeiro na Rua Sampaio Viana, e, depois, na Praça Oto de Alencar). — Mas em nível mesmo de Igreja paroquial só temos no Brasil, um templo dedicado a N. S. Menina, e é o que está na Arquidiocese de Sant'Ana de Botucatú: Rua João Morato Conceição, 398 — Vila Maria — 18600 — Botucatú, S.P. (Pároco: Pe. Cláudio Fronza — Cx. P. 33).

MESA (do Templo) — Construída por Moisés, para louvação de Deus, era de riquíssimo lavor, e nela ficavam expostos os 12 pães da proposição (apresentação, "presença" das 12 tribos de Israel). De modo místico, Maria é figurada nesta mesa, cujos pães é Cristo, que Ela "apresenta" ao mundo. Ver este subverbete em *Antigo Testamento.*

MILAGRE — Não está assinalado na Bíblia nenhum milagre de Nossa Senhora, ou seja, "fato sensível, extraordinário, que em alguns casos derroga as leis da Natureza, o que somente Deus pode fazer por Si ou pelo ministério de seus anjos e santos". (cfr. Bibliografia, n.° 7) — Mas o primeiro milagre da Vida pública de Jesus — transformação da água em vinho, nas Bodas de Caná da Galiléia — Jesus o fez por intercessão de Maria. — "O título de N. S. dos Milagres é muito comum em vários países católicos como a França, Espanha, Itália, Portugal." (cfr. Bibliografia, n.° 25). — No Brasil, devido aos portugueses e espanhóis um quadro de N. S. da Conceição passou a ser venerado pela denominação de N. S. dos Milagres, "porque em 1636 a imagem suou copiosamente diante de todo o povo e durante muito tempo. Este suor, recolhido pelos devotos, operou estupendos milagres, curando cegos, cardíacos e doentes de úlceras e cancros. O povo maravilhado deu lhe então este nome. — Paróquias sob este orago existem em: Goiana (PE), cuja Igreja foi construída no Séc. XVIII; em Brejo da Cruz (PB); no Morro do Chapéu, perto de Salvador (BA); em Bagé (RS), que tomou o título de Conquistadora; em Monte Santo (MG) e em Milagres (CE). — (cfr. Bibliografia n.° 25). — Em quase todas as aparições da Virgem nos diversos lugares deixa Ela um rastro de milagres (inclusive a água de fontes, como em Lourdes). prodigiosas curas como o que já ascende à casa dos 800 casos comprovados pela Ciência e aprovados pelas autoridades eclesiásticas (o severo mariólogo Renè Laurentin, examinou, recentemente, grande número deles. — Os incontáveis *ex-votos* que superlotam as chamadas "Salas dos Milagres" nos Santuários marianos atestam a infinidade das Graças concedidas nas formas mais milagrosas. — Ver os Verbetes: *Peregrinação* e *Promessa.*

MISSA — O primado da Ssma. Virgem sobre todos os santos e anjos proclama-o a Igreja, mesmo na celebração do maior ato de culto, o Santo Sacrifício da Missa. O seu lugar de insigne honra, com tributação de especiais louvores, invocações e interpretações, vêm-lo amiúde, de modo especial nas Igrejas e ritos orientais, desde S. Tiago, Bispo de Jerusalém, passando pela dos Etíopes/Copticas, de S. Marcos, Siríacas (maronita e antioquena), grega e armênia. — No rito latino (Romano) é a Virgem Maria lembrada pelo menos 5 vezes, de modo explícito e até diríamos solene: no *Confiteor* (*beátae Mariae sempre Virgine*) — no *Credo* (*et Incarnátus est de Spírito Sancto, ex Maria Virgine.*) — na *Súsclpe, Sancta Trinitas* (in honorém Beátae Mariae Semper Virginis.) — no *Communicántes*, o momento dos Santos (*In primis gloriosae semper Virginis Mariae, Genitricis Dei*) — na *Libera nos*, preparação para a Comunhão — Corpo e Sangue de Cristo, que consoante dizer de Sto. Agostinho, repetindo

Doutores da Igreja e endossado por outros tantos luminares da Doutrina, "é corpo e sangue de Maria" (*caro Christi, caro Mariae*), ao rito, também sacrifical da fracção da hóstia: "*et Intercedente Beata et gloriosa semper Virgine Dei Genitrice Maria...*" — Até antes das reformas litúrgicas pelo Conc. Vat. II, extra-missam, i.é., após a bênção final do celebrante, eram recitadas 3 *Ave-Marias*, a *Salve Rainha* e a impetratória pela "libertação e exaltação da Santa Igreja" (dec. de Leão XIII). Por determinação de Pio XI, este núcleo final de orações à Ssma. Virgem era aplicado pela conversão da Rússia. (dec. de 30-6-1930). — No elenco *Missae Votivae* (= em honra) a Nossa Senhora e no *Commune Festorum BMV*, vamos deparar com aquilo que D. Béda Keckeisen, osb, exarou com muita propriedade no seu *Missal Quotidiano:* "Dando Graças a Deus e enaltecendo as glórias de Maria, subimos com Ela ao altar para celebrar o Santo Sacrifício. Participando do augusto mistério do altar, tomamos também parte na grandeza da Mãe de Deus, encarnando em nós o Verbo Divino pela Santa Comunhão. — "Bem-aventuradas as entranhas, da Virgem Maria". — Bem — aventurados também todos aqueles que recebem o Filho de Deus na Santa Eucaristia. Assim, por Maria somos conduzidos para Jesus. "*Per Mariam ad Jesum*". — (Ofic. Tip. do Most. S. Bento — Bahia — 1943). — "A Igreja permite fora do *tempo quaresmal*, e não ocorrendo alguma festa de Santo, ser celebrada a Missa em honra (votiva) da Bem-aventurada Virgem Maria, aos sábados, dia que desde antigos tempos é dedicado a seu culto". (*ibidem*, cit. anterior). V. Verbete: *Textos Litúrgicos*, em *Orações* — e os Verbetes: *Liturgia* — *Festas*.

MONTE — Montanha, outeiro, morro, pico por serem lugares elevados eram considerados de especial predileção de Deus, que ali tinha sua "morada", a sua casa. Maria morada de Cristo é como a elevação que a sustem. Ver este subverbete em *Antigo Testamento*.

MONUMENTOS — Santuários famosos, basílicas suntuosas, igrejas seculares, capelas, hermidas, nichos a se perder a conta e cuja elencação exigiria páginas e mais páginas, não apenas de um dicionário, mas da alentada enciclopédia. — De modo que, para atendimento a este Verbete, como que representando e simbolizando tudo o que possa existir, e existe, de *sui-generis*, escolhemos um monumento subterrâneo, devido a raridade de coisa semelhante. — Submarino, a receber Maria as homenagens das criaturas aquáticas, oceânicas, marinhas (milhares de espécies de peixes, algas etc.), e dos marinheiros e mergulhadores, temo-lo na Itália; nos alpes, nas montanhas e nos ares, encarregaram disso, e com que devoção!, os alpinistas, montanhistas e aviadores, bem como os pássaros e os anjos (chegaram a transladar a Casa de Nazaré para Loreto). — No útero da terra, ou seja, ao profundo e escuro das minas de carvão e outras, lá é cultuada a Virgem em tantos países, por estes homens de luzinha na testa como na Polônia. — Mas dentro de um rochedo, no âmago de uma pedra não cremos existam muitos, ou até se existe, como este cavado 75 m (o equivalente a 35 andares de um edifício), na casa-de-máquinas da Adutora do Guandú (região rural do Rio de Janeiro), não temos notícia. — Na que foi cognominada "a obra do século", um grupo de congregados e congregadas marianas conseguiram das autoridades Estaduais e Municipais, entrozar junto as bombas-de-recalque, na Estação do Lameirão, pequeno altar-monumento para o Quadro (ícone) de N. S. do Perpétuo Socorro. — Ali, abençoará Ela, Maria Ssma., os milhões e milhões de litros d'água para uso dos 7 milhões ou

mais de usuários da CEDAG (sigla da época da inauguração, 1.º de maio de 1966). — A água que o carioca bebe — elemento tão presente de forma milagrosa em muitas aparições de Nossa Senhora — a água da Adutora Auxiliar do Guandú do Sena — Vem abençoada pela "presença" de Maria neste monumento de amor, com feitura tão diferente dos milhares que existem mundo afora. (cfr. reportagem na revista mariana *Estrela do Mar*, julho-agosto, de 1967, págs. 176/7).

MORADA — Casa, edifício, tabernáculo de Deus é figura de Maria pois habitada, sustentada por Ele, tráz também Ela. Ver este subverbete em *Antigo Testamento*.

MORTE — Com referência a Nossa Senhora, não há qualquer documento definitivo que esclareça ter ou não ter Ela morrido. — É, até hoje, uma particularidade ainda passível de discussão, porque não está exarada como dogma de fé. — Verdadeiramente não se sabe (e provavelmente nunca se ficará sabendo) se Maria morreu ou se não morreu. — Se morreu, teve imediata ressurreição? (tentou-se até estabelecer o número de horas ou dias), e foi elevada ao Céu, em corpo e alma onde está, obviamente, viva (aí, sim, é que reside a verdade de fé). — Se não morreu, chegado o momento derradeiro de sua vida terrestre, Deus, como que transfigurando-lhe o corpo e elevou-A gloriosamente à Pátria Celeste. Sabido é que um texto dogmático tem sempre interpretação literal. Nas palavras da Bula *Munificentissimus Deus* (definitórias da assunção corpórea) não se exclui, evidentemente, a possibilidade dum período de tempo entre o fim do "decurso da vida terrestre" e a elevação ao Céu. Temos de convir, porém, que o sentido mais direto não é esse. A definição pontifícia parece — salvo melhor juízo — indicar que a elevação se seguiu imediatamente à vida terrestre, sem nada haver de permeio. — Neste particular, porém, livre é a nossa crença. — Os únicos textos que falam da morte de Maria (sem se deterem na "*causa mortis*") fundamentam-se no testemunho dos apócrifos. — Tendo-se esta ou aquela opinião, — "uma coisa é certa: não há documento nenhum fidedigno a relatar a morte e o funeral, ou a descrever o túmulo e a ressurreição da Ssma. Virgem." (cfr. na *Bibliografia* obra n.º 4). — Desde a mais remota antigüidade cristã os fiéis celebram no mesmo dia da Assunção, a "*dormitio*" (= sono, adormição), i.é., o trânsito (= passamento) de Maria. — Não se dizia *morte*, o que a Liturgia, consoante motivos teológicos, segue e celebra o nascimento, a Natividade, e, não a morte, com a expressão *natalis die* (morte terrena, mas nascimento para o Céu). — Ver os verbetes: *Assunção, Dormição* e *Túmulo*.

MULHER — É o tratamento com o qual os evangelistas se referem às Senhoras — santas mulheres — inclusive à Nossa Senhora, que o próprio Cristo, consoante costume da época e lugar, assim o tinham em muito boa conta. — "Mulher, como tratamento familiar e social, na língua grega e hebraica nada tem de duro e menos respeitoso; pelo contrário, é uma expressão afetuosa, indicativa de um estilo elevado [fina educação]. Significa "senhora" e em nossa língua, é o título que, com muito respeito e solenidade, davam os súditos as soberanas e até os filhos às mães". (cfr. *Bibliografia*, obra n.º 34). — Este tratamento que já pelo oráculo divino, aparecera profeticamente nas origens do gênero humano (Gen 3,15) e está, como simbólico véu nos seus fins (Ap 12,1ss), Jesus dispensará à Sua Mãe Ssma.: no

Templo, aos 12 anos; nas bodas de Caná, antes do 1.º milagre público, e, finalmente, quando no-la deu, no Calvário, como mãe (*ecce mater tua*), encerrando no Novo Test. esta "história" de Nossa Senhora, "mulher" admirável.

MUSEU DE MARIA (de Antropologia Cultural) — Tem como patrona N. S. da Esperança, recordando a devoção lusitana e de Pedro Alvares Cabral, que trouxe na náu-capitânia em sua viagem quando descobriu o Brasil. — Fundado em 4 de nov. de 1978, no Rio de Janeiro, sem quaisquer fins lucrativos, é um dos mais novos museus do país e pioneiro no gênero e objetivos: "estudar a figura ímpar de Maria, Mãe de Jesus Cristo, sua importância e repercussão nas mais diversas formas de cultura". (cfr. Cap. II, Art. 2.º dos Estatutos, *Diário Oficial do Estado*, 16-2-1979, pág. 19). — A acervo neste pequeno lapso de existência consta já de desenhos, pinturas, gravuras, fotografias, imagens artísticas e artesanais, estandartes, bandeiras, insígnias, emblemas e demais objetos de associações marianas, bem como diplomas, publicações ligados ao culto mariano no Brasil, biblioteca especializada e "slides" e audiovisual. — Mantém intercâmbio com entidades congêneres em vários países: Portugal, França, Espanha, Inglaterra, Itália, Bélgica, Áustria, Holanda, EE.UU., Argentina, Paraguai, Polônia, etc.; fomenta pesquisas, estudos e publicações, promove intercâmbio, exposições para a consecução da mais ampla "memória" histórico-científico-cultural sobre a figura de Maria na maior latitude abrangente de povos, raças, línguas e costumes, rico mananclal que deve ser explorado com possíveis museus-núcleos (já em funcionamento o de Pernambuco). — A Diretoria composta por 25 das mais expressivas personalidades da cultura brasileira, tem na Presidência, a fundadora, Sra. Solange de Campos e Chermont — Cx. Postal, 5013 — Agência Atlântica — 22190 — Copacabana — Rio/Brasil.

MÚSICA — O Pe. Pellegrino Santucci, recentemente deu a lume, pela Editrice Cappella Musicale S. Maria dei Servi (Bolonha), obra única, alentada, com 1.104 págs., em 2 vols. ilustrada em cores, *La Madona nella Musica*. — Desde os alvores, com os hinos bizantinos *Kontakion* e *Akáthistos*, aos *motetes* mais simples o Pe. Pellegrino, autoridade inconteste na matéria, quase que esgota o assunto. — Quase, dizemos, não por faltar ao Autor capacidade, mas porque ninguém no mundo conseguirá abordagem plena, total, completa nesta área vastíssima de louvores à Nossa Senhora. — São *Missas* — Ladainhas — Hinos — Seqüências — *Ave-Marias* — *Stabat Mater* — *Magnificat* — *Óperas* — *Canções* — *Baladas* — *(laissé, rondeau, virolai, mottetto,* elenca o Pe. Santtucci) — *Preces* — e até composições fora do âmbito sacro-litúrgico (polifônico, gregoriano, barroco), ou clássico-erudito, atingindo ao folclórico-popular. — Os maiores compositores, destacadamente os mais conhecidos, têm em suas bagagens algo a Nossa Senhora: Franz Haydn, Mozart, Beethoven, List, Brahms, Perosi, Palestrina, Donizetti, Bellini, Carlos Gomes, Verdi, Cesar Frank, Berlioz e, a lista não terminaria. — Mas deles todos, pelo menos 3 nos deixam marcas inconfundíveis em nossos ouvidos, quando, mormente ao *Angelus*, ouvimos os acordes de suas célebres e famosas *Ave-Marias:* Somma, Schubert e Gounod. — O fato é que existe dentro do contexto geral abrangente da música, um setor nitidamente *mariano* e os maiores nomes deste segmento de Arte quiseram ontem e hoje, louvar a Ssma. Virgem com suas composições, páginas instrumentais e orquestrais ou bel-canto e solos ou coral e até o vulgo, em enternecido cancioneiro.

N

NAZARÉ — Em gr. *nazareth;* em heb. *naçret*; em aramaico *nasera*; em siríaco *naserath* e em árabe *en-nasirah*, significando a mesma coisa em todas estas línguas: lugar verdejante (mantendo-se a terminação feminina t/th ganha o sentido de *protetora, guarita,* devido ao recôncavo, ao desplnhadeiro do monte ao Norte da Cidade. — Indagam alguns: *Nezer* = rebento em hebraico, não terá dado origem ao nome Nazaré? (Jesus, rebento de Nazaré, o Nazarèno). — O fato é que constitui a denominação duma vila na Galiléia (Palestina) onde se deu o maior acontecimento de todos os tempos: a anunciação/encarnação do Messias esperado. (Lc 1,26-38 e Jo 1,14). — Ver o verbete: *Novo Test. — Anunclação* e o Apêndice: *Cronologia Biográfica.*

NAZIRENA — (do heb. *n'zir* = separado, consagrado ao serviço de Deus); — o vocábulo possuía várias formas de se grafar: *nazireu, nazareu, nazireno, nazareno;* podia ser aquela pessoa originária de Nazaré, bem como pertencente à seita relacionada com os ebionistas (usavam o evangelho de S. Mateus em aramaico) e também se, de forma muito especial, era consagrada ao serviço de Deus, mormente no Templo. — Qualquer pessoa, homem ou mulher, podia proceder ao *nazir*, inclusive desde o ventre; entre as prescrições estava a de não beber vinho nem cerveja, assim como era vedado o "uso da navalha" (não cortar os cabelos, pois, estes longos, consideravam os judeus, glória da cabeça e produto santificado do corpo, daí o serem sinal exterior de consagração). — Tinham preferência para o ingresso no Templo (espécie de colégio interno e semi-interno que funcionava anexo às edificações) os parentes dos sacerdotes. — Maria Ssma. que nele entrou aos 3 anos, o fez certamente por influência de Zacarias, sacerdote casado com a sua prima (ou tia?) Isabel. — Ali ficou até os 15, embora o tempo permitido pelos regulamentos fosse de até 12 anos para os meninos e 13 para as meninas. Presume-se que dilatou-se o prazo de Maria por já está Ela órfã, e aguardava a época para os esponsais (eram realizados com a jovem pelos seus 15 anos). — Ao que parece Maria teve como preceptora, i.é., mestra, no seu tempo de nazireato, a profetisa Ana. Esta iniciou-a nas Sagradas Escrituras, nos trabalhos do tear, da costura, cultivo das flores na jardinagem, nos serviços de ornamentação do Templo, cuidados dos objetos litúrgicos e paramentos dos sacerdotes. Durante o dia e 3 vezes durante a noite havia prescrições oracionais. — Maria sempre sobressaiu das demais pelo senso de responsabilidade e piedade, e porque fazia ainda muito mais sobre o que lhe era acometido.

NOME — Filólogos e lingüistas ainda não chegaram a um acordo referentemente ao nome *Maria;* são variadíssimas as opiniões quanto a morfologia, semântica, etimologia e grafia do termo; cerca de 60 significados são apontados;

fazem-no vir da raiz heb. *mará* (= mirra, ou seja, amarga, sofredora), que, de resto entra na formação de diversas palavras). — Pode ter a origem síria, significando *dama, senhora*; porém, não se pode negar à influência egípcia, devido ao nome da irmã de Moisés e Aarão, Maria, que de lá o trouxe. — Nos *Setenta* grafa-se *Mariam*, d'onde vem a forma grego/latim *Maria*, que prevaleceu, e prevalece, entre os cristãos. — Elencam-se os principais significados: Senhora — muito amada — iluminada — exaltada — mar amargo — estrela do mar — dona (= proprietária, rainha) — altura (= elevada) — bela — luz. — O nome *Maria* rapidamente tornou-se popularíssimo — vulgarizou-se mesmo — e foi até proibido em certos países, de modo que só com licença especial se conseguia batizar uma criança com este nome. — Mas também historicamente se registra: 3 monarcas exigiram que suas futuras esposas não tivessem o nome *Maria*: Afonso IV, de Castela, ao casar-se com uma jovem moura (que para isto teve que ser batizada); o rei da Polônia, Vladimir (quis que Maria Nevre passasse a se chamar Aloisa); e o rei Casimiro I, também da Polônia (não aceitou o nome Maria da noiva, princesa russa). — A Rainha d'Áustria, D. Mariana, mandou cunhar em Espanha uma moeda chamada *Maria*. — E não há conta das variações do nome Maria: *Inglaterra:* Mary, Mariot, Marion, Mariel, Mall, Molly e Maris. — *Irlanda:* Maire, Maille, Moira, More, Maura, Mear e Muirgeal — *Alemanha:* Maria, Marien, Marialein (Marilyn), Marianna e Marie — *França:* Marie, Mariolle, Marion, Mariette, Mariey, Mariez, Mariolet, Marielle, Marleton, Marionnaud, Marlad e Mariolle — *Neo-latinos:* Marai, Mariana, Marianna. — *Variações:* podemos elencar alguns que são como que derivados ou relativos (se assim nos podemos expressar) a títulos, mistérios e festas de Nossa Senhora como: Annunziata (italiano), Annunciata (latim), Anunciación (espanhol), Assumta (italiano), Asunción (castelhano), Beatrix (latim), Beatrize (italiano), e Beatriz (português) = "portadora da alegria" ou da "santidade", em latim. — Com referência ao nascimento de Cristo das puríssimas entranhas da Virgem, existem muitas variações, como por exemplo no gaulês: Bettrys, e no escocês Beitris, i.é., Beata, Bem-aventurada, Buena que provém do título mariano "*Buena Madre*" (de Buona, italiano). — Ainda outras conitações: Carmel (= Jardim em heb.) de Carmela (italiano, espanhol e português), Carmelina e Melina (italiano); Cármen (= canto), existe um Santuário com este nome: *Santa Maria del Cármine* (popularizado devido à opera de Bizet). Consuelo (espanhol e português), nascido do título: N. S. do Bom Conselho. Virgínia (de Virgem). Dolores, obviamente derivado de N. S. das Dores. Dessa variação espanhola temos Lola, Lolita, Dolores ou Deloris, Delora e Delorita. — Lembrando o privilégio do nascimento imaculado de Maria temos Conceição (português), Concepción, Concha, Conchita (espanhol e castelhano); Imaculada ou Maria Imaculada (português). — É muito usado Consolata (italiano), Consolación (espanhol), provindo do Santuário italiano *della Consolata* e de Casas, Institutos ou Ordens Religiosas como por exemplo Consolatrix e também Consolata (no Brasil). — De uns dos significados de Maria, Estrelá (ou Estrela do Mar), temos Estelle, Stella, Star e Setella Maris (latim). Já Loreto provém do Santuário de Loreto (na Itália) assim como Lourdes (do de França), Fátima (do de Portugal), Salete (do de França), etc. — Do latim *lilium* (Maria tem o título de Lírio devido a sua pureza), nos vem Lilia ou Lilliam. Mercedes, significando mercê ou misericórdia, como também graças, provém de N. S. das Mercês (Espanha). — Geralmente como toponímico temos Pilar, devido ao Santuário Nuestra Señora del Pilar, que tam-

bém nos deu Polly. Semelhantemente temos Penha. Rosemary foi usado por vez primeira em 1745 no Rose Castle, em Cumberlandshire (referindo a Maria como Rosa Mystica). Virgínia tem larga aceitação em português, espanhol e outros idiomas existindo inclusive na América do Norte o Estado de Virginia, bem como a Cidade de Maryland. — Na Rússia temos a expressão "*mariuska*" referente à Virgem menina envolta em panos à maneira oriental. — E no Brasil, cremos que o campeão mundial de cidades, vilas, municípios, localidades com os mais variados títulos e invocações de Maria, (V. verbete *Toponímia*), sobressai, sem dúvida *Aparecida do Norte* (V. verbete *Aparecida*), no Estado de São Paulo, onde apareceu a imagenzinha da Virgem nas águas do Paraíba, morena ou negra, "pescada" por humildes homens como os pescadores da Galiléia que Nosso Senhor tornou em "pescadores de homens". — A Catedral de Brasília teve grandemente sua construção ajudada pela *Campanha das Marias*, quando todas com este nome, espalhadas pelo Brasil, enviaram seu contributo.

NOVO TESTAMENTO — Perscruta-se no Ant. Testamento — profecias, "figuras", símbolos, alegorias, aplicação — o munus, i.é., de que modo, misteriosa e sublime, Maria veio desempenhar no Novo Test. sua missão; folheando os 4 *Evangelhos*, os *Atos*, as *Cartas* (epístolas), o *Apocalipse* e ouvindo a Tradição, temos a presença, vivendo conosco, a Virgem. Valendo-nos dessas fontes primeiras da nossa Fé, à luz do Ant. Testamento — "a verdadeira devoção procede da verdadeira Fé" (L. G. n.° 67) ver-se-á a "história" de Nossa Senhora, nos subverbetes, não em ordem alfabéticas, mas numerados, bíblico-cronologicamente. — E como tudo que deve iniciar-se se faz pelos primeiros começos principiemos pela (ver *Cronologia Bibliográfica*):

1 — *Genealogia — do gr. geneá* = nascimento, raça, estirpe + *logos* = tratado, estudo; é o quadro do estabelecimento ou formação de uma família, filiação, geração, procedência. A genealogia de Nossa Senhora temo-la através da de Cristo estabelecida pelo lado paterno (Mt 1,1-17) e materno (Lc 3,23-38). — S. Mateus elabora 42 gerações em 3 períodos de 14 cada, mas nos 2.° e 3.° períodos omite algumas gerações; isto para não ultrapassar o número 14, que lhe possibilitou ater-se ao simbolismo do número 7 na descendência de Jesus. Na língua hebraica as letras também servem de algarismo, a exemplo de algumas maiúsculas do alfabeto romano; do total das letras, 14 formam o nome *Davi*. — S. Lucas (preso também ao simbolismo) apresenta as 77 gerações da genealogia de Nossa Senhora, indicando seus ascendentes masculinos: Levi, Matat, Heli, José. — Maria, portanto, é da estirpe real do rei e profeta Davi, bem como da sacerdotal de Aarão (Levi), irmão de Moisés e Miriam (Maria).

2 — *Noivado/Casamento* (Mt 1,18, Lc 1,27) — A única e muito ligeira informação sobre os esponsais/esponsalício de Nossa Senhora e S. José, temo-la fornecida por S. Mateus em apenas 5 palavras: "*Estando Maria (...) desposada com José* (1,18). — E São Lucas, explicitando um pouco mais, diz em 18 palavras: " *uma Virgem desposada com um varão, chamado José, da casa de Davi; o nome da Virgem era Maria.* (1,27). — Tudo mais que se diga sobre o fato são conjunturas baseadas nos costumes e no que até nós chegou através de piedosas tradições. — "O tempo dos esponsais durava de ordinário — escreve o Pe. Luiz Perroy, S. J. — um ano, as vezes menos, e podia abreviar-se ao sabor dos interessados (...) Passou Maria esse tempo do noivado em Jerusalém?

no Templo ou em casa de alguma parenta próxima? Teria ido para Nazaré? A tradição é muda sobre este ponto (...) Mais verossímil seria supor que a cerimônia do casamento se tenha feito após o período requerido, em Jerusalém, ou pelo menos logo nos primeiros tempos da chegada a Nazaré". (cfr. na *Bibliografia*, obra sob o n.º 12). — O que fica bem claro é que os noivos, i.é., Maria e José, recém-casados, observaram rigorosamente as prescrições contratuais e os costumes referentes a co-habitação que só acontecia algum tempo depois: procedidos os ritos e cerimônias, cada qual retirava-se para sua respectiva moradia e aí aguardavam o prazo legal de complementação para a vida em comum. — Esta situação entre Maria e José é de clareza meridiana, como prova o que escreve o evangelista ao tratar da angústia de S. José, vendo Maria grávida, ao retornar de Ain-Karim (Mt 1,19-20): decididamente não tinham morado juntos, antes dos 3 meses que a Virgem passou com Isabel, para onde seguiu "apressadamente" logo após os esponsais ou esponsalício. — Ver os verbetes: *Casamento — Esponsais — José* e *Cronologia Biográfica.*

3 — *Anunciação/Encarnação* (Lc 1,26-38, Jo 1,14) — É o fato mais importante de todos os tempos acontecido no mundo. Nunca houve e jamais haverá outro igual. Ocorrido em Nazaré quando o Arcanjo S. Gabriel anunciou àquela, escolhida *ab aeterno*, de que seria a mãe do Filho de Deus Altíssimo. Estabelece-se entre o embaixador divino e a jovem hebréia dos 15/16 anos o mais incisivo e mais decisivo diálogo da História: 155 palavras em 5 frases. — O anjo fala 3 vezes (134 palavras) e Maria apenas 2 (21 palavras) e o rumo do mundo é decidido com o "*fiat*" (= faça-se), que convencionou-se traduzir por SIM. O *sim* de Maria que salvou a Humanidade decaída, pois naquele exato momento um Deus assumira a condição humana — *Et Incarnatus est de Spiritu Sancto ex Maria Virgine: et homo factus est.* — Observa o Pe. Mckenzie, S. J. que as palavras do anjo são quase inteiramente constituídas por citações do Ant. Testamento: Gn 16,11; Jz 5,24; 6,12; 13,3; 2Sm 7,12; Is 9,6; Dn 7,14; Mq 4,7. — Muitos querem que o relato da anunciação se deve à informações da própria Virgem que certamente, de viva voz narrou a S. Lucas — o único evangelista a fazê-lo — o que está inserido na Bíblia, versão estimadíssima dos primeiros cristãos. — Note-se que 3 da 4 coroas de glória de Maria (prerrogativas ou privilégios, i.é., dogmas marianos) aqui aparecem: Imaculada Conceição — Maternidade Divina — Virgindade Perpétua. — Ver os verbetes: *Arcanjo Gabriel — Privilégios — Dogma* e a *Cronologia Biográfica.*

4 — *Visitação/"Magnificat"* (Lc 1,39-55) — O episódio, a inusitada cena da visitação, é algo assim de tão transcendente sublimidade que nem sabemos como e onde enfocar o principal ângulo; e dizer que, dum modo geral, não percebemos bem do seu significado, destacando. pelo menos: o Espírito Santo que inspira as palavras de Isabel (*telelóssis*) das quais, em boa parte, resultou a *Ave-Maria*; o "momento forte" da ânsia pelo Messias, o qual recebe, pela primeira vez no tratamento do evangelista S. Lucas o título de *Senhor*; o se "conhecerem", ainda no ventre materno, Aquele que viria e o "precursor" (este, recebe, segundo opinião de comentadores e teólogos, como que a "Santificação", e purificação do pecado original, antes do nascimento; razão porque é o único a semelhança de Cristo e Maria, cuja festa litúrgica se celebra na data da natividade e não no dia da morte); a "pressa" de Maria, claro que naturalmente querendo ajudar, servir a parenta já idosa e grávida de 6 meses, em Ain-Karim, porém

algo mais enchia o seu coração, alguma coisa mais envolvia todo o seu ser e só podia explodir — como explodiu (este é o termo) — no seu cântico-oração *Magnificat*, que Le Camus diz ser "a única página do Evangelho que nos permite penetrar nos mistérios do espírito de Maria (...) Ela não fala, canta." — Sim, canta imersa na mais profunda humildade exaltativa, o seu cântico de agradecimento. — Disse, e disse-o bem Sto. Agostinho, ao afirmar que cantar é rezar duas vezes, e sentimos eloqüente prova disto quando entoamos este poema-oracional que a Ssma. Virgem proferiu em sua língua materna — arameo/aramáico: *Nascho dil tchabah lmorio* — e hoje é cantado em todas as línguas do mundo (em grego o *Magnificat* tem 102 palavras; em latim 89 e em português: 105). — *Magnificat*, conhecido com este nome latino devido a versão *Vulgata* de S. Jerônimo: *Magnificat anima mea Dóminum* (palavra inicial do 1.º verso), é um hino ou cântico-oração entoado pela Virgem nesta visita, tendo já no sacrário virginal do seu selo, Jesus Cristo. — Observa o Pe. Mckenzie, S.J., que "o cântico de Maria, tanto no tema como no tom e na expressão, aproxima-se amplamente do cântico de Ana (1Sm 2,1-10), com o qual pode ser colocado em paralelo." (cfr. *Bibliografia* obra sob o n.º 20), quando expande sua alma em louvor e agradecimento; lembra aqueles outros de heroínas israelitas que, aliás foram "figuras" de Maria:: Débora, Judite, Maria, (a Irmã de Moisés) e Lia. — O *Magnificat* constitui, não padece dúvida, um poema, é jóia da poesia hebraica, mas é, antes de tudo, o cântico-oração inspirado pelo Espírito Santo. — Cremos não merecer consideração o dizerem alguns que o *Magnificat* já existia na literatura religiosa dos judeus, e, muito menos o afirmarem outros que foi composto por Isabel e ainda esta: foi inserido por Lucas! — Com bastante afinidades mais dois cânticos no contexto messiânico: o *Nunc dimittis*, de Simeão (Lc 2,29-32) e o *Benedictus*, Zacarias (Lc 1,67-79). — Ver os verbetes: *Ain-Karim*.

5 — *Retorno à casa/Angústias de S. José* — (Mt 1,19-24) — Não se sabe nada dos 3 meses que a Virgem passou com sua prima Isabel *numa* cidade de Judá nas montanhas (Ain-Karim?). — Só se sabe é que o maior segredo do mundo, a mais esperada notícia que a Humanidade podia ter, Maria deixou no coração de sua prima. — Ao cabo de 3 meses passados no lar de Zacarias, retornou a Virgem a Nazaré, para, com o seu noivo (estava ritual e legalmente desposada com José, ou seja, assumido perante o sacerdote e testemunhas as preliminares obrigações dos esponsais). — Por certo Maria morava em casa de parentes, próxima a casa de quem estava esposada (prometida por lei, sem contudo coabitarem); e retornara já de 3 meses grávida, portanto com alguns sinais exteriores deste seu novo estado: mãe. — E o carpinteiro José, seu noivo, (desposado) logo percebeu que algo de extraordinário se passava em Maria. Soube, no entanto manter-se em grande silêncio, a espera de alguma explicação. — O fato é que a angústia de José precisava ser estancada (chegou a pensar em abandoná-la secretamente, a fim de não difamá-la). E em seu socorro veio a própria providência Divina, quando em sonho, através dum anjo, tudo se esclareceu: "José, filho de Davi, não temas receber em tua casa Maria, tua esposa, porque o que nela foi concebido é (obra) do Espírito Santo. Dará à luz um filho, o qual porás o nome de Jesus..." (Mt 1.19 21). — Note-se: o Anjo, além de cessar-lhe a ângustia, afastando todas as dúvidas, Impõe-lhe a incumbência de apôr o nome na criança, função que juridicamente cabia ao pai e desta forma configurava-se a posição de José co-

mo pal legal Daquele que viria à luz. — Assim esclarecido, desanuviado de suas naturais apreensões: "Ao despertar José do sono, fez como lhe tinha mandado o anjo do Senhor, e recebeu em sua casa (Maria), sua esposa." (Mt 1,24). — Ver os verbetes: *Casamento — Esponsals — José.*

6 — *Nascimento/Belém* (Lc 2,1-20) — Como terão sido aqueles 6 meses que medearam do retorno de Ain-Karim (visitação) aos preparativos para a longa viagem até Belém? (viagem naqueles tempos bem dura em vencer-se nuns bons 4 dias a pé ou no dorso dum burrico, os 150 km ou mais, que dista Nazaré da aldeia ou vila que seria a pátria do Salvador). — Já tinham, Maria e José, pleníssimo conhecimento da grande acontecência a verificar-se em cumprimento às profecias (que por certo os dois leram constantemente, pois é hábi-Sagradas em família): "E tu, Beto Judaico estas leituras das Letras lém (chamada) Éfrata, tu és pequenina entre os milhares de Judá; mas de ti é que me há de sair Aquele, que há de reinar em Israel, e cuja geração é desde o princípio, desde os dias da eternidade." (Mq 5,2). — Chegaram em fins de *Tibet* (dezembro) ao lugarejo que nem cidade era, frente a um vale vasto e tranqüilo. No centro populacional o burburinho já ultrapassava o tumulto e confusão devido ao acudimento ao edito de César Augusto para o grande recenseamento do Império Romano em suas possessões (já o ordenara Saturnino e seu sucessor Varo). — E a Virgem, pressentindo chegado o momento decisivo Instou junto a José. A premência fê-lo arrumar para a Virgem um cantinho numa gruta que também servia de estábulo aos animais. — E aí é que nasceu-lhe o Divino Filho, que Ela, tendo-o enrolado em faixas, colocou num presépio, i.é., uma, manjedoura, à guisa de berço. — Os pastores que cuidavam dos rebanhos num raio de 2 km, avisado pelos anjos acorreram pressurosos à gruta improvisada em residência. E em chegando a gruta, lá "encontraram Maria, José e o Menino..." (Lc 2,16).

7 — *Circuncisão/Apresentação/Purificação/Simeão* (Mt 1,25; Lc 2,21-39) — Após 8 dias do Menino nascido cumpriram-se as prescrições de lei de Moisés: a circuncisão e conseqüente aposição do nome; a cerimônia muito simples realizava-se na casa do pai e este mesmo, geralmente, procedia ao ritual do corte do prepúcio; medida de ordem higiênica, porém sobretudo de caráter religioso, lembrando aos descendentes de Abraão que eles eram o povo eleito, do qual nasceria o Salvador (logo, Maria e José submeteram-se à lei, por humildade, pois já sabiam que o Menino era o Messias prometido). — E 40 dias após o parto dum primogênito, este deveria ser apresentado no Templo, cerimônia esta agora, diante dum Sacerdote. Era outra prescrição mosáica, estabelecida como lembrança do extermínio dos primogênitos em terras do Egito. Oferecia-se o criança a Deus, sendo ela incorporada ao serviço religioso (o resgate fazia-se por troca de 5 ciclos). — No mesmo ato procedia-se ao rito de Purificação da que dera a luz, porque segundo os costumes hebraicos, toda mulher que tinha um filho ficava manchada devido ao sangue perdido, ou seja, tornava-se impura. O sacerdote derramava sobre ela o sangue de animais sacrificados ao mesmo tempo que recitava algumas orações rituais e com isto era considerada novamente limpa. Oferecia também um par de pombos ou rolinhas, conforme as posses, e Nossa Senhora o fez como pobre que era. Embora não estivesse Ela sujeita a esta lei, quis no entanto satisfazê-la por obediência e humildade. — No dia da cerimônia, compareceu ao Templo — inspirado por

Deus — velho Sacerdote, Simeão, que profetizou os sofrimentos pelos quais passaria a Virgem como Mãe do Salvador. "...uma espada trespassará a tua alma, a fim de se descobrirem os pensamentos escondidos nos corações de muitos". (Lc 2,35). — A cena foi presenciada por Ana, a profetisa, que portava como vemos, o mesmo nome da mãe de Nossa Senhora.

8 — *Adoração dos Magos* (Mt 2,1-12) — Autores há que preferem inserir — segundo a Liturgia — o episódio da adoração dos Magos (Epifania) no ciclo do Natal, i.é., tornando-o cronologicamente anterior a Apresentação. — Mas é sabido ser impossível que os Magos tenham chegado a Belém antes de passado alguns meses (vindos da Caldéia? da Assíria? da Arábia? — não se sabe). — Procedentes do Oriente, portando caros presentes: mirra, incenso e ouro. — Segundo a tradição eram sacerdotes e príncipes, descendendo de 3 grandes nações originárias de Noé. — Procuraram o *rei* para adorá-lo: "E entrando na casa, viram o Menino com Maria, sua Mãe..." — Note-se que o evangelista diz *casa* e não mais *gruta;* fácil é deduzir que Maria e José, pelo menos por algum tempo, tenham resolvido mudar a residência de Nazaré para Belém. — A rigor, portanto, aí onde foi encontrá-la os Magos é que Nossa Senhora começava a enfrentar sua vida de dona-de-casa; estivera 12 anos como interna, no Templo; depois em casa de parentes, e órfã, até o noivado (anunciação), para em seguida passar 3 meses em casa de Isabel e Zacarias. — Breve lhe seria esta felicidade e satisfação de toda a mulher que constitui o seu lar, pois deverá empreender a fuga para o Egito, amargando uma vida de exílio, de doloroso desterro da sua querida pátria. — Nossa esperança, nossa fé, nosso empenho em encontrar Jesus deve ser igual aquela dos Magos que enfrentaram corajosamente todas as espécies de obstáculos. — E o modo mais seguro de achar Jesus — afirmam os comentadores — é procurá-lo junto à Maria, sua Mãe, que Ele nos deu como *nossa* e João levou-a (como nós devemos fazê-lo) para sua casa.

9 — *Fuga* e *Retorno do Egito* (Mt 2, 13-15; 19-23) — A narrativa do aviso celeste, aceitação, preparativos, viagem, estada e retorno do Egito — fuga para escapar a fúria assassina de Heródes no episódio bíblico que se conhece como matança dos Inocentes (todas as crianças do sexo masculino até 2 anos) — consta apenas de 11 versículos das Escrituras. — Fácil, porém, é imaginar o que representou de sério transtorno e dor, certamente esta, a primeira "espada" a transpassar o coração da Virgem, conforme profecia do velho Simeão. — O Egito então sob domínio romano foi, obviamente o lugar escolhido para este doloroso desterro. — Segundo a tradição — pois de pormenores nada adiantam as Sagradas Letras — Maria e José, portando o Menino e o estritamente necessário, isto fizeram o mais rápido possível, deixando Belém por certo já noite feita; começaram os 28 Km de viagem (4 dias) até a fronteira, fóra da jurisdição herodiana, atingindo a comunidade judaica da dispersão estabelecida em Rhinoculure (próximo do Rio Ouadi-el-Anisk); porém não se sentindo seguros ali, enfrentaram mais 250 Km, chegaram a Hellópolis (outrora cidade dita de On) e prosseguiram até a tranqüila aldeia de Matarich (cerca de 7 a 8 Km do Cairo). — A população de Matarich (alguns grafam *Matarié*) orgulhosamente venera no Jardim do Bálsamo, um sicômoro (espécie de figueira) cognominado *árvore da Virgem* (origina-se de outras que ali existiam)

e diz-se que Nossa Senhora nela repousou. — A permanência no Egito durou até a morte de Heródes, sucedido pelo filho Arqueláu (ano 750 de Roma e 4 da era vulgar). — Uma estada calculada em 2 a 3 anos. — O retorno — que foi no tempo de Páscoa em Israel, obrigou José, por segurança, "evitar a passagem pela região da Judéia, tomando ele às margens do Mediterrâneo por Gaza e Cesaréia da Palestina. Esse caminho passa pelo Carmelo e quer a tradição local que os viajantes tenham passado na caverna chamada *Escola dos Profetas* (...) e foram estabelecer moradia em Nazaré da Galiléia". (cfr. na *Bibliografia* obra n.º 9).

10 — *Perda* e *Encontro no Templo* (Lc 2, 41-51) — Como tudo que acontece na vida de todos nós, o episódio da perda e encontro do Menino, com 12 anos, no Templo, deu-se, temos de convir, por manifesta deliberação divina e foi, segundo muitos autores, "o único a causar no coração da Virgem receios comparáveis aos que teria quando Jesus a deixasse, definitivamente dentro de 18 anos, início então de sua vida pública." (cfr. na *Bibliografia* obras sob os n.ºs 9, 34 e 42). — Eis uma outra "espada" de que falara o velho Simeão. — De forma alguma se poderá acusar Maria e José de negligentes, ainda mais conhecendo-se os hábitos tradicionais das caravanas (as vezes de 3.000 pessoas) que demandavam, na Festa da Páscoa, a Jerusalém: os habitantes duma mesma cidade, mormente se tinham parentesco, se unlam em grupos de homens e de mulheres. — E, muito naturalmente supôs José estar o Menino no grupo de Maria, enquanto Maria pensou estivesse ele no grupo dos homens (com 12 anos, ainda uma criança, tanto podia ficar num grupo como noutro). — Por vez primeira estava ele indo a uma Festa da Páscoa porque, com esta idade o Israelita tornava-se *Filho da Lei*. — De louvar, portanto, o cuidado de José e Maria, providenciando a desobriga do Menino aos preceitos da lei mosaica, embora sabedores — como sabiam — que estava ele dela isento como Filho de Deus. — Aliás, Jesus à isto aludiu de certa forma quando, após 3 dias de aflita procura foi encontrado a discutir com os doutores da lei: "Filho, por que procedeste assim conosco? Teu pai e eu te procurávamos (...) Ele disse-lhes: por que me buscáveis? Não sabíeis que devo ocupar-me das coisas de meu Pai?" — Aos que talvez possam considerar um tanto duras estas palavras, mormente num menino de 12 anos aos seus pais, é lembrado que há de se ver a entonação da voz (que não se sente na escrita), o aceno, acentuação na forma de falar; note-se ainda que ao referir-se ao subseqüente em Nazaré, o evangelista assevera que "o Menino era-lhes submisso", adiantando que ao mesmo tempo que crescia em sabedoria e estatura, também crescia "em graça diante de Deus e dos homens"; logo, era delicado, gentil, atencioso. E não se pode pensar doutra forma em se tratando de Jesus. — Diz S. Bernardo no tocante a este passo das Escrituras: "Em Nazaré, Aquele a Quem os espíritos celestes obedecem, e diante do Qual tremem, está submisso a duas criaturas; não se sabe o que admirar mais: se a obediência do Filho ou a dignidade da mãe. Na obediência de Jesus há uma humildade sem par; na autoridade de Maria sobre um Deus há uma grandeza sem rival."

11 — *Bodas de Caná* (Jo 2,1-11) — O antes Menino, agora, passados 18 anos da perda e encontro em Jerusalém, crescera (1,80m, segundo o que se vê no Santo Sudário de Turim apontado pelo pesquisador Giovanni Cordiglia) e se tornara homem feito, com 30 anos.

— Aquele João, o Precursor, que "conhecera" no ventre materno de Isabel, quando também Ele ainda se encontrava no ventre de sua mãe, Maria (visitação em Ain-Karim), vinha, há um ano, pregando e batizando no rio Jordão. — Era inícios do ano 28, e, deixando sozinha vez primeira Nossa Senhora, Jesus ausentou-se por 2 longos meses. Neste lapso de tempo fizera "batizar-se" por João, retirando-se em seguida para o deserto a fim de jejuar, rezar e sofrer a tentação de Satanás nos 40 dias que passou ali isolado de tudo e de todos. — De retorno arrebanhou os primeiros discípulos para a grande missão: aquele que seria "o amado", e se tornaria evangelista, o jovem João; os irmãos André e Simão (este teve o nome mudado para *Kéfas*, i.é., pedra, Pedro); mais Felipe e Nataniel (Natanlel era natural de Caná e atendia também pelo nome de Bartolomeu). — Com Maria Ssma. e estes primeiros 5 discípulos compareceu em meados de março, após 3 dias do retorno, a uma festa de casamento em Caná. Nazaré dista de Caná (a *Kfar Kanna*, dos árabes), 7 km e era toda euforia mormente porque o vinho deveria correr abundante; mas, eis a tristeza e o vexame iminentes para os noivos felizes; o vinho acabara! — E Maria sai do seu habitual escondimento e obtém de Jesus o seu primeiro e estupendo milagre — transformação da água em vinho — muito embora Ele lhe tenha dito: "Mulher, que importa a Mim e a ti isso?", mandou que se enchessem os 6 cântaros de água, não para a habitual ablução das mãos — rito higiênico e religioso — mas, agora, para proporcionar aos convivas (após provado pelo arquiticlínio), cerca de 600 litros do mais delicioso vinho que jamais se bebera. — (a capacidade das talhas era de 80 e 120 litros). Hoje, próximo da fonte onde se apanhou a água utilizada no milagre da transformação nesse vinho, ergue-se, com sua cúpula vermelha, (ali existiu um templo nos primórdios do cristianismo) para assinalar o episódio marcante da mediação da Virgem, uma igreja entregue aos PP. Franciscanos. — E mais ou menos no lugar onde foi a casa de Simão (é o nome que a tradição dá ao jovem noivo), ergue-se a igreja de cúpula branca dos gregos.

12 — *Maria na vida pública, antes do calvário* (Mt 12, 46-50; 13, 54-55. — Mc 3, 31-35. — Lc 11, 27-28. — Jo 6, 42) — Nenhum fato em que haja uma ação direta da Virgem nos é narrado, na vida pública de Jesus, após o de Caná até o derradeiro, no Calvário. — São 3 anos em que toda a Galiléia e a Judéia foram palmilhadas em suas cidades, vilas, aldeias e caminhos chovendo ou fazendo sol, a noite ou de dia, no *sbbat* ou outro dia. — E claro é que, impossível não tivesse Maria Ssma., a escolhida para ser a co-Redentora, não tivesse ficado Ela junto Dele na "hora" em que começava sua obra salvífica, em que completaria a missão para a qual encarnara no seio puríssimo da Imaculada. — "Maria foi associada a Cristo no preparar a obra redentora, por que, juntamente com Jesus foi prometida e anunciada pelos profetas e esperada pelos antigos justos". (cfr. na *Bibliografia*, n.° 34). — Teria a Virgem deixado completamente a sua casa de Nazaré? — Tudo faz crer que sim, para poder seguir o seu Divino Filho em suas freqüentes, longas e cansativas peregrinações, caminhadas inesperadas por sítios difíceis. — Segundo a tradição Maria, de modo muito freqüente, juntava-se as "santas mulheres" naquele serviço complementar feminino ao ministério público de Jesus. (Lc 8, 19-21) — Quem melhor do que a Virgem poderia orientá-las, ensinar-lhes sobremaneira que, antes de tudo, seu Filho tinha como missão primeira a obediência ao Pai Celeste? — Há de se compreender que embora associada à obra redentora, esta pertencia exclusiva e ontologicamente

a Jesus. — Maria Ssma. jamais se apresentou pública e ostensivamente como Mãe de Deus, mesmo em ocasiões em que imensa alegria invadira sua alma (duas multiplicações dos pães) e infinita tristeza lhe trespassara como "espada" o coração (ver o filho expulso da sinagoga de sua pátria). — São 4, a rigor, as alusões que os evangelistas fazem a Nossa Senhora neste longo espaço de 3 anos: 1.ª) no chamado 2.º período das primeiras atividades (julho/setembro do ano 29) pela Galiléia, tendo visitado a casa de Pedro (num sábado, 21 (?) de out.), em Cafarnaúm: "Tua mãe e teus "irmãos" estão lá fora a tua procura..." — 2.ª) mesma época, na 2.ª visita a Nazaré, num sábado na sinagoga local: "Não se chama a sua mãe Maria?..." — 3.ª) na sinagoga de Cafarnaúm, desconfiança à afirmação de Jesus de ser o "pão da vida" (já dera milagrosamente as multidões o pão material): "Por ventura não é este Jesus, o filho de José, cujo pai e mãe nós conhecemos?" — 4.ª) no 3.º período, ano 29, Judéia, out./nov., quando, em Jerusalém, indiretamente, Jesus elogia Maria ao responder uma voz dentre a multidão: "Bem-aventurado o ventre que te gerou e os seios que te amamentaram." (Lc 11, 27-28). — Da resposta de Jesus, ensinam os comentadores, que frisou o Divino Mestre: a bem-aventurança de sua mãe não era por ter Ela cuidado do corpo físico Dele, mas, antes, por ter sempre ouvido, crido e praticado a palavra de Deus. — A nota do Pe. Matos Soares a este versículo sublinha esta louvação à Maria. — Ver o Verbete: *Elogio*.

13 — *No Calvário: Stabat Mater/Ecce Mater tua* (Jo 19, 25-27) — O "drama" da cruz chegou ao epílogo e o Gólgota era o triste e derradeiro cenário da obra que se consumava, i.é., completava plenamente; e assim como esteve presente no seu "*fiat*" (concepção), no *et homo factus est* (Natal), nos 33 anos o mais diuturnamente que lhe foi permitido, ei-la firme no seu lugar: "Junto a cruz de Jesus estava sua mãe. Quando Jesus viu ai parada sua mãe e o discípulo a quem amava, disse a sua mãe: — Mulher, eis aí o teu filho. — E disse ao discípulo: Eis aí a tua mãe. E desde aquela hora o discípulo a levou para sua casa." — Querer-se-á outro e maior motivo para amar-mos Maria, nossa mãe? — "Um célebre orador, interpretando essa crença unânime diz: Jesus Cristo não se deu por satisfeito nem repartindo conosco a sua sabedoria, nem enriquecendo-nos com a sua graça, nem derramando para nossa salvação todo o seu sangue. Para que a Redenção fosse, sob todos os aspectos abundante, a fim de que íntima e perfeita fosse a união com Deus, a fim de que a troca que fizera, assumindo a natureza humana e comunicando-nos a divina, fosse completa, Ele nos legou ainda seus direitos de Filho que pareciam intransmissíveis, tornando-nos com Ele e Nele, filhos de um mesmo Pai e de u'a mesma Mãe, Maria." — (cfr. na *Bibliografia* obra n.º 34).

14 — *Maria, mãe/No Cenáculo* — (At 1,14; 2,1-4) — No mesmo lugar (não possivelmente a mesma sala do pavimento superior da casa onde Cristo ceiou pela última vez na Páscoa com os Apóstolos e instituiu a Eucarística) lugar abençoado pela estada e lembrança do seu Divino Filho, estava Maria, não como chefe (este posto reconhecia-se a Pedro), mas como mãe, orientadora, conselheira: "Todos estes [os Apóstolos com exceção do traidor] perseveraram unanimemente em oração, com as mulheres, e com Maria, mãe de Jesus, e os irmãos Dele". — Era no dia do Pentecostes (10 dias depois da Ascensão) e, "subitamente veio do Céu um estrondo semelhante ao som de um vento impetuoso e encheu toda a casa (...) E apareceram-lhes repartidas umas como línguas de fogo e foram pousar sobre cada um deles;

e todos ficaram cheios do Espírito Santo..." (At 2, 1-4). — Segundo piedosa tradição, a chama divina pousou primeiro sobre a cabeça da Virgem e daí é que se repartiu sobre os Apóstolos. — Assim como a seus rogos maternais antecipou-se em Caná a hora dos milagres, no Cenáculo terá Maria apressado a vinda do Espírito consolador.

NUVEM — Figura de Maria porque Ela a todos protege dos ardores do calor (do mal), refrescando, quando como chuva suaviza, alivia, irriga; em forma de coluna circunda o trono do Altíssimo, predita assim, em símbolo. Ver este subverbete em *Antigo Testamento,* e mais: *Culto profético* (em *Devoções*), tb. *Escapulário.*

• • •

O

OLIMPÍADA MARIANA — Duas olimpíadas marianas foram realizadas pelas Congregações Marianas do Rio de Janeiro (1952 e 1954) tomando parte diversos sodalícios dos 133, dos 12 setores da Federação carioca. — Realizou com elevadíssimo índice disciplinar dentro da máxima de Juvenal: *Mens sana In corpore sano,* acrescida do lema religioso: *et sancto.* — Quase todas as principais modalidades esportivas foram disputadas pelos atletas marianos que antes, na abertura dos jogos, cuja duração foi de 15 dias, fizeram o *Juramento do Atleta Mariano,* redigido pelo Pe. Francisco Leme Lopes, S. J. — Os colégios católicos (Maristas, Salesianos, Jesuítas), bem como a Polícia, Bombeiros e Forças Armadas cederam seus ginásios, piscinas, quadras e campos. — No Brasil foi realização inédita, pioneira, e, quem sabe? no mundo?

OLHOS/OLHAR — "Jamais surpreendeu-se na Virgem um olhar turvo; o olhar da Virgem era pudoroso (...) os olhos refletiam o seu interior (...) defendiam do exterior". (Sto. Ambrósio) V. estes subverbetes inseridos no verbete ***Pessoa.***

ORAÇÕES — As principais e mais conhecidas orações ou preces a Nossa Senhora formam uma coroa de louvores em todas as Igrejas, ritos e idiomas, orientais e ocidentais, sem contar os dialetos de povos primitivos e línguas consideradas "mortas". — Algumas dentre muitas e muitas delas:

● *Ave-Maria* — a mais antiga que se conhece e a mais bela que se pode formular a Nossa Senhora. Compõe-se de palavras do arcanjo S. Gabriel que as disse em nome de Deus (logo, de Instituição divina), de palavras de Sta. Isabel, inspirada pelo Divino Espírito Santo, reafirmação de Deus) e, complementação da Igreja, pela voz e consenso da mais lídima autoridade. Depois do *Pai-Nosso* — a oração que Cristo mesmo, nos ensinou — sem qualquer sombra de dúvida, a *Ave-Maria* é a oração mais importante do mundo cristão (inclusive apreciada n'outros credos e seitas). Que nos aprofundemos amorosamente no estudo, no conhecimento histórico e análise do texto tão belo quanto significativo desta prece também dita *Saudação Angélica.* V. os verbetes: ***Ave*** — ***Ave-Maria*** e ***Rosário/Terço.***

● *Sub tuum praesidium* — Difícil não encontrar nos devocionários, esta breve e muito antiga oração, cujo texto é de autor desconhecido. Expressa, neste correr dos Séculos, em que é devotamente rezada, a confiança no poder e na bondade de Nossa Senhora: "Sob a vossa proteção nos refugiamos..."

● *Memorare* — O célebre e conhecidíssimo *Lembrai-vos* (tirado de uma homilia do grande mariano S. Bernardo sobre a Assunção), tornou-se prece clássica e profusamente difundida em todo o mundo cristão. Como todas as outras, foi indulgenciada por uma série de Pontífices.

● *Salve Rainha* — É uma das 4 antífonas marianas (v. o verbete *Antífonas*) atribuída ao Bispo de Pug, Ademaro, membro do Conselho de Chermont e Legado Apostólico na 1.ª Cruzada (tornou-se como que o *canto-de-guerra* dos cruzados). A frase final era: *Jesus, Bendito Fruto do Vosso Ventre.* — A tríplice aclamação rezada hoje, ao final, perpassada de acendrado amor e louvor a Nossa Senhora, foi acrescentada pelo grande mariano S. Bernardo. Fora ele pregar em Spira (Alemanha) na qualidade de Delegado Apostólico. — Com enorme massa popular, tendo a frente o Imperador, entrando na Catedral prorrompeu-se o coro no cântico da *Salve Regina* e ao chegar ao altar-mor entoava-se justamente: *Nobis, post hoc exilium ostende,* finalizando. O santo devoto mariano, em verdadeiro "transporte", ímpeto de amor, fez 3 genuflexões ao mistério de encarnação, dizendo: *Ó Clemens! Ó Dulcis! Ó Virgo Maria!* — Antes de serem introduzidas na *Salve Rainha*, essas exclamações foram esculpidas em lâminas de bronze e apostas no piso da Catedral. — V. *Antífonas Marianas.*

● *Ato de Consagração* — São inumeráveis as fórmulas de Consagração como por exemplo, aquela atribuída à S. Francisco de Sales, que se inseriu no ritual de recepção de congregados marianos. Vários são os Pontífices que redigiram *Atos de Consagração* para os fiéis, objetos, Cidades, Nações e templos. V. verbete: ***Consagração.***

● *Texto de Bênção* — Da mesma forma muitos são os textos de bênção que invocam oracionalmente a Ssma. Virgem, como está na fórmula aplicada aos doentes (largamente usada em Lourdes e outros santuários marianos; após a abertura com a tradicional *Sub tuum praesidium* (Sob a vossa proteção recorremos, Santa Mãe de Deus...), o ritual prossegue "... e pela incessão da Bem-aventurada Virgem Maria..." V. verbete: Cruzada *"Abençoemo-nos por Maria".*

● *Textos Litúrgicos* — Em ritos orientais (desde S. Tiago, Bispo de Jerusalém) são abundantes, nos textos da Santa Missa, as invocações oracionais a Nossa Senhora: melquita, maronita, ucraniano, etc. — No latino (Romano) pelo menos em 5 textos Maria é, explicitamente invocada: ao *Confiteor* — ao *Credo* — na *Suscipe, Sancta Trinitas* (ofertório) — na *Communicantes* (intenções especiais) — e na *Libera nos.* — Anteriormente ao Conc. Vat. II, rezava-se após a bênção final do celebrante: *3 Ave-Marias,* a *Salve Rainha* e o impretratório pela "libertação e exaltação da Santa Igreja". V. os verbetes e subverbetes: *Devoções — Cultos — Liturgia — Missa — Festas.*

ORVALHO — Imagem de bênção do Céu é figura ou símbolo de Maria, que orvalha, abençoa o mundo. — Ver este subverbete em *Antigo Testamento.*

P

PALMA/PALMEIRA — Símbolos da vitória (palma) e da fortaleza (palmeira), aplicam-se a Maria: Vencedora do demônio e forte ante todo o sofrimento. Ver este subverbete em *Antigo Testamento.*

PARENTES (de Nossa Senhora) — Das "visões" da freira alemã Anna Catharina Emmerich (ver *Bibliografia,* n.º 55), transcrevemos: "Zacarias e Isabel (...) moravam em Juta, perto de Hebron. Por sua conhecida virtude e descendência reta de Aarão, gozavam ambos de alta estima do povo; Zacarias figurava como chefe de todos os sacerdotes que moravam em Juta. — Isabel era filha de Emerenciana, irmã de Isméria, que era a mãe de Sant'Ana. Por isso chama a Escritura a Isabel prima de Maria. — Maria, Mãe de Jesus, tinha uma irmã mais velha, de nome Maria Heli, cujos filhos eram Tiago, Sadah e Heliadim. — Uma filha de Maria Heli era chamada pelo nome do pai — Maria *Cleophae,* que quer dizer Maria, "filha de Cleófas. Esta teve do primeiro marido, Alfeu, 3 filhos: Judas Tadeu, Simão e Tiago o menor e uma filha, Suzana. Alfeu, que era viúvo, trouxe para esse matrimônio um filho, de nome Mateus, anteriormente chamado Levi, que mais tarde tinha uma aduana [banca de Impostos] perto de Betsaida, no lago Genezaré. Do segundo matrimônio, com Sabas, teve Maria *Cleophae* um filho, de nome Barsabas, chamado na Escritura Sagrada *Joseph.* Depois da Ascensão de Jesus, foi ele, junto com Matias, escolhido para um deles ocupar entre os Apóstolos o lugar de Judas; a sorte designou Matias. (...) — Tiago o maior e S. João Evangelista eram também, filhos de Zebedeu; a mãe chamava-se Maria Salomé e era filha de Sobe, irmã de Sant'Ana, e, portanto, tia da Mãe de Jesus (...) Cleófas (...) era neto do tio-paterno de Maria *Cleophae.* — Menção especial merece-nos a família de Lázaro, que tinha íntimas relações com Jesus e Sua Ssma. Mãe." —

Nota — Em documentos extrabíblicos encontramos: Segundo contam, o Israelita Stolunus, casado com a jovem Emorum tiveram as filhas: Isméria e Emerenciana; Esméria casou-se com Elivid, da tribo da Benjamim, e tiveram 3 filhas: Sobe, Ana e Maharha. — Ana era natural de Belém, porém seus pais se mudaram para Séforis, a capital da Galiléia. — Nessa região Ana conheceu Joaquim, cujo verdadeiro nome era Heli, descendia ele do rei Davi. — Casaram Joaquim e Ana, e moraram temporariamente na casa do sogro, Matat. — Maharha casando-se foi morar perto de sua irmã Ana (mãe de Nossa Senhora), a Maharha teve muitos filhos, porém um deles, Mariana, apegou-se muito aos tios, Ana e Joaquim; vivia mais tempo com eles do que com a mãe. — Joaquim e Ana, que não tinham descendentes, praticamente consideravam Mariana [e não Maria] como filha.

PECADO ORIGINAL — privação, ruptura da graça, i.é., da amizade com Deus que já trazemos como herança dos nossos pais Adão e Eva, ao sermos concebidos; somente o batismo no-lo apaga. Maria, porém, por ter sido escolhida, *ab aeterno,* para Mãe de Deus, foi isenta dessa mancha, desse pecado dito de origem, original. — Ver os verbetes: *Imac. Conceição* (subverbete de *Dogmas Marianos*), *João Batista/João Evangelista,* e, *Ab aeterno.*

PESSOA — Como haverla Ela de ser, porquanto, "figuras" de Maria, têmo-las fartamente "pintadas" nas lindas e entrelinhas do Antigo Testamento (símbolos, alegorias, analogias, aplicações); praticamente em todos os Livros principais, lá encontramos a "presença" auroral de Maria. — O surgimento biológico, sua aparição física no Novo Testamento possibilita a que tenhamos então o conhecimento da sua "pessoa" como criatura tão viva como nós, tão humana como nós, tão vizinha, próxima de nós, e, então passamos a vê la (*tota pulchra*!), a ouvi-la (*ó dulcis Virgo Maria*!), a senti-la *éndoxos* = gloriosa!) — E podemos nos deter, ousadamente, é certo, em seu "retrato que quiséramos poder (nenhum artista o conseguiu ainda no mundo) traçar-lhe o perfil. Sirvam-nos — embora todas as imperfeições — a abordagens que se seguirão, procurando revelar nos este ou aquele aspecto do espírito, do interior psicológico, da alma da Virgem. Fazemo-lo por amor como poeta-amante (o que é um devoto de Maria senão um poeta amante?) a quem tudo se perdoa, pois as ousadias de amor são sempre puras, ingênuas e por isso dignas de perdão. — Com antiga e humilde prece latina é que abordamos este difícil ponto:

> **"Ne scribam vanum,**
> **Duc, pia Virgo, manum".**
> (para que não escreva em vão
> (com erros) Virgem Santa, guia
> minha mão)

Como Jesus, a nota predominante da e na "pessoa" de Maria foi a obediência. E é das pessoas obedientes o serem, por conseqüência, tranqüilas nas atitudes, dóceis no trato, ternas nos gestos, diligentes nas ações. A firmeza nas deliberações já se notara em Maria, menininha em tenra idade, pois resoluta fizera os votos de total consagração a Deus, votos que muitos não discernem com a idade de 20 anos! Claro que a Virgem teve precocemente o uso da razão. Da estada no Templo (juventude) aos esponsais (mocidade), até o lidar em Nazaré e em Belém (dona de casa), o que se perscruta da sua "biografia" (ver o *Apêndice: cronologia*), quanto à "pessoa" de Maria, é que, acrisolada das mais excelsas virtudes, jamais se proclamou como "autoridade", como "superior", como "diferente", mas timbrou sempre, isto sim, pelo silêncio, pelo recolhimento, pelo abscôndito. — Ao entoar o "*Magnificat*", cântico-oração no qual usou cerca de 100 palavras, exulta, agradece, e não se envaidece. Diz Le Camus que as palavras do "*Magnificat*" nos permite penetrar nos mistérios do espírito — portanto na psicologia, na "pessoa" — de Maria, pois ali Ela não só reza, mas, de alma aberta canta ao Senhor.

● *Beleza Física/Corpo* — Diz S. Dionísio, o Aeropagita, que quando a viu tão bela, tê-la-ia tomado por uma divindade, tal o encanto que emanava de sua pessoa de beleza incomparável, se a Fé em que estava bem assente, confirmado, não lhe ensinasse o contrário, a teria tomado como Deus! (*testor qui aderat in Virgine Deum*). — Segundo Sto. Epifânio, S. Nicéforo e S. Gregório Nazianzeno — também contemporâneos da Virgem — a cabeleira Dela era loura e seus cabelos flutuavam livremente sobre seus ombros; suas vestes eram, como costume da época, de lã branca ou ligeiramente azulada, cinto (correia) de estofo simples envolvendo a cintura, véu branco cobrindo-lhe a fronte e esvoaçando-lhe sobre os ombros para depois descerem até o chão. Modesto e circunspecto — diz-nos S. Pedro Crisólogo — era o seu porte, graves os seus passos, doce o olhar, firme e limpido o timbre da voz, afáveis e atenciosos os seus

gestos, sem pretensões as atitudes. É Sto. Antonino, que piedosamente observa: "o corpo da Bemaventurada Virgem Maria, era de uma perfeição absoluta e de uma forma irrepreensível", sobre o que nos assevera Bossuet: "E a razão disto é que, Deus, formando o corpo de Maria, teve diante do espírito o corpo do próprio Criador": no mesmo tom diz nos Sto. Alberto Magno: "Não se pode duvidar que do mesmo modo que o Salvador foi o mais belo entre os filhos dos homens, Maria também não foi excedida em beleza por nenhuma filha de Eva (...) dotada de todas as belezas naturais de que um corpo mortal é susceptível". S. Bernardo: "Maria era dotada de beleza sem igual, tanto corporal como espiritual". —

● *Mãos* — No contexto de corpo humano as mãos constituem verdadeiro mundo-universo de movimentos, gerando incontáveis gestos-utilidades, desde o fazer e desatar um simples nó (nunca máquina alguma conseguiu isto) até a execução, ao piano ou violino, das páginas mais lindas dos inspirados compositores, porém, de modo especial, acariciar os rostos dos que sofrem, dos velhos solitários e das crianças desamparadas. — Os 4 mil congregados, reunidos em Roma, para homenagear os 50 anos de congregação do *Papa Mariano,* Pio XII, ouviram-lhe dos lábios que estavam sempre cheios de Nossa Senhora, ouviram estas palavras que se tornaram célebres e tremendamente responsáveis aos marianos: " pela sua consagração o congregado mariano se torna ministro de Maria e como que *suas mãos visíveis sobre a Terra*". (cfr. aloc. aos 21 de jan. de 1945) — E o Conc. Vat. II, 16 anos depois, estendeu a todos os leigos cristãos esta *atitude de consagrados.* no serviço da Igreja, portanto, de *mãos visíveis de Maria na Terra* (cfr. Dec. *Apostolicam Actuositatem,* Cap. I, n.° 4 parágrafo 16) — Para o desempenho consciente e generoso dessas funções das *mãos visíveis de Maria* é preciso, antes de tudo, que sintonizemos com estas mesmas benditas mãos nas posições em que elas se nos mostram desde o "*Fiat*" ao "*Stabat Mater*", até mais além: até o Cenáculo de Jerusalém, onde, "com Maria, perseveravam em oração". (At 1,14)

Mãos postas, para o Céu — Mãos que rezam, que se enriquecem de graças, no encontro vertical com Deus. Os artistas no-las apresentam como, p.ex., Nossa Senhora da Conceição e noutros títulos nós brasileiros assim a veneramos entusiástica e filialmente — N. S. Aparecida — desde que foi *pescada,* em 1717, pelos humildes pescadores Domingos Garcia, João Alves e Felipe Pedroso, nas águas do rio Paraíba. — As mãos postas de Maria em direção do Céu é aquela inefável realidade apontada pelo seu grande devoto S. Bernardo: *Onipotência suplicante.*

Mãos abertas, para a Terra — Enriquecidas no encontro com Deus, essas mãos medianeiras, cheias de graças, desprendendo raios de luz e de paz, mãos abertas para o mundo, mãos de orante antigo, prontas para dar, para o serviço, para a luta, para a entrega. Sintetizam aquela atitude dos cristãos de ontem, de hoje e de sempre: oração e ação (*ora et labora*). — Grave é o erro, sério erro o das mãos *supostamente fechadas em Deus,* mas o fato é que *abertas para o mundo,* portanto, *vazias de Deus.* — A contemplatividade não exclui a atividade; a oração não elimina a ação, eis o que nos indicam as mãos de Maria postas e abertas.

Mãos cruzadas sobre o peito, portadoras de Cristo — Foram as mãos de Maria, cruzadas sobre o peito que, na hora bendita daquele "*fiat*", assinalaram a coisa mais

importante acontecida no mundo: a vinda de Cristo, a encarnação do Verbo Divino, para nossa salvação. Faziam as mãos de Maria, dali para frente, o que de mais transcendente e sublime se pode conceber: carregar Cristo Jesus. — Mãos *cristóforas*. São Cristóvão (padroeiro dos motoristas) tem esse nome de grafia etimológica grega e italiana que significa portador, carregador de Cristo, pois piedosa lenda conta que em seus fortes ombros ajudava aqueles que precisavam atravessar duma margem a outra caudaloso rio, e um dia, como prêmio, transportou o Menino Jesus. — Todo cristão autêntico, isto é, *cristóforo*, só o é mesmo, dando continuidade, *in absconditis*, ao trabalho das *mãos de Maria sobre a Terra*. — Quanto mais formos *mãos de Maria*, mais seremos "*cristóforos*" neste mundo tão carente de Deus. (*cpd* Pe. Paulo J. de Souza, S.J.)

● *Mãos escondendo o rosto*, a cobrir lágrimas que rolam face abaixo porque refletem a tristeza e a dor de ver o seu Divino Filho tão ofendido, vilipendiado, Ele que tanto amou a Humanidade a ponto de sofrer e morrer por ela! Mãos que antes e depois de esconder o rosto (em La Salette e n'outras aparições), se apressam em sustentar o braço, evitar o castigo de Deus por tantos crimes, ingratidões e ofensas ao Amor que não é amado.

● *Pés/Calcanhar* — Obviamente, em termos anatômicos, o calcanhar é uma das partes (a de trás) dos pés, tida nas lendas como vulnerável (daí a expressão: "*calcanhar de Aquiles*", da Mitologia) — Conforme esta ou aquela versão da Bíblia, aparece ora o termo *pés*, ora *calcanhar*. Perto de uma centena de vezes falam as Escrituras Sagradas sobre os pés, destacando-se obviamente pela importância e sublimidade a cena da lavagem dos pés dos discípulos pelo Divino Mestre e quando, noutro sítio, o Divino Mestre teve seus pés lavados pelas lágrimas de Madalena que, em seguida, os enxugou com seus próprios cabelos. — Ao respigarmos algo alusivo a Maria Ssma., logo se nos depara aquela profecia que diretamente da "boca" de Deus encontramos na "inauguração" do mundo, quando o Senhor vaticinou de modo terrível, que a serpente infernal seria esmagada pelos pés da mulher. E ligamos esta profecia do início (Maria Ssma.) — cfr. Gen 3,15 — do mundo aquela outra que nos fala dos seus derradeiros dias, quando S. João, sob véus, anuncia: "*Depois apareceu no Céu um grande sinal: uma mulher vestida de sol, com a lua debaixo de seus pés*." (Ap 12,1) — Portanto, os pés benditos de Maria, as suas passadas, nos protejeram e protejerão sempre contra as artimanhas satânicas; eis porque não devemos jamais deixar os seus caminhos, nunca abandonar suas veredas, não nos desviar de suas estradas, aquelas que têm os sinais dos seus pés. Contrariamente as pistas que encontraremos serão as de outra mulher que a Bíblia nos previne: " .*seus pés encaminham-se para a morte e os seus passos penetram até os infernos. Não andam pela vereda da vida*". (Prov 5,4-5) ou então se nos depararão como que os pés esmagadores daquela 4.ª besta da visão de Daniel: "*despedaçava e calcava aos seus pés o que sobrava*" (7,7) — Os pés que sobre nuvens — algumas vezes descalços — já muitas vezes videntes o viram (mormente inocentes crianças) em várias aparições da Virgem — esta bendita *visitadora* do mundo que Ela tanto conhece pois aqui passou, por cerca de 72 anos (segundo Niceforo), o decurso de sua vida terrena, antes de ser levada em corpo e alma aos céus — seus pés já repousaram sobre nuvens em tantos lugares e numa azinheira, na Cova da Iria (Fátima), pés que agora — desde 24 de junho de 1981 — são vistos por 4 mocinhas e 2 rapa-

zes em Medjugorje (Iugoslávia). E, de uma maneira Inusitada: de ouro; sim, dourados, estavam nas aparições de Natividade (RJ), ao Dr. Fausto. De prata eles já eram para os devotos da cidadezinha de Toul (França), onde desde o séc. XV venera-se *Notre Dame ou Pied d'Argent* (Nossa Senhora do Pé de Prata). — Projetam os pés de nossa querida Mãe do Céu — quer de prata ou de ouro — nestas constantes e abençoadas "visitas de Mãe" o que o profeta Isaías disse: "*Que formosos são sobre os montes os pés do que anuncia e prega a paz, que anuncia o bem, do que prega a salvação, do que diz a Sião: o Deus está para reinar!*" (52.7) — Em todas as aparições outra coisa, Implícita ou explicitamente, não tem feito Nossa Senhora; nesta agora da Iugoslávia intitulou se Inclusive a mensageira da Paz (Mir, em croata), confirmando a devoção espanhola do séc. XI e a Invocação lauretana aprovada em 1915 por Bento XV. — Então só podemos exclamar a tão excelsa Mãe, como implorou no seu cântico Zacarias: "*...para dirigir os nossos pés no caminho da paz*". (Lc 1,79)

● *Rosto/Semblante* — "Se todo exterior do homem é reflexo de sua alma, o é de um modo especial o rosto". (Juan Rey, S. J.) — Sim, afirma-se que o rosto, ou seja, a face, o semblante, é o espelho d'alma, onde todos os sentimentos se manifestam; o semblante, o rosto, reflete com fidelidade não apenas o exterior, mas também o Interior. — E como foi? como era? como é o rosto de Nossa Senhora? Não poucos — como por exemplo Sto. Ambrósio — tentaram "descrever" o rosto da Ssma. Virgem, e, é claro, não conseguiram. Se chamarmos para um depoimento pessoal a irmã Lúcia, (a vidente de Fátima, que ainda vive entre nós aos 80 anos) ou uma das 4 mocinhas iugoslavas — videntes de Medjugorje — Vicka Ivakvic (20 anos), Mirjana Dragicevic (21 anos), Marija Pavlovic (21 anos), Ivanka Ivankovic (19 anos) e seus 2 patrícios Ivan Dragicevic (21 anos que não é, embora a Identidade do sobrenome, (14 anos), apesar de terem, estes Irmão de Mirjana), e Jakov Colo 8 videntes (agora passou também a ver Nossa Senhora, a menina Jelena Vasjly), visto a rosto da Ssma. Virgem bem de perto — os da Iugoslávia, tridimensionalmente, o que não aconteceu com os de Fátima — nenhum deles será capaz de dizer como exatamente viu o rosto de Maria Ssma.; ou melhor: não saberão descrever a beleza resplandescente, infinitamente lindo de tal rosto, simplesmente porque é impossível tal descrição. Os próprios anjos do Céu não saberiam fazê-lo. — Se o rosto é o espelho d'alma, não existiu nem existirá rosto mais belo do que o de Nossa Senhora, cuja alma, com o seu sagrado corpo, está de forma gloriosa no Céu, ao lado de Deus.

● *Olhos* — Na face, ou seja, na parte superior do rosto, a mais nobre, sem dúvida alguma do corpo humano, Deus colocou os olhos, distinguindo-os sobremaneira em tudo, em nossa constituição física. Diz-se que os olhos são as janelas do nosso *ego*, através deles revela-se, reflete-se a nossa alma. — E como eram os olhos da Ssma. Virgem? — como eram não, mas como são? Devemos prescindir se eram azuis turquesa tal qual o céu outonal; se eram verdes esmeralda como as águas de calma praia; se eram castanhos como as nozes, ou eram pretos como remansosa noite de estio. Tenhamos certeza porém, que eram — mais exatamente, são — de extrema beleza. Nenhum vidente pôde até hoje descrevê-los com precisão, após as aparições mas quedam-se extasiados diante do magnetismo que expandem tal qual fachos de luz inebriantes. — O Doutor da Igreja Sto. Ambrósio

é quem, desde o séc. IV nos forneceu descrição de como, certamente, foram — são — os olhos de Maria, quando "pintando" o seu *retrato* emprega duas frases sobre seus olhos; duas observações mais importantes que a cor que possam ter: Numa frase o Doutor da Igreja diz que *refletiam o seu interior* e noutra fala que se *defendiam do exterior*. É preciso dizer alguma coisa mais para se ter idéia da beleza dos olhos de Maria? — Seus olhos jamais espelharam a raiva, o aborrecimento, o enfado, a tristeza, a inveja ou a menor atitude negativa, mas sempre se mostraram no esplendor do seu brilho, a serena doação, a suave ternura, a plenissima confiança, a doce paz. Assim, eles eram ou são azuis, verdes, castanhos, negros porque simplesmente belos em sua constituição intrínseca. Os olhos de Maria foram destinados a contemplar Jesus, logo eram e são olhos onde o profano não emitiu seus ralos ao mundo, não lhe empanou o brilho da pureza. Nos olhos de Maria estavam destinados a mirar o Céu e se volviam para o chão da terra somente quando Ela procedia a lida do lar. Os olhos de Maria se hoje nesta Terra estivessem não pousariam nos vídeos indecorosos, das TVs, nas telas aberrantes dos cinemas, nas páginas peçonhentas das revistas e jornais, nos palcos criminosos dos teatros e tantas casas de espetáculos, mas se recolheriam nos livros de devoção, volveriam, ternos, contemplativos ao crucifixo onde seu Divino Filho pagou com a sua vida, até a última gota do seu Sangue, o nosso resgate pelo pecado dos nossos primeiros pais. — Os olhos da Virgem entre as muitas e santas virtudes que refletiam, sem dúvida de forma eloqüente mostravam a da pureza, as portas ou janelas dos seus olhos estavam sempre abertas para a contemplação do Belo e do Santo. Nossos olhos devem imitar em tudo os da Virgem. Ordenemos nosso Interior a transmitir, pelos olhos, nossos sentimentos puros e não deixemos que do mundo exterior entrem pelos nossos olhos o mal do pecado. — Digamos como a congregada mariana, Maria Tereza Gonzalez-Quevedo y Cadarso (1-4-1930/8 4-1950), cujo processo de canonização se acha em curso: *"Madre mia, que el que me vea, te vea a Ti"*.

● *Olhar* — Os olhos transmitem o olhar, irradiam suas mensagens. Dizem os autores antigos, inclusive muitos que foram contemporâneos da Virgem, que jamais alguém a viu numa situação ou atitude cujo olhar não refletisse seriedade. Sto. Ambrósio diz: *Jamais surpreendeu-se na Virgem um olhar turvo; o olhar da Virgem era pudoroso.* — Podemos, muito de longe é claro, deduzir de alguns momentos da vida de Nosso Senhor, como foi o olhar de Nossa Senhora:

— de místico espanto — aquela "perturbação" de que fala o evangelista, no instante verdadeiramente abismal da mensagem do Anjo, convite que jamais mulher alguma do mundo já teve nem terá: ser a mãe de Deus!

— o tê-lo pequenino, indefeso como homem no seu colo, enfaixando-o contra as intempéries;

— quando cruzou seu olhar com o de Simeão para ouvir aquele terrível vaticínio!

— o olhar de dura, dolorosa, tormentosa, angustiosa fuga apressada rumo à terras desconhecidas do Egito;

— ainda na infância, aquele olhar de suma alegria que afugentou a aflição de 3 dias de procura por toda Jerusalém!

— as vezes, inúmeras, que mirou a garoto ir passando a jovem,

no lar de Nazaré, cheio de vida e tão "submisso", anota o evangelista.

— já adulto feito, numa festa de bodas — a de Caná da Galiléia — quando o olhar terno de mãe, conseguiu de Jesus, apressar o seu primeiro milagre, *antes da hora!*

— olhar que ninguém no mundo poderá fazer idéia da terrível extensão: trocado, a distância, lá pela hora terça do dia 23 de Nisan, na Parasceve, quando, ao sinal da trombeta, pôs-se em marcha, sob o comando do centurião Cornélio, o cortejo levando o "condenado" até o Calvário para a maior ignomia jamais perpetrada contra um inocente!

— os outros olhares dali pra frente, só tiveram a cessar-lhe a imensa dor quando após aquele bendito dia da "*dormitio*" Jesus mandou que os anjos a levassem, em corpo e alma para o Céu, onde está, com benévolo olhar de mãe nos esperando.

● *Voz/Palavra* — Todos os estados ou atitudes ou gestos ou formas da Virgem nos devem tender a imitá-los porque se todos eles santificaram-na ou melhor, refletiam a sua excelsa santidade, a nós nos servirão como balizamento na senda da perfeição. — "Que a vida dos cristãos — exortou Pio XII ao proclamar o "*Ano Mariano*" (1954) — se conforme, o mais possível, com a imagem, o modelo, da Virgem Maria". — Aconselhava-nos o saudoso Pontífice a "reproduzirmos em nossas vidas, a vida da Virgem, copiarmos a sua imagem em nós mesmos para a refletirmos nos outros". — Registrado pelos evangelistas, só temos, diretamente brotadas dos lábios de Maria, 115 palavras (claro que este número varia conforme a versão da Bíblia consultada), em 3 passos: 1.º) 88 palavras ao entoar Maria o "*Magnificat*" (Lc 1,46-55), no dizer de Le Camus, "a única página do Evangelho que nos permite penetrar no espírito da Virgem, quando Ela não fala, canta" e o fez, não no idioma hebraico, mas em sua língua o aramaico: "*Nascho dil tchaban Imorio...*" — 2.º) quando, na perda e encontro de Jesus menino, no Templo de Jerusalém, em 17 palavras, maternalmente disse da sua aflição e S. José pelo acontecido. (Lc 2,48) — e, 3.º) nas bodas de Caná da Galiléia, tão lacônica quanto confiante na sua mediação junto a Jesus. Dele conseguiu a feitura do primeiro milagre da sua vida pública, com 10 palavras. (Jo, 2,3) — Diz-se que a boca só fala do que está cheio o coração; logo, Maria só falava de Jesus. Poucas palavras, porém cheias de profundo significado; graves frases, mas de suave aceno; tom de voz sério, porém terno, carinhoso. Em suma, voz como o soprar da brisa — como dizem os salmitas, podendo-se aplicar-lhe a imagem ou comparação que os poetas costumam usar: tinha a voz de uma flor se acaso a flor falasse.

● *Sorriso* — Quase não há, na literatura religiosa, referência ao sorriso de Nossa Senhora. Raríssimos pintores têm-na pintado com ligeiríssimo ar sorridente, quando tem o Menino Jesus ao colo e embevecida olha para o seu rostinho infantil. — Notícias, anotações que temos sobre o sorriso de Maria está grandemente no depoimento dos videntes, nas aparições; na documentação policial — portanto insuspeita — que o Cônego Humbert Pasquier, extraiu respeitante às aparições de Lourdes, anotações do Comissário do Cantão, Jean-Dominique Jacomet: "... uma mocinha [Bernadette Soubirous] anda dizendo estar em comunicação com a Virgem (...) convidamos esta criança para depor: ( ) "Encarei um instante, me ajoelhei e rezei. *Aquero* [aquilo] sorriu para mim e entrou na gruta..." — O *Aquero* (aquilo) nada mais era do que Nossa Senhora,

que sorriu para a assustada Bernadette. E agora nos vem de outro lugar, de Medjugorje (Iugoslávia), nas aparições que lá acontecem desde 25-6-1981; consignando a 3.ª aparição, esrceve Dobro Od Angela (traduzido pelo Pe. Jordão Maria Pessati, INC: " uma das videntes aspergiu Nossa Senhora com água benta dizendo: "Se és a Bem-aventurada Virgem, Mãe de Deus, fica conosco, pois queremos pertencer-te: mas se és um outro espírito, foge de nós!" — A estas palavras a Senhora sorriu e disse: "*Minhas queridas crianças, Eu sou a Virgem Maria...*"

Nota — (págs. 8/9 do opúsculo homenagem aos 2.000 anos do nascimento de Nossa Senhora já em 3.ª edição, e que pode ser pedido a: Ma. Antonia Abuchaim ou Iolanda Pacheco — Av. Imirim, 642, 2.º and. apto. 21 — (02464) SP ou R. Augusto Tortorelo Araújo, 309 — Alto Santana (02040) SP. —

● *Cabeça* — Revestida de sol, "tendo sobre a cabeça uma coroa de 12 estrelas", é como S. Paulo nos apresenta a Virgem, na visão do *Apocalipse* (12,1). — Sim, coroada, ou seja, portando sobre a santa cabeça esta coroa luminosa, após seu decurso terreno. — Aqui na Terra a coroa que portou na cabeça assemelhava-se, moralmente, a de espinhos que Impuseram ao seu Divino Filho. A cabeça coroada da Virgem, aqui na Terra, que lhe fazemos em Imagem, no mês de maio — Mês de Maria — é aquele reconhecimento de sua glória e o agradecimento de tantos favores e graças espargidas. É a tentativa de trocar-lhe as espadas do coração — aquelas preditas por Semeão — pela coroa de Rainha, pois Ela o é porque Mãe do Rei dos reis, soberana de todos os corações. — Escreveu o Pe. Juan Rey, S. J., após descrever a subida gloriosa de Maria aos Céus: "*Entra la Reina en su palazio del cielo* (...) *Escaló Maria las alturas de los cielos, hasta la cumbre más alta, hasta el trono de la divindad.* (...) *Alli la esperaba su Hijo* (...) *Alli la tenia preparado um trono de reina a su lado*". — E os maiores pintores já deixaram em suas telas esta cena celeste: a Santíssima Trindade — o Pai, o Filho e o Espírito Santo — depositam sobre a cabeça da Ssma. Virgem a coroa da glória, não aquela perecível como a coroa-de louros tão buscada pelas criaturas aqui na Terra, mas aquela outra imperecível, eterna, de verdadeira glória, do Céu, que repousa na cabeça de nossa querida mãe, Maria, a Rainha do Céu e da Terra, dos Anjos e dos Santos, dos homens, do Universo. Cabeça coroada com a coroa de mãe e também coroa de Rainha.

PEREGRINAÇÃO — Deslocamento individual ou coletivo de devotos a santuários (allás recebem ditas Igrejas e basílicas este título eclesiástico justamente devido a acorrência comprovadamente numerosa, antiga e constante do povo), com o fim de obter de Deus, pela Intercessão dos seus santos, anjos e sobretudo Maria Ssma., bênçãos, graças e mesmo favores materiais como a saúde, a cura desta ou daquela doença, não raras vezes, esgotados todos os recursos humanos e materiais. — Impondo-se algum sacrifício deslocam-se entre rezas, cânticos, meditação, pregacão os chamados peregrinos (etimologicamente significa o termo: caminhada longa e a pé descalços), como se fazia primitivamente e está no Ant. Test.); diz-se também *romeiros* (lembrança dos que vão a Roma por ocasião dos *Jubileus*, ditos também *Ano Santo*). — Os sacrifícios da participação numa peregrinação já constituem por si uma *promessa* ou pagamento da mesma, traduzida muitas vezes por outras manifestações, como o *ex-voto*. — Sabido que o maior centro de peregrinações do Brasil é a Basílica de Aparecida, o maior templo do mundo dedicado a Nossa Senhora. — Ver os Verbetes: *Aparecida — Milagre — Peregrinação — Promessa*.

PINTURA/ESCULTURA — Se difícil é estabelecer, sem omissões injustas, que por certo seriam involuntárias, um elenco de artistas na Música e na Poesia, que diremos neste outro campo, talvez mais vasto e complexo da Pintura e Escultura? — Apontaremos assim, neste mundo de belezas um aspecto curioso, interessante: ao pincel dos pintores e cinzel/buril dos escultores é que devemos a identificação de tantos e tantos Santos, bem como e sobretudo, Nossa Senhora sob as invocações e títulos tão variados. — Também aos pintores e escultores se deve agradecer a terem ido buscar nos apócrifos tantos episódios, cenas e figuras que completam a nossa sede de conhecimentos sobre fatos, nos quais, mormente Nossa Senhora, humildemente se fazia presente. — Que estes poucos nomes representem os milhares de outros: Giotto — Fra Angélico — Miquelangelo — Murilo — Luini — Rafael — Carpaccio — Da Vinci — Botticelli — Mestre Ataíde — "Aleijadinho" — Neste grupo de Artistas juntamos especialidades afins: desenhistas, aquarelistas, fotógrafos, ourives, cenógrafos, cunhadores, gravadores. — A Arte Sacra, Iconográfico-pitórica, nos transporta, não rara vezes como num êxtase, à contemplação das coisas do Céu — mormente em se tratando de Nossa Senhora. As cores, as linhas, os talhes, os contornos, as perspectivas, as sombras e a luz, que os artistas meio divinamente manipulam, funcionam como que "liturgias", espécie de "pedagogia" a nos transportar aos páramos celestes, ao regaço da Mãe "toda cheia de graça" que nos deu o "Irmão" Jesus. — V. o Verbete: *Icone*.

POESIA — É sem conta o número de Poetas que nas rimas dos versos, em todas as línguas, em todos os cantos do mundo cantaram as glórias de Maria; — não podendo elencá-los todos, que estes dois luminares representando todas as penas dos poetas "maiores" e "menores", daqui, dali e dacolá, façam a Poesia presente neste modestíssimo dicionário, pelo menos em rápida citação bibliográfica: Dante Alighieri, na monumental *Comédia* — de tal forma *monumento* que anexou-se-lhe para todo sempre o cognome "Divina" a completar-lhe o título. — Nas culminâncias deste *capo-lavoro*, no canto 23.º — *Paraiso* — onde o poeta celebra as glórias de Cristo e de Maria, e no encerramento do poema imortal, onde há um hino de louvor e Imploração à Ssma. Virgem que foi qualificado — escreveu Guiuseppe Pirozzi — "o mais alto a que se elevou humana poesia!" — E eis Dante, que levado por Beatriz, vê em meio aos Santos e Anjos "a bela flor":

Da bela Flor o doce nome [ouvindo
Que noite e dia invoco [sempre, atento
No lume, que maior estava [fulgindo. (88-90)

E n'outro passo o poeta viu a "grandeza e luzimento da fulgidíssima Estrela" que, no Céu, vence todos os Santos e Anjos em formosura e resplendor, como na Terra venceu os seres humanos em virtude e graça (cfr. 91-93) e deparou-se-lhe esta visão:

Do Céu baixando flama se [revela,
Que em forma circular, como [coroa
Cingiu-a, se agitando em torno d'Ela. (94-96)

E do Canto final do Imortal poema de tão insigne vate, estas estrofes de louvação amorosa:

Há tal grandeza em TI, há [tal pujança,
Que quer sem asas voe o [seu anelo

Quem graça aspira em TI
sem confiança. (13-15)

Em TI misericórdia, em TI
[piedade;
Em TI magnificência, em TI
[aduna
Na criatura o que haja de
[bondade. (19-21)

Estes versos finais Dante Alighieri os colocou nos lábios de um dos maiores devotos da Virgem: S. Bernardo. — (cfr. na *Bibliografia*, obra n.º 27) Quanto a outro poeta que deva representar a "classe" neste Verbete *Poesia*, também dos maiores nas Letras, temos José de Anchieta, um tanto espanhol de nascimento, português de formação e brasileiro por adoção: Dele, — é fato inédito no mundo — o primeiro poema escrito nas Américas à Nossa Senhora, *De Beata Virgine Dei Mater Maria*, contendo 5.732 versos do mais puro e sonoroso latim; e, ainda, de forma milagrosa (não há outra maneira de se explicar), milagrosamente "rascunhados" muitos desses versos nas areias das praias de Iperoig (durante sua prisão, como refém dos índios tamoios), memorizados, para então posterior feitura e trabalho do buril intelectual. — Eis, do *Poema da Virgem*, canto I, na tradução do Pe. Armando Cardoso, S.J., o "Nascimento da Virgem", muito apropriado para estes 2.000 anos da natividade de Maria; o saudoso e grande pintor (3.º Franciscano dos Capuchinhos) Carlos Oswaldo, fez as ilustrações: (ele é também o autor do desenho e "estudos" da cabeça do Cristo Redentor, do Corcovado); Do agora beatificado José de Anchieta — após 400 anos! — estes versos à Maria:

Bela entre as mais belas
Ela precede a deslumbrante
[claridade,
e majestosa, anuncia o sol
[do dia eterno.

Esta é a Estrela
que se desprendeu da
[estirpe de Jacó
e não há de sofrer a
[influência das trevas.

Porventura, ó minha alma
ainda te queres engolfar em
[negras sombras?
ainda sobre os olhos te
[pesará a noite eterna?

Contempla! el-la que nasce
essa Menina de beleza
[encantadora
cujo olhar clareia o mundo
[em trevas mergulhado.

Mal teus olhos tocar com
[sua chama luzente,
de uma vez para sempre,
guarda impresso o seu
[meigo semblante.

Se privilegiado te deleitares
[em seu amor
privilegiado te acalentará o
[mesmo amor.

Sua honra verdadeira te
[conquistará,
libertando-te da tua
[ignominia.

Esta, se o não sabes, é a
[glória do Universo,
Doce riso da Terra, belo
[sorriso do Céu.

É a nobreza nova dos
[desonrados avós,
que nos restitui o tesouro
[perdido pelo pecado.

Ela expunge a maldição
[lançada a nossos pais
e apaga toda a infâmia da
[sua descendência.

Que este Verbete seja preito de homenagem a dois colecionadores de belas poesias, de senti-

dos versos sobre Nossa Senhora: José Gomes Tárlê (também campeão das vocações sacerdotais) e Pe. Francisco Leme Lopes, S. J., grande amigo e apóstolo dos jovens. Foram dois congregados marianos de escol, da melhor cepa, hoje junto da Rainha, no Céu, vivendo aqueles poemas que eles juntaram em *Antologia Mariana*.

POMBA — A pomba simboliza a paz, a formosura, a concórdia, a perfeição, sendo perfeita figura de Maria. Ver este subverbete em *Antigo Testamento*.

PORTA — do Céu, dos Santos e porta fechada: do Céu, pois de lá Maria nos alcança as bênçãos e graças; dos Santos porque dos eleitos é Rainha e porta fechada pela sua virgindade perpétua. Ver este subverbete em *Antigo Testamento*.

PRESÉPIO (ou presépe) — Em hebraico o termo *urvâh* tem sentido muito amplo e instável, podendo significar o tabuleiro fixo onde se deposita a comida dos animais, dito também, baia, como pode ser ainda o próprio estábulo ou estrebaria no seu todo, como até a estala (do germ. *stall* = assento) dos cavalos, e, por analogia, aplica-se até mesmo aos alimentos ali consumidos; daí o vocábulo *manjedoura* (de manjar, comer). — A manjedoura/presépio usada por Nossa Senhora estava certamente colocada numa das paredes laterais da pobreza da gruta-alojamento, sendo o melhor lugar encontrado por Maria para depositar a criança recém-nascida. S. Lucas o único evangelista que narra a cena do nascimento, emprega 3 vezes o vocábulo *presépio* (2,7; 2,12 e 2,16). — Cristo, já adulto, iria referir-se, ao falar dos cuidados com o boi e o jumento, no que, justamente, se entendia por manjedoura/presépio. (Lc 13,15). — O que entendemos hoje como presépio é, durante o Natal, a representação plástica do nascimento de Cristo, costume que remonta aos sécs. IX/X, tendo-se generalizado graças a S. Francisco de Assis, que em 1223, num bosque de Greccio Bustone reproduziu o mais exatamente possível com os habitantes locais a cena do nascimento; nem faltaram o boi e o jumento, também aludidos por Isaias (1,3) e na Oração de Habacuc (3,17), pois constitui exemplo de humilde servidão, a força que estes animais pacientemente colocam ao dispor dos senhores donos.

Nota — A exemplo dos Franciscanos, como fruto do Ano Mariano (1954), os Carmelitas lançaram a idéia de se armar presépio, com a figuração plástica da Natividade de Nossa Senhora.

PRIMOGÊNITA — Filha de Deus antes da criação do mundo, primeira entre milhões e milhões e mais milhões, é Maria a "primogênita" Ver este subverbete em *Antigo Testamento*.

PROFETISA (Maria é) — Na Bíblia a palavra *profeta* traduz dois termos hebraicos: um significa *anunciador* (= aquele que fala, ensina, ou denuncia — *com* e *em* — nome de Deus), e o outro que quer dizer *Vidente* (com o sentido de vaticinar, predizer o futuro, revelar o plano de Deus), daí dizer-se que profeta é "o homem de Deus". — Em grego o termo já se encontra no séc. V a.C., com o sentido daquele que fala publicamente, ou seja, orador (Platão), aquele que prevê o futuro (Senofonte), em sentido literário é o poeta (Homero), e em sentido religioso é o intérprete dos deuses (Oráculo de Delfos). — Pouco conhecidas com o título de profetisas são diversas mulheres tanto no Antigo como no Novo Testamento: Maria, a Irmã de Mol-

sés e de Aarão (Ez 2,4; 2,7-8 — Nm 12,1-2 — Mq 6,4), — Débora é apresentada como julgadora e profetisa em momento crítico da história do povo de Israel (Jz 4,4-14). — Hulda, esposa de Selum, é consultada pelos oficiais de Josias (2Rs 22, 14-20; 2Cr 34, 22-28). — Ana, a profetisa que, no Templo de Jerusalém (fora preceptora da Virgem?) assistiu a Apresentação do Menino (Lc 2,36-38). — As 4 filhas de Felipe (não o Apóstolo), que profetizavam, i.é., ensinavam, auxiliavam na pregação litúrgico dado o carismo (1Cor 12,10) profético (At 21, 8-9). — As mulheres da Igreja de Corinto, as quais S. Paulo dá normas sobre o corte do cabelo ou a cobertura da cabeça (1Cor 11, 5-6), embora no texto a *profetisa* esteja no particípio e não no apelativo *profetisa*, porque o contexto claramente indica *profesia* (carisma profético) na oração litúrgica. (cfr. 1Cor 14,3; Ef 5.19; Col 3.16). — Confrontando estas profetisas com Maria podemos dizer que mais do que todas elas, Nossa Senhora teve o título, o papel, as funções de *profetisa*, embora *dentro do seu silêncio*, no seu escondimento. — Maria, desde a sua concepção e por todo o transcurso de sua vida, não foi apenas uma *profetisa*, foi a própria *profecia viva;* realizou em Si a profecia do Antigo Testamento: Dela, Virgem, nasceu Emanuel, o Deus conosco (Is 7,14) e Nela aflui toda esperança, pois já nos antecedeu no Céu em corpo e alma. — Foi a primeira que acreditou, aceitou e vivificou no seu puríssimo seio a divina Palavra (*e o Verbo se fez carne*). — Conservou no seu coração, meditou em sua alma as palavras de Deus (Lc 2, 19.50; 11,27-28). — **Maria é ainda profetisa e símbolo daquela Igreja que nasce da Cruz e da qual é Mãe; o papel singular e figura ímpar de Maria fá-lA profetisa sem igual porque associada intimamente à missão do Filho, não como simples *Instrumento*, mera *anunciadora*, mas de fato *colaboradora* na obra messiânica de Cristo. — Do profeta, da profetisa se diz que "é de Deus", e Maria é com Deus (*Theotókos*).**

PROMESSA — Teológica e biblicamente "o tema da promessa é básico para os termos da Fé e da Esperança; essas virtudes repousam sobre as promessas" da Sagrada Escritura (Ant. e Novo Testamento) vontade salvífica de Deus. A manifestação como um *voto*, pois o voto não deixa de ser uma promessa livre feita a Deus (bem como aos seus santos e anjos para maior glória do próprio Deus), de um bem e/ou sacrifício (primícias no Ant. Testamento) em busca das bênçãos divinas. — A Virgem, dado ao "poder medianeiro" de Mãe, ao seu ministério ímpar de ser a "onipotência suplicante", não é de se estranhar se dirijam amiúde, se lhe façam as mais fervorosas, esperançosas e infinitas promesas atestadas sobremaneira nos *ex-votos* que superlotam as chamadas "sala dos milagres", demonstram as numerosas peregrinações (romarias) que demandam aos centros ou lugares ditos popularmente *Santos*, ou seja, hermidas, capelas, igrejas, basílicas, santuários, onde Nossa Senhora a todos atende pelo Seu divino Filho, Jesus, exigindo apenas Fé e Esperanca dentro de uma vida autenticamente cristã e católica. — Ver os Verbetes: *Milagre* e *Peregrinação*.

• •

"Se não se aceita Maria Ssma. procura-se a orfandade, recusa-se o legado de Cristo na Cruz: *ecce Mater tua*..."

(tema de um dos **Cenáculos com Maria** que o Autor ministrou na C.M dos PP. Servitas — Rio)

•

Q

QUERUBIM (heb. *kerubim*, plural de *kerub* = celestial) — As 4 criaturas viventes (animais?) que ficavam à entrada do Éden, bem como junto à Árvore da Vida, após expulsos Adão e Eva; se identificam com os Serafins; os teólogos, segundo S. Denis, os colocam na 1.ª Ordem ou Hierarquia dos Anjos (Serafins — Querubins — e Tronos); os Artistas da Renascença, fugindo à figuração original, os apresentam como crianças, ou seja, meninos gordinhos e nús (os do Templo de Salomão tinham 10 côvados de altura (= 5 metros mais ou menos). — Os Querubins são figuras ou símbolos de Maria devido a posição que desfrutavam e as missões a eles acometidas: com espadas de fogo guardavam a porta do Paraíso; zelavam pela Arca da Allança; e cobriam com suas asas o propiciatório. — Na Poesia e na Liturgia Maria é comparada aos querubins pela excelsitude de Sua formosura e pureza; e na Pintura, ampla é a figuração de títulos e Invocações onde Nossa Senhora está cercada de Querubins (Ver a Imaculada de Murilo e outros). — De todos os anjos, qualquer que seja as classes ou ordens, hierarquizados em 9 Coros (1.ª Serafins, Querubins e Tronos; 2.ª Dominações, Virtudes e Potectades; e 3.ª Principados, Arcanjos e Anjos), de todos os anjos Maria é Rainha, embora sejam eles criaturas excepcionalíssimas. O tradutor oficial do Vaticano, monge Dom Giusepe del Ton, encerrou, após 45 anos de estudo, seu tratado sobre os anjos e adiantou a Imprensa mundial: " eles não são feitos de matéria e de espírito, embora todos tenham um rosto distinto. Um anjo é forma, pura forma. Em sua estrutura e movimentos parecem-se com os homens ressuscitados". — Pois superior a eles, Maria Ssma. está no Céu em corpo e alma, antecipadamente ressuscitada. E todos os coros de Anjos e Santos a reverenciam.

"Sintamos a urgência de que se proponha a figura de Maria Ssma. aos nossos contemporâneos, sobretudo aos jovens, como ajuda potente aos homens no caminho em demanda da sua salvação (...) Estendamos, portanto, convencidos de que a Ssma. Virgem Maria, "contemplada" em sua "presença evangélica" e na realidade de nossa situação atual (...) oferece uma visão serena e sua palavra [exemplos] são "ressuscitantes".

(5.ª Conclusão da 24.ª Semana Mariana Nacional, Pietralba/Weissenstein (Bolzano), Itália, 1985)

R

RAZÃO (uso precoce da) é arrolado como um dos *dons* que Nossa Senhora teve ao ser escolhida para ser a mãe de Jesus, conseqüentemente de Deus. Ver o verbete *Alma.*

RELÍQUIAS (de Maria) — Do latim *relíquias* = restante, que sobrou, portanto em sentido imediato, Indica os despojos dos Santos e bem-aventurados, classificando-se em *Primárias,* i.é., *Insignes* (partes do corpo, mormente se sofreu o martírio, p. ex., a "pedra d'ara" que constitui verdadeiramente o altar possui relíquia dos mártires); *Secundária* ou *Pequena,* são objetos ou vestes que foram de uso do Santo (o Santo Lenho, embora *pequena* no tamanho é considerada Insigne como parte da Cruz). — São sempre acompanhadas do que se conhece como *"autênticas"* (certificado da autoridade competente atestando-lhe a veracidade). — Diz-se ainda relíquia a tudo que se dá grande apreço ou afeição, valor estimativo. — De Nossa Senhora, ao que consta pela tradição, temos as seguintes relíquias mais conhecidas: o anel do seu noivado com S. José (em Nápoles); partes de sua casa de Nazaré (em Loreto); partes de sua casa (em Éfeso); pedaço (*Porciúncula*) do seu túmulo (em Assis); seu retrato pintado por S. Lucas (ícones ditas *odighitria*; V. os verbetes *Arte — Icone*). Polônia, Pilar, e outros lugares; diversos sítios da Palestina de especial conotação, como a chamada *Gruta do Leite* e a *Fonte da Virgem* como também, *Tumba da Virgem.* — Ver estes subverbetes em *Terra Santa.*

RESSURREIÇÃO (antecipada) — Professamos como verdade de Fé o retorno à vida dos corpos, i.é., a união da alma, novamente ao corpo, no fim do mundo para participação do prêmio ou do castigo eternos, após o Juizo Final. Nossa Senhora, porém, está na glória, na visão face a face, pois teve antecipada, por Deus, esta *ressurreição da carne,* penhor da que teremos. — Ver os verbetes: *Assunção* (subverbete de *Dogmas Marianos*), *Morte* e *Causa Mortis.*

RETIRO FECHADO — É o nome popular como ficaram conhecidas as práticas denominadas *Exercícios Espirituais,* de Sto. Inácio de Loyola. Chegou-se a chamá-las também de *Retiro de Carnaval* (por ser a época de melhor e mais fácil realização para os homens e rapazes das Congregações Marianas que, em S. Paulo, Rio, Minas, Sul e Norte do País afluiam em grande número, Isto desde as décadas de 30 às de 50). Ver o verbete: *Exercícios Espirituais.*

ROSÁRIO (de *rosarium* ou *bouquet*) — Lembrando uma coroa ou boquê de rosas (flor que é figura de Maria) ou os 150 Salmos davídicos — é dito também, por isso, *Saltério de Maria* — constitui o Rosário das mais belas, salutares e confortantes devoções da Igreja à Nossa Senhora. — Historicamente, as origens, desenvolvimento e mudanças desta devoção mariana nos atestam que não tinha a forma fácil e simples como hoje. — Dizem os pesquisadores que vindo dos hábitos eremíticos, acentuou-se na chamada *Idade das Tre-*

vas, na Irlanda (correr do Séc. IX). — Como os monges recitavam os 150 Salmos de Davi, os leigos que viviam perto dos conventos, santamente invejavam a beleza desses momentos oracionais, mas não sabiam ler; por volta do ano 800 sugeriu-se que ao invés dos 150 Salmos os leigos rezassem 150 *Pai Nosso*. — E os fiéis, para a contagem, portavam bolsas de couro com 150 pedrinhas dentro; logo passou-se para cordões com 150 ou 50 nós e também cadarço com 50 pedacinhos de madeira (que se tornaram nas contas). — De forma dialogada, segundo S. Damião († 1072) à semelhança da saudação angelica (*Angelus*), foi preferida por muitos. — O seguinte passo foi a aposição dos *Mistérios*, vindo de outras devoções (Séc. XIII) — Os Cartuchos deram valiosa contribuição (1356 a 1470). — Em 1470, Alan de Rupe fundou a primeira Irmandade do Rosário e a Ordem dos Dominicanos tornou-se, como até hoje, propagadora emérita da devoção, por inspiração do Fundador S. Domingos. — Atualmente o Rosário é recitado largamente no mundo católico, sendo a prática de piedade mais do agrado da Virgem que sempre pede sua recitação, nas aparições que se tem sucedido, amiúde, desde ... 1830. — O Rosário presentemente compõe-se das mais belas e salutares devoções da Igreja à Nossa Senhora, ou seja, das duas orações mais queridas dos católicos: a *Ave-Maria* e o *Pai-Nosso*, completando-o a doxologia *Glória* (em honra da Trindade Santa), a meditação dos *Mistérios* (passos da Vida de Cristo e de Maria), o *Credo* (Símbolo dos Apóstolos quanto à reafirmação da Fé) e a *Salve Rainha* (uma das 4 mais belas antífonas marianas).

● *Mistérios Gozosos* (2.ªs e 5.ªs feiras) — 1.º — Anunciação (fruto e virtude: humildade) — 2.º — Visita a Sta. Isabel (caridade para com o próximo) — 3.º — Nascimento de Jesus em Belém (amor à pobreza) — 4.º — Apresentação do Menino no Templo (obediência) — 5.º — Perda e Encontro do Menino (busca do Bem Supremo).

● *Mistérios Dolorosos* (3.ªs e 6.ªs feiras) — 1.º Agonia de Jesus no horto (contrição e oração) — 2.º — Flagelação (mortificação dos sentidos) — 3.º — Coroação de espinhos (aceitação das humilhações) — 4.º — Subida do Calvário (conformidade com a vontade divina) — 5.º — Crucificação e morte (horror ao pecado e amor a Cristo e Maria).

● *Mistérios Gloriosos* (4.ª feiras — sábados e domingos) — 1.º — Ressurreição (fé e conversão) — 2.º — Ascensão (desapego às coisas terrenas) — 3.º — Descida do Espírito Santo (união com Deus e Maria) — 4.º — Assunção de Maria ao Céu em corpo e alma (união com Nossa Senhora) — 5.º — Coroação da Ssma. Virgem (confiança na proteção de Maria).

Nota: quanto às **Virtudes e Frutos** existe liberdade de adotar outras intenções; aliás, a isto se aconselha, variando-as.

Outra, sem ser esta forma tradicional de recitação do Rosário, se tem, na versão chamada *Rosário Biblico*, como se rezava na Cristandade Ocidental no fim da Idade-Média, por uns 100 anos (de 1425 até 1525): meditava-se pequeno pensamento, diferente, da vida de Jesus e Nossa Senhora em cada *Ave-Maria* (como se veio fazer no *Angelus*). — O importante é que o *Rosário Biblico*, no sistema mais moderno, as 150 *Ave-Marias* têm pensamentos tirados diretamente do Antigo e Novo Testamentos, o que ajuda muito a meditação. —

O Pe. Giuseppe Lo Gludice (Via Aurelia Antica, 284 — Roma (00165) — Itália — Vem de oferecer à Igreja, com respaldo do Vicariatus Urbis di Roma, e de Dom

Àntonio M. Travia, Àrcev. tit. di Termini (Elemerese mosiniere di S. Santità — Primero dell'Arcicta S. Maria Odigitria, "proposta e subsídios" com possibilidade de uso" para juntar novos *mistérios* ao Rosário quando então de 15 passariam para 35; aí, sim, ter-se-á oportunidade de ao longo da semana — e sem repetição — medita-se nos *mistérios marianos,* partindo-se do Antigo Testamento (figuras e profecias) até o Novo Testamento. — Para pequenas comunidades, grupos de orações, cenáculos, retiros não constitui mera novidade ou um sistema inovador ou modo a mais, porém de fato e verdadeiramente, de excelente, proveitosíssima, utilíssima forma de, recitando o Rosário, meditar-se os *mistérios de Maria* através de *todos* (e não de alguns apenas), todos os enfoques possíveis de Nossa Senhora na Economia Divina. — Pela vez primeira se mostra no Brasil este sistema dos 35 *Mistérios:*

— *Mistérios proféticos* (2.ª feira) — Maria nas profecias e "figuras" do Antigo Testamento:
  1.º — Maria, no pensamento eterno da Ssma. Trindade (Prov. 8,22);
  2.º — Maria, como Mãe de estirpe Vencedora do demônio (Gen 3,15);
  3.º — Maria, figurada em Judite e Ester qual salvadora do Povo de Deus (Jt 15, 9-10 e Est 7,2-3);
  4.º — Maria, simbolizada na Mística Esposa (Ct 4, 1.7.9...);
  5.º — Maria, a virgem-mãe profetizado por Isaías (Is 7,14).

— *Mistérios Vocacionais* (3.ª feira) — Maria escolhida e preparada para ser a Mãe de Deus:
  1.º — Maria, cheia de graça desde sua concepção (Lc 1,28-30);
  2.º — Maria, criança apresentada e internada no Templo (Sl 45, 14-16);
  3.º — Maria, noiva de S. José (Mt 1,18; Lc 1,26-28);
  4.º — Maria, aceita ser a Mãe de Deus (Lc 1,35. 38);
  5.º — Maria, casa-se com S. José (Mt 1,18-20.24).

— *Mistérios maternos* (4.ª feira) — Maria Mãe do Verbo Encarnado:
  1.º — Maria, dá a luz o Filho de Deus (Lc 2,6-7);
  2.º — Maria, oferece o Menino no Templo (Lc 2,22);
  3.º — Maria, apresenta Jesus aos Magos (Mt 2,1-2.11);
  4.º — Maria, em fuga para o Egito (Mt 2,13-15);
  5.º — Maria, encontra o Menino perdido no Templo (Lc 2,42...).

— *Mistérios apostólicos* (5.ª feira) — Maria, co-partícipe do ministério de Cristo:
  1.º — Maria visita Sta. Isabel e Santificação do Precursor, João Batista (1,40-41);
  2.º — Maria, presente e medianeira nas bodas de Caná da Galiléia (Jo 2,1...);
  3.º — Maria, com as santas mulheres ajuda a Jesus (Lc 8,13);
  4.º — Maria, exaltada por Cristo porque escutou a palavra de Deus (Lc 22, 27-28);
  5.º — Maria, Mãe e adoradora da Eucaristia (Mt 26,26 ...).

— *Mistérios dolorosos* (6.ª feira) — Maria participante da Paixão de Cristo:
  1.º — Maria, espiritualmente unida a Jesus no Getsêmani (Mt 26,36-37 e Lc 22,44);
  2.º — Maria, amorosamente unida a Jesus no julgamento do Sinédrio (Mt 26,57 ..);
  3.º — Maria, dolorosamente unida a Jesus no Pretório de Pilatos (Mc 15,1...);

4.° — Maria, com as santas mulheres na subida do Calvário (Jo 19,17 e Lc 23,27);

5.° — Maria, junto a Cruz do sacrifício (Jo 19,25-27).

— *Mistérios Gloriosos* (Sábado) — Maria participante da Glória de Cristo:

1.° — Maria, na alegria pela Ressurreição de Cristo (Mt 28,5-6);

2.° — Maria, presente na Ascensão de Jesus ao Céu (At 1,9-11);

3.° — Maria, recebe o Espírito Santo com os Apóstolos no Cenáculo (At 1,14; 2,1-4);

4.° — Maria, assunta ao Céu em corpo e alma (Ap 12,1);

5.° — Maria, coroada Rainha e Medianeira Universal (Jt 15,9-10).

— *Mistérios exemplares* (domingo) — Maria modelo de vida eclesial cristã perfeita:

1.° — Maria, exemplo de Fé forte e perseverante (Lc 1,14.42.45.);

2.° — Maria, mestra de oração com o *Magnificat* (Lc 1,46);

3.° — Maria, espelho de virtudes, em Nazaré (Lc 2,51-52);

4.° — Maria, tipo das Bem-aventuranças Evangélicas (Lc 2,41.45-46.48; 11,27);

5.° — Maria, Mãe e Imagem da Igreja (*Lumen Gentium*, n.° 63). —

Ao debulharmos a última conta, perpassando-a devotamente entre os dedos, olhos fitos na medalha da Virgem e como que sentindo a sua "presença" junto de nós, vêm à nossa recordação o que memorizamos qual uma prece, palavras tão inspiradas do Papa: "Oração maravilhosa! Maravilhosa na simplicidade e na profundidade. Nesta oração repetimos muitas vezes as palavras que a Virgem Maria ouviu do Arcanjo e da sua parenta Isabel. A estas palavras associa-se a Igreja inteira (...) Pode dizer-se (...) a admirável *presença* da Mãe de Deus no Mistério de Cristo e da Igreja. De fato, sobre o fundo das palavras "*Ave-Maria*" passam diante dos olhos da alma os principais episódios da vida de Jesus Cristo. Eles dispõem-se no conjunto dos Mistérios Gozosos, Dolorosos e Gloriosos, e põem-nos em comunhão viva com Jesus através — poderíamos dizer — do Coração de Sua Mãe (...) nosso coração pode incluir nestas dezenas do Rosário todos os fatos que formam a vida do indivíduo, da família, da Nação, da Igreja e da Humanidade; acontecimentos pessoais e do próximo, e de modo mais vizinhos, que temos mais no coração. Assim, a oração simples do Rosário marca o ritmo da vida humana (...)" — de uma alocução de João Paulo II, pronunciada em outubro de 1978. De tudo que se disse do *Rosário* evidentemente se aplica a *Terço* (diz-se assim por antonomásia à 3.ª parte do *Rosário*).

ROSTO — Resplandecente, Infinitamente belo, que nem mesmo os anjos do Céu saberiam descrever o rosto de Maria, como também, e muito menos, o pintou ou esculpiu o mais talentoso artista. V. o subverbete *Rosto/Semblante*, inserido no verbete, *Pessoa*.

RÚSSIA — Nas aparições de Nossa Senhora nestes últimos 200 anos, foi o único país por Ela expressamente nomeado, inclusive pedindo que, a Ela fosse esta sofredora nação, outrora tão mariana, consagrada: "*O Santo Padre consagrar-me-á a Rússia que se converterá e será concedido ao mundo algum tempo de paz*". (da

3.ª aparição, em 13-7-1917). — Pio XII, que se ordenara no dia da 1.ª aparição, 13 de maio de 1917, consagrou o mundo ao Imaculado Coração 25 anos depois: 31-10-1942, mas na fórmula, apesar de *clara* não era *explícita* a consagração da Rússia: "*Aos povos pelo erro ou pela discórdia separados, nomeadamente àqueles que Vos professam singular devoção, onde não havia casa que não ostentasse a Vossa Veneranda Icone, hoje talvez escondida e reservada para melhores dias...*" — Ponderou-se ao Sumo Pontífice que, possivelmente, esta redação não atendia de modo pleno ao pedido de Nossa Senhora, e, aí, Pio XII, 10 anos depois em 7-7-1952. consagrou explicitamente "*todos os povos da Rússia ao mesmo Coração Imaculado*". (AAS, 44 (1952) 511). — Aliás, a Assembléia Episcopal dos Estados Unidos, por sugestão do Card. John Carberry (até então Arcebispo de St. Louis) pediu ao Papa João Paulo II que consagre de modo *especial, explícito* (já que nenhuma autoridade eclesiástica da Rússia pode fazê-lo), consagre a Rússia ao Imaculado Coração de Maria. — Este pedido, unanimamente aprovado pelo episcopado americano em novembro de 1982, foi entregue o Santo Padre pelo Presidente da Conferência Episcopal, Dom John Roach. — A Rússia já foi cognominada *Terra de Maria* (desde o ano 988 se venera em Moscou a Virgem sob o título *Pokrof* (= *Auxilium*, Auxiliadora, do Amparo, Refúgio); Foi em Kiev que surgiu a primeira Igreja dedicada a Virgem Auxiliadora, principal Padroeira da Rússia, cuja festa, desde o Mar Negro até a Sibéria, é celebrado a 1.º de outubro. — O calendário mariano (litúrgico particular) registrava na Rússia 293 festas (quase que uma para cada dia do ano); destacamente: N. S. das Dores, 2 de julho, 13 e 17 de agosto (isto sem contar a veneração das "Dores" na Semana Santa, sobretudo na Sexta-Feira (um tanto paradoxalmente, também no domingo depois da Páscoa!), 1.º de outubro, Solenidade da "*Proteção de Nossa Senhora*" (própria somente em Moscou, Padroeira nacional: *Pokrof*). Precedida de Jejum tinha-se a Assunção, e, todas as 4.ª feiras em honra da Virgem; nas guerras os cossácos levavam uma imagenzinha de N. S. Libertadora (*Pokrof*). Costume tradicional era abençoar os filhos com a icone mariana, ao deixarem as crianças a residência para irem ao colégio ou passeio. A Literatura Russa está cheia de páginas e mais páginas à Nossa Senhora; mais da metade dos conventos e igrejas, antes da Revolução, estavam sob a proteção expressa da Virgem, a ponto do filósofo comunista Nicolás Berdiaet dizer: "A religião russa é mais de Maria que de Cristo". (evidente erro e exagero, mas prova o amor do russo pela Virgem). — Segundo notícia *O Fozcoense* (Vila Nova de Foz, Portugal), o velho templo ressurge das ruinas em seu belo complexo de 7 torres e 4 Igrejas anexas. — O piedoso e mariano povo russo guarda uma das mais célebres preciosidades: a ícone bizantina Nossa Senhora de Vladimir (Séc. VII, Galeria Tretjkov); quando da supressão da Companhia de Jesus, foi na Rússia, segundo o Pe. Emíle Villaret, S.J. — grande historiador jesuíta — que se refugiou, e assim foi preservada do desaparecimento a que estava condenada, uma das mais apreciadas promoções da Igreja: as Congregações Marianas, Isto, graças a Imperatriz Catarina II, não deixando executar em seus domínios o Breve de Clemente XIV. — Pio XII, no *Ano Mariano*, assim falou do povo russo: "Sabemos que muitos de vós guardais a fé cristã no Santuário íntimo da própria consciência, que, de nenhuma forma se deixam induzir a favorecer aos inimigos da Religião, senão, que, antes, bem desejam, ardentemente professar os ensinamentos cristãos (...) amais e honrais à Virgem Maria Mãe de Deus com fer-

voríssimo afeto e que venerais suas sagradas imagens [Ícones]; sabemos que no Kremlin mesmo se construiu um templo — hoje desgraçadamente fechado ao culto divino — dedicado à Assunção de Maria Ssma. aos Céus, o qual é uma prova claríssima do amor que vossos antepasasdos e Vós tendes à Grande Mãe de Deus. [o Kremlin é, hoje, Sede do Partido Comunista, *Soviets*]... não pode faltar a esperança onde as almas se dirigem com sincera e fervente piedade à Ssma. Mãe de Deus (...) Ela, com efeito, é a afabilíssima e poderosíssima Mãe de Deus e de todos nós, e "Jamais se tem ouvido no mundo que alguém haja recorrido suplicante a Ela e não tenha provado sua poderosíssima intercessão [cfr. *Memorare,* de S. Bernardo] continual, portanto, como estais acostumados, a venerá-lA com fervente piedade, a amá-lA com estas palavras, que vos são familiares: "*A Ti unicamente tem sido concedido, Santíssima e Purissima Mãe de Deus. de Ser sempre Invocada.*" (cfr. *Estrela do Mar,* revista mariana, fasc. fev.-mar., 1955, pg. 20).

S

SÁBADO — O dia da semana particularmente consagrado a Nossa Senhora é o sábado, e isto desde o Séc. X, quando já então tinha-se ofício próprio e Missa. (em suas reformas litúrgicas S. Pio V não tocou neste ponto). — Apontam-se as seguintes razões para essa escolha: 1.º) Só Maria, naquele sábado — Sábado Santo — conservou viva e firme a sua fé na ressurreição de Cristo, Fé que na maior parte dos discípulos se apagara e nos próprios Apóstolos enfraquecera; 2.º) Maria, naquele Sábado, ficou só e desconsolada pensando no Filho crucificado; 3.º) Conforme uma piedosa tradição referida pelo Cardeal Barônio, Maria teria nascido num sábado. — (cfr. *Bibliografia,* obras n.ºs 1, 2 e 34). — A chamada "semana inglesa" ou "sábado inglês", deveria sê-lo *mariana,* pois não é outra coisa senão o *Sábado de Maria,* em honra da qual naquele dia era permitido aos trabalhadores irem para casa mais cedo afim do maior repouso e recitação do Ofício da Imac. Concelção e outras devoções à Nossa Senhora. — O 1.º Sábado do mês é destinado à comunhão reparação das ofensas feitas ao coração Imaculado de Maria, piedosa prática que, em sua concreta forma, se deve à Serva de Deus Sóror Dolores Inglese, das Servidoras de Maria Reparadora, de Ádria (falecida em 29-6-1928); foi em fevereiro de 1889 que ela começou a prática e obteve a adesão de 700 Pias Uniões das Filhas de Maria de quase todo o mundo (mormente da Itália). — Pio X, em 1904 cumulou de ricas Indulgências a devoção, e, o órgão divulgador — *Liga Mariana Reparadora* — encheu-se de santo júbilo com as confirmações dos próprios lábios da Virgem, na Cova da Iria, pedindo a devoção dos "5 primeiros sábados". — E disse o marianólogo, Pe. Roschini: "A Ssma. Virgem reiterou, pois, em Fátima, o que havia inspirado em Rovigo. Fátima é, portanto, o éco de Rovigo." (e o mesmo sentido têm as lágrimas da Virgem que chorou em Siracura, acrescentou o

Tradutor) — cfr. *Bibliografia*, obra n.º 34. — "*Sábado do Sacerdote*, prática que nasceu no coração de um padre Salvatoriano, na Alemanha, e que o Santo Padre Pio XI abençoou e muitos bispos recomendara (...) em maio de 1935, parece que por primeiro, procurou-se espalhar aqui no Brasil (...) consagrar, mensalmente, o 1.º Sábado do mês a conservação de verdadeiras vocações sacerdotais (...) O *Sábado do Sacerdote* espalhou-se pelo mundo inteiro, com as bênçãos da Santa Igreja, sob a proteção da Mãe do Sumo e Eterno Sacerdote..." (cfr. *O Serrinha*, n.ºs 6/8, de 1976 — do Serra Clube — Tijuca, Rio, Dist. 59).

"SANTAS MULHERES" — De passos da obra "*Vida, Paixão e Glorificação do Cordeiro de Deus* (cfr. *Bibliografia*, n.º 55), constituiremos este verbete: O Evangelho, e também a "vidente" [Anna Catharina Emmerich], menciona muitas vezes as "Santas mulheres", além das já conhecidas: Maria Helí — Maria *Cleophae* — Marta — Madalena — Maria Salomé, mulher de Zebedeu — e Suzana, filha de Alfeu; pertenciam ao grupo das "santas mulheres" ainda as seguintes: "Verônica", propriamente, Seráfia, prima de S. João Batista, e cujo marido, de nome Sirach, era membro do Conselho do Templo. — Maria Marcos, mãe de João Marcos, que morava fora dos muros de Jerusalém, defronte ao monte das Oliveiras. — Joana Chusa, viúva sem filhos, natural de Jerusalém. — Salomé, também viúva, morava em casa de Marta (Betânia); era parenta da família por um irmão de José. — Suzana, de Jerusalém, filha do irmão mais velho de José, Cleófas e, deste modo, parente da família, com Salomé. — Dina, Samaritana, que falara com Jesus no Poço de Jacó e que se juntara às "santas mulheres", depois da conversão. — Maroni, a viúva de Naim, cujo filho — Martialis — Jesus ressuscitara. — Maria Sufanitis, a moabita, que Jesus livrara de um mau espírito."

SANTUÁRIO — Pela riqueza e beleza, pela santidade e valor, por ser a morada de Deus, constitui símbolo e figura de Maria. Ver este subverbete e tb. *Tabernáculo* em *Antigo Testamento*.

SANTUÁRIOS (Marianos) — No Antigo Testamento era o lugar mais sagrado do Templo de Jerusalém, onde estava a Arca da Aliança (*Sancta Sanctorum*) só podendo ser penetralo pelo Sumo Sacerdote; Santuário, ou seja, lugar santo, sagrado, dá-se hoje esta denominação a igrejas célebres pela afluência (peregrinações), importância religiosa e beleza arquitetônica, bem como distinção histórica; a Santa Sé outorga este título ou caráter eclesiástico mediante estudos meticulosos em atendimento aos bens espirituais. — Nas Américas são inúmeros, e arrolamos apenas os de caráter nacional: Brasil, N. S. Aparecida (o maior do mundo) — Argentina, N. S. de Luján — Bolívia, N. S. de Copacabana — Colômbia, N. S. de Chiquinquirá — Venezuela, N. S. das Lajes e N. S. Coromoto — Equador, N. S. Quinche e N. S. do Rocío — Guatemala, N. S. do Socorro e N. S. do Rosário — Costa Rica, N. S. dos Anjos — Nicarágua, Virgem del Viejo — Porto Rico, N. S. de Montserrat e N. S. da Divina Providência — Honduras, N. S. de Comayagua e N. S. Suyapa — Cuba, N. S. do Cobre e N. S. da Caridade — Peru, N. S. do Rosário e N. S. das Mercês — Paraguai, N. S. de Caacupé — Rep. S. Domingos, Virgem de Alta Gracia — México, N. S. de Guadalupe (onde a Virgem apareceu ao índio Juan Diego) São Salvador, N. S. da Paz — Panamá, N. S. Penonomé — Chile, N. S. del Carmen — Uruguai, N. S. de la Florida — Canadá, N. S. do Socorro — Estados Uni-

dos, N. S. do Socorro (em Nova Orleans) — Ilhas de Guadalupe/Trindade, N. S. Siparia e N. S. de Laventille — Baía de Havana, N. S. de la Regla. Centenas e centenas mais de Santuários marianos espalham-se pelas Américas, que aqui não nomeamos, embora consulta a escritos do primeiro Presidente da Federação Mundial das CC.MM., Dr. José Ignácio Lasaga y Travieso.

SARÇA ARDENTE — Queimar sem consumir-se o espinheiro que Moisés viu, é figura de Maria que concebeu de modo extraordinário, sem cooperação humana, sem perda da sua virgindade. Ver este subverbete em *Antigo Testamento*.

SAUDAÇÃO ANGÉLICA — É o cognome da *Ave-Maria*, e, também como se conhece a prática devocional *Angelus*, que por sua vez é dito *Trindades*. V. os verbetes e subverbetes: *Ave — Ave-Maria — Angelus — e, Rosário/Terço*.

SÉFORIS — Cidade afora de Nazaré 1 km, suposta pátria de Joaquim e Ana, onde, querem alguns, a Virgem morreu. É também conhecida pelos nomes de Sippuri, Saffuerlyeh e Dióspolis.

"SEGREDO DE FÁTIMA" — Na Sessão Solene da Pontifícia Academia Mariana Internationalis, a 14-2-1967, o falecido Card. Alfredo Ottaviani, então Prefeito da Cong. do Santo Ofício, anunciou que a carta da Irmã Lúcia tinha sido aberta pelo Papa João XXIII, em 1960 (ele também lera o texto), e que, somente o Pontífice pode abrir e divulgar a 3.ª Parte do chamado *Segredo de Fátima* (cfr. *L'Osservatore* Romano, 13/14 de nov., 1967, pág. 5). — As 1.ª e 2.ª Partes do dito "Segredo", a Irmã Lúcia, plenamente autorizada pelos "representantes de Deus" as revelou em 31-8-1941: *Visão do Inferno* — e, *meios para evitar certos castigos divinos*, respectivamente. — O Papa João Paulo II, interrogado em sua visita a Alemanha (15/19 de nov. 1980) na Pr. da Sé de Fulda, declarou (o que resumimos de uma análise do Pe. José Meireles Sisnando, Barnabita — no semanário *Lar Católico*, de publicação da revista *Stimme des Gilaubens*): "Devia ter sido publicado em 1960 (...) devido o seu conteúdo não o foi (...) um bom cristão deve contentar-se com saber o seguinte (...) muitos querem somente sabê-lo por curiosidade e sensacionalismo, esquecendo-se que saber implica responsabilidade (...) E isso é muito perigoso, se ao mesmo tempo, não se procura fazer nada contra o mal." — E o Papa, pegando o Têrço, conclulu: "Aqui está o remédio contra esse mal. Rezai, rezai e não me façais mais perguntas. Confiai todo o resto à mãe de Deus." — É preciso mais? Honestamente, não. — V. verbetes: *Aparições — Fátima — Videntes*.

SERVA (gr. *doulos*, heb. *'ebed*, tratamento masculino; *āmā/sifhah*, feminino). No Ant. Test. não existe um vocábulo feminino correspondente ao termo *servo* (que não é o mesmo que escravo(a); na *Vulgata* aparece a expressão *ancilla* (= serva) e nos *Setanta* traduziu-se por *doúlê* (= quem serve ao patrão e tb. ao público). — Em nenhum passo da Escritura, Maria Ssma. se proclama e jamais usou do privilégio, da prerrogativa de Mãe de Jesus, logo, Mãe de Deus (*Theotókos*). — Muito menos aparece como *Rainha*. Mas por duas vezes, das 6 "falas" que consigna a Bíblia, Maria autoqualificou-se como *serva*: ao Anjo anunciador (Lc 1,38, lembrando-nos de certa forma a disponibilidade de Abigail

diante do rei Davi), e na casa da sua parenta Isabel, (Lc 1,48, que nos recorda as disposições e alegrias de Sara ao entoar o seu cântico tão parecido com o *Magnificat*). — Maria disse, *Eis aqui a serva do Senhor*, não por império da lei de escravatura, mas por aceitação livre e pela fé sem limites. Estabeleceu-se entre o Senhor (*Kyrios*) e Ela, servidora (*diákonos*), uma identidade "ministerial" por amor e fé para a maternidade do Messias prometido, cuja obra seria do Espírito Santo. — Serva/esposa/mãe, Maria assumiu e estabeleceu, como *serva*, (servidora de Javé), aquela relação e afinidade sob o plano divino/biológico de mãe físico/espiritual do Salvador, portanto, elevada e singular "serva do Senhor".

SIÃO — Cognominada *Cidade Santa*, depois denomina-se Jerusalém, é símbolo de Maria porque, de fato, Ela é "cidade Santa". — Ver este subverbete em *Antigo Testamento*.

SILÊNCIO — Quer no Templo, quer após a anunciação, como também na infância ou na vida adulta de Jesus, na pregação dele até o Calvário e na vida solitária depois da Ascensão, ou seja, nos seus presumíveis 72/75 anos de existência terrena, Maria Ssma. foi a mais eloqüente e sublime lição de silêncio; conservou e meditou tudo no silêncio do seu coração. — O silêncio que nos coloca confiantes diante de Deus, pois Ele compreende e sabe *Tudo*. — O silêncio, "diálogo mudo" entre Deus e a alma. — O silêncio de Maria, como foi eloqüente, fecundo, santo! Quantas "falas" de Maria registram os evangelhos? Apenas 6 vezes Maria "falou" registradamente nas Letras Sagradas. — O resto foi silêncio, a mostrar-nos que valemos o quanto vale o nosso silêncio. — É no silêncio que se aprende a calar, para ouvir, para ver, para pensar, para compreender; é no silêncio que Deus nos faz sentir alguma coisa da Sua plenitude; é no silêncio que se descobre o grande segredo da santidade; é no silêncio, no âmago do silêncio que a alma entende os convites de Deus, que lhe revela Seus segredos; é no silêncio, no mais profundo dos silêncios que se nutre de eternidade o espírito e Nossa Senhora é a maior mestra de silêncio.

SORRISO — "Aquero", i.é., aquilo (em dialeto dos pirineus franceses), referiu-se Bernardette Soubirous, à visão da Virgem: "Encarei *aquero* que sorriu para mim e entrou na gruta..." — V. o subverbete: *Sorriso*, inserido em, *Pessoa*.

•

"Remédio cuja eficácia parece hoje obscurecida, mas permanece mais atual do que nunca: Maria!"

"Ao longo de todos os séculos cristãos (...) se o lugar ocupado por Nossa Senhora foi sempre essencial para o equilíbrio da Fé, reencontrar hoje tal lugar é urgente, como em poucas outras épocas da Igreja".

(Cardeal J. Ratzinger, no livro, "A Fé em Crise?", Ed. Pedagógica e Universitária Ltda., 1985)

T

TABERNÁCULO — Morada simbólica, Casa de Deus, logo também de Maria, figuradamente. Ver os subverbetes *Morada* e tb. *Santuário,* em *Antigo Testamento.*

TEMPLO (do Espírito Santo) — Desde o primeiro instante da sua concepção, por ter sido escolhido para Mãe de Deus, Maria foi Templo do Espírito Santo. Ver este subverbete em *Antigo Testamento.*

TERRA (Sacerdotal) — O solo do Paraíso era virgem do cultivo de mãos humanas; Maria é descendente dessa terra e dela nasceu o Sumo Sacerdote, Cristo. Ver este subverbete em *Antigo Testamento.*

TERRA SANTA — Não resta a menor dúvida que se pode "visitar" a Terra Santa inteira percorrer a Palestina toda, demorar-se nos mesmos lugares onde esteve Maria, vislumbrar a sua figura entre as coisas de sua humilde casa (utensílios, móveis, vestimentas), tudo isto sem sair de casa, sem ser preciso dar um passo além do quarteirão onda se reside. — Claro que *in loco* e *de visu* esta visitação teria outro sabor. — Existe, porém, um provérbio universalizado que diz bem, sob o império da filosofia popular: quem não tem cão, caça com gato! — Em ordem alfabética façamos um "*tour*" amoroso pelos lugares e coisas de Maria, na Terra Santa (quem sabe até nos encontremos com viajantes à beduino, de *keffieh* e *abaya* (manto e turbante) em seus camelos ou simples jumentinhos?:

— *Ain-Karin* — Vilarejo de velhas e modestas casas; grande parte da população — naturalmente os homens em primeiro lugar — trabalham em Jerusalém, distante 2/3 Km — Atualmente é centro de peregrinação mariana às Igrejas da Visitação e de S. João Batista. — "A tradição escrita que identifica a Ain-Karin a "cidade de Judá, montanhosa", de que fala S. Lucas (1,39), se remonta, pelo menos ao Séc. IV — Na Igreja de S. João Batista o altar-mor é dedicado a S. Zacarias; o da direita à Sta. Isabel, e o da esquerda à Natividade de S. João Batista; segundo tradição, está construída no lugar que existiu a casa de Zacarias, logo, onde Maria entoou o *Magnificat* (na Igreja superior, consagrada a Nossa Senhora, no muro de cor marrom, uma série de lápides trazem trechos do cântico da Virgem). — Literatura apócrifa quer que a pedra da direita haja escondido S. João, quando criança, da mortandade dos Inocentes decretada por Herodes. — Aí também se encontra o Convento das Franciscanas de N. S. de Sión, velha construção de pedra, e de suas janelas e varandas descortinam-se, para o deslumbramento, vistas belíssimas, reinando ali atmosfera de doce paz. — V. o verbete: *Ain-Karim.*

— *Belém* — A parte mais antiga e interessante é a meridional; é uma vila quase inteiramente cristã e oferece um "semblante sorridente e gracioso que só se encontra igual em Nazaré." — O povo betlemita é especializado na indústria do nácar. — Em Belém nos encantam, de maneira especial:

• Basílica da Natividade, ao que se informa, é a única Igreja da Terra Santa que conservou a sua arquitetura original desde Constantino (anos 325/6) e a abside "trilobata" do Imperador Justiniano (540). — Orígenes, no Séc.

III, faz menção do Coro dos clérigos. — Tem 5 naves, 4 filas de colunas monolíticas com pinturas antigas e capitéis coríntios.

• Cripta — é retangular (12 x 3 m) e está protegida contra incêndios por um revestimento de amianto, e, aí, é que está a inscrição latina: *Verbum caro hic factum est.* — Uma pedra da gruta original se pode ver no teto da cripta. — Estando-se do lado de fora da cripta pode-se ver, à direita, plantas e resíduos de pavimentos da que foi a primeira Igreja cuidada pelos Cruzados no séc. XII.

• Presépio — Ou seja, o Menino Jesus, em imagem, deitado em panos, no lugar provavelmente exato, onde, na gruta, foi depositado carinhosamente pela Virgem enternecida, após o seu milagroso parto.

• Estrela — Sob o altar uma estrela de prata, simples, "pontualiza" o *"lugar do nascimento"*; na estrela é que está a inscrição latina.

• Altar dos Magos — Fica em frente ao presépio, i.é., do Menino Jesus deitadinho, em panos.

• Gruta — Encontrava-se ela em declive, parte oriental da colina, resultando daí que o altar (onde está a Estrela de prata) ficou colocado onde devera ser a entrada da mesma gruta, isto por exigências litúrgicas (ao que parece, recebeu culto muito antigo, pois o Imperador Adriano (117-138) mandou plantar ali um bosque de adonis e ao que se revela ali também adoravam-na os amantes de Vênus. (S. Jerônimo).

• Outras grutas — Por um corredor subterrâneo tem-se acesso a diversas capelas: a de S. José, que recorda o aviso do anjo, cessando-lhe as angústias respeitante a gravidez de Maria, e fuga para o Egito; outra, a matança dos Santos Inocentes; as outras: lembram: S. Jerônimo — Sto. Euséblo de Cremona, e, Sta. Paula e Sto. Eustáquio, todos sepultados perto do *Preséplo.*

• Campo dos Pastores — É a atual aldelazinha de Bet-Sahur, região feliz dos humildes pastores. — Aí teria sido as ricas plantações de Booz, rico parente de Noemí, que se casou com Rute, figura de Maria. — Sobre estas planuras ressoou, pelos coros angelicais, o *Gloria in excelsis Deo — et in Terra pax hominis bonae voluntatis.* — O cognome de *Casa do Pão* dado a Belém é devido a esta região fértil em trigo. — Um caminho através da planície leva ao chamado *Siyar el-Granam* (= recinto, aprisco dos cordeiros), onde há uma capela evocativa à aparição dos anjos aos pastores (antigamente se comemorava no lugar dito *Kenset* ou *Der er-Rauat*, em mãos dos gregos dissidentes). Desde 1955 existe uma capela nova.

• "Casa de S. José" — Sendo natural de Belém, uma capela foi erigida no acesso à cidade, recordando o esposo castíssimo da Virgem Santa e pai putativo de Jesus.

• "Gruta do Leite" — Por trás do Convento armênio, e lg. de Sta. Catarina, 300 m, está a chamada *Gruta do Leite* (uma tradição conta que a Puríssima Virgem deixou cair ali uma gota de leite quando amamentava Jesus, e a gruta tornou-se branca.

• Hebrón — Chamada pelos árabes de El-Jail (= o amado) é rica cidade (Km 146), na estrada que passa à noroeste de Belém. — Na sinagoga construída por Heródes está a famosa cova de *Mac-*

pela (Gn 23; Ap 11), onde sepultaram Sara, Abraão, Isaac, Rebeca, Lia e Jacó (uma lenda judia coloca também aí o túmulo de Adão e Eva).

— *Betfagé* — Dista de Belém 20 Km, e antes de chegar-se a aldeia de Et-tur, ter-se-á oportunidade de percorrer um bom pedaço do deserto de Judá. — E será visto também o *Herodium*, palácio-fortaleza — verdadeiro monumento — que Herodes, o grande mandou construir para ser o seu túmulo. — Então, de mistura com a recordação desse rei louco e sanguinário, vêm-no à lembrança como os Magos ludibriaram os guardas e espiões herodianos, a terrível aflição da Virgem na preservação do Menino com a matança dos inocentes, e as afanosas providências de S. José para a fuga apressado rumo ao Egito.

— *Cafarnaúm* — Fica esta cidade marítima (Mar da Galiléia ou Lago de Tiberíades), fica há 35 Km de Nazaré, seu nome de significado incerto, vem do gr. *Kapharnaum*, e aramaico *kepar nahum* (os árabes deformaram para *Talhum* e os romanos usavam *Tell Hum*, como é conhecida atualmente). — Terra natal de S. Pedro e seu irmão André. — Palco de grande parte do ministério de Jesus, que amaldiçoou-a pela incredulidade de seu povo. — A sinagoga descoberta em 1926 — monumento romano da época de Severo — foi onde o Divino Mestre falou muitas vezes, nos sábados (Nossa Senhora, nas vezes, que podia, acompanhava-o, como se vê pelo episódio passado na casa de S. Pedro (Mt 12,46-50; Lc 8,19-21; Mc 3,20-21. 31-35).

— *Caná* — Distante de Nazaré 2 Km está a aldeia que os árabes chamavam *Kfar Kanná*, mas a verdadeira é, com toda probabilidade, *Khirbet Qana*, na alta Galiléia, de difícil acesso. — Numa igreja romana ou grega, pode-se recordar das bodas e do estupendo milagre da transformação de 500 litros de água em saboroso vinho. — V. Verbete: *Vinho*.

— *Jerusalém* — Não é fácil separar hoje a Jerusalém bíblica desta que o turismo, a polícia e implicâncias outras se nos antolham. — Por ordem alfabética deparemos com o que se nos apresenta de conotação mariana (do turista que às vezes nos tornamos nestes "lugares santos", de fato havemos de ser agora verdadeiros peregrinos):

• Calvário em latim, e *golgolêt* em heb. provavelmente do aramaico *golgolth*, *gulguta* = crânio; gr. *kranion*; o termo *calvário* — que traduzem como caveira — nos vem da *Vulgata*, com a expressão *calvariae locus* (trad. literal do gr. *kranlou topos* = local do crânio). — O sítio verdadeiro, ao que tudo indica, se achava fora da cidade (extramuros) cfr. Sinóticos e Jo 19,20. — No local da crucifixão (difícil atestá-lo cientificamente devido a tantas mudanças da topografia do terreno) ergue-se a Basílica do Santo Sepulcro (a rocha dita de Arimatéia é bem próxima). Aí Maria esteve firme até o fim — *Stabat Mater* — e nos foi dada como Mãe.

• Cenáculo — A mesma construção (não a mesma sala) abrigou Jesus para a Instituição da Eucaristia e a Virgem, com os Apóstolos e fiéis seguidores do Divino Mestre, para a descida do Espírito Santo. — (V. Verbete: *Cenáculo*). — Eucaristia e Pentecostes serão as meditações neste sítio, na Basílica que vem do Séc. IV, Santa Sión (as ruínas estão irreconhecíveis). Como está atualmente, foi reconstruída no Séc. XIV, em estilo de refeitório monástico ou sala capitular, de feição gótica. — Na igreja de S. Pedro (*Gallcanto* = canto de galo), venera-se a relíquia de uns degraus, que a tradição diz

serem da escada que os criados levaram água (para o lava-pés) e os alimentos da Última Ceia.

• "Dormição" — Piedosa tradição diz que a Ssma. Virgem teve suave sono (*dormitio*) sendo depois levada pelos anjos aos céus (V. Verbetes *Dormição* e *Morte*). — E os jerusalemitanos reivindicam como lugar a sua cidade de Jerusalém. No monte Sión a lembrança da "dormição" foi localizada na Basílica bizantina, que ali venerava o Cenáculo e suas relíquias. — Hoje, entregue aos beneditinos alemães (ereta em 1898) a Basílica da "Dormição" está num prédio próximo, dividido em 2 corpos: a parte superior é a Igreja propriamente: redonda, luminosa, com belos mosaicos na abside e altares laterais. — Escadas conduzem à cripta onde é venerada uma Imagem jacente da Virgem, representada no suave momento da "dormição".

• Getsemani — Escreve o Pe. Miguéns, ofm: "O proprietário do olival no Getsemani que permitia a Nosso Senhor o uso da gruta [existente no Horto], por razões de amizade ou consaguinidade, pode também ter cedido um túmulo em sua propriedade para sepulcro da Virgem, como fez José de Arimatéia com Jesus. — O sepúlcro da Virgem, como fez José de Arimatéia ao largo do Cedrón, i.é., colocado no alto e com a abertura para a corrente; mas os incessantes aluviões elevaram o leito do Cedrón, que, pouco a pouco, foi encobrindo a veneranda Igreja até reduzi-la a um verdadeiro antro sem luz. — A primeira surgiu no Séc. V; a tumba da Virgem foi ilhada da montanha. Destruída pelos muçulmanos, a Igreja foi restaurada pelos Cruzados, no Séc. XII." — cfr. na *Bibliografia*, n.° 8. — V. os *Verbetes: Dormição — Morte — Getsemani — Sepultura. — Túmulo.*

• Mesquita de Omar — Sobre o terreno onde se supõe que, em idos tempos existiu o famoso Templo, hoje se ergue a Mesquita de Omar, chamada pelos árabes *Kubbert es-Sakhrs* (= cúpula da rocha, pedra). — Edifício octogonal levantado entre os anos 688-692. — No interior venera-se a "pedra sagrada" e sob ela fica uma gruta, cheia de disticos muçulmanos: Abraão, Davi, Salomão, Elias, Maomé, Omar. — Dita de Omar, na verdade a mesquita foi mandado construir pelo califa de Damasco Abel el-Malik, terminando a construção no ano 691. — Entre a pedra e o *Santo* — conta-se — morreu Zacarias (no mesmo lugar onde recebeu do anjo o anúncio do nascimento próximo de João Batista).

• Natividade de Maria — Ao entrar-se na cidade propriamente (intramuros) — *Sittî Maryam* — próximo a Porta de Sto. Estêvão (local onde sofreu o martírio por lapidação, apedrejamento), numa lápide de mármore está escrito em francês: *Nativité de la B. S. Vierge Marie.* — Passando-se por um jardim alcança-se a majestosa Igreja de Sant'Ana; monumento dedicado ao nascimento da Ssma. Virgem (os apócrifos localizam este acontecimento perto do Templo, junto da Piscina Probática). — Já no Séc. V, surgia nestes lugares uma igreja e era referida: "onde nasceu Santa Maria." — Na Igreja de Sant'Ana — venturosa Mãe de Nossa Senhora — o altar de granito da ábside central tem relevos alusivos à vida de Maria; e na cripta, onde a tradição venera o lugar onde nasceu Maria Ssma., está, sob o altar, uma effgie de Maria recém-nascida.

Nota — De certa forma, é o presépio do nascimento de Nossa Senhora que os Carmelitas sugerem que se arme, e, achamos nós que poderia ser de 8 a 12 de set. (da Natividade ao Santo Nome).

• Piscina Probática — Ou seja, de *Betesda* em gr. e Betsaida, em heb., ou melhor ainda, de Bezata (= casa, lugar de misericórdia). — Redescoberta, verificou-se que tinha forma trapezoidal, medindo 120x60 m — Ao derredor encontraram ruínas de um templo bizantino e medieval. — Os apócrifos dão como cidade do nascimento de Nossa Senhora em Jerusalém e o local apontado é as proximidade da Piscina Probática, onde Joaquim e Ana tinham propriedade, que ocupavam ao vir, mais tarde, visitar no Templo a filha que internada ficou dos 3 aos 15 anos (deveria deixar o Templo aos 12 ou 13 anos de idade, mas por ser órfã na época e por, talvez, interferência do Sacerdote Zacarias, seu meio parente, ficou um pouco mais). — V. verbetes: *Nazirlato — Esponsals.*

• Porta Dourada — Assim se chama por assomância com o termo grego: *horaia* (= bela) aplicado a Porta Especiosa, ambas de acesso ao Templo de Jerusalém. — Apontada, nos apócrifos como sendo aquela onde o anjo mandou Joaquim e Ana se encontrarem, quando do milagroso nascimento de Nossa Senhora, que também localizam nas imediações. — Nas Icones, bem como os grandes pintores (Giotto e outros) aproveitaram artisticamente esta Indicação extrabíblica, e tem-se assim uma forma, uma idéia deste conhecimento, por via plástica. — A edificação hoje visível, remota ao séc. V, e estava dedicada a S. Pedro que curou o coxo de nascença (At 3,1 ss).

• Templo — Pela esplanada dita pelos árabes *Haran esh-Sherif*, transposta a Porta de Sto. Estêvão (*Sittl Maryam*), o fiel mariano, embora não encontre aí o local, o sítio ideal e propício para meditar, pelo menos o é para, emocionando, recordar tantos episódios ligados à Maria, o que de resto tudo aí passado com Jesus, também à co-arrenderdora envolveu: apresentação aos 30/40 dias de nascida — Ingresso e permanência para cumprimento do *natzyr* (= voto) nos 12/13 anos de "nazirlato" — (V. Verbete: *Nazirlato)* — noivado com o carpinteiro José — apresentação de Jesus ao velho Simeão e a sua preceptora, a profetisa Ana — a perda e o encontro do Menino numa Festa da Páscoa — a entrada triunfal que, certamente ao longe, essistiu, do seu Divino Filho, com a multidão aclamando quase em delírio: *Hosana! Hosana! Filho de Davi!* — V. subverbetes no verbete: *Novo Testamento.*

• Tumba da Virgem — O apócrifo *Transitus Mariae* relata a antiga tradição palestinense segundo a qual, Maria, depois da sua "dormição" (*dormitio*), foi sepultada numa tumba e esta após 3 dias estava vazia. — A tradição menciona como local a região do Getsemani, no fundo do Vale de Josafá. — Aí, uma primeira igreja foi ereta no ano 455, depois do Concílio de Macedônia, sob o incremento da devoção mariana alicerçada com a proclamação de "Maria Mãe de Deus" (*Theotókos.* — Localizam a tumba numa gruta no Getsemani (V. Verbete), e esta gruta mede 17x9 m, com 3 m e meio de alto, e, hoje, com ligeiras diferenças, conserva o aspecto original (para se ter uma idéia, vejam muitas grutas brasileiras, de modo especial a igreja que existe dentro da de Bom Jesus da Lapa). — Bem ao fundo, num braço mais largo da galeria (30 m) num altar armênio, se encontra a "edícula", quase quadrada, que recolheu o corpo de Ssma. Virgem.

• Via Dolorosa — A 4.ª Estação da *Via-Sacra* é a única das 14 que menciona Maria Ssma. neste peregrinar de dor; o Evangelho no-lA, aponta, com um grupo de

"santas mulheres". Já no cimo do Calvário (que aliás não era e não é tão elevado assim). — Constantino, além de construir a primitiva Igreja do Santo Sepulcro, o mais que pôde preservou os sítios da Via Dolorosa, que segundo todos os estudos e comentários, atestam ter sido Maria a primeira a percorrê-las, criadora, portanto, da Via-Sacra.

— *Nazaré* — Ignorada no Antigo Testamento, da qual nada se fala é, no entanto, a "cidade alegre, sorridente e simpática, suas casinhas brancas sobem pela montanha (...) aldeia muito pequena; Nazaré é flor, é a flor da Galiléia" (eis um depoimento de alguém que venturosamente vive aí: Pe. M. Miguéns, ofm — Ver *Bibliografia* n.°8). — Numa visão panorâmica, do ponto de vista religioso, vê-se em Nazaré: Ig. de N. S. do Pasmo — Conv. das Clarissas — Conv. das Irmãs da Caridade — Casa das Damas de Nazaré — Conv. dos PP. Franciscanos — Templo Protestante — *Mensa Christi* — Conv. Carmelita — Casa dos PP. de Bertharram — Ig. Maronita — Irmãos das Escolas Cristãs — Ig. Grega — Sinagoga — "Caminho do despenhadeiro — e Estrada para Séforis. — De especialíssimo interesse e devoção mariana: Ig. de S. Gabriel — Ig. de S. José — Basílica de Jesus Adolescente — Fonte de Virgem — e, *Lugar da Anunciação*. — O lugar dizem-no "gruta"; a grande Basílica se ergue sob o local que foi, seguramente, freqüentado pelos devotos marianos e peregrinos do Séc. IV, logo após conseguirem os cristãos liberdade de culto. — Na cripta observa-se ainda restos da Igreja bizantina, conservada quando da reconstrução dos Cruzados. — Na pequena "gruta" natural hoje venerada (do Séc. I?) os arqueólogos muito apreciam o *graffito* grego *Kaire Maria* (= Ave-Maria) — Um pouco distante, Imagina-se o lugar onde Maria comprava o grão de trigo, o óleo de oliva e o vinho (se que não fazia ela mesma estas serventia da casa) e bem distante a única fonte da cidade. — Nazaré é um dos lugares mais evocativos da Palestina.

Séforis — Humilde aldeia que reivindica com todas as veras uma só coisa: ter sido a pátria de S. Joaquim e Sant'Ana; está bem vizinha a Nazaré (cerca de 7 Km), e guarda com infinita devoção os restos preciosos de uma construção do séc. IV dedicada aos pais de Maria Ssma. (os Cruzados restauraram-na grandemente). — V. o Verbete: *Séforis*.

TIPO — (gr. *typos* = cunho, modelo) — Diz-se daquele indivíduo ou coisa que reúne em si os caracteres essenciais que o distingue sobremaneira; daí aplicar-se a sinonímia: cunho, forma, modelo, exemplar; pessoa que se salienta. — Referentemente à Maria: "Em virtude da graça da maternidade divina e da missão pela qual Ela está unida com seu Filho Redentor, e em virtude de suas graças e funções (*gratiis et muneribus*) a B. Virgem está também intimamente relacionada com a Igreja. Já Sto. Ambrósio ensinava que a Mãe de Deus é o *tipo* da Igreja. (*Deipara est Ecclesiae typus*). — Maria é, sobretudo no presente, *tipo* da Igreja, a qual, buscando a glória de Cristo, torna-se cada vez mais semelhante ao seu excelso Tipo". — cfr. *Lumen Gentium*, n.°s 63 e 65). — "Maria é, pois, o *tipo* acabado da Igreja porque Ela antecede a Igreja em todos os sentidos, passado, presente e futuro. Maria é a Igreja antes da Igreja, Maria é o futuro da Igreja, e Maria é em plenitude o presente da Igreja. Maria é anterior, porque, antes que houvesse a Igreja, — que faz nascer em nós o Cristo —, pelo batismo, já Maria tinha gerado Jesus Cristo. Maria é o futuro da Igre-

ja porque tudo aquilo que será um dia a Igreja na ressurreição final, a Igreja "toda pura, sem rugas e sem mancha" já é agora Maria glorificada em corpo e alma. — (ver artigo supracitado do Pe. João E. Martins Terra, S. J., e *Lumen Gentium*, cap. 8.°). — Ver verbete *Igreja*.

TÍTULOS (Marianos) — Toda titulação constitui um conferimento honorífico ou aquela forma caracterizante de denominação com que se distingue e aponta algo de especial aos nossos sentimentos. E em se tratando de Maria Ssma. — "Campeã mundial" de títulos em todos os tempos, cujo *record* jamais será batido — o título mostra aquela ânsia da "presença" Dela, o querer tê-lA em tudo. Começa, para nós, de língua portuguesa, com este mais divulgado, amoroso e doce erro gramatical que diariamente está nos lábios de todos: *minha Nossa Senhora*. — Como são milhares estes títulos à Santa Mãe de Deus, elenquemos breve relação pelo menos destes 44, um tanto mais curiosos: Nossa Senhora da Cadeira e N. S. do Livro (quadros de Rafael) — N. S. do Ó (ou da Expectação, ou do Parto, ou mesmo da Esperança), título devido ao exclamativo Ó que antecede, no período natalino, as antífonas do Ofício Divino que assim começam: *Ó Sapiêntia, Ó Adonal, Ó radix Jesse, Ó clavis Davi, Ó Oriens, Ó Rex Gentium, Ó Emanuel*... — N. S. Achiropita (= não pintada por mão humana; gr. *chiro* = mão + *pita* = pintar) — Nossa Senhora do Recamadour (i.é., da Penha ou pedra ou da rocha (roc) de Amador) — N. S. das Galinhas (Itália) — N. S. do Cordão — N. S. das Ovelhas de Albery (França) — N. S. do Mar (Iugoslávia) — N. S. da Água (Setúbal) — N. S. da Escada (Portugal) — N. S. da Cabeça (Espanha) — N. S. do Pé de Prata (França) — N. S. de Czestochowska (Polônia) — N. S. da Batalha (Portugal) — N. S. da Coroa (Itália) — N. S. do Portal (França) — N. S. Boas-Novas (França) — N. S. das Portas (França) — N. S. das Oliveiras (França) — N. S. das Rosas (Itália — N. S. da Estrada (Espanha) — N. S. do Bom Encontro (França) — N. S. de Copacabana (Bolívia) — N. S. Libertadora (França) — N. S. dos Banhos (Itália) — N. S. da Cabeça Inclinada (Itália) — N. S. da Nuvem (Equador) — N. S. da Portaria (Espanha) — N. S. de Ingolstadt (Alemanha) — N. S. da Árvore (França) — N. S. das Lágrimas (Itália) — N. S. das Escolas (Canadá) — N. S. do Ninho (França) — N. S. das 13 Pedras (França) — N. S. da Claridade (França) — N. S. da Ternura (Rússia) — N. S. da Gôta de Ouro (França) — N. S. de Vladimir (Rússia) — N. S. da Sêde (França) — N. S. do Leite (Espanha) — N. S. de Luján (Argentina) — N. S. de Walsinghan (Inglaterra) — N. S. dos Eremitas (Suíça), etc. — O elenco não terminaria nunca, mas não nos esqueçamos de pelo menos dois que nos devem ser muito caros: N. S. Mãe da Igreja, o mais recente título que a Igreja lhe concedeu e o único ao final de um Concílio, o Vaticano II; e N. S. *Aparecida*, a Excelsa Padroeira e Rainha do nosso querido Brasil, que foi "pescada", em tosca imagem fragmentada, morena, nas águas do Paraíba, que próximo ao porto Itaguaçú, o rio em suas curvas faz um *M*. — (cfr. na *Bibliografia* obra sob o n.° 30)

TOPONÍMIA — A toponímia revela o sentir, transmite o modo de ver e até de ser, de determinada porção de um povo; é a aplicação aos lugares de nomes ou denominações que se ajustam ou encontram semelhança, conotação neste ou naquele pormenor geográfico, ou nas origens históricas, ou ainda tal ou qual injunção de ordem espiritual-religiosa, moral ou física. — Recurso muito empregado pelos povos primitivos (nossos índios assimilaram ou herdaram, trazem de "berço" esta espécie de

"dom" na acertada aplicação dos nomes às coisas). — O sentimento religioso e mariano do brasileiro, como de resto, do mundo inteiro, também se manifesta na toponímia. — Ver o *Guia Postal Brasileiro,* edição de 1977, ou qualquer relação das cidades ou municípios do território nacional (c.p. exp.: a do *Anuário Católico do Brasil,* CERIS, 1981), para logo se ver o lugar proeminente dado a Nossa Senhora; 71 localidades lembram Maria Ssma: Nossa Senhora — *de* ou *da* ou *do* (11) — Santa Maria (11) — Carmo (10) — Aparecida (5) — Dores (5) — Nazaré (5) — Rosário (4) — Natividade (3) — Piedade (3) — por ordem alfabética e com 1: Assunção — Belém de Maria — Coração de Maria — Divina Pastora — Doresópolis — Ladainha — Mariana — Mariapolis — Mercês — Monte Carmelo — Monte do Carmo — Monte Sião — Nova Fátima — Redentora — Salete — Santa Mariana — Três Marias — Virgem da Lapa — Virgínia — Virginópolis — e Virgolândia. — Em 2.° lugar está S. José, o esposo da Ssma. Virgem, com 41; e, em 3.° vem S. João, o Precursor, com 39. — Imagine-se quanto cresceria o número se fôssemos somar os padroados das dioceses e prelazias; os oragos das Catedrais, paróquias e capelas (públicas e semipúblicas), as "famílias religiosas", os Institutos, Ordens e Congregações; as entidades como seminários, colégios, asilos, orfanatos; os estabelecimentos comerciais ou não, e, até casas de diversão, como cinemas, teatros e de tantas outras finalidades. Não haveria papel que chegasse.

TRONO (de Salomão) — Toda a riqueza e beleza do famosíssimo trono desse sábio rei não se compara ao que Deus fez para SI no seio de Maria, como também foi efêmera, transitória a glória de Salomão, enquanto a de Maria é para todo o sempre. Ver este subverbete em *Antigo Testamento.*

TÚMULO/TUMBA/SEPULTURA — Após os funerais ou exéquias (cerimônias e ritos mortuários), segue-se a deposição do corpo da pessoa falecida, num túmulo ou tumba, numa sepultura (cova) ou mausoléu, transportando-se em cortejo (féretro). — Quanto à Maria Ssma. não existe qualquer depoimento, afora piedosas hipóteses e descrições de supostas probabilidades, indicando com segurança data e lugar. — O cortejo féretro) e acontecências correlatas do "enterro" da Virgem que se lêem em documentos extrabíblicos ou historiadores ou Santos Padres, — Nicéforo, bem como sermões de Dionísio, o Areopagita que foi discípulo de S. Paulo e, assim, contemporâneo da Virgem, são peças exaradas por corações levados e enlevados por profunda e sincera piedade amorosa, mas não vazadas no rigor científico-histórico-documental; — O lugar do óbito é ignorado. Nazaré, Belém, Jerusalém e até Éfeso reivindicam o privilégio de terem ecolhido Maria nos seus derradeiros dias de vida e terem ali seu corpo depositado antes da Assunção. — Indica-se com muita insistência o Getsêmani (no Vale de Josafá), em local cedido pelo proprietário dos olivais que cedia este sítio a Jesus e seus discípulos para descansarem e rezar; e cedera um pedaço para túmulo da família de Nossa Senhora. — No que dizem ser o lugar da tumba, existe hoje uma Igreja com capela especial de altar armênio (também aí está a capela de S. Joaquim e Sant'Ana). — V. verbetes: *Assunção — Dormição — Morte* e subverbete *Tumba da Virgem,* em *Terra Santa.*

U

UVA — Para mais de uma dezena de vezes a uva é mencionada na Bíblia, isto sem contar d'onde ela vem (vinha, vinhedo) e do que dela deriva (vinho, fermentado ou mosto, mas sempre "sangue da uva"). — Aplica-se à Maria Ssma. não só pelo doce do seu sabor (delicioso bolo era feito de uva, 1Sam 25,18; 30,12), bem como pela delicadeza de sua forma e seu valor para a vida (a festa da vindima, colheita, era das mais esperadas e alegres). — A fartura dos cachos bem simbolizam a abundância das graças e favores da Virgem Ssma. como Medianeira. — Aliás, liga-se a uva (vinho, de Caná da Galiléia) o poder suplicantemente intercessor de Nossa Senhora, prefiguração daquele vinho sacramental da Última Ceia (Sangue Eucarístico do Seu Divino Filho), sangue que Dela recebera Jesus quando do mistério da Encarnação. — Ver o verbete *Vinho*.

V

VARA FLORIDA DE JESSÉ — A vara de Aarão que brotou milagrosamente é figura de Maria, que concebeu e deu a luz sem prejuízo da sua virgindade, a Cristo Jesus, da raiz de Jessé/Davi. Ver este subverbete em *Antigo Testamento*.

VELO DE GEDEÃO — Isenta do pecado original — única no gênero humano — Maria é como aquele velo (= couro, pele de cordeiro) que sob o orvalho permaneceu sem se molhar, ficou seco, enxuto. Ver este verbete em *Antigo Testamento*.

VÉU — Desde tempos imemoriais, se os homens usavam turbantes, as mulheres cobriam-se com o véu, geralmente preso ao manto (quando não utilizando-se do próprio manto puxando-o até a cabeça). — O véu (cortinas pendentes na parte central do Santuário — Ex 26,31-36; Mt 27,51; Hebr 10,10-20) — era de utilidade paramental no culto, e, em reduzida dimensão, de uso simbólico, pelas mulheres. — Aliás, o uso do véu pelas mulheres vem de todas as eras e lugares pelos motivos mais diversos: luto, indicação de estado civil ou tribo, culto, simbolismo. Comumente indica escondimento, submissão, penitência. — Maria Ssma. usou-o largamente como hebréia, dentro das prescrições e simbolismo do seu povo, como parte integrante do vestuário de sua época, com a túnica e o manto. — Véu também significa mistério, coisa velada, encoberta. — O mistério de Maria, na obscuridade, no silêncio, na transcendentalidade de sua missão, do seu papel, da sua figura é-nos sublime véu com o qual não várias vezes cobrimos as nossas fraquezas a fim de que Ela nos socorra "*agora e na hora da nossa morte*".

VIDENTES DE FÁTIMA — Para apresentar as 3 almas privilegiadas que na Cova de Iria tiveram esta dádiva sem par, vamos buscar aquele que, após os acontecimentos transferiu para Portugal e simplesmente tornou-se lusitano até no falar e escrever, embora nascido na terra de Dante, Pe. Giovanni Marchi (até um Seminário fundou em Fátima). — Da 3.ª edição do opulento livro *Era uma Senhora mais brilhante que o Sol*, respigamos:

— *Lúcia:* Os 3 "zagaletes" aos quais apareceu Nossa Senhora eram 3 crianças absolutamente normais. [Isto é preciso que fique bem claro], em nada diferindo dos serranitos seus companheiros de folguedos, ou como eles guardadores de gado e de ovelhas. — Lúcia, a mais velha, nascera a .. 22-3-1907, última dos 7 filhos de Antonio dos Santos (o "Abóbora") e dona Maria Rosa (a "Perulheira"). — moradores em Ajustrel (o irmão da Lúcia, Manuel, veio para o Brasil, conforme saiu, com a foto dele, na revista mariana *Estrela do Mar* out. de 1967; modesto chacareiro, foi recebido como congregado mariano, em Assis (São Paulo) aos 72 anos, 8 filhos, 16 netos e 3 bisnetos). — Maria dos Anjos, sua Irmã e o "Ti" Marto dão-lhe este "retratinho": Era muito conversadeirica, muito lhanazinha, muito ladina. E muito meiga, té com o pai: o m'o pai aqui, ó m'o pai d'acolá; ái Jesus que cachopa! — Eu já futurava: há de vir a ser ou muito boa ou muito ruim! — o Vaticínio do "Ti" Marto deu-lhe pelo lado bom: foi, como é, muito boa: Religiosa Carmelita, em Coimbra/Lisboa, sendo sabido que Nossa Senhora continua aparecendo-lhe no convento. — Grandes amigos — ela e o piedoso (Venerável) Pe. Francisco Rodrigues da Cruz (ele foi quem deu forma a jaculatória, *Ó meu Jesus perdoai-nos, livrai-nos do fogo do Inferno e levai as almas todas para o Céu principalmente as que mais precisarem*", bem como deu o elenco onde Jacinta escolheu a jaculatória, *Doce Coração de Maria, sede a minha salvação*). — Inúmeras têm sido as provas de especial afeto de Lúcia pelo Brasil e a última foi agora por ocasião dos festejos dos 2.000 anos de Nossa Senhora, quando, pelo Presidente da Federação das Congregações Marianas do Rio, Sr. José Caseiras, o Capelão d'onde está Lúcia, em clausura, de parte dela entregou a este congregado mariano, um cartão onde está exarado: "Carmelo de Sta. Tereza — 3000 — Coimbra — J†M. — A Irmã Maria Lúcia de Jesus e do Coração Imaculado recebeu a vossa carta, pede pelas vossas intenções". — V. verbetes: *Fátima — Aparições.*

— *Francisco* — Eram primos de Lúcia, Francisco e Jacinta, filhos de "Ti" Marto e "Tl" Olímpia de Jesus Santos [tivemos nós, em 1950, a dita de conversar e fotografar o casal Marto]; respectivamente eram o 6.º e 7.º filhos dele e 8.º e 9.º dela, que contraíra segundas núpcias, falecido o seu primeiro marido, José Fernandes Rosa. — Tinha carinha redonda, bochechuda, boca pequena; de caráter excepcional, e rabujava com os irmãos mais do que Jacinta. — Dona Olimpia dizia que logo manhãzinha ele ia para o oitelrinho da madrinha Teresa, na Aldeia; era muito jeitozico e um poucochito poeta. — Amava a música e com o seu pífaro de cana passava horas e horas sentado numa pedra, acompanhando Lúcia e Jacinta de dançavam e cantavam alegremente. — Gostava muito de imitar o gorjear dos passaritos, e, como Jacinta e Lúcia, era um apaixonado pelas flores, alma particularmente aberta às belezas espalhadas por Deus pela Serra (êmulo perfeito, portanto, do *poverelho d'Assisi* de quem portava o nome). — Após a "visão do inferno", que Lúcia descreveu em suas *cartas* (3.ª aparição, 13 de julho) caiu doente, oferecendo seus sofrimentos, sacrifi-

clos e mesmo a vida, pela conversão dos pecadores. — V. subverbetes: *Jacinta* — (Visão do Inferno).

— *Jacinta* — Como seu Irmão Francisco, também de rosto redondo e feições de uma regularidade, como se diz, perfeita. Possuía uma alma extraordinária ("ainda aos 5 anos, ao ouvir a descrição do sofrimento de Jesus — diz Lúcia, sua prima — enternecia-se e chorava, dizendo: "Coitadinho de Nosso Senhor!, e acrescentava resoluta: Não hei de fazer nunca nenhum pecado, não quero que Jesus chore mais!" — Assim era Jacinta: boazinha ao exterior e uma verdadeira santinha no Interior. — Não há de tardar o dia em que a veremos na "Glória de Bernini", i.é., canonizada, recebendo as honras dos altares, intercedendo por nós junto Daquela que conversou com ela aqui na Terra e agora está junto Daquele Jesus que ela não podia ver sofrendo. — Como já ficou dito, ela escolheu no elenco apresentado pelo servo de Deus Pe. Cruz, em 10-12-1925, reportando-se à 2.ª aparição, em 13-6-1917, a Jaculatoria: "*Doce Coração de Maria, sede a minha salvação*!" — A salvação que Jacinta inculca peçamos ao Coração Imaculado diz respeito à visão que os 3 tiveram do inferno e Lúcia entre outras coisas aponta o seguinte: "O que me lembro é que Nossa Senhora disse que era preciso rezarem o Terço para alcançarem graça (...) sacrificai-vos pelos pecadores (...) O reflexo pareceu penetrar a Terra, e vimos como que um mar de fogo. Mergulhados nesse fogo, os demônios e as almas, como se fossem brasas transparentes e negras, ou bronzeadas, com formas humanas, que flutuavam no incêndio, levadas pelas chamas que delas mesmas saíam juntamente com nuvens de fumaça, caindo para todos os lados, semelhantes ao cair da faúlhas [fagulhas] nos grandes Incêndios, sem peso nem equilíbrio, entre gritos e gemidos de dor e desespero, que horrorizava e fazia estremecer de pavor (...) Os demônios distinguiam-se por formas horríveis e asquerosas de animais espantosos e desconhecidos, mas transparentes como negros carvões em brasa. Assustada e como que a pedir socorro, levantamos a vista para Nossa Senhora que nos disse, com bondade e tristeza: *Vistes o Inferno, para onde vão as almas dos pecadores*".

VINHO — De água para o rito das purificações eis que, a pedido, pela mediação de Maria, eis que Jesus transforma em "vinho novo", e proporciona cerca de 500 litros de delicioso vinho que o mestre-sala mandou servir aos convivas. — "O vinho é um sinal das bênçãos de Deus. A bênção dos Patriarcas Incluia a "abundância de trigo e de vinho. (Gen 2,28; 49,10-12) — Os profetas haviam predito abundância de vinho nos dias messiânicos. (Am 9,13-14) — O vinho faz parte das primícias que revertem em proveito dos sacerdotes. (ver Dt, Nm e 2Cr). A felicidade prometida por Deus é, muitas vezes, expressa na forma de uma grande fartura de vinho, como vemos nos oráculos dos profetas. (Ver Jer, Is, Am, Zc, Os etc.). — No Novo Test. o "vinho novo" é o sinal dos tempos messiânicos; Cristo declara que a nova Aliança instituída em sua Pessoa é um "vinho novo" que faz os odres velhos se romperem. — O mesmo Cristo que transforma, que muda em Caná a água em vinho, é o Cristo que *transubstanciará* este vinho no seu Sangue. — (conceitos do Pe. João E. Martins, S. J., in *A presença de Maria*, artigo doutrinário). — E o sangue veio da carne, do sangue de Maria, do seio virginal daquela onde um Deus *homo factues est*. — Como no vinho de Caná, Maria, no vinho da Eucaristia também contribuiu para a sua transformação, para o milagre em bem dos seus

filhos, como Mãe e medianeira. — É pela carne e sangue, recebido de Maria que Cristo nos dá a Vida. (cfr. Jo 6,54). —

VIRTUDES (de Maria) — do lat. *virtus*, é aquela disposição habitual e estável das faculdades da alma para fazer o Bem. — Maria não as teve exclusiva, mas a possuiu em grau superabundante dado a sua condição e para cumprir a sua missão. — Os santos tornaram-se excelentes quanto a essas ou aquelas virtudes, Maria porém, fez-se excelentíssima em todas as virtudes; se os santos já as tiveram em *grau heróico*, Maria as possuiu divinamente. — As que tem Deus por objeto, logo são as virtudes teologais (Fé, Esperança, Caridade) foram apanágio de Maria como abundantes são nos evangelhos os episódios de sua vida de total e sublime união com Cristo. — Quanto a Fé, que foi o princípio de sua grandeza, faz Sto. Agostinho, da frase de Isabel: *"Bem-aventurada tu, que creste"*, fez este axioma: *fide concepit, fide peperit* (pela fé concebeu, pela fé o pôs no mundo). cfr. *Enchiridion*, t. 40, col. 240. — Como da Fé nasce a Esperança, esta também de modo especialíssimo foi virtude em Maria. Maria confiou, Maria esperou mesmo "contra toda a esperança" (Rm 4,10). — Não é sem razão aplicado à Virgem Ssma. um dos seus mais difundidos títulos: Nossa Senhora da Esperança (por oportuno recordemos que na naucapitânea de Pedro Alvares Cabral, veio a imagenzinha de N. S. da Esperança, devoção acendrada do navegador português). — Caridade de Maria, que abismo inexplorado e inexplorável! S. Francisco de Salas diz que Ela foi *Regina amoris* (= Rainha do amor, i é de Caridade). Nenhum coração foi tão abrasado de amor como o de Maria, foi com amor, de amor e pelo Amor que Ela morreu. — As virtudes, além das teologais, dividem-se ainda nas cardeais (ou morais), cujo objeto são os bens criados ou a sociedade, à família humana: Prudência — Justiça — Força — Temperança. — A nobilíssima virtude da Prudência em Maria, cantamos em superlativo, na Ladainha: *Virgo Prudentíssima*. — A Justiça, considerada no mais rigoroso sentido do termo, vem sempre acompanhada de outras virtudes, sobretudo, a Obediência e a Religião. O *ancilla Domini* dos lábios de Maria revela, como num espelho, toda a beleza destas virtudes que ornara sua alma e seu coração na Terra e a glorifica no Céu. — Quanto a Fortaleza, Ela, e quem mais do que Ela, foi a "*mulher forte*" sublimado pelo sapientíssimo Salomão. — A Liturgia o proclama e canta no célebre hino *Stabat Mater* esta força ante a dor, esta fortaleza de espírito no *Consummatum est*, no grupo genial da escultura de Miguel Angelo *Pietá*. — Finalmente, na Virgem resplandece, com aquele brilho, com uma luz toda própria a virtude da Temperança, i.é., a moderação exemplaríssima diante dos gozos, mesmos lícitos, estribado na sobriedade e, sobretudo, na pureza, na castidade: *Tota pulchra*. — Ressalte-se que em conexão com a virtude da Temperança sempre está a humildade. Segundo se revelou, Sto. Afonso disse a Sta. Matilde: "A primeira virtude que Nossa Senhora praticou desde a mais tenra infância foi a humildade" — Quando, pois, se inculta, apontam-se as virtudes de Maria para balisamento da nossa vida espiritual, mormal, social, o cortejo destas 7 se nos deparam para que Maria mesma nos ajude.

VISITADORA (Imagem) Quem teve a grande dita de acompanhar Brasil afora, adentrando-se por capitais, vilas, paróquias na talvez maior peregrinação até hoje realizada em nossa terra, é que poderá dizer — como o Pe. Antonio da Silva Bello, S J. (cfr. *Bibliografia*, obra n.º 16) — o que foram aqueles 120 dias de "Visitas" da

Rainha e Mãe, começados em 12-6-1952, em Salvador (Bahia) e encerrados no Rio (Maracanãzinho). 12 de maio, com mais de 200.000 pessoas superlotando o maior estádio do mundo, com incalculável número de pessoas fora porque não puderam entrar. — Pois foi daí que se Incrementou a prática chamada "Imagem visitadora", Imitando-se o que desde a Europa, mormente Portugal, se fazia por devoção a Nossa Senhora. — Precisar com rigor histórico quando começaram tais "visitas", faz-nos ir até a aldeia de Ain-Karin, nas montanhas de Hebron, e ver como Maria Ssma. "se apressou" em visitar sua prima Sta. Isabel, por sabê-la grávida e precisando de sua ajuda. — Outras muitas visitas se verificaram: na festa de casamento em Caná da Galiléia ("presença providencial!); com toda a certeza, acompanhando seu Divino Filho à casa da sogra doente, de S. Pedro, e, nas visitas à casa de Lázaro e suas irmãs Marta e Maria; às casas de suas amigas e vizinhas (e muitas delas parentes), ditas nos evangelhos "santas mulheres". — E atualmente, mais exato, desde 1830 quantas "visitas" em tantos lugares?!, aparecendo a jovens, a velhos, a homens e mulheres, expressando-se em idiomas e dialétos seu amor e ternuras por nós! — Daí este desejo, ânsia quase incontida, já que não se pode ter a dita de termos a *presença física* de Nossa Mãe Celestial, a tenhamos em imagem em nossa residência, para guardá-la com amor e devoção no coração. — Ao tê-la de "visita" à nossa casa, obviamente a terei como a mais ilustre hóspede e tudo que eu possa fazer para dignificar tão insigne acontecimento, será pouco, muito pouco: altar ou lugar adrede preparado, divulgar entre os que não tem este privilégio, amiudadas vezes achegar-me nos momentos de céu em que me visita, rezar fervorosamente, só ou com outrem em hora aprazada, usando das devoções e práticas tradicionais, sobretudo Ofício da Imac. — Terço — *Angelus* — Coroinha etc. — V. respectivos verbetes.

W

WALSINGHAN (N. S. de) — é o título do Santuário Nacional dos Ingleses à Virgem Ssma. — A pedido Dela mesma, em 1061 — já lá se foram 924 anos, a caminho do 1.º milênio — construiu-se uma igrejinha semelhante à Casa de Nazaré. — Desde os primeiros tempos da conversão da Inglaterra até a "Reforma", praticamente não houve um rei que não desse prova do seu amor à esta Rainha, não eram seguidos pelos súditos (daí o cognome de *Feudo de Maria* que orgulhavam-se os ingleses de possuir sua Pátria); e a devoção à Mãe de Deus constituía assim, outrora, na Inglaterra, elemento fecundo da expansão civilizadora do Cristianismo. Bem poucas nações se poderão afanar de tantas e gloriosas tradições marianas como a Inglaterra. — Destruídas, igreja e imagem, por incêndio e depredação, 3 séculos depois o chamado "movimento de Oxford" fez renascer a veneração a Ssma. Virgem. — Em 1921 fez-se uma réplica da milagrosa imagem, da antiga igreja, e um altar numa capela construída anexa as ruínas do Vetusto Santuário. — E cresce, lentamente, porém firme, o antigo fervor por Maria na velha e tradicional Ilhas Britânicas. (Verbete sobre notas do saudoso Pe. William Goding, S.J., Diretor da Congregação Mariana Estudantil dos PP.

Jesuítas do Rio de Janeiro; é o nosso preito de saudade e homenagem a quem nos presenteou com a grande obra do Pe. Emílio Villaret, S.J.: *História das CC.MM. no Mundo*).

X

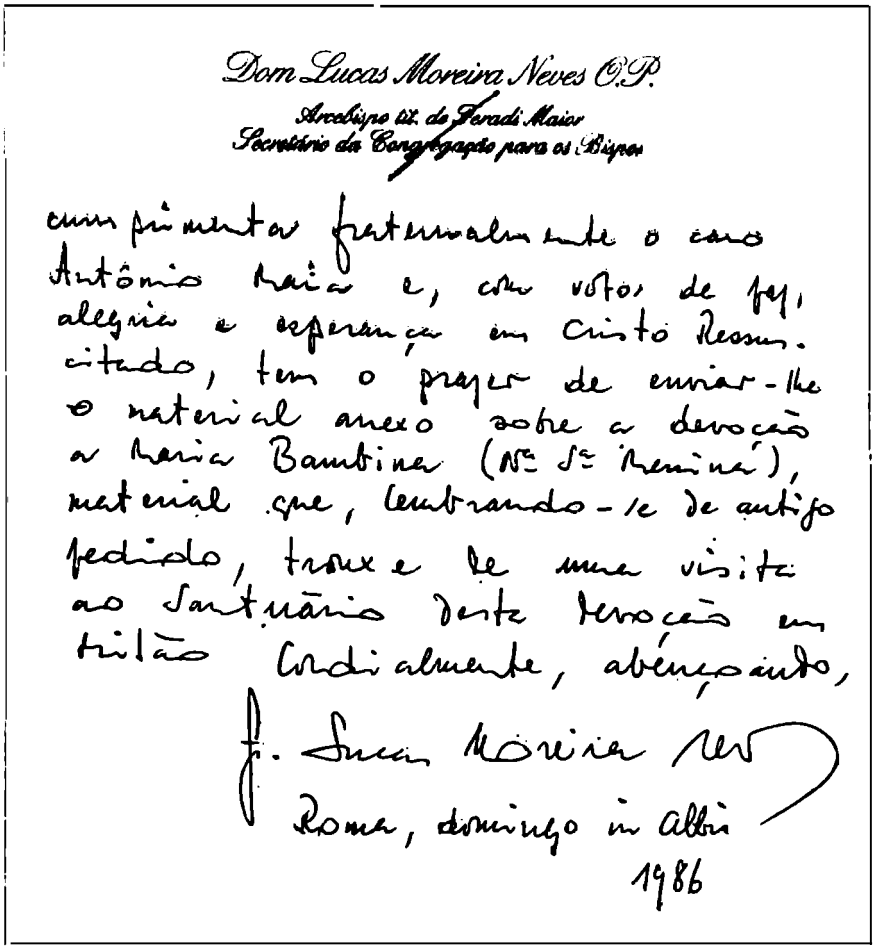
XEOL (heb. *shᵉôl*, etimologia incerta; e gr. *hades*, o mundo inferior da mitologia). — Tanto no heb. quanto no gr., não existe muita coerência na acepção: ora significa apenas a morte, ora a sepultura, ora o lugar onde se desce, ora é concebido como *poder*. — "O poder do Cristo ressuscitado é demonstrado por sua posse das chaves da morte e do Hade". (Ap 1,18). cfr. na Bibliografia, obra n.º 20. — No Novo Testamento o termo aparece diversas vezes sob diferentes acepções, como por exemplo, quando é aplicado a Jesus (At 2,27), referentemente ao Sl 16,10 quanto à ressurreição, libertação da morte. — Em documentos extrabíblicos, de Nossa Senhora é dito que adormeceu (*dormitio*) e aguardou no Xeol a Assunção.

Z

ZACARIAS (heb. *Zekâryâh* = Deus lembrou) — Nome de inúmeros personagens da Bíblia: reis, profetas, levitas, chefes, cantores, músicos, servidores, oriundos de nações ou cidades como rubenita, gabaonita manassita, merarita, judaíta, benjaminita, etc. — O marido de Isabel, Sacerdote da classe de Abia. — Era costume a distribuição dos serviços religiosos pelos sacerdotes segundo a classe ou turma a que pertencesse, o que se procedia por sorteio e rodízio semanalmente. Zacarias e sua mulher Isabel era muito piedosos e há muito que eles pediam a Deus lhe desse um filho. Porém não eram atendidos, continuando, porém, a pedir pela vinda do Messias. — Num dia em que procedia, no Templo, ao rito do Incenso, Zacarias foi anunciado pelo anjo São Gabriel de que, mesmo na velhice, seria pai, duvidou; duvidou e pediu um sinal e este lhe veio em forma de castigo: Zacarias imediatamente ficou mudo e só recuperou a fala no dia da circuncisão para, como pai, apor o nome a João, o Precursor. Então entoou o hino-oração *Benedictus* (primeira palavra latina na *Vulgata* e nome litúrgico como ficou conhecido). — Aí fica expressado de forma costumeira (Salmos p. exemplo), o agradecimento de Zacarias pela salvação e diz da missão precursora do menino. Impregnado de frases referentes ao Antigo Testamento, é de muito valor e significado. — A Liturgia lhe tem elevadíssima estima e de forma recordativa, unido ao *Triságio* (que honra a Trindade Santa) e ao *Hosana* memorativo da entrada triunfal de Jesus e Jerusalém, coloca-o na Missa como preparação próxima à Consagração das espécies, vinda místico-sacramental eucarística de Deus Salvador sobre o altar. — Ver os verbetes: *Ain-Karim — Isabel — Visitação*.

APÊNDICES:

Pelo eterno reconhecimento e profunda admiração que guardamos bem dentro de nós, não nos foi possível deixar de inserir nestas derradeiras páginas nossa homenagem aos insignes nomes que firmaram os documentos que, em *fac-simile*, estampamos e que, como troféus de sumo valor, os temos ciosamente no nosso tesouro estimativo.



Dom Lucas Moreira Neves O.P.
Arcebispo tit. de Feradi Maior
Secretário da Congregação para os Bispos

cumprimentar fraternalmente o caro
Antônio Maia e, com votos de fé,
alegria e esperança em Cristo Ressus-
citado, tem o prazer de enviar-lhe
o material anexo sobre a devoção
a Maria Bambina (Nª Sª Menina),
material que, lembrando-se de antigo
pedido, trouxe de uma visita
ao Santuário desta devoção em
Milão. Cordialmente, abençoando,

f. Lucas Moreira Neves

Roma, domingo in albis
1986

Para o verbete *Menina (Nossa Senhora)*, além da obra que nos enviou, de Roma, a Filha de Maria Odette Costabile, (Bibliografia n.º 86), ainda nos utilizamos a tempo, do livro *Il simulacro e il santuario di Maria Bambina* (Ed. Stella Maris, Milano, 1959), graças a generosa atenção do mestre e amigo D. Lucas Moreira Neves, O.P.

SECRETARIA DE ESTADO

N. 55.200 VATICANO, 21 de Fevereiro de 1981

Prezado Senhor

Por ocasião da visita do Santo Padre João Paulo II ao Brasil, quis testemunhar-Lhe sentimentos de veneração, oferecendo-Lhe, numa atitude de homenagem, explicitada em reverente dedicatória, uma publicação de sua autoria, recheada de afirmações de devotamento ao Vigário de Cristo.

Desempenho-me da incumbência de exprimir a gratidão de Sua Santidade o Papa pelo gesto delicado que entra, por certo, no contexto daquela boa "acolhida que Lhe fez o Brasil, por mil sinais, mais ou menos perceptíveis de fervor e afeição". Assim, mais me cumpre ser intérprete dos votos do Sumo Pontífice: das melhores felicidades, para a sua pessoa e para os seus entes queridos, em fidelidade a Cristo e na luz perene da sua mensagem, votos que corrobora com a Bênção Apostólica.

Aproveito o ensejo para lhe afirmar protestos de consideração em Cristo Senhor

Mons. G. B. Re
Assessor

Il.mo Senhor
Antonio Maia
20.270 - RIO DE JANEIRO, RJ

Integrando a Comissão do Serra Clube-Tijuca — sob direção do Cel. José Lucariny — para ordenação, por João Paulo II, dos 72 padres no Estádio do Maracanã (Rio), o Autor ofertou um dos seus livros (o de N.° 18 elencado na 3.ª de capa) e o acusamento e bênção do Papa não se fizeram esperar.

SECRETARIA
DO
CARDEAL ARCEBISPO
DE
APARECIDA

"Tolle, lege."

"Cânticos do Claustro" são cânticos de fé, de esperança e de amor. Ou sintetizando: são cânticos do Amor, do Amor santo, do Amor da Piedade cristã; porque: — no amor filial nosso para com Deus e para com a Mãe de Deus e nossa Mãe; e no amor fraternal nosso para com o nosso próximo; — eis tudo, — eis aquele amor que é vínculo da perfeição segundo disse o Apóstolo São Paulo, — eis o conteúdo das Leis de Deus e dos Profetas, segundo ensinou Cristo Jesus.

Católico, cento por cento no íntimo de sua alma, e apostólico, cento por cento, na propaganda da Fé, Antonio Maria não só tem o reino de Deus dentro de si mesmo, porém irradia, também, o reino de Deus no seu derredor, pela pregação do seu bom exemplo, e pelas cáusas da sua palavra, rezada, falada, ou escrita em prosa e verso. Faz a promoção do verdadeiro, do bom e do belo... Tudo o que diz ou escreve, é ouro de lei de alto quilate, denalgo de "airopal"..

Foi sempre assim, notadamente quando por mais de 12 anos exerceu a Secretaria geral do movimento mariano no Brasil.

Santo Agostinho, quando ainda atormentado pelas dúvidas e hesitações de se converter ou não, retirou-se um dia num bosque para meditar. E foi, então, que, ouvindo uma voz misteriosa que lhe dizia "Tolle, lege": "Toma e lê", deu com a vista em um livro de Epístolas de São Paulo, leu a Epístola aberta nas mãos de um seu amigo, e se converteu. Pois bem:

— A leitura deste livro "Cânticos do Claustro" bem poderia ser ocasião da conversão ou da preservação de alguem. Assim seja!

+ C. Card. Motta

Apresentação manuscrita-autógrafa do saudoso Cardeal de Aparecida — D. Carlos Carmelo de Vasconcellos Motta — do livro do Autor, **Cânticos do Claustro**. (Ver elenco na 3.ª de capa, n.º 31)

Do saudoso amigo e mestre D. Jaime de Barros Câmara, por mais de um quarto de século o Autor recebeu as maiores provas de confiança e incentivos nas lides marianas da Arquidiocese. (Fed. do Rio, Setores, Conf. Nac., Estrela do Mar, Rádio Vera Cruz, Escotismo, etc.).

Sr Antônio Maia,
zeloso Congregado Mariano

Com muito interêsse li atentamente as lições do "Círculo de Estudos Missa est". Só posso elogiar a iniciativa, aprovar o conteúdo da série publicada e fazer votos de grande aproveitamento por parte dos assistas.

Com as melhores bênçãos, subscrevo-me
+Jaime Cardeal Câmara
arcebispo do Rio de Janeiro

Cardeal D. Eugenio de Araujo Sales
Arcebispo de São Sebastião do Rio de Janeiro
Rio de Janeiro - Brasil

agradece ao Sr.Antonio Maia a gentileza do envio da obra "São Chárbel Makhluf" e envia uma afetuosa bênção.

Rio de Janeiro, 30 de janeiro de 1980

Dentre a correspondência que o Autor guarda de S. Emcia. o Sr. Cardeal D. Eugênio de Araújo Sales, está este cartão de agradecimento e bênção a um dos seus livros.

M A R I A

"...ecce Mater tua..."
(Jo 19,27)

O conteúdo deste Dicionário

- Tenha a mão
  - Leia detidamente
    - Medite profundamente
      - Viva amorosamente

ORAÇÃO A NOSSA SENHORA

Ó Virgem, quem em Vós confia será salvo — e aquele que vos "ama tanto" será santo, participando da vossa glória celeste.

Obtende-me, por isso, ó Virgem, a perseverança final, sêde a minha salvação, levantai-me nas quedas, defendei-me das ciladas do demônio, sustentai-me no mundo sem que no entanto eu pertença ao mundo.

Ó Maria, tende-me estreitado em vosso seio materno que tantas vezes afagou o vosso Divino Filho Jesus; não me deixeis um só momento, ó Mãe querida!

É tão doce dirigir-me a Vós aos primeiros instantes da manhã, caminhar todo o dia sentindo-me sob o vosso manto protetor, e, à noite, saber-me velado no meu sono por Vós, assim como faz toda mãe carinhosa.

Ó Maria, Vós que sorris às criancinhas, guiai os jovens no seu imaturo caminhar, revigorai os trabalhadores na labuta diária, iluminai os pais e mestres com a graça de estado para desempenharem suas missões, afervorai os Padres e as Religiosas na vida consagrada a que foram chamados, aos anciãos dai tranqüilo descanso em sua solidão, aos doentes minorai-lhes os sofrimentos e aos encarcerados o arrependimento e força para cumprirem suas penas, às Autoridades equilíbrio e justiça, às comunidades o amor ao próximo, derramai sobre o mundo aquela Paz tão almejada que só de Cristo pode vir.

Ó Maria, "pesar meu viver tão falho", já que a Vós me consagrei desde tenra idade, levai-me para junto de Vós, embora pecador, ó minha Mãe querida, por precioso legado da Cruz. Amém.

Nota: para ser recitada ao final dos "Cenáculo com Maria"; redigiu: Antonio Maia, c.m.

BIBLIOGRAFIA

Para a feitura desta obra foram utilizadas as seguintes fontes:

1 — *Quem é Nossa Senhora?* (breve tratado de Mariologia). — Pe. Frei Gabriel M. Roschini — Propaganda Mariana — Av. Paulo de Frontin, 500 — Rio — 1936.

2 — *Catecismo Mariano* — (Ano Santo Mariano e 1.º Congresso do Padroado de Nossa Senhora Aparecida em terras brasileiras) adaptação da obra do mesmo Autor supra — Edições Paulinas — Rio — 1954.

Nota: sempre que necessário, foi consultada, na Conf. Nac. dos CC. MM. do Brasil, a obra originária, em latim e 3 vols.: "**Mariologia (Introductio in Mariologiam/Summa Mariologia)** — 1947: Tomo I **Introductiom** — Tomo II **De Singularis Cultu BMV** — Tomo III **Privilegii Singularibus BMV** — 2.ª editio reviso et notabiliter auct — Romae: Angelus Belardetti Editor — 1947.

3 — *Maria Mãe de Deus* — Francisco Miguel Willan (trad. Caio Metello, S. J.) — Liv. Apostolado da Boa Imprensa — Porto (Portugal) — 1946.

4 — *Pequeno Catecismo da Ssma. Virgem* — (à luz do Concílio Vaticano II) — M. Dias Coelho — edição do Autor — "*Mensagem de Fátima*" — Sameica (Seia) Portugal — 1975.

5 — *Piccolo Dizionar.o Mariano* — (trad. adaptada do original francês *Petit Vocabulaire Marial*. Collection "*Voici ta Mère*". Desclée de Brouwer), versão italiana: Centro Mariano Monfortano — Coordenação de Alberto Rum e Stefano De Flores — Roma — 1981.

6 — *Le Chrétien Éclairé sur Nature et l'usage des Indulgences* — Pe. Antonin Maurel. S. J. — Apresentação do Card. Paneblanco, Prefeito da Sag. Cong. das Indulgências e Santas Relíquias — 13.ª edição — J. B. Pólegaud — Paris/Lyon — 1861.

7 — *Pequeno Dic. Católico* — Antonio Maia, c. m. — Coleção *Estrela do Mar* — Rio — 1966.

8 — *Palestina Sagrada* — Pe. M. Miguens, ofm — ed. espanhol/castellano — Tip. dos PP. Franciscanos — Jerusalém — 1936.

9 — *A Virgem Maria* — Pe. Silvestre Chauleur — Edições Paulinas — SP — 1952.

10 — *A Mulher bendita* — Pe. Júlio Maria, M. de Nossa Senhora do Ssmo. Sacramento — 4.ª edição — Tip. d'*O Lutador* — Manhumirim (MG) — 1936.

11 — *Maria e a Eucaristia* — Pe. Júlio Maria, M. de Nossa Senhora do Ssmo. Sacramento — Tip. d'O Lutador — Manhumirim (MG) — 1937.

12 — *A humilde Virgem Maria* — Pe. Luis Perroy, S. J. (trad. Luis Leal Ferreira) — 2.ª ed. — Ed. Vozes Ltda. — Petrópolis — 1957.

13 — *Maria Santissima, titulos, pensamentos, fatos* — Pe. Carlos de Maere, C. ssR. — Editora *Angélica* — B. Horizonte — 1955.

14 — *Maria, nossa mãe, nosso modelo* — Pe. J. Cabral — 2.ª edição — Ed. Paulinas — Rio — 1949.

15 — *Dic. de Personagens Bíblicos* — (Ant. e Novo Testamentos) — José Schlavo — Edições de Ouro — **Tecnoprint Gráfica S/A** — Rio — 1965.

16 — *120 dias com Nossa Senhora de Fátima* — (Peregrinação pelo Brasil) — Pe. Antonio da Silva Belo, S. J. — Sta. Maria Edit. — Rio — 1954.

17 — *Concordância Bíblica* (abreviada) — trad. e adaptação: Jabes Torres — 22.ª ed. — Casa Publicadora Batista Brasileira — Rio — 1982.

18 — *Conciso Dic. Bíblico* — (trad. D. Ana/Dr. S. L. Watson) — 6.ª edição — Imp. Bíblica Brasileira — Rio — 1976.

19 — *Dicionário Bíblico* (no original: *Lexique Biblique*) — Mons. Albert Vincent — trad.: Monjas Beneditinas de B. Horizonte — Coordenação: Horácio Dalbosco, SSP — S. Paulo — 1968.

20 — *Dicionário Bíblico* (no original: *Dicionary of the Bible*) — Pe. John L. Mckenzie, S. J. (trad. Alvaro Cunha c/outros) — Macmillan Publishing Co. Inc. — N. York, 1978/Ed. Paulinas/S. Paulo, 1984.

21 — *Dicionário da Bíblia* — John D. Davis (trad. Rev. J. R. Carvalho Braga) — 2.ª ed. — Casa Pub. Batista — Rio — 1965.

22 — *A Bíblia de Jerusalém* (org. *La Sainte École Biblique de Jerusalém*) — Direção: Tiágo Giraudo; Coordenação: Carlo D. Vido — Les Éditions du Cerf — Paris (França) 1973 — Ed. Paulinas, S. Paulo — 1981.

23 — *Maria nos documentos atuais da Igreja* — Organização do Fr. de Sales Baptista, S. J. — Editorial do Ap. Oração — Braga (Portugal) — 1981.

24 — *Um Só Evangelho* (harmonia conforme o texto grego) — Pe. Léo Persch — Apresentação do Pe. Ernesto Vogt, S. J. — Ed. Paulinas — S. Paulo — 1955.

25 — *107 Invocações da Virgem no Brasil* (história, folclore, iconografia) — Nilza Botelho Megale — Ed. Vozes — Petrópolis — 1980.

26 — *História das Imagens Milagrosas de Nossa Senhora* (Santuários Marianos) — Frei Agostinho de Santa Maria — Lisboa Ocidental — 1722 — Oficina de Antonio Pedrozo Galram (cópia extr. do Arq. Nac.) — Imprensa Of. da Bahia — 1949.

27 — *Os Singulares Privilégios de Maria Perante a Bíblia* (apologética mariana) — Pe. Juliano da Imaculada Mattei, Passionista — Liv. Aurora — Vitória (ES) — 1960.

28 — *O Pai-Nosso e a Ave-Maria* (comentários extraídos dos sermões de S. Tomás de Aquino) — Nouvelles Editions Latines — Paris — Trad. Júlio Fleichman p/ série "*Cadernos Permanência*" — Rio — 1979.

29 — *Porque Amo Maria* — Pe. Júlio Maria — Prefácio do Pe. J. M. Texier (Diretor da *Revista dos Sacerdotes de Maria, Rainha dos Corações*) — Ed. Vozes/Petrópolis — 1945.

30 — *Maria e seus Gloriosos Títulos* — Edésia Aducci — Apresentação do Pe. Quinto Davi Baldessar — Ed. *Lar Católico* (J. Fora, MG) — 1955.

31 — *Advocaciones de la Virgem* — R. P. Elen — Librarla Ed. Argos S/A — Barcelona/B. Aires — 1956.

32 — *Flores de Maria* (o Mês de Maio) — Pe. Martinho Antonio Pereira da Silva — 4.ª edição — Tipografia Lusitana — Braga (Portugal) — 1872.

33 — *Sant'Ana, mãe da Mãe de Deus* — Mons. Ascânio Brandão — Ed. Ed. Paulinas — S. Paulo — 1954.

34 — *Na Escola de Maria* — André Damino — 4.ª edição — Ed. Paulinas — S. Paulo — 1962.

35 — *Vida e Virtudes de Nossa Senhora* — (pontos de meditação) — Dr. Rodrigues Villar (trad. revista do Pe. Manoel Versos Figueiredo, S. J.) — 2.ª ed. — Liv. Figueirinhas — Porto (Portugal) — 1954.

36 — *Mãe Querida* (meditações sobre Nossa Senhora; a *Ave-Maria*) — Pe. Léo Kohler, S. J. — 2.ª ed. — Ed. Paulinas — S. Paulo — 1945.

37 — *O Segredo de Maria* (e o método de rezar o Rosário) — S. Luiz G. de Monfort (trad. da edição-tipo, única inteiramente conforme o original) — 2.ª ed. (4.º milheiro) — Prefácio de D. Plácido de Oliveira, osb — Ed. Sta. Maria — Rio — 1953.

38 — *A Verdadeira Fisionomia de Nossa Senhora* — Frei Miguel Philipon, OP — (trad. D. Frei Luiz Palha, OP) — Gráf. Olímpica Ed. — Rio — 1956.

39 — *Aparclones* — Carlo Maria Staêlin, S. J. — Editorial Razon y Fe S/A Madrid (Espanha) — 1994.

40 — *Lágrimas Celestes* — Frederic P. Marjay — Edição Dr. Marjay — Lisboa (Portugal) — 1955.

41 — *O Primeiro Amor do Mundo* — Mons. Fulton Sheen (tit. original: *The World's First Love*) — Trad. Cruz Malpique — 2.ª edição — Ed. Educação Nacional — Porto (Portugal) — 1955.

42 — *A Virgem Maria Nossa Mãe* — Mons. L. Cristiani — Ed. Paulistas — Apelação/Sacavem (Portugal) — 1963.

43 — *Dictionaire de Culture Religieuse et Catéchiste* — Côn. L. E. Marcel — 2.ª edição — Editions Servin — Bensançon (França) — 1949.

44 — *Nossa Senhora aos seus Sacerdotes* — 5.ª ed. Movimento Sacerdotal Mariano — Braga (Portugal) — 1980.

45 — *O dia em que Cristo nasceu* — Jim Bishop (Tit. original norte americano: *The day Christ was born*) — trad. de Jim Bishp — Ed. Record — Rio — 1959/1977.

46 — *Mês de Maria, pequenino* — Pe. Fernando Leite — 3.ª ed. Secretariado Nac. Ap. Oração/Cruzada Eucarística — Braga (Portugal) — 1979.

47 — *Rosário Bíblico* — J. Palmer Gabriel — (tit. original: *Scriptural Rosay*) 23.ª ed. do Christinica Center. Chicago, 1975 — e 2.ª ed. bras. — Ed. Paulinas — S. Paulo — 1977.

48 — *Ofício da Imaculada Conceição* (explicado e anotado p/ uma Filha de Maria) — Ed. Vozes Ltda. — Petrópolis — 1947.

49 — *Breve Oficio de la Imaculada* — Fed. de Congregaciones Marianas — Ed. Myriam — B. Aires (Argentina) — sem data de editoração.

50 — *A Imaculada sob os Véus dos Símbolos* (breve comentário do Peq. Of. da Imc. Conc.) — Monjas Beneditinas da Abadia de Sta. Maria — Tip. Sta. Maria — S. Paulo — 1938.

51 — *Pequeno Ofício da Imaculada Conceição* (latim/português comentado) — Ed. Paulinas — 1956.

52 — *Eis a Vossa Mãe* (breve explicação da Ladainha Lauretana) — Frei Domingos Schmtz, ofm — 5.ª ed. Vozes — Petrópolis — 1946.

53 — *Ofício Parvo de Nossa Senhora* (segundo o Breviário Romano) — 6.ª ed. Ed. Vozes Ltda. — Petrópolis — 1952.

54 — *Imitação de Maria* (modelado pela *Imitação de Cristo*) — por um Religioso anônimo — (trad. de Maurícéia Filho) — 3.ª ed. — Ed. Vozes — Petrópolis Ltda. — 1949.

55 — *Vida, Paixão e Glorificação do Cordeiro de Deus* — Ana Catarina Emmerich — 2.ª edição — Ed. *Lar Católico* — J. de Fora — MG — 1946.

56 — *O Drama das Rosas* — (encenação Oracional do Mistério Gozoso) — Antonio Mala, c.m. — Editoração da Paróquia de S. Sebastião dos RR.PP. Capuchinhos — Rio — 1955.

57 — *Os Mistérios do Santo Rosário* (drama sacro) — Frei Martinho Olive, OP — música: D. Plácido de Oliveira, osb — Gráf. Olímpica — Rio — 1955.

58 — *Breve História das CC.MM.* — Antonio Mala, c.m. — Apresentação de Dom Joseph Felix Gawlina (primeiro Diretor da Fed. Mundial das CC.MM.) — Rio — 1961.

59 — *Sob o olhar da Virgem Maria* (2.ª parte de *Contigo Senhor*) — Pe. J. D. Oliveira, S. J. — 2.ª ed. — Dist. "*Magnificat*" — Braga (Portugal) — 1964.

60 — *As aparições de Fátima* (narração de Lúcia) — notas do Pe. Fernando Leite, S. J. — 11.ª ed. 22.º milheiro — Secret. Nac. do Ap. Oração — Braga (Portugal) — 1978.

61 — *Se fizerem o que Eu vos disser terão Paz* — Pe. Fernando Leite — 11.ª ed. — 95.º milheiro) — Secret. Nac. Ap. Oração — Braga (Portugal) — 1976.

62 — *Bênção e Abençoar* (cartas trimestrais da "*Cruzada Abençoemonos por Maria* — 3 vols.) — tit. alemão: *Rundbriete de Marianischen Segenskreises* — Pe. Leopoldo Bertsche, O. Cist, — trad. Irmã M. Filomena, canisiana — Ed. Santuário — Aparecida — S. Paulo — 1980.

63 — *Maria Santiss.ma* (Litanie — Salve Regina — Misteri principali della Vita) — Pe. Cesare Galina, msc — con brevi considerazioni do Prof. Giulio Remedi — Ilustracioni: Prof. Duilio Cambellotti — Scula Tip. D. Guamella — Roma — 1946.

64 — *Magnificat* (louvor e gratidão no Coração da Virgem/mediação universal de Maria) — D. Geraldo Maria de Moraes Penido, Arcebispo Metropolitano de Aparecida (SP) — Editora Santuário — Ap./S. Paulo — 1984.

65 — *Epopéia da Med aneira* — Pe. Afonso Rodrigues, S. J. — Edições Loyla — S. Paulo — 1971.

66 — *Bodas de Ouro de Fátima* — Apio Garcia — Ofic. do "*Jornal do Oeste*" Editora — Maior/Lisboa (Portugal) — 1967.

67 — *Antologia dos Santos Padres* — D. Cirilo Folch Gomes, osb — 2.ª ed. — Ed. Paulinas — 1979.

68 — *História de Nossa Senhora* — Sérgio D. T. Macedo — Prefácio de D. Oscar de Oliveira, Arcebispo de Mariana — Dist. Record — Rio — 1964.

69 — *Mensagem de Fátima* — Pe. Antonio Maria Martins, S. J. — 3.ª ed. — Edições Loyola — S. Paulo — 1983.

70 — *Natividade: aparições de Nossa Senhora* — Selene Espínola Correia Reginato — 6.ª ed. — Cia. Bras. de Artes Gráficas — Rio — 1984.

71 — *Um mês com Nossa Senhora* (ou Mês de Maria segundo Sto. Afonso de Liguori) — Mons. Ascânio Brandão — 2.ª ed. — Ed. Paulinas — 1954.

72 — *O Coração Imaculado de Maria à luz de Fátima* — Pe. Mariano Pinho, S. J. — Prefácio de D. Pedro Fedalto, Arcebispo de Curitiba — *DUCA*, Ed. Univ. Champagnat — Paraná — 1984.

73 — *Memórias da Irmã Lúcia* — compilação do Pe. Luis Kondor, SVD — Postulação — Fátima (Portugal) — 1976.

74 — *O Segredo de Fátima, nas Memórias e Cartas da Irmã Lúcia* — Pe. Dr. Antonio Maria Martins, S. J. — Ed. Loyola — S. Paulo — 1974.

75 — *Teologia de Fátima* — Pe. Luis Kondor, svd (Vice-postulador, *extra urbem*, da beatificação dos videntes de Fátima) — Gráf. Almedina — Terras Novas (Portugal) — 1980.

76 — *Nossa Senhora à luz do Concílio* (tít. original: *A Virgen María vista por el Concilio*) — Juan Rey, S. J. — trad. José Rodrigues Pires — Editorial Perpétuo Socorro — Porto (Portugal) — 1968.

77 — *Fátima, aparições e mensagens conforme os manuscritos da Irmã Lúcia* — Antonio Augusto Borelli Machado — 8.ª edição em português (atingindo a 280 mil exps.) — Ed. Vieira Cruz — 1976.

Nota: a obra teve 8 edições em espanhol, 1 na Argentina, 2 nos EUA, 1 na Venezuela, 1 no Chile, 1 no Uruguai e 2 na Colômbia, num total de 62.000 exps; com transcrições em jornais e revistas atingiu a 357.000 exps.)

78 — *Retratos de la Virgen* (Vol. I, *Ecce Mater tua*) — Juan Rey, S. J. — Editorial *Sal Terrae* — Santander (Espanha) — 1954.

79 — *Maria e a iconografia russa* — M. J. Rouêt de Journel, S. J. — inserido na revista *Estrela do Mar* — Rio.

80 — *Pequeno Catecismo de Nossa Senhora* — Cardeal Charles Journet — inserido na revista *Permanência* — Rio.

81 — *Maria no Evangelho* — Pe. Audálio Neves, CM — Revista Continente Editorial Ltda. — Rio — 1983.

82 — *Temas Marianos* — Côn. José Geraldo Vidigal de Carvalho — Editora "*Folha de Viçosa*" — Mariana (MG) — 1985.

83 — *Salve Estrela do Mar* — devocionário completo a Maria Ssma. coordenado por um padre franciscano — 9.ª edição — Lisboa/Porto — J. Teinbrener Editor da Santa Sé — made in Czechslovakia (sem data de editoração).

84 — *Escudo Admirável* — Pe. Manoel José, da Cong. dos Oratórios do Porto (Portugal) — Liv. Chadron (sem data de editoração).

85 — *As Coroas de Glória da Virgem Maria* — Abel Rafael Pinto — Prefácio de D. José Newton, Arcebispo de Brasília (DF) — Centro Gráfico do Senado Federal — Brasília — 1982.

Nota: o livro é de propriedade da Campanha Financeira para a construção da Casa de Retiros da Federação das CC.MM. de Brasília.

86 — *Momenti di una storia* ("Santa Bambina" che sorride) — per una Religiosa Francescana del Santuario de Via Santa Sofia — Prefazione da D. Giovanni Urbani, Arcivescovo titolare di Sardi — Edizione *Maris Stella* — Casa Editrice *La Sorgente* — Milano — 1953.

87 — *Maria nella missione della Chiesa* — Juan Esquerda — Bifet — EMI/Servizio Missionario — Tip. La Nuova Stampa — Bolongna (Italia) — 1983.

88 — *Maria, nosso SIM a Deus* — Fr. Batistini — 2.ª ed. — do Autor (R. Pe. Anchieta, 356) — Magé — RJ — 1984.

89 — *Il Mistero Mariano*, meditato col Rosario — Mons. Giuseppe Io Giudice — Presentazione: Antonio M. Travia, arcivescovo tit. di Termini Imerse; Elemosiniere di Sua Santità, Primicerio dell' Arcicta. S. Maria Odigitria — Stab. Tip. Graf. Sant'Agapito/Isernia — Roma, 1985.

90 — *Aparecida*, na História e na Literatura — Pe. João Corrêa Machado — 2 Vols. Edição do Autor — Campinas (SP) — 1983.

91 — *Aparecida*, Capital Mariana do Brasil — Prof. Oswaldo Carvalho Freitas — Ed. Santuário — Aparecida (SP) — 1978.

Jornais, revistas e outras publicações: *Estrela do Mar* — *A Cruz* — *O Lutador* — *Lar Católico* — *Pergunte e Responderemos* — *Ação* — *Permanência* — *L'Osservatore Romano* — Apostilas (cursos, retiros, palestras, conferências, encontros, homilias) — destacadamente fartíssimo material enviado de Roma pela Filha de Maria, Odette Costabile (Embaixada do Brasil/Itamarati).

Bibliotecas — especial agradecimento aos RR.PP. Capuchinhos pela permissão de visitas (que nos estabeleceram "a qualquer dia e hora") à biblioteca do convento, sede da Província N. S. dos Anjos (R. Haddock Lobo — Tijuca, Rio). — Nosso eterno reconhecimento ao grande amigo e mestre, Côn. Dr. Emílio Silva, pela ímia gentileza de acesso ao seu "internacional mundo de livros" (é considerada "a maior biblioteca particular" no Rio de Janeiro) Rua Paissandu — Flamengo/RJ.

Cruzada "AM"

ABENÇOEMO-NOS POR MARIA

Sim, abençoar em nossa época como nunca, onde a vida dos povos e a vida individual é convulsionada com tantas e tão profundas crises. Abençoar! Tornar-se uma bênção viva num mundo materialista, quase totalmente esquecido do sobrenatural! Em tal época precisa-se de uma legião de almas generosas que querem pôr um dique ao mal, avançando assustadoramente. E isto de modo simples e fácil: alistando-se na Cruzada "*A. M.*" (Abençoemo-nos por Maria!). Meta sublime da Cruzada, é o que o título encerra. Não se pede contribuição.

Irmãs Canisianas, Rua Antonio França Souza, 58
C.P. 12 (12.570) — APARECIDA - SP

Academia Marial de Aparecida - SP

Finalidades: recolher e retransmitir informações e estudos de tudo quanto existe, no Brasil, em sua História, Literatura e Belas Artes a respeito de Maria, Mãe de Jesus de seus Santos Pais, Joaquim e Ana, e do seu glorioso Esposo, S. José.

Inscreva-se como Sócio pelo testemunho de Interesse e Colaboração:

Sede e Biblioteca (na Torre da Basílica), 11.° and.
12.570 - Aparecida SP

Página de Encerramento

• O mundo tem — segundo a Ciência — de 10 milhões a 6 bilhões de anos. E Maria Ssma. **já existia antes** do mundo!

• "O Senhor me constituiu no princípio dos seus caminhos, desde o começo, antes que criasse coisa alguma. Desde a Eternidade fui constituída (...) antes que a Terra fosse criada (...) eu já tinha nascido (...) Quando Ele preparava os Céus, eu estava presente (...) quando assentava os fundamentos da Terra, eu já estava com Ele, regulando todas as coisas..." (Prov 8,22ss.)

Nota: A doutrina sobre a *Sabedoria* — Sabedoria de Deus — aplica-se a Cristo (Ele participa na criação e conservação do mundo). — Por acomodação, aplica-se Prov 8,22ss. à Ssma. Virgem Maria, colaboradora do Redentor como a Sabedoria o é do Criador. — cfr. *Biblia de Jerusalém.*

• Estamos vivendo o transcurso dos 2.000 anos do nascimento de Nossa Senhora, alertados que fomos para esta efeméride pelo próprio Papa João Paulo II, em homilia proferida na Gruta da Massabielle, Lourdes (França), em 15-8-1983.

- Porém, não importa tanto a **data cronológica**, mas sim, — como observou o Sumo Pontífice — o **fato histórico**; é o acontecimento que merece a nossa atenção. E deve constituir — foi o que sublimou o Papa — deve ser este tempo, o "**grande Advento**" (Advento também mariano), de preparação já não tão remota, mas bem próxima, dos 2.000 anos do nascimento de Cristo, portanto, início, "inauguração", do 3.º milênio do Cristianismo, ou seja, começo do século XXI. — E disse o saudoso Papa Paulo VI: "**Se queremos ser cristãos, devemos ser também marianos**". (aloc. em Cagliari, Sardenha, diante da imagem de N. S. de Bonária).

- A uma enquete indagando: **Quem conhece Nossa Senhora?**

  A resposta afirmativa deveria ser a de

  1.200.000.000 (um bilhão e duzentos milhões) de batizados, pois é esta, a cifra, em projeção, calculada até o final desta era (últimos 14 anos do século presente).

  Nota: Não estão computados neste *um bilhão e duzentos milhões*, os ortodoxos, os muçulmanos, bem como muitos cristãos de várias seitas que gostam de Nossa Senhora (há Ordens e Conventos não católicos com títulos da Virgem Santa, como na Alemanha).

- Há 200 anos — desde 1830 (pelo menos) — a Virgem Ssma. tem aparecido pessoal/fisicamente nos mais diversos lugares: 3 Continentes — a cerca de 20 países, perto de 60 cidades, aldeias e vilas.

— Temos sido dignos de tais "visitas"? — Maria tem-se mostrado verdadeira Mãe. E nós? temos nos mostrado verdadeiros filhos?

— Ou só de boca pra fora? Epidérmica-sentimental e romanticamente filhos? simples e interessados devotos?

— Ou será que temos feito como S. João Evangelista: levando Nossa Senhora para **nossa casa**?

— A **casa** do coração, a **casa** do amor, **a casa** da autêntica devoção, **casa** da concreta e vivida filiação?

— Não será esta uma boa hora para decisão: se já sou de Maria, aumentar ainda mais esta **pertença**; se tenho sido mais ou menos, apertar estes laços; se não tenho sido, fazer o firme propósito de sê-lo doravante, inclusive recuperando o tempo perdido.

— o que eu (diga aqui o seu nome para que Nossa Senhora "ouça" direitinho), fiz, faço e farei de **forma positiva** para Nossa Senhora?

— O que posso e o que devo fazer de **prático** e de **imediato por** e **para** Maria Ssma.?

— Posso dizer, **em consciência**, que sou parte integrante daquela "geração" que **a** Virgem mesmo profetisou "...**me chamarão Bem-aventurada**..."?

— Poderia eu **aumentar** (pelo menos tentar), esta atividade ainda mais que **eu sei** que Ela me ajudará?

— Como fazê-lo? — onde fazê-lo? — quando fazê-lo?

Este "**Pequeno Dicionário de Nossa Senhora**" quer ser modesta "ferramenta" que sirva de ajuda a quantos se disponham a trabalhar pelo reino de Deus.

AD IESUM PER MARIAM

Antônio Maia, c. m.

ÍNDICE ANALÍTICO/REMISSIVO

dos verbetes, subverbetes, cronologia biográfica e contexto crítico

— A —

Ab aeterno — 17
Academia Mariaí — 17
Acatistos (gr. Akathistos) — 17
Acróstico bíblico (de Maria) — 31
Ad Iesum per Mariam — 18
Advento (mariano) — 18
Água (fonte) — 25 — 38 — 81
Ain-Karim — 12/3 — 134
Alegria (feliz) — 55 — Ver tb **Magnificat**
Alma — 19 — 55 — 57 — 70 — 80/1 — 145
Amor — 80/1
Ana (mãe da Virgem) — 19 e Cron. Biog. n.º 5
Ancestrais — 20
Anchieta (Bto. Pe. José de) — 121/2
Anel — 20
Angelus — 20/1 — 54 — 65
Anjo — 19 — 21 — 122 — 135
Ano Mariano — 22
Antífonas (marianas) — 22 — 111

Antigo Testamento — 22 — 36

aplicações simbólicas:

Arca da Aliança — 23 — 47
Arca de Noé — 23 — 47
Arco-íris — 24 — 47
Árvore da vida — 24 — 48
Aurora — 24 — 54
Cedro do Líbano — 24
Cidade de refúgio — 24
Dom de Deus — 24
Escada de Jacó — 24
Estrela d'alva (da manhã, matutina) — 25 — 75
Estrela de Jacó — 25 — 75
Exército (em linha de batalha) — 25 — 76
Favo de mel — 25 — 94
Fonte (de águas vivas) — 25 — 81
Lírio — 25/6 — 90
Lua — 26 — 91
Luz — 26 — 91
Mesa (do Templo) — 26 — 96
Monte (montanha, outeiro) — 26 — 97
Morada — 26 — 97
Nuvem — 27 — 110
Orvalho — 27 — 111
Palma/Palmeira — 27 — 112
Pomba/Rolinha — 27 — 56 — 122
Porta do Céu/dos Santos — 27/8 — 122
Porta fechada — 28 — 122
Primogênita — 28 — 122
Santuário — 28 — 131
Sarça ardente — 28 — 132
Sião — 28 — 132
Tabernáculo/Santuário — 29 — 131 — 134
Templo do Espírito Santo — 29 — 75 — 134
Terra sacerdotal — 29 — 134
Trono de Salomão — 29 — 141
Vara florida — 29 — 142
Velo de Gedeão — 30 — 142

diversas outras:

Bálsamo aromático — 30
Cades (palmeiras de) — 30
Ciência (Mãe da) — 30
Cinamano (perfume de) — 30
Cipreste (do Monte Sião) — 28 — 30
Estoraque (perfumada habitação de) — 30
Formoso amor — 30
Galbamo/mirra — 30
Galhamo/mirra — 30
Incenso (gota de) — 30
Mirra (suave cheiro de) — 30
Oliveira (formosa) — 30
Plátano — 30
Rosa de Jericó — 30
Santa esperança (Mãe da) — 30
Temor (Mãe do santo) — 30

Profeciae: 30/1

Gênesis ("boca de Deus") — 30
Isaías (virgem parturiente) — 31
Miquéias (virgem dará a luz) — 31

mulheres "figuras" de Maria: 31/6

Abigail — 32
Ana (irmã de Moisés) — 32
Débora — 32
Estér — 32/3
Eva — 24 — 33
Jael — 33
Judite — 33
Maria (várias personagens bíblicas) — 33/4
Noemi — 34
Rebeca — 34
Resfa — 34
Rute — 34
Sara — 35
Sulamita — 35
Mãe dos 7 macabeus — 35/6
"Rainha-mãe" — 36
Anunciação (ver **Novo Testamento**, subverbeta n.º 3) — 101
Aparecida (do Norte) — 36
Aparições — 37/46

Guadalupe (1531) — 38
Paris (1830) — 38 — 68
Roma (1842) — 38
La Salette (1846) — 38
Lourdes (1858) — 38
Pontmain (1871) — 38
Pellevoisin (1876) — 39

Irlanda (1879) — 39
Rússia (1917) — 39
Fátima (1917) — 39/40

(aparições, entre 1931/1949, bastante incompletas em informações, devido à II Grande Guerra) — 40

Banneux (1932) — 40
Beauraing (1932/33) — 40
Meglavit/Romênia (1935) — 40
Hedd/Alemanha (1937/40) — 41
Tre Fontane/Roma (1937) — 41
Bonate/Bergamo (1944) — 41
Amsterdan Holanda (1945/59) — 41/2
Codosera/Espanha (1945) — 42
Marienfiel/Baviera (1946) — 42
Montichiari (1947) — 42
Tre Fontane/Roma (1947) — 42
Mayne/França (1948) — 42/3
Lipa/Filipinas (1948) — 43
Fwhrbac/Alemanha (1950) — 43
Garabandal/Espanha (1961) — 43
Natividade/Brasil (1967) — 43

(outras aparições no Brasil, destacadamente em Cajueiro/Pernambuco) — 43/44

Zeitoun/Egito (1968) — 44
Medjugorie/Iugoslávia (1981/5) — 44
Kibého/África (1981/4) — 45
Austrália (1984) — 45

(lacrimações de Nossa Senhora) — 45

Siracusa (Itália) — 45
Caserta (Itália) — 45
Adrano (Itália) — 46
Maasmechelen (Bélgica) — 46
Chicago (EE.UU.) — 46
Granada (Espanha) — 46
Soalheira (Portugal) — 46
Nova Orleans (EE.UU.) — 46
Damasco (Síria) — 46

Aplicações bíblico-simbólicas (ver Ant. Test.) — 22/36
Apócrifos — 32 — 46/7 (ver tb extra-bíblicos: Cron. Blog. n.º 5/9)
Aramaico — 84 — (Ver tb caracteres e pronúncia: 64 — 71)
Arqueologia — 58/9 (ver tb **Catacumbas**)
Arte — 47 — 120
Arte sacra — 120
Arvore — 24 — 48
Ascenção — 66
Associações (marianas) — 48/58

Apóstolos de Maria (Portugal) — 49
Associação das Filhas de Maria Imaculada — 49
Associação dos Legionários de N. S. Auxiliadore (Niterói) — 49
Associação Maria dos Sacrários — 49
Centro N. S. de Jerusalém (Terra Santa) — 49
Comunidade **Magnificat** — 49
Comunidade N. S. da Vida Litúrgica — 49
Confrarias e Irmandades (marianas) — 49/50
Congregação Mariana — 18 — 23 — 50
Congregação Universal da Santa Casa de Loreto — 50
Cruzada Abençoemo-nos por Maria — 50/1
Cruzados de Fátima — 51
Equipes de Nossa Senhora — 51
Exército Azul de Fátima — 51
G.A.M. — Gioventú Ardente Mariana (Itália) — "Janela" da pág. 133
Legião de Maria — 51/2
Mariápolis — 52
Milícia da Conceição Imaculada — 52
Movimento Sacerdotal Mariano — 52
Oblatos de Maria Imaculada — 52/3
Ordens Terceiras (marianas) — 53
Pia União das Filhas de Maria — 53
Congregações/Ordens/Institutos — 53

Assunção gloriosa — 63 — 69 e Cron. Blog. n.º 30
Aurora — 24 — 54
Ave — 54
Ave-Maria — 18 — 54 — 110 (ver tb em caracteres aramaicos)
Azul — 62/3

— B —

Beata (ciencia) — 55 (ver tb. Alma/Carismas/dons)
Belém — 55 — 105 — 134/5
Beleza (física de Maria) — 55 (ver tb Pessoa)
Bem-aventurada — 55 (ver tb: 19 — 57 — 80/81 — 125 — 145)
Bem-aventuranças — 55 (ibidem, Supra)
Betfagé — 135
Bíblia (ver Antigo e Novo Testamento): 22/36 e 102/110
Biblioteca (mariana) — 55/6
Bimilênio — 18 — 60/9 (verbete: 2.000 anos do nascimento da Maria)
Boi — 122
Branco — 62/3
Brasão (mariano do Papa) — 58
Breviário (ou Ofício Divino) — 54

— C —

Cafarneúm — 136
Calvário/Gólgota — 109 — 136
Caminho (via) — ver **Odigtria** — 47/8 — 83/4 — 84/5
Caná (da Galiléia) — 101/8 — 136
Carismas (dons) — 57 — (ver tb 19 — 55 — 69 — 80/1 — 125 — 145)
Carmelitas — 53 (ver tb remetências supra)
Carmelo (monte) — 53 — 63 — 65 — 73/4 — 106/7
Casa (de Nossa Senhora) — 57
Casamento — 57/8 — 75 — 102 e Cron. Blog. n.º 13

Catacumbas — 47/8 — 58/9
Causa-mortis — 59
Cenáculo — 75 — 109/10 — 136/7
Céu — 4 — 18 — 24 — 24/5 — 68
Ciência (infusa-difusa-beata) — 30 (ver tb Carismas/Dons/Alma/Esp. Santo)
Código de Direito Canônico — 59
Coliridianos — 60
Conceição Imaculada (ou vice-versa) — 19 — 22 — 24 — 29 — 67 (ver tb Dogmas)
Concílio Vat. II (documentos) — 60/1
Congregação Mariana (ver Associações)
Coração — 61/2
Corão — (ver muçulmano)
Cores (marianas) — 62/3 — 73/4
Congressos (marianos) — 55/6
Consagração — 18 — 61 — 65 — 129/131
Coroa/Coroação — 66
Cronologia Biográfica — 11/5
Culto — 58/9 — 63
Profético — 63
Litúrgico — 63
Popular — 63
Privado — 63
Tipos — 64

— D —

Dante Alighieri — 120
Demônio — 25 — 31 — 115/6 (ver tb Serpente-Dragão)
Devoções — 65/7
Angelus — 20/1 — 65
Autos — 55
Cenáculo com Maria — 65
Consagração — 18 — 61 — 65 — 111 — 129/30
Coroinhas — 63
Escapulário — 65 — 73/4
Hora Mariana — 65
Ladainha(s) — 60 — 65
Medalha Milagrosa — 38 — 68
Mês de Maria — 66
Novena(s) — 66
Pequeno Ofício da Imaculada Conceição — 66
Peregrinações — 36 — 66
Procissões — 66
Rosário/Terço — 66 — 125/29
Sábado — 66 — 130
Setenário das Dores — 67
Três Ave-Marias — 67
Tríduo — 67
Via-Matria — 67
Visitadora (imagem) — 67
Divino Filho — 117
Documentos conciliares — 60
Dogmas (marianos) — 67/6
Maternidade divina — 67
Imaculada Conceição — 19 — 12 — 24 — 29 — 68
Virgindade perpétua — 29 — 31 — 68
Assunção corpórea — 68 — 78 — Cronol. Biog. n.º 20
Mediação universal — 68/9
Dois mil anos (nascimento de Maria) — 4 — 10 — 18 — 69/70
Dom — 19 — 24 — 55 — 70/1
Dons do Espírito Santo — 55 — 70/1
Dor(es) — 109
Dormição — 71 — 98 — 137 — Cronog. Biog. n.º 30
Doutores da Igreja — 24 — 27 — 35
Dragão — 25 — 31 — 115 (ver tb Demônio — Serpente)

— E —

Ecumenismo — 72/3
Éfeso — 73
Egito — 105
Elogio (a Maria) — 79 — 109 — Cronol. Biog. n.º 24
Encarnação — 20 — 103
Escada de Jacó — 24/5 — 73
Escapulário — 65 — 73/4
Escultura — 84 — 120
Escotismo — 74/5
Espada — 107 — 109
Espírito Santo — 29 — 75
Esponsais/esponsalício — 57/8 — 75 — 100 e Cronol. Biog. n.º 13
Estátua — 63
Estrela (d'alva da manhã, matutina, de Jacó) — 25 — 75
Evangélica de Maria (Irmandade) — 53
Exercícios Espirituais (ou Retiro) — 76 — 125
Exército (em linha de batalha) — 25 — 76
Ex-libris — 8 — 47
Exposição (mariana) — 55/6
Extra-bíblicos — 46 — Cronol. Biog. 5 e 9 (ver tb Apócrifos)
Ex-voto — 123

— F —

Fátima — 77 — 132 — 145
Favo de Mel — 25 — 94
Festas Marianas (Calendário Universal) — 77/8
Ssma. Mãe de Deus, Maria (1.º de jan.) — 77
Apresent./Circuncisão/Purificação — (2 de fev.) — 78
N. S. de Lourdes (11 de fev.) — 78
Anunciação (25 de março) — 78
Visitação (31 de maio) — 78
Coração Imac. de Maria (móvel/junho) — 78
N. S. do Carmo (16 de julho) — 78
N. S. das Neves (5 de agosto) — 78
Assunção (15 de agosto) — 79

Realeza de Maria (22 de agosto) — 79
Natividade (8 de setembro) — 79
N. S. das Dores (15 de setembro) — 79
N. S. do Rosário (7 de outubro) — 79
Imaculada Conceição (8 de dezembro) — 79
Sábado de Maria — 79
Fiat/Sim — 80
Filho(s) de Maria (ver tb Maternidade Divina/Espiritual)
Figuras bíblicas (de Maria) — 22 a 30
Filatélia (selos) — 47
Flores — 80
Fonte — 25 — 81 — (ver tb Água)
Frutos do Espírito Santo — 80/1

— G —

Gabriel (arcanjo) — 81
Getsemani — 137
Gólgota/Calvário — 109 — 136
Graça — 82 (ver tb: 55 — 57 — 70 — 80/1 — 125 — 145)
"Graffito" — 58/9
Gruta — 82 — 135

— H —

Hebron — 135
Heráldica — 47 — 62/3
Heresia — 88
Hino — 83
Hora (da Maria) — 18

— I —

Icone — 47/8 — 83 — 84/5
Iconoclasta — 83
Idioma — 84 — (ver tb caracteres e pronúncia da Ave-Maria em aramaico: 64 — 71)
Igreja (Maria tipo de) — 84 — 139
Imaculada Conceição (ou vice-versa) — 19 — 22 — 30/1 — 68
Imagem — 47/8 — 84 — 83
Indulgência — 85
Inteligência — 85 (ver tb 57 — 70)
"Irmãos" de Jesus — 85
"Irmãos separados" — 72/3
Isabel — 85 — 103/4
Isaías — 31

— J —

Jericó (Rosa de) — 30
Jerusalém — 136
João Batista — 86
João Evangelista — 88
Joaquim — 87
José — 87 — 135
Jumento — 122/3

— K —

Kekharitòmene (gr.) — 19 — 88

— L —

Ladainha(s) — 60 — 65 — 89
Ladainha Conciliar — 60/1
"Lágrima de Nossa Senhora" — 54
Leite (Gruta do) — 135
Lema — 18
Lírio — 25 — 30 — 90
Literatura (Poesia) — 90 — 92 — 120
Liturgia — 63 — 90 — 98 — 111
Loreto — 57 — 91 — 140
Louvores — 60 — 83 — 89 — 118 — 120
Lua — 26 — 91
Lucas (Evangelista São) — 91 — 93/4
"Lumen Gentium" — 60
Luz — 26 — 91

— M —

Mãe — 67 — 92 — 94 — 109 (ver tb Theotókos)
Mãe da santa esperança — 30
Mãe do santo temor — 30
Magnificat — 18/9 — 92 — 103/4 — 118
Magos (reis) — 106 — 135 — Cronol. Biog. n.º 18
Manto — 92

Mãos — 93 — 114
Maria — 93
"Marialis Culto" — 21
Marianidade — 18
Mariai/Mariano — 54
Marianistas — 53
Marianos (Padres) — 53
Mariologia — 94
Mariolatria — 93
Maristas (Irmãos) — 53
Mártires — 27
Mater (mãe) — 60 — 109
Mater Ecclesia — 60
Maternidade divina — 67 (ver tb Mãe)
Maternidade espiritual — 94 — 109 — 136 (ver tb Mãe)
Mel (favo de) — 25 — 94
Menina (Maria) — 94/5
"Mense Maio" — 66
Mente (de Deus, divina) — 17
Mês de Maria — 66
Mesa (do Templo) — 28 — 96
Mesquita de Omar — 137
Milagre — 96
Miquéias — 31
Missa — 96/7
Mistérios (do Rosário/Terço) — 125/9
Monte — 26 — 96
Monumentos — 97
Morada — 26 — 98
Morte — 98 (ver tb **Causa Mortis — Domição — Tumba — Túmulo**)
Mosaicos — 47 — 83 — 94/5
Muçulmano — 44
Mulher — 98
Mulheres bíblicas "figuras" de Maria) — 31/36
Mulheres (santas) — 131
Mundo — 17
Música — 47/8 — 99 — 120

— N —

Nascimento (ou Natividade) de Maria — 16 — 18 — 137 — Cron. Biog. n.º 5/8 (ver tb 2.000 anos)
Nazir/natzir (voto) — 100
Nazirena — 100
Neve — 78
Novo Testamento — 102/109
1 — Genealogia — 102
2 — Noivado/casamento — 57/8 — 75 — 102
3 — Anunciação/Encarnação — 103 — Cronol. Biog. n.º 11
4 — Visitação/Magnificat — 103/4 — Cronol. Biog. n.º 12
5 — Retorno/angústias de S. José — 104/5 — Cronol. Biog. n.º 13
6 — Nascimento/Belém — 55 — 105 — 134 — Cronol. Biog. n.º 14
7 — Circunsc./Apresent./Purificação/ Simeão — 105/6 — Cronol. Biog. n.º16
8 — Adoração dos Magos — 106 — Cronol. Biog. n.º 18
9 — Fuga para o Egito/Retorno — 106 — Cronol. Biog. n.º 19/20
10 — Perda e encontro do Menino — 106 — Cronol. Biog. n.º 21
11 — Bodas de Caná — 107 — Cronol Biog. n.º 23
12 — Na vida pública de Jesus — 108/9 — 136 — Cronol. Biog. n.º 24
13 — No Calvário/Stabat Mater — 109 — Cronol. Biog. n.º 25/7
14 — Cenáculo — 109/14 — 136 — Cronol. Biog. n.º 28
Novos Mistérios (Rosário/Terço) — 125/9
Numismática (moeda/medalha) — 48
Nuvem — 27 — 63

— O —

Odigtria — 47/8 — 83/4 (ver tb caminho/via)
Ofício Divino (ou Breviário) — 54
Olimpíada (mariana) — 110
Olhos/olhar — 110 — 115 — 117
Oliveira — 30 — 56
Orações — 105/6
Ave-Maria — 54 — 110 (ver tb em caracteres aramaico)
Sub tuum praesidium — 111
Memorare — 111
Salve Rainha — 22 — 111
Ato de Consagração — 61 — 65 — 116
Textos de Bênção — 11
Textos Litúrgicos — 96 — 111
Orvalho — 27 — 111

— P —

Padres da Igreja (ou Santos PP) — 19 — 27 — 30 — 35 — 55 — 61

Palavras (de Maria) — 118
Palma/Palmeira — 27 — 112
Paradigma — 17
Passamento — 71 (ver tb **Morte**)
Pastores (Campo dos) — 135
Parentes — 112
Paz — 23 — 56
Peregrinações — (romarias) — 36 — 119
Pecado original — 17 — 19 — 112
Pessoa (da Maria) — 113/118
Beleza física/Corpo — 103/4
Mãos — 93 — 114
— postas para o Céu — 114
— abertas para a Terra — 114
— cruzadas sobre o peito — 114/5
— escondendo o rosto — 115
Pés/Calcanhar — 115/6
Rosto/Semblante — 116
Olhos — 116/7
Olhar — 117/8
— de místico espanto — 117

— mirando Jesus Infante — 117
— cruzando com o de Simeão — 117
— ao fugir para o exílio do Egito — 117
— de procura no Templo — 117
— na lida doméstica de Nazaré — 117/8
— nas bodas de Caná — 118
— ao apressamento do 1.º milagre de Jesus — 118
— troca, ao longe, na subida do Calvário — 118
— na glória celeste — 118
Voz/Palavra — 118
Sorriso — 118
Cabeça — 119
Pés — 115
Pintura/Escultura — 47 — 110
Plena (de graça) — 19
Poema da Virgem (Anchieta) — 62 — 121/2
Poesia — 20/1 — 92 — 120/1 (ver tb Magnificat)
Pomba/Pombinha — 27 — 56 — 122
Porta (fechada/aberta) — 28 — 122
Precoce (idade da razão) — 30 — 57 — 84 — Cronol. Biog. n.º 8
Presépio — 122 — 135
Presépio de Nossa Senhora — 78 — 122 — 137
Primogênita — 28 — 122
Privilégio sabatino — 73/4 — 130
Profecia — 30/8 — 122
Profetisa — 122/3
Promessa — 123
Querubim — 124

— Q —

— R —

Rádio Aparecida — 36/7
Razão (uso precoce da) — 57 — 125 — Cronol. Biog. n.º 8
Redenção — 103 — 109
Relíquia (de Maria) — 125
Renascença — 47/8
Ressurreição (antecipada) — 62 — 125
Retiro — 78 — 128
Românica (arte) — 47/8
Rosa de Jericó — 30
Rosa de Ouro — 38
Rosa Mística — 42
Rosário/Terço — 125/9
Rosto/Semblante — 116 — 128
Rússia — 128/30

— S —

Sábado — 130/1
Sacra (arte) — 47 — 120
Saletinos — 53
Salva Regina (antífona) — 22 — 111
Santas Mulheres — 108 — 131
"Santinhos" (da Nossa Senhora) ver Arte — Ícone — Iconografia — Imagem
Santos Padres — 19 — 27 — 30 — 61
Santuário/Tabernáculo — 28 — 121
Santuários Marianos (das Américas) — 130/1
Sarça ardente — 28 — 132
Saudação angélica — 20/1 — 54 — 132
Séforis — 132 — 139
"Segredo" de Fátima — 132
Senhora — 93
"Separados" (Irmãos) — 72
Serpente — 25 — 31 — 115/6 (ver tb Demônio — Dragão)
Serva — 132
Sião — 28 — 132
Silêncio — 132/3
Sol — 28

— T —

Tabernáculo/Santuário — 28 — 131 — 134
Templo (do Espírito Santo) — 29 — 134
Templo de Jerusalém — 105 — 131 — 138
Teologia Mariana — 94
Terço/Rosário — 125/9
Terra Sacerdotal — 29 — 134
Terra Santa (lugares da Palestina/Israel) — 134/9
Ain-Karin — 18/9 — 134
Belém — 55 — 134
Basílica da Natividade — 134/5
Cripta — 135
Presépio — 135
Estrela (pontualizante) — 135
Altar dos Magos — 135
Gruta — 135
Outras grutas — 135
Campo dos pastores — 135
Casa de José — 135
Gruta do Leite — 135
Hebron — 135
Betfagé — 138
Cafarnaúm — 136
Caná — 136
Jerusalém — 138
Calvário — 136
Cenáculo — 109 — 136
Dormição — 71 — 97 — 137
Getsemani — 137
Mesquita de Omar — 137
Natividade de Maria — 18 — 137
Piscina Probática — 138
Porta Dourada — 138
Templo de Jerusalém — 138
Tumba da Virgem — 138
Via Dolorosa — 138
Nazaré — 100 — 139
Séforis — 132 — 139

Thaumaturgus — 67 — 73 — 94
Tipo — 139
Titulos (da Maria) — 140
Toponímia — 140/1
"Totus Tuus" — 18 — 58
Trânsito — ver Causa Mortis — Dormição — Morte — Passamento
Trono (da Salomão) — 29 — 141
Túmulo — 71 — 132 — 141

Uva — 142

— U —

— V —

Vara florida — 29 — 142
Vale de Gadeão — 30 — 142
Véu — 142
Via-Crucis (caminho da Cruz: Via-Sacra)
Videntes (de Fátima) — 142
  Lúcia — 142
  Francisco — 142
  Jacinta — 144
Vinha/Vinhedo — 18 — 144
Vinho — 18 — 144
Virgem — 31 — 68
Virgindade perpétua — 31 — 68
Virtudes — 57 — 145
Visitadora (imagem) — 145/8
Vitraux — 47/8
Vladmir — 48 (ver tb Icone)
Voto (ver nazirena)
"Voto" de D. Pedro I — 36/7

Walsinghan (N. S. de) — 146

— W / X —

Xeol — 147

— Z —

Zacarias — 147

(conclusão da 3.ª de capa)

35 — **A CRIANÇA NA BIBLIA** — Contribuição religiosa ao "Ano Internacional da Criança". Ano I da Criança Brasileira. (Apresentação do Pe. Paulo J. da Souza, S. J.).

36 — **VISITAS DE MÃE** — (as aparições de Nossa Senhora nos últimos 2 séculos). Apêndice: Guadalupe (México) uma aparição diferente. (Apresentação do Côn. João Machado, Presidente da Academia Mariai).

37 — **A PERSONALIDADE DE CRISTO** — trabalho vencedor do "Concurso Bíblico" promovido pela Ig. Matriz de S. Francisco Xavier do Eng. Velho, Rio.

38 — **2.000 ANOS DE NOSSA SENHORA** — subsídios para o "grande Advento" mariano preconizado pelo Papa e sugestões para celebrações populares. (3.º milênio do Cristianismo).

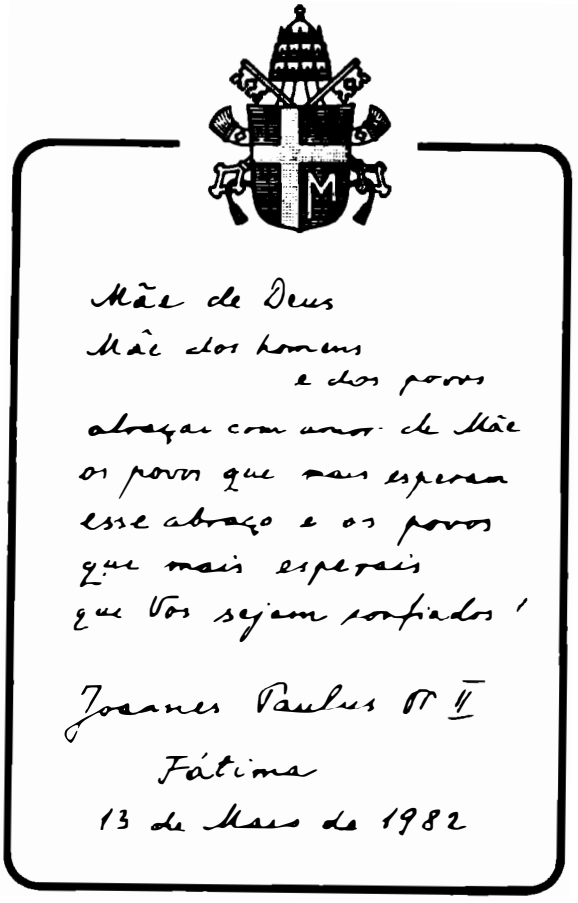
39 — **TEMAS BIBLICOS** — enfoques curiosos nas Sagradas Escrituras.

40 — **DICIONÁRIO DO RIO** — guia-álbum (em forma de verbetes): história, turismo, religião, folclore, urbanismo, opiniões de visitantes ilustres antigos e modernos (contribuição ao 4.º Centenário da Cidade).

41 — **DICIONÁRIO DO LIVRO** — Subsídios e achegas, dicionarizadas, de tudo referente a história, feitura, material e afins (papel, biblioteca, editoração), charges e literatura. (Contribuição ao "Ano Internacional do Livro".

42 — **TURISMO** — história, dicionário, técnica, comércio, léxico básico para excursionistas em seis idiomas (Português — Espanhol — Italiano — Inglês — Francês e Alemão).

43 — **MILAGRES EUCARISTICOS** — relato dos fatos extraordinários — fenômenos importantíssimos — na história da Igreja acontecidos com a Hóstia consagrada (Apresentação: Pe. João Piassentin, sacramentino).



Reformatado by

† Livros Católicos para Download